



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

**Centro Biomédico**

**Instituto de Medicina Social**

**Wiliam Siqueira Peres**

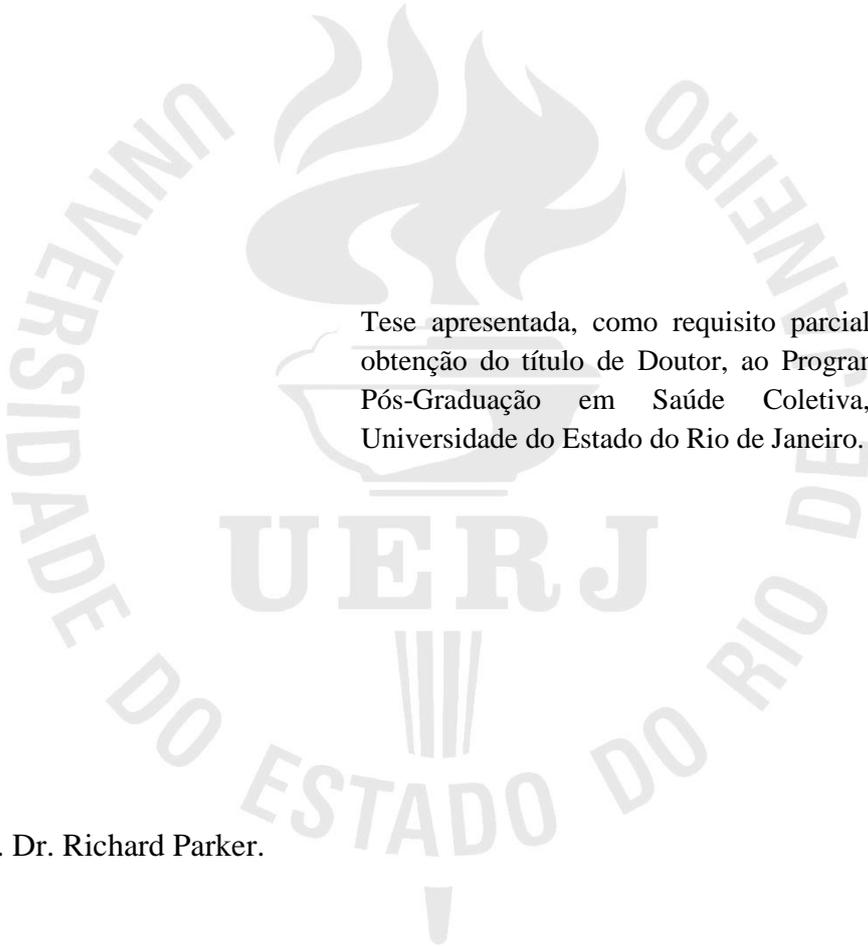
**Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da  
estigmatização à construção da cidadania**

Rio de Janeiro

2005

Wiliam Siqueira Peres

**Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à  
construção da cidadania**



Tese apresentada, como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutor, ao Programa de  
Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Richard Parker.

Rio de Janeiro

2005

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CB-C

P437 Peres, Wiliam Siqueira.  
Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da  
estigmatização à construção da cidadania / Wiliam Siqueira Peres. – 2005.  
201 f.

Orientador: Richard Parker.  
Dissertação (mestrado) — Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Travestismo – Brasil – Teses. 2. Subjetividade – Teses. 3.  
Cidadania – Teses. I. Parker, Richard. II. Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 616.89-008.442

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial  
desta tese, desde que citada da fonte.

---

Assinatura

---

Data

Wiliam Siqueira Peres

**Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à  
construção da cidadania**

Tese apresentada, como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutor, ao Programa de  
Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 17 de março de 2005.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Richard Parker (orientador)  
Mailman School of Public Health – Columbia University

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Anna Paula Uziel  
Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof. Dr. Kenneth Rochel de Camargo Junior  
Instituto de Medicina Social – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Vera Silvia Facciolla Paiva  
Instituto de Psicologia – USP

---

Prof. Dr. Veriano de SouzaTerto Junior  
Instituto de Estudos em Saúde Coletiva - UFRJ

Rio de Janeiro

2005

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à vida por ter sido sempre tão generosa comigo;

Ao meu pai que sempre me incentivou a batalhar pelos meus ideais;

À minha mãe, por suas orações e incentivos;

Ao Dr. Richard Parker, meu orientador, que mesmo à distância deu credibilidade e reconhecimento ao meu projeto;

Ao Dr. Benilton Bezerra que favoreceu o contato inicial para a realização do doutorado;

Ao Dr. Veriano Terto Junior, pelas observações na conclusão da análise das histórias de vida;

Ao Dr. Kenneth Rochel de Camargo Jr., Dr. Sérgio Carrara e Dra. Vera Paiva, pelas orientações no exame de qualificação;

Aos amigos, Dr. Fernando Teixeira, Dra. Sônia França e Dra. Leila Jeolás, por nossas conversas sobre as cartografias existenciais, respeito e carinho.

À Dra. Tânia Macedo, amiga de tantas lutas e que realizou a revisão ortográfica;

Ao Dr. Mauro Rodrigues que fez a normatização do texto e por sua amizade;

À Sônia Lacerda, companheira de luta, tão carinhosa e atenta com sua “maternagem”;

À Solange Souza, fotógrafa e amiga, com sua delicadeza, que me autorizou a usar suas fotos;

Aos amigos queridos, jornalista Antônio Mariano Junior e professora Semíramis Nahes, pelas cumplicidades;

A todas as pessoas que de alguma maneira direta ou indiretamente participaram desse processo: colegas do Departamento de Psicologia Clínica da UNESP/Assis-SP, Secretaria de pós-graduação do OMS, pessoal da ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS-RJ, em especial a Vagner de Almeida;

E, finalmente, a Alexandre Marchiori, que se fazendo presente em tempo integral, soube ser tolerante e compreensivo nos momentos críticos da escrita da tese, me acompanhando com seu carinho e companheirismo;

E de modo muito especial, às travestis do Ade Fidan/Londrina-PR e às travestis brasileiras que me acolheram em suas vidas e me mostraram uma outra lógica de compreensão da realidade;

### **Eu quero viver de dia**

O escuro do dia traz o único momento mais ou menos calmo, onde travestis e transexuais podem ter um mínimo possível de vida.

É quando a noite se aproxima, que, a vida para algumas pessoas se inicia.

Dorme-se durante o dia, e vive-se durante a noite – ou pelo menos tenta-se viver.

A noite traz com seu brilho enigmático, que a muitos encanta, um lado sombrio, que é carregado de marginais, delinquentes, vândalos, cafetões e gente da pior espécie.

Junto a todos estes tipo, “ganham o dia” em plena noite, muitas travestis e transexuais, que fazem da vida noturna seu convívio em sociedade, sua felicidade e seu sustento. É na noite que muitos transgêneros podem viver espaços “gentilmente” cedidos por uma sociedade que prega ser justa e igualitária, tanto em chances como em oportunidades iguais para todos. É nela que travestis e transexuais muitas das vezes têm que se prostituir e até se marginalizar para que consigam viver um pouco mais dignamente a sua realidade de vida.

Durante a noite, aprende-se a lei da selva, onde o mais forte sobrevive, exterminando o mais fraco, onde quem pode mais exige coisas de quem não tem forças e nem auto-estima para poder alguma coisa. Nesta pressão toda, forma-se a personalidade da travesti ou da transexual. É sofrendo as dificuldades que o meio lhe impõe que ela aprende que precisa ser forte e ser a primeira, se quiser sobreviver. Algumas sobrevivem sim, mas são poucas as que conseguem adquirir o status de poder viver dignamente seu caminho traçado.

A noite realça o brilho das roupas, a silhueta bem feita e torneada e o brilho que algumas ainda têm no olhar por acreditarem num mundo mais humano e sem tanta violência e injustas cobranças. Algumas acreditam nisto, enquanto outras morrem anônimas, sem trabalho, sem identidade, sem família, sem poder conhecer o dia, pois até este direito é arrancado das que ousam ultrapassar o limite da mudança de seu próprio corpo em função de sua felicidade.

*Maitê Schneider, transexual e militante de Direitos Humanos, Curitiba/PR*

## RESUMO

PERES, Wiliam Siqueira. *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. 2005. 201 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.

A partir de observações etnográficas e entrevistas profundas junto às travestis brasileiras militantes, cartografamos histórias de vida que organizam cenas a respeito de suas relações na infância, adolescência e a vida atual, mapeando processos de estigmatização e suas respostas de enfrentamento que promovem a produção de uma cultura de resistência. Essas relações são marcadas por mediações denominadas “encontros com o poder”, que a partir da afirmação da diferença, inauguram um novo campo de investigação na saúde coletiva, mostrando a importância da organização social e política da comunidade transgênero no Brasil, como estratégia de promoção do cuidado de si e do exercício da cidadania. As cartografias existenciais sugerem elementos que recontam as histórias coletivas das travestis, solicitando novas possibilidades de diálogos entre os órgãos governamentais e demais setores da sociedade civil, de modo a favorecer o surgimento de novas políticas públicas.

**Palavras-chave:** Travestis. Estigmatização. Cidadania.

## ABSTRACT

PERES, Wiliam Siqueira. *Subjectivity of Brazilian transgender: from the vulnerability due to stigmatization to the construction of citizenship*. 2005. 201 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.

From ethnographic observations and deep interviews with Brazilian transgender prostitutes we were able to trace life histories that organize scenes related to their relationships in their childhood, adolescence, and present life, mapping stigmatization process and confrontation responses that bring about a culture of resistance. Those relationships are marked by mediations called “meetings with the power” that, from the statement of the difference, open a new field of investigation of the transgender prostitute community in Brazil as a promotion strategy of self-care and of the exercising of citizenship. Existential mapping suggest elements that retell collective histories of transgender prostitutes, requesting new opportunities for discussion between governmental organizations and other sectors of our civil society in order to favor the elaboration of new public policies.

**Keywords:** Transgender. Stigmatization. Citizenship.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
1	<b>O MAL ESTAR DAS SEXUALIDADES .....</b>	<b>10</b>
2	<b>RELAÇÕES DE GÊNEROS E A ESTÉTICA TRAVESTI .....</b>	<b>18</b>
3	<b>VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO SOCIAL .....</b>	<b>31</b>
4	<b>HOMOSSEXUALIDADE E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL ..</b>	<b>38</b>
5	<b>A IDEIA DE CIDADANIA .....</b>	<b>49</b>
6	<b>OS PROCESSOS DE ESTIGMATIZAÇÃO E SUAS AÇÕES EXCLUDENTES .....</b>	<b>55</b>
7	<b>PERCURSO METODOLÓGICO: OS ENCONTROS .....</b>	<b>61</b>
7.1	<b>Cartografia existencial I – Ônix .....</b>	<b>68</b>
7.2	<b>Cartografia existencial II – Ametista .....</b>	<b>85</b>
7.3	<b>Cartografia existencial III – Safira .....</b>	<b>116</b>
7.4	<b>Cartografia existencial IV – Pérola .....</b>	<b>150</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>184</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>190</b>

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL**



**SUBJETIVIDADE DAS TRAVESTIS BRASILEIRAS:  
DA VULNERABILIDADE DA ESTIGMATIZAÇÃO  
À CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**



**WILIAM SIQUEIRA PERES**

**RIO DE JANEIRO - 2005**

## INTRODUÇÃO

Desde os contatos iniciais com a comunidade transgênero brasileira, quer através de oficinas sobre prevenção e cidadania com as travestis de Londrina/PR, quer através do contato com lideranças nacionais, nos Encontros Nacionais de Transgêneros que atuam com AIDS (ENTRAIDS), foram sendo construídas relações de amizade e de aproximação afetiva que muito contribuíram para que fosse despertado o interesse em estudar a realidade de vida das travestis.

Logo na nossa primeira participação nos encontros nacionais, quando coordenamos uma oficina sobre solidariedade, no final de nossas atividades, a mentora e organizadora dos ENTRAIDS, nos cumprimentou dizendo *“seu trabalho com as travestis dá certo, porque elas te vêem como uma travesti”*.

Há de se confessar que a afirmação trouxe um sentimento de lisonja, na medida em que essa frase soava como um ritual de aceitação, de passagem de um mundo a outro, que nos acolhia como fazendo parte de seu universo, que possibilitaria novas aprendizagens, de contato com uma realidade diferente, e que, através de processos identificatórios foram sendo estabelecidos vínculos de respeito, tolerância e admiração a cada encontro. Nesses encontros, as relações foram construídas através da intensidade dos afetos, que permitiam uma composição de relações de amizade, intimidade e cumplicidade, sendo mais intenso com algumas travestis, e nem tanto com outras.

A conjunção de elementos afetivos nas relações com as travestis nos permitiu ter acesso a seus sentimentos, desejos, sonhos, projetos de vida, expectativas frente ao futuro, frustrações diante da vida, mas também, às teorias que as travestis formulavam a respeito das relações que elas estabeleciam com o mundo, com as pessoas e consigo mesmas. Essa dimensão nos colocou em contato com a produção da subjetividade, e, mais ainda, com os modos de subjetivação que participam da construção e desconstrução de suas identidades, reveladoras por si mesmas, de suas existências enquanto pessoas que habitam o mundo.

A partir desses contatos fomos sendo incentivados a estudar as travestis, e ao realizar levantamentos bibliográficos fomos percebendo que poucos estudos existiam a respeito dessa temática, colaborando mais ainda para que pensássemos em contribuir com os estudos da comunidade transgênero. Neste sentido, elegemos alguns temas que consideramos pertinentes para formar o marco teórico de nosso estudo, e que contribuíssem para as problematizações a respeito da situação que as travestis se encontram em nosso país, mais precisamente frente aos

processos de estigmatização e suas respostas de enfrentamento para a construção da cidadania.

Primeiramente estudamos sobre as sexualidades e seus prazeres, nos orientando pela perspectiva construcionista, tomando as sexualidades como processualidades que se constroem de forma permanente. Do mesmo modo, as relações de gêneros serviram de referências para nossos estudos, considerando que a maioria dos trabalhos sobre a temática travesti envereda pelas questões de gêneros, dentro de uma perspectiva de construção de etnografias do cotidiano.

Deve-se frisar que as relações de gêneros se associavam a questões relacionadas com a construção da estética travesti, influenciadas pelas imposições dos modelos heterossexistas e patriarcalistas, bastante estudados por pesquisadoras feministas, e que foram substanciais no processo dessas problematizações. Como consequência dos modos como são estabelecidas as relações de gêneros, surgiu a necessidade de problematizar a respeito dos modos de violência e exclusão aos quais as travestis são constantemente expostas, marcados pelos processos de estigmatização e de discriminação que se propagam pelos mais diversos setores de nossa sociedade, em conjunção com as exclusões por classe social, raça e orientação sexual.

A constatação das experiências de exclusão levou-nos a problematizar a respeito do movimento organizado dos homossexuais brasileiros, assim como da idéia de cidadania, e das estratégias possíveis que pudessem colaborar para a emancipação social e política dessa comunidade, mapeando as ações de organização social e política das travestis, assim como, as parcerias possíveis com a sociedade civil organizada que pudessem facilitar mais respeito e tolerância para com as diferenças.

Através da realização de etnografias sobre a realidade das travestis estudadas, pudemos organizar cartografias existenciais que mapearam diversas situações de estigmatização vivida por essas pessoas, assim como as diversas estratégias e dispositivos sociais que vêm contribuindo para a mudança dos paradigmas de preconceitos que recaem sobre as travestis, através das lutas políticas empreendidas pelo movimento organizado das travestis brasileiras.

A constatação das conquistas adquiridas pelo movimento organizado das travestis brasileiras, apesar de ainda serem ínfimas, mostram sinais de novos tempos no cenário nacional, que contribuem para a diminuição dos processos de estigmatização, anunciando a construção de novas relações humanas, mais tolerantes e solidárias, contribuindo, assim, para a organização de nova agenda nos estudos voltados para a saúde coletiva, de modo a

promover o bem estar físico e mental das pessoas que ousam mudar o seu próprio corpo, em função da sua felicidade.

Neste processo de construção do conhecimento empreendido pelo nosso trabalho, fica evidente que as informações nele contidas em momento algum se propõem como verdades acabadas, servindo apenas para e refletir e problematizar sobre a comunidade das travestis brasileiras, dentro de uma realidade que surge como amplo campo de pesquisa a ser explorado, e contribuir para que um mundo melhor realmente seja possível.

## 1 O MAL ESTAR DAS SEXUALIDADES

Tomando as sexualidades e as relações de gêneros como ponto de partida, de problematização sobre a emergência de novas identidades sexuais e de gêneros na contemporaneidade, podemos perceber o surgimento de metodologias e de abordagens teóricas que rompem com as tradicionais leituras a respeito dessas identidades, antes associadas a uma perspectiva essencialista, mais precisamente sob orientação da biomedicina, para tomar as variadas formas de expressão das sexualidades e dos gêneros, como sendo mediadas por determinações sociais, históricas e culturais.

Neste sentido, criticando as leituras essencialistas das sexualidades e dos gêneros, LOURO (1999: 11) afirma que

*“a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções ... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente ‘natural’ nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente”.*

Uma contribuição importante aos estudos gays-lésbicos e transgêneros, viria a ser complementada a partir dos estudos etnográficos realizados por antropólogos (PARKER, 1992; 2002), assim como, pelas análises sociológicas (WEEKS, 1999) e históricas (FOUCAULT, 1985; TREVISAN, 2000; GREEN 2000) que começaram a problematizar a respeito das influências coletivas e culturais sobre as sexualidades e seus prazeres, ausentes ou parcialmente estabelecidas pelo essencialismo.

Dentre essas contribuições, chamamos a atenção para os estudos realizados por VANCE (1995), que problematiza a pesquisa antropológica e a pesquisa das sexualidades, confrontando duas abordagens principais: o essencialismo e o construcionismo social.

Em suas análises, VANCE (1985) pontuou que no período entre 1920 e 1990 as abordagens tradicionais de compreensão das sexualidades nada mudaram, apesar da forte presença do modelo de *influências culturais*, encontradas na maioria dos trabalhos antropológicos. Alertou a respeito das dificuldades de incentivo e valorização dos estudos das sexualidades por parte dos programas de pós graduação, que desencorajam seus proponentes, orientando-os para que se envolvam com essa temática apenas após ter completado o doutorado. Neste sentido, aponta VANCE (1995: 08)

*“A ausência de uma comunidade acadêmica comprometida com as questões da sexualidade impede, na verdade, progressos nesta área; aqueles que se interessam pelo assunto percebem que tem que redescobrir sozinhos o trabalho de gerações passadas. A maioria dos orientadores tenta ativamente dissuadir seus alunos de realizarem trabalhos de campo ou dissertações sobre a sexualidade por receio que o assunto venha a colocar suas carreiras em risco. Na melhor das hipóteses, os estudantes são aconselhados a completar o doutorado, a construírem reputações e credenciais e até a conseguirem estabilidade em seu cargo acadêmico, para então se envolverem com o estudo da sexualidade”.*

Diante desse exposto, fica claro a dificuldade em se obter permissão e financiamento dos órgãos de fomento às pesquisas, de projetos sobre as sexualidades e seus prazeres, principalmente se for vinculado às metodologias amparadas pelo construcionismo social, considerando que muitos de seus pareceristas ainda são orientados pelas premissas do essencialismo, do experimentalismo e do positivismo.

Neste sentido, a emergência de outras formas de abordagens das sexualidades, surge a partir da teoria da construção social, configurada a partir da conjugação de diversas correntes da sociologia – interacionismo social, teoria dos rótulos, teoria dos desvios; história social – estudos do trabalho, história das mulheres, história marxista; da antropologia simbólica - análises transculturais das sexualidades, estudos de gêneros; estudos feministas; estudos sobre gêneros e identidades de gays e lésbicas. (VANCE, 1995).

Em seus estudos, Carole Vance é bastante influenciada pelas pesquisas desenvolvidas por RUBIN (1993; 1999), que apresenta argumentação contra a visão essencialista de que a sexualidade e a reprodução seriam determinantes na diferenciação dos gêneros. Em contraposição, a autora investigava e denunciava todo um aparato social de domesticação das mulheres, que eram transformadas em matérias primas de trocas mercantilistas, forjando o termo *sistema sexo/gênero*, como sendo *“o conjunto de medidas mediante o qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana e essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”*. (RUBIN, 1993: 02)

Este sistema sexo/gênero apresentado por Rubin vem de encontro aos questionamentos sobre a tendência essencialista de naturalizar e igualar as relações de gêneros, assim como a própria sexualidade, como sendo da ordem reprodutiva e instintual. A autora nos adverte que esse sistema ainda é determinante nos modos de classificações usados sobre as expressões e práticas sexuais, propondo rompimento com essas abordagens, de modo a tomar as sexualidades e os gêneros como conseqüências das transformações sociais, pois *“sexo como o conhecemos – identidade de gênero, desejos e fantasias sexuais, conceitos de infância – é, em si mesmo, um produto social”* (RUBIN, 1993: 05)

Para que haja uma mudança de paradigmas nas abordagens sobre as sexualidades, é preciso sempre que ocorra uma mudança social, ou seja, a partir de um remanejamento dos significados, valores e sentidos que são atribuídos às práticas sociais, econômicas, políticas, culturais, sexuais e de gêneros, em uma perspectiva coletiva.

Neste sentido, considerações sobre os modos de mobilização social e as estratégias de empoderamento político de cada comunidade, são condições imprescindíveis para problematizar e analisar qualquer prática desenvolvida pelas pessoas. Isto significa levar sempre em consideração o momento e o contexto em que se dão os acontecimentos, tendo sempre como referência, o universo social e cultural em que as coisas se configuram. Para cada cultura, temos um universo de valores, sentidos e narratividades que lhes são próprias, nunca servindo de referência comparativa para hierarquização.

Dentro dessa consideração, RUBIN (1993: 12) cita o exemplo de “travestismo”:

*“O travestismo institucionalizado dos mohave permite que uma pessoa mude de um para outro sexo. Um homem anatômico podia transformar-se em mulher por meio de uma cerimônia especial, assim como, uma mulher anatômica podia, pelo mesmo modo, tornar-se homem. A(o) travestida (o), então, tomava uma esposa ou esposo de seu próprio sexo anatômico, e do sexo socialmente oposto. Estes casamentos, que nós chamaríamos de homossexuais, eram considerados heterossexuais pelos padrões mohave, isto é, união de sexos definidos como opostos. Se compararmos com a nossa sociedade, este arranjo todo permitiria uma grande margem de liberdade”*

As determinações culturais são importantes para qualquer tipo de análise que possamos vir a fazer, sempre em conjugação com outros olhares que possam contribuir para uma análise mais pertinente de qualquer estudo, mesmo porque, cada cultura tem o seu rol de valores e significados pelas quais orientam seus comportamentos e seus modos de existência.

Como complementaridade aos estudos das sexualidades, em uma perspectiva construcionista, será em FOUCAULT (1985), na sua história da sexualidade, que encontramos a idéia de um *dispositivo da sexualidade*, que associa as práticas sexuais com as práticas do poder, que toma o sexo como um dispositivo de controle dos corpos e de regulação das populações.

Esse dispositivo da sexualidade, nos diria FOUCAULT (1993: 244) é

*“um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode manter entre esses elementos”*,

A idéia de um dispositivo da sexualidade apresentado por Michel Foucault, abre novas perspectivas aos estudos das sexualidades, evidenciando o quanto as práticas sexuais trazem em seu bojo um exercício do poder, que disciplina os corpos e regula as populações. A este tipo de regulação e controle, FOUCAULT (1985) anuncia uma nova disciplina: o bio-poder.

Como ferramenta importante do bio-poder, iremos encontrar a “norma”, seguido de seus estatutos formais de verdade, estabelecendo leis, contratos e instituições que lhes dêem legitimidade às suas práticas disciplinares. A esse respeito nos fala FOUCAULT (1985: 135):

*“Uma outra consequência deste desenvolvimento do bio-poder é a importância crescente assumida pela atuação da norma, à expensas do sistema jurídico da lei. A lei não pode deixar de ser armada e sua arma por excelência é a morte; aos que a transgridem, ela responde, pelo menos como último recurso, com esta ameaça absoluta. A lei sempre se refere ao gládio. Mas um poder que tem a tarefa de se encarregar da vida terá necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos. Já não se trata de pôr a morte em ação no campo da soberania, mas de distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade. Um poder dessa natureza tem de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar, mais do que se manifestar em seu fausto mortífero”.*

Seguindo este raciocínio, podemos perceber, que o bio-poder, através do imperialismo das leis e das normas, organiza, controla e distribui os corpos, estabelecendo as práticas sexuais permitidas e as proibidas, transformando todos os corpos em reprodutivos, dóceis e ascéticos, capturando, julgando e punindo todas as ações que sejam contrárias ao modelo dado da procriação. Diante disso, nos diria FOUCAULT (1985: 135) que *“uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida”.*

Os estudos realizados por FOUCAULT (1985), sobre a história da sexualidade, marca uma mudança fundamental nas agendas de pesquisas e estudos sobre as sexualidades e o uso dos prazeres, colocando em questão os saberes norteadores dessas temáticas que tínhamos como herança dos sécs. XVIII e XIX.

As contribuições de Foucault vem sendo reconhecidas e norteadoras de diversos estudiosos da sexualidade, dentre eles WEEKS (1998: 27) que afirma:

*“La obra de Foucault há contribuido de modo vital a las análisis recientes de la historia de la sexualidad, precisamente porque surgió a partir de un trabajo que se estaba desarrollando creativamente en la sociología y en la historia social radical, y al mismo tiempo irrumpió en él y ayudó a precisar preguntas que ya se habían formulado. A las preguntas acerca de qué configuraba las creencias y conductas sexuales, se añadió una nueva, que tenía que ver con la historia de la idea misma de la sexualidad. Para Foucault, la sexualidad era una relación de elementos, una série de prácticas y actividades que producen significados, un aparato social que tenía una historia, com raíces complejas en el pasado precristiano y cristiano, pero que lora una unidad conceptual moderna, com efectos diversos, sólo en el mundo moderno”.*

No final do séc. XIX tivemos o surgimento da Sexologia, que se constituiu a partir dos referenciais da Psicologia, da Antropologia, da Biologia, da História e da Sociologia, problematizando a sexualidade como uma preocupação não apenas individual, mas, crítica e política, solicitando assim, investigações e análises mais cuidadosas. Desde os primeiros estudos realizados pela Sexologia, podemos perceber uma evolução conceitual, que ao ser contextualizada, pôde fornecer subsídios para a sua problematização.

Krafft Ebing, sexólogo pioneiro do final do séc. XIX, definia o sexo como um instinto natural, com uma força avassaladora exigente de satisfação. Esta tomada de posição mostrou o sexo como instinto, tentando justificá-lo em termos de forças identificáveis, internas e biológicas, que atualmente tem influenciado os sexólogos a pensá-la a partir das referências hormonais e genéticas, persistindo uma forte influência biologizante, intensificando a naturalização dos corpos e das sexualidades.

WEEKS (1999) tem questionado essas determinações biologizantes, insistindo na visão da sexualidade como uma construção social e histórica, evidenciada por situações concretas. Em seus estudos, Weeks aponta outro sexólogo muito influente nas primeiras décadas do séc. XX, chamado Ellis, que defendia a idéia de que *“o sexo penetra a pessoa inteira; a constituição sexual de um homem é parte de sua constituição final. Há uma considerável verdade na expressão: um homem é aquilo que seu sexo é”* (ELLIS, 1946: s.p. apud. WEEKS, 1999: 41).

Além da energia avassaladora, pontuada por Krafft Ebing, o sexo, como nos falou Ellis, participa da feitura do corpo, sendo um determinante em nossas personalidades e identidades. Essas teorias ainda tem uma importante influência sobre os modos como definimos e entendemos os sexos e as sexualidades nos dias atuais, como é produzida a nossa subjetividade, pois como bem pontua FOUCAULT (1988), problematizar a produção da subjetividade significa levar em consideração as sexualidades, suas práticas e seus prazeres.

A linguagem da sexualidade parece sempre ter sido eminentemente masculina, evidenciadas por superposições de experiências masculinas, cuja metáfora mais comum está associada a idéia de penetração e de descarga sexual. Uma tendência que vem sendo estudada e problematizada por algumas estudiosas feministas, a respeito da supremacia masculina, denuncia a perpetuação histórica dessa heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2003; ÁVILA, 1999; RUBIN, 1999; LOURO, 1999).

Essa constatação nos mostra que a sexualidade feminina sempre foi pouco explorada, apesar dos sexólogos terem tentado considerá-la, a visão que se tinha era de que o corpo

feminino seria um corpo saturado de sexualidade, sempre pronto para ser despertado para a vida dos homens. (WEEKS, 1999; LAQUEUR, 2001)

A ausência de estudos sobre a sexualidade feminina conforme é denunciado por Weeks, revela a supremacia do masculino sobre o feminino, evidenciando desigualdades entre os sexos e gêneros, de modo a supervalorizar as práticas sexuais realizadas pelos homens e a desvalorização da associação de direitos e prazeres para as mulheres. Quando pensamos essas questões em relação às travestis podemos perceber uma herança que as mesmas recebem por ocuparem o lugar do feminino diante dos olhos da sociedade.

Os sexólogos do final do séc. XIX e início do séc. XX, definiam o sexo, aponta WEEKS (1999: 41), como “*o resultado da divisão da humanidade no segmento feminino e no segmento masculino. Referia-se, naturalmente, às diferenças entre homens e mulheres, mas também, às formas como homens e mulheres se relacionavam*”.

Encontramos uma discussão mais detalhada em BUTLER (2003), a respeito da supremacia do masculino sobre as expressões femininas, dominando-as e domesticando-as como expressões secundárias, compondo um plano molar de configuração existencial.

Mais recentemente, o termo sexo foi adquirindo um sentido mais preciso: “*ele se refere às diferenças anatômicas entre homens e mulheres, a corpos marcadamente diferenciados e ao que nos divide e não ao que nos une*”. (WEEKS, 1999: 42)

Os modos como assimilamos os significados dados aos corpos e às sexualidades, ainda estão muito influenciados pela visão essencialista, que naturaliza certos padrões de comportamentos como sendo da ordem da normalidade, desqualificando outros como sendo da ordem do pecado, do crime e da doença. Nossas definições, crenças, convenções, comportamentos e identidades sexuais não se limitam ao evolucionismo simplesmente, como se fossem naturais: são produzidos historicamente através de relações de saber-poder e de dispositivos sociais, econômicos e culturais.

Associados ao surgimento da Sexologia no final do séc. XIX, e o advento da Psicanálise, no início do séc. XX, foram sendo construídas diversas críticas às idéias essencialistas sobre os sexos e as sexualidades, que, até então, os viam como sendo algo da ordem da fisiologia reprodutiva e da filosofia moral. Como marco fundamental da importância da sexualidade, vemos o surgimento de uma concepção que toma o corpo e a sexualidade como expressão de uma verdade. Diga-me como faz sexo e eu vos direi quem és.

Apesar das evidências mostradas por trabalhos sociológicos e antropológicos a respeito da construção sócio-histórica e cultural da sexualidade, ainda vemos uma influência muito grande da biomedicina, com tendências a tomar a sexualidade como expressão da

fisiologia reprodutiva, o que por sua vez, mostra os limites impostos pela moralidade vitoriana que contemplam como estratégias de tratamento, o controle dos corpos e a regulação das populações. Isto por sua vez em nada ajuda na elaboração de estratégias de combate à epidemia do HIV/AIDS, ou ainda, de favorecimento para que as pessoas possam ser mais felizes diante de suas próprias sexualidades.

Os estudos feministas criaram uma agenda de discussões a respeito dos direitos sexuais e reprodutivos, colocando em evidência as influências do patriarcalismo e do heterossexismo, como disparadores de violências e opressões pelas quais mulheres e as chamadas minorias sexuais tem sido vítimas.(CORRÊA e PETCHESKY, 1996; RUBIN, 1999; VANCE, 1995; BUTLER, 2003). Ao nosso ver, essas discussões também são pertinentes às discussões sobre os direitos sexuais e ao próprio exercício da cidadania das travestis brasileiras, que se organizam e reivindicam respeito e tolerância para as suas práticas e estilos de vida.

Embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites dos possíveis, a sexualidade é muito mais do que o corpo. VANCE (1995) sugere que o órgão mais importante dos seres humanos se encontra entre as orelhas, pois a sexualidade, para além do corpo, tem a ver com as crenças, desejos, ideologias e fantasias.

Mesmo tendo chegado o terceiro milênio, nos deparamos com inúmeras dificuldades de uma abordagem mais libertária das sexualidades, que as tomem como produto histórico e social, quando educadores e mesmo profissionais da saúde se mostram ainda, despreparados para lidar com essas temáticas, considerando a ausência de emendas curriculares sobre as sexualidades, os gêneros e os direitos sexuais. (PERES, 2004)

Assim, pensamos que as próprias definições a respeito de sexo, gêneros e sexualidades, precisam ser colocadas em análises. A esse respeito, nos apoiamos em WEEKS (1999: 43)

*“‘Sexo’ será usado (...) como um termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres. Embora essas distinções anatômicas sejam geralmente dadas no nascimento, os significados a elas associados são altamente históricos e sociais. Para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres, usarei o termo ‘gênero’. Usarei o termo ‘sexualidade’ como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Michael Foucault denominou ‘o corpo e seus prazeres’ (FOUCAULT, 1993). A expressão ‘construcionismo social’ será usada como um termo abreviado para descrever a abordagem, historicamente orientada, que estaremos adotando, relativamente aos corpos e à sexualidade (...) tudo o que ela basicamente pretende fazer é argumentar que só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída à sexualidade num momento particular e apreendendo as várias relações de poder*

*que modela o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável”.*

As definições teóricas sobre sexo, sexualidades e os gêneros apresentadas ora de forma essencialista, ora de forma construcionista, mostram um confronto entre idéias conservadoras e libertárias sobre esses temas, motivo que nos inspirou para dar início às nossas reflexões em nossa pesquisa, clarificando e pontuando nossa identificação com um modo construcionista de análise das sexualidades e seus prazeres, de modo a minimizar os efeitos que resultam no mal estar das sexualidade contemporâneas, evidenciando a necessidade de outras composições sociais e culturais, entre elas, os estudos sobre gêneros, conforme apresentamos na seqüência de nosso estudo.

## 2 RELAÇÕES DE GÊNEROS E A ESTÉTICA TRAVESTI

De modo complementar aos estudos sobre as sexualidades, as relações de gêneros participam dos modos de subjetivação das pessoas, considerando as imagens discursivas e sentidos que são construídos em seus cotidianos, determinando todo um modo de concepção de mundo e de relações.

A respeito da conceituação de gêneros LOURO (1999: 11) aponta que

*“A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”.*

A emergência de novas formas de existências e suas novas formas de relações humanas, solicita urgência para que as classificações nosográficas, sexuais e de gêneros sejam colocadas em análise, de modo a problematizar a validade e coerência de seus conceitos, considerando as demandas e o momento histórico nas quais as mesmas foram forjadas.

As discussões em torno das relações de gêneros, tem sua origem no movimento feminista, de gays e lésbicas, a partir dos anos 60/70, dentro de uma perspectiva política de esquerda, tendo como tema principal a denúncia e o enfrentamento da dominação masculina, questionando a ordem dada pelo patriarcalismo e as práticas ordenadas pela heterossexualidade compulsória.

O feminismo como um movimento social transformador, aponta CASTELLS (1999: 210) *“desafia o patriarcalismo ao mesmo tempo que esclarece a diversidade das lutas femininas e seu multiculturalismo”*. O movimento feminista se pauta por uma atuação política de enfrentamento às opressões vividas pelas mulheres, aliadas ao movimento de gays e lésbicas, ampliando o debate nacional, e colocando em questão a própria noção de identidade, problematizando a respeito das relações sociais, econômicas, políticas, culturais e de gêneros. Essa aliança é estabelecida por uma luta comum contra as opressões, buscando minimizar ou erradicar a dominação masculina estimulada pelo patriarcalismo e pela heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2003).

Os estudos voltados para as identidades de gays e lésbicas, tiveram inicialmente uma influência grande da crítica literária, assim como dos estudos culturais feministas, compondo assim o que viriam a ser chamados de *“queer theory”*. Sobre isto, PARKER (2002: 26) afirma que

*"O desenvolvimento da crítica literária e de estudos culturais feministas e anti-heterossexistas se estenderam, por sua vez, para o recente desenvolvimento da 'queer theory', levando a possibilidades especialmente criativas para a justaposição de questões relacionadas com identidade, intersubjetividade e textualidades por um lado, e por outro a questões de gênero, diversidade étnica e racial e classe sócio-econômica".*

Esses estudos se tornaram importantes a partir do momento que fomentaram novos insights, novas compreensões a respeito dos modos de vida gays e lésbicos, fornecendo importantes subsídios para a problematização dessas questões, considerando que as formas de abordagens teóricas e metodológicas existentes até então, já não se mostravam satisfatórias

O surgimento da "queer theory", ou ainda de uma política *queer*, surge nos anos 90 do século XX, articulada pela produção de um grupo de intelectuais, que embora tivessem discordâncias em suas análises internas, apresentavam algumas aproximações significativas. Neste sentido, SEIDMAN (1995: 116-141, *apud*: LOURO, 2001: 546), esclarece:

*"Os/as teóricos/as queer constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/as compartilham alguns compromissos amplos – em particular, apoiam-se fortemente na teoria pós estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; põem em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentrada ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes".*

A emergência da *queer theory*, efetivamente, vem sendo associada ao pensamento crítico ocidental contemporâneo, contribuindo para as problematizações que vem sendo construída ao longo do século XX, a respeito das noções de sujeito, de identidade, de identificação e de comunidade. (LOURO, 2001)

Uma das contribuições mais importantes para a formulação de uma *queer theory*, tem sido marcada pelo pensamento de Michel Foucault, mais precisamente os estudos sobre as sexualidades, no tocante às problematizações a respeito de como as pessoas lidam com seus próprios corpos e prazeres, de como são disciplinados e controlados pelas instâncias do biopoder, que controlam os corpos e regulam as populações.

Um interesse particular da *queer theory* pelos estudos de Foucault, diz respeito à construção discursiva das sexualidades, que além de estabelecer as práticas autorizadas para o exercício dos prazeres, forja toda uma classificação das "espécies", ou ainda, uma tipologia sexual. Diante dessas referências, nos informa LOURO (2001) ,os estudiosos da *queer theory* se apropriaram da metodologia de desconstrução, proposta por Jaques Derrida, desestabilizando

os binarismos lingüísticos e conceituais, colocando em questão todas as tentativas de se forjar uma verdade absoluta e seus universais. Trata-se de uma metodologia de desconstrução dos mitos e dos preconceitos, de subversão dos valores e normas, dando passagem para que a diferença e a singularidade tenham espaço de expressão.

Nesta perspectiva teórica, encontramos alguns estudos desenvolvidos por BUTLER (2003), a respeito da construção do sexo, da performatividade de gênero e da abjeção dos corpos, que acreditamos importantes para análises dos dados dessa pesquisa. Orientada por Michael Foucault, resgata a metodologia genealógica de base nietzschiana, problematizando os saberes, e, articula as dimensões éticas e políticas que engendram práticas disciplinares e de controle dos corpos, das sexualidades e dos gêneros. Propõem algumas questões a respeito das construções de identidades e gêneros, a partir de duas instâncias importantes: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória.

A problematização dessas instâncias deterministas, sugere BUTLER (2003), não teria como objetivo a busca das origens dos gêneros, de uma verdade íntima do desejo feminino, ou ainda, a busca de uma identidade genuína, mas teria como finalidade a problematização das apostas políticas, dos arranjos sócio – históricos que forjam efeitos de instituições, práticas e discursos sobre os corpos e seus prazeres. A tarefa dessas problematizações, nos diria BUTLER (2003: 09), “*é centrar-se – e descentrar-se, nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória*”.

Estudos como os empreendidos por BUTLER (2003), LOURO (1999; 2001) e outros, denunciam a fragilidade dos conceitos de *sexo*, *sexualidades* e *gêneros* que temos disponíveis na literatura, solicitando urgência de reorganização das agendas de estudos e pesquisas sobre essas temáticas, e que de certa forma já havíamos problematizado no capítulo anterior a respeito do mal estar das sexualidades.

Sem dúvida, alguns estudos já vem sendo empreendidos, mas, ainda em escala ínfima, se considerarmos a amplitude das novas identidades sexuais e de gêneros que vem ganhando visibilidade na contemporaneidade, assim como, os modos como tem se processado as formas de desejos e prazeres, seus significados e valores e a própria produção da subjetividade.

Os estudos sobre gêneros ainda encontram uma relação bastante acentuada com os estudos das mulheres, dificultando uma ampliação das discussões a respeito das relações de gêneros, pouco contemplando os gays, as lésbicas, as travestis e as transexuais.

São modos de existências que escapam das redes de saber-poder, embaralhando os códigos de intelegibilidades e causam mal-estares insuportáveis para os aficionados em

identidades cristalizadas. Produzem saberes, que como aponta LOURO (2003), são insuportáveis para os moralistas de plantão; isto por si mesmo impossibilita avanços na problematização a respeito dos corpos, das sexualidades e dos gêneros.

Uma concepção importante trazida por BUTLER (2003), e que tem sido comungada por diversos pesquisadores (PARKER, 1992; 2000; FOUCAULT, 1986; VANCE, 1996; WEEKS, 1999), diz respeito ao entendimento de que os corpos, as sexualidades e os gêneros, são construções sociais e históricas marcadas pelas relações de saber-poder, sempre restritas ao contexto em que as relações são estabelecidas.

Nesta perspectiva, a própria idéia que temos a respeito dos corpos, é marcada por instituições, leis e contratos sociais, econômicos e culturais que determinam os modos de produção dos corpos, estabelecendo as normas de seus funcionamentos, suas práticas e suas estéticas.

Alguns estudos antropológicos tiveram a iniciativa de problematizar a respeito das percepções que travestis e transexuais possuem a respeito de si mesmas, da construção de seus corpos, de suas sexualidades e seus gêneros. Dentre esses estudos, podemos citar as pesquisas realizadas por BENEDETTI (2000), quando de sua investigação a respeito da construção do corpo e do gênero das travestis de Porto Alegre/RS.

Trata-se de um estudo que buscou através de relatos e convivência com a população transgênero, colher informações sobre a construção do corpo travesti, questionando as facilidades e dificuldades em adquirir roupas e acessórios femininos, mas também, como se dá a ingestão de hormônios, assim como, as aplicações do silicone.

Procurando incrementar suas análises, BENEDETTI (2000) se orientou por um viés político, que associava a produção da estética travesti com as demandas sociais e econômicas presentes em seus cotidianos, ponderando a respeito das ações coletivas que as próprias travestis estabeleciam para a construção da cidadania e a defesa dos direitos humanos.

Ainda sobre a questão de gênero envolvendo travestis, encontramos as pesquisas realizadas por KULICK (1998), que se ateve às praticas sexuais exercidas pelas travestis baianas, mais precisamente na cidade de Salvador, quando buscou problematizar as relações sexuais sob o ponto de vista da "atividade" e da passividade.

Como os sujeitos de sua pesquisa eram na maioria travestis profissionais do sexo, este autor se deparou com modos de organizações dos corpos e das sexualidades e gêneros, bastante borrados frente aos modelos identitários predominantes – masculino/feminino e de ativo/passivo – encontrados pelos pesquisadores americanos e europeus, no tocante às identidades de gays e lésbicas, confirmando os dados encontrados por PARKER (1992; 2002), que

sinalizam uma maior flexibilidade entre gays brasileiros, que desmancham a tênue linha que separa o que seria da ordem do ativo e do passivo, ou ainda, do masculino e do feminino, compondo uma sexualidade gay brasileira expressiva de uma sub-cultura homossexual. Neste sentido, nos afirma PARKER (2002: 55):

*“Neste modelo de vida sexual, a ênfase cultural parece ser colocada não apenas nas práticas sexuais nelas e delas mesmas, mas nas relações entre as práticas sexuais e os papéis de gênero – em especial, na distinção entre atividade masculina percebida e passividade feminina como o cerne da organização da realidade sexual. É em termos desta distinção simbólica entre atividade e passividade que noções de macho e fêmea, de masculinidade e feminilidade, e similares, foram organizadas no Brasil”.*

Tanto Parker, como Kulick, perceberam contradições entre uma cultura rígida e conservadora a respeito das sexualidades e dos gêneros, e ao mesmo tempo, uma certa tolerância com as diferenças sexuais, mascaradas por práticas que apenas são permitidas no espaço privado, como coisas da intimidade.

Quando se trata de estudos a respeito da sub-cultura travesti propriamente dita, e suas respostas frente aos processos de estigmatização e às discriminações, ou que problematizam as possíveis formas de organização social e política dessa comunidade, apenas algumas referências podem ser consideradas.

Nos últimos anos, ao realizar levantamento bibliográfico sobre as produções voltadas para a realidade das travestis brasileiras, assim como, de outras nacionalidades, nos deparamos com uma pequena produção intelectual voltada para essa população, sendo que as poucas referências encontradas nos remeteram à etnografias realizadas por antropólogos, centradas na análise da cultura travesti e no cotidiano da construção de seus corpos e relações, tais como os trabalhos realizados por SILVA (1993;1996), OLIVEIRA (1994); DENIZART (1997), KULICK (1997), KLEIN (1996), e mais recentemente os trabalhos de FERNANDEZ (2000), em Buenos Aires, e , em Porto Alegre, BENEDETTI (2000).

Foi o antropólogo SILVA (1993), quem deu início às pesquisas sobre travestis no Brasil. Amparado pela etnografia, o autor se enveredou pelo universo da Lapa no Rio de Janeiro, importante reduto boêmio e cultural, e priorizou as travestis como seu objeto de estudo. Como objetivo de estudos, SILVA (1993: 15) pretendia

*“revelar alguns flagrantes do cotidiano do travesti, de forma que sua dimensão humana, suas contradições, perplexidades, a nobreza e a miséria de sua condição cheguem até o leitor, não destituído de sensualidade, sexualidade, humor e ironia, mas integrados a tais traços mais visíveis para evitar a caricatura e o pitoresco”.*

Tanto em *Travesti: a invenção do feminino* (1993), como em *Certas Cariocas* (1996), em que constrói etnografias do cotidiano das travestis da Lapa carioca, Hélio Silva consegue realizar suas análises sem julgamentos morais negativos e sem buscar uma classificação nosográfica ou outra, permitindo uma aproximação com a realidade das travestis, que revela a implicação de um pesquisador participante.

Entre seus interesses, o autor priorizava preocupações com a construção do feminino, sem contudo, problematizar as relações de gênero. Em seu diário de campo nos contempla com observações etnográficas que revelam o dia a dia das travestis, divididos entre experiências ocorridas, pelas manhãs, tardes e noites, mostrando a construção da estética travesti e suas relações com as pessoas, com a comunidade e consigo mesmas.

O trabalho de Silva (1993) tem sido usado como referência para qualquer etnografia que venha estudar o universo das travestis, conforme temos visto nas pesquisas nacionais, como as realizadas por OLIVEIRA (1994), DENIZART (1997), BENEDETTI (2000). Interessante pontuar que muitas aproximações feitas até o momento entre pesquisadores e a sub-cultura/comunidade travesti, diferentemente dos estudos feitos por Hélio Silva, se deram a partir de interesses em estudos de gêneros. (BENEDETTI, 2000; FERNANDEZ, 2000; MARTIN & VORHIES, 1978; ROSCOE, 1996).

Entre os estudos etnográficos que contemplam as questões de gêneros, encontramos a pesquisa realizada por FERNANDEZ (2000), com as travestis de Buenos Aires, que pontua a trajetória de lutas organizadas pelas três associações buenaienses existentes: Asociación de Travestis Argentinas (ATA), Organización de Travestis e Transexuales de la República Argentina (OTTRA) e Asociación de Lucha por la Identidad Travesti y Transexual (ALITT), marcadamente frequentadas por travestis profissionais do sexo.

Em sua exposição, FERNANDEZ (2000) aborda as travestis como um produto de interações sociais, que promovem a construção de redes sociais, que se organizam social e politicamente pela defesa de direitos e de construção da cidadania.

De certa forma, os interesses e questões levantadas por essa pesquisadora vem de encontro aos nossos questionamentos, no sentido de problematizar os modos pelas quais as travestis brasileiras se organizam e criam respostas aos processos de estigmatização e discriminações que experimentam em seus cotidianos.

Em suas análises a autora se orienta por informações de mídia, por eventos organizados pela comunidade travesti e transexual, além de participar de reuniões com as travestis e transexuais e realizar entrevistas profundas com as mesmas. Uma metodologia que

tenta contemplar diversas fontes de informações, de modo a ampliar o universo de referência que expressa as especificidades dessa população.

Em seus apontamentos, FERNANDEZ (2000) apresenta uma discussão sobre o termo travesti, informando que foi Magnus Hirschfeld, quem cunhou o termo travesti em princípio do século XX (entre 1905 e 1910), sendo um dos pioneiros a distinguir travestismo de homossexualismo, acreditando que poderiam ser explicados pelas variações dos hormônios sexuais, sendo criticado por Havellock Ellis, representante da sexologia da época, que pensava o travestismo como uma “inversão sexo-estética”.

Complementando seus estudos, FERNANDEZ (2000) apresenta três hipóteses relacionadas com as questões de gêneros para o travestismo, assim denominadas:

- o travestismo como expressão de um terceiro gênero;
- reforçamento das identidades de gênero;
- o gênero em chamas.

A respeito de um terceiro gênero, a autora se apropria dos estudos de HERDT (1996), que congrega diversos artigos sobre a viabilidade de um terceiro sexo ou um terceiro gênero, de modo a estudar as explicações transculturais sobre o travestismo. Informa-nos a autora, que Herdt advertia para a necessidade de não confundir o terceiro sexo com orientação sexual para com o mesmo sexo, de modo a romper com as leituras da sexologia e dos reformadores do século XIX e início do século XX, que viam o travestismo como uma expressão institucionalizada da homossexualidade, igualando-o a um terceiro gênero. Desta forma, Herdt afirma que não há uma relação absoluta entre orientação sexual e terceiro sexo ou gênero. HERDT (1996: s.p., *apud*: FERNANDEZ, 2000: 38) assinala que *“as categorias de homem e mulher, baseadas em critérios anatômicos, não são nem universais e nem conceitos válidos para um sistema de classificação de gênero. A categoria de um terceiro sexo e terceiro gênero busca impugnar o dimorfismo sexual”*.

Nesta direção, a autora considera o contexto cultural como importante componente na formação dos gêneros, rompendo com as leituras essencialistas e biologizantes, afirma FERNANDEZ (2000: 40) que *“as categorias de gêneros comunicam expectativas sociais sobre as condutas, o parentesco, a sexualidade, as relações interpessoais e, inclusive, sobre as relações religiosas e laborais. Neste sentido, as categorias de gênero são um fenômeno social total”*.

Essa possibilidade de um terceiro sexo ou gênero mostra a necessidade de revisão das premissas deterministas sobre dois gêneros (masculino e feminino), nos limites da bipolaridade e do dualismo, para se pensar a respeito de um continuum de masculinidade e

feminilidade que habitam e se processam em um mesmo corpo, desarticulando-se dos genitais e se conjugando com as experiências que esse mesmo corpo experimenta nas relações que mantém com as esferas sociais, econômicas, políticas e culturais de seu tempo.

Trata-se, a nosso ver, de uma estilística da existência, ou seja, a posição de gênero ocupada por uma pessoa diria respeito à construção de um estilo de vida que seria marcado por singularidades. FERNANDEZ (2000: 48) define o travestismo como *“um conjunto – em si mesmo heterogêneo – das possíveis identidades de gênero que se distribuem em um continuum”*.

A respeito de sua segunda hipótese sobre o travestismo, o reforçamento das identidades de gênero, coloca em questão as representações e interpretações que o travestismo tem sobre o feminino. Faz um mapeamento sobre as transformações que o corpo vai sendo submetido para a construção do gênero feminino pelas travestis, que se orientam por traços interpretados como femininos. Pontua um ritual de transformação em construção permanente, de transformação, que são marcados por ingestão de hormônios, aplicações de silicone e incisões cirúrgicas que modelam os seios, os glúteos, as pernas e o rosto; atualizam-se pela moda e padrões estéticos femininos de sua época, evidenciando três referências identificatórias, que são apontadas por FERNANDEZ (2000) como sendo a “figura da mãe” – mulher procriadora –, “figura da puta” – mulher fatal e sedutora – e “figura da vedete” – figura glamourosa dos espetáculos artísticos.

Essas identificações estão muito presentes nas falas e expressões das travestis brasileiras, conforme temos visto em nossas oficinas e incursões pelos espaços de socialização das travestis, quando algumas travestis escolhem seus nomes de mulher de modo a homenagear artistas, personagens de filmes e até a própria mãe.

A respeito da construção do corpo travesti, a autora informa que em nenhum momento encontrou travestis querendo esconder sua condição inicial de corpo masculino, tratando sua masculinidade como coisa da intimidade e de suas práticas sexuais.

Tal como encontramos relatos no Brasil por parte das travestis profissionais do sexo, as travestis argentinas e de outras localidades, quando do atendimento de seus clientes, as vezes são solicitadas para serem “ativas” nas relações sexuais, ou seja, terem “desempenho sexual masculino”. Esse “desempenho sexual brasileiro” participa de uma cultura sexual brasileira, na qual, segundo PARKER (1992), o ativo, ou a prática sexual ativa, é chamada de masculina, enquanto a prática sexual passiva é associada ao feminino.

Neste sentido, podemos pensar que o corpo travesti traz em seu bojo a ambigüidade, a surpresa e a confusão dos códigos de inteligibilidade: um corpo aparentemente feminino que

tem entre as pernas o órgão sexual masculino, e mais ainda, faz uso dele. Uma ambigüidade que coloca em cheque as classificações sexuais e de gêneros tradicionais, deixando muita gente confusa e perdida frente a expressão dessas novas identidades sexuais e de gêneros. A esse respeito, FERNANDEZ (2000: 48) nos indica que *“o travestismo interpreta, modela e experimenta seu corpo como um texto que pode ser lido desde o gênero (feminino) e desde o sexo (masculino)”*.

Assim, temos a constituição de uma feminilidade que é construída sobre um corpo biológico masculino, evidenciando os valores e significados que as pessoas tem sobre o próprio feminino, e que norteiam suas próprias fantasias sobre o feminilizar-se. Essa feminilização não poderia ser generalizada, considerando os contextos singulares que promovem a subjetividade de cada pessoa e que estabelecem parâmetros fantasiosos sobre a mulher que se deseja ser. Neste sentido, pensamos que ao invés de usar o termo travestismo, como o faz a autora, talvez a palavra travestilidade possa contemplar uma maior variação das formas e modos de se constituir enquanto travesti, considerando que nem todas as travestis são profissionais do sexo, e nem todas tem aspiração para serem vedetes ou artistas. Trata-se de uma multiplicidade de possibilidades na qual nenhuma deve ser tomada como modelo absoluto, evidenciando processualidades infinitas de corpos que tomam a metamorfose como modos de felicidade. A respeito da vida artística constituída por algumas pessoas que borram as noções de gêneros, encontramos as *drag queens* – que se “montam” com finalidades artísticas e performáticas, conforme estudos realizados por VENCATO (2002).

Em sua terceira hipótese sobre o travestismo, “o gênero em chamas”, FERNANDEZ (2000) se orienta por autores foucaultianos que se apóiam pela idéia de materialidade. Entre as autoras consultadas, FERNANDEZ (2000: 58) nos fala de Tereza DE LAURETIS (1989: s.p.), para quem o gênero é

*“um complexo mecanismo – uma tecnologia – que define o sujeito como masculino ou feminino em um processo de normatização e regulação orientado a produzir o ser humano esperado, construindo assim as mesmas categorias que se propõe explicar (...) como um processo de construção do sujeito, elabora categorias como homem, mulher, heterossexual, homossexual, pervertido, etc. e se intersecta com outras variações normativas tais como raça e classe, para produzir um sistema de poder que constrõem os sujeitos normais”*.

Esta autora se contrapõem aos modelos normatizadores e solicita a desestabilização das normatividades dominantes da identidade sexuada, para a promoção de novas formas de definição do sujeito feminino. Aqui, a influência de Michel Foucault é nítida, se nos lembrarmos dos seus estudos sobre a prisão, quando percebeu que ao dar voz aos prisioneiros,

os mesmos tinham uma teoria a respeito do que seria a prisão, a justiça, as penas, etc. (FOUCAULT, 2003)

Nesta mesma direção encontraremos os estudos realizados por BUTLER (2003), que através de sua formação foucaultiana nos aponta que “*o gênero não deveria ser concebido meramente como a inscrição cultural do significado sobre um sexo dado (uma concepção jurídica); o gênero deve também designar o mesmo aparato de produção mediante o qual os mesmos sexos são estabelecidos*”. (BUTLER, 2003)

Em seus estudos, Butler estabelece críticas às tentativas de se analisar os gêneros como atrelados aos sexos, pois como avalia, não tem sentido definir os gêneros como interpretação cultural dos sexos em si, por serem composições distintas e independentes.

Essa assertiva nos leva a considerar as discussões feitas por RUBIN (1999) ao propor o desmantelamento do sistema sexo/gênero, considerando as opressões experimentadas pelas mulheres e minorias sexuais diante das normatizações estabelecidas pelo patriarcado e pelo heterossexismo, e que é denunciado por diversas pesquisadoras feministas, entre elas BUTLER (2003), como “*heterossexualidade compulsória*”.

Ambas as autoras questionam sobre uma certa naturalização que coloca o sexo como algo dado e acabado e que força a constituição do sistema sexo/gênero como sendo a mesma coisa. Neste sentido, alerta BUTLER (2003), é preciso desenvolver estratégias de desnaturalização dos corpos e de resignificação das categorias corporais.

FERNANDEZ (2000) nos fala das propostas feitas por Judith Butler, a respeito das performances de gêneros, ao problematizar sobre as condutas e atividades que produzem os gêneros e as implicações de homens e mulheres a elas, de forma repetitiva. Essas repetições, nos diria BUTLER (*apud*: FERNANDEZ, 2000: 62) “*desestabilizam as noções recebidas sobre a naturalidade do gênero como sendo o coração da identidade, iluminando ao mesmo tempo a relação artificial do gênero aos corpos e as sexualidades*”.

O que está em jogo nesse raciocínio é a problematização a respeito das relações de saber e de poder que se articulam através das normas, das leis, contratos e instituições sociais, no sentido de controlar os corpos e regular as populações. Fica evidente a participação de determinados jogos de interesses por parte de grupos dominantes, que querem dar continuidade a um sistema de opressão e violência que tenta a todo custo forjar estratégias de manutenção da dominação patriarcalista e heterossexista.

Nesta linha de pensamento, as imagens e as práticas sexuais e sociais realizadas pelas travestis batem de frente com as premissas de sexo e gênero tradicionais, dadas as suas categorias desordenadas que borram os limites imagéticos e inteligíveis que tínhamos até

então, a respeito do que seria da ordem do masculino e do feminino. As travestis apresentam neste sentido, uma desconstrução do que seria coerente e suportável frente aos conceitos de sexo, gênero, sexualidade, prática sexual e desejo. Uma desestabilização que causa pânico nos viciados em identidades (ROLNIK, 1997) que não suportam as variações identitárias e a produção das diferenças.

Ainda nesta mesma direção, FERNANDEZ (2000: 63) acrescenta que

*“ o travestismo vai contra a biologia como fonte identitária irredutível, subvertendo a dicotomia corpo / gênero, a travesti intervém em seu corpo subvertendo sua origem (...) no gesto do travesti existiria também uma atitude política, na medida em que o exagero se atreve a mostrar esses desejos como um ato irreverente. A consequência disso é que as identidades masculino e feminino se inserem na diversidade, com o que amplia a sua gama de possibilidades”.*

Essas considerações levam a autora a pensar o ser travesti como sendo muito mais uma forma de vida, um estilo, do que propriamente uma identidade atada à sua origem. Essa assertiva nos leva a identificarmos com seu ponto de vista, o que por sua vez somos levados a acreditar, a partir da experiência existencial travesti, que os gêneros realmente se encontram em chamas.

Como contribuição importante sobre as questões que envolvem os estudos de gêneros e as travestis, encontramos ainda, o trabalho realizado por BENEDETTI (2000) junto às travestis gaúchas, intitulado *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Neste trabalho o autor enfoca os processos de transformação do gênero pelas travestis profissionais do sexo, a partir das práticas de modificação e transformação dos corpos, referendados pelas suas representações sobre o feminino.

A composição do corpo travesti revela, segundo este autor, que as próprias noções a respeito do que seria masculino e feminino são construídas corporalmente, de modo provisório. Para BENEDETTI (2000: 06),

*“Travestis são aquelas que promovem modificações nas formas de seu corpo, com o objetivo de moldá-los mais precisamente com o das mulheres, vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejarem explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina. Em contraste, esta é a principal característica que define as transexuais neste meio: reivindicam a operação de mudança de sexo como condição sine qua non de sua transformação, sem a qual permaneceriam em sofrimento e desajuste subjetivo e social”.*

Essa definição se aproxima da forma como consideramos as travestis, evidenciando que a categoria transexual é muito recente e que nem sempre está presente no imaginário das

travestis. Existe uma dificuldade de muitas travestis conviverem com tranquilidade com as transexuais. Um exemplo disso pôde ser encontrado nas primeiras edições dos encontros nacionais de travestis, os Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Trabalham com AIDS (ENTLAIDS). Promovidos desde 1993, estando em sua XIII edição, nas suas primeiras edições os grupos organizadores, muitas vezes, insistiam em dificultar para as transexuais as inscrições e o acesso a bolsas de financiamentos, por sentirem dificuldades de assimilar tal conceito nos espaços sociais e políticos de suas comunidades.

Em seu trabalho, BENEDETTI (2000) discorre a respeito do uso do substantivo travesti no feminino, quando nos dicionários ele aparece como sendo masculino, evidenciando seu respeito às reivindicações *das* travestis que solicitam serem tratadas e chamadas no feminino. Trata-se de uma reivindicação política do movimento organizado das travestis que, concordamos com Marcos BENEDETTI, diz respeito a um modo de afirmação do existir no mundo.

Em nossas conversas com travestis de diversas localidades e em diversas situações, tem sido freqüente ouvirmos reclamações no tocante as questões de tratamento para com elas. Como exemplo, falam de situações do atendimento em centros de saúde, quando ao chamarem pelo nome masculino, aparece um pessoa cujo corpo tem uma estética feminina, causando constrangimento e humilhação.

Esteticamente e sob o ponto de vista perceptivo, quando nos deparamos com uma travesti estamos diante de uma imagem feminina, chegando muitas vezes a borrar nossa compreensão, se estamos diante de uma travesti ou de uma mulher, confundindo o que seria modelo e cópia. Interessante pontuar uma certa mistura de valores e composições sobre o feminino, em que algumas mulheres expressam uma estética travesti (aplicação de próteses de silicone, adornos e maquiagens), enquanto algumas travestis expressam uma imagem de mulher (mais discretas). Neste sentido, podemos considerar que as travestis inauguram uma nova forma de inventar o feminino, de borrar as referências de gênero e de propor um outro olhar sobre si mesmas.

O trabalho empreendido por BENEDETTI (2000) traz informações , ainda, sobre os modos estéticos e existenciais das travestis de Porto Alegre e suas reais condições de vida, evidenciando que

*“Uma das primeiras características que saltam a vista é o fato das extremas necessidades financeiro-econômicas que algumas travestis experimentam (...) Não foram poucas as vezes que observei o radical desespero de algumas travestis em conseguir dinheiro para sanar a*

*fome e o preço da cama do próximo dia, mostrando que é absolutamente errôneo acreditar que a vida na prostituição é uma vida fácil". (BENEDETTI, 2000: 37)*

Esta constatação também está presente nas situações que vivemos com as travestis em Londrina/PR., mas que também é comum na vida das travestis das diversas cidades brasileiras. Trata-se de um processo de estigmatização presente na vida de muitas pessoas em nosso país, que são vítimas do aumento dos bolsões de pobreza e miséria e que são marcadas pelas desigualdades sociais. Devido as características estéticas das travestis e o preconceito da sociedade, torna-se difícil às mesmas conseguirem empregos para cuidar de suas subsistências, restando na maioria das vezes a prostituição como forma de sobrevivência.

Neste circuito da prostituição, as travestis profissionais do sexo acabam sendo expostas a muitas formas de violências, que vão desde ofensas verbais até agressões físicas que em algumas situações chegam à mutilação e à morte.

A esse respeito, pretendemos considerar as experiências de violências pelas quais as travestis são expostas em seus cotidianos, na seção que se segue no nosso trabalho.

### 3 VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO SOCIAL

*“Assim como no caso dos meninos de rua, o problema não é o travesti. A questão é quem os mata, espanca e desdenha. Talvez possamos estabelecer uma linha de comunicação entre o risinho no canto direito da boca do intelectual macho (ou do gay respeitado) com a bala que fere o seio esquerdo do travesti. O risinho cria na verdade a ambiência que neutraliza a decisão de apertar o gatilho”.*  
(SILVA, 1993)

O tema da violência vem ganhando importância e preocupação dos mais variados setores da sociedade brasileira. A violência faz do Brasil um dos países recordistas em desrespeito à cidadania e violação dos direitos humanos.

Alguns estudos, como em *Violência e Minorias Sexuais* (RINALDI et alii, 2001), tem se debruçado especificamente sobre a violência vivida por gays, lésbicas, travestis e transexuais no Rio de Janeiro, analisando relatos de violências narradas pelas próprias vítimas e ou agressores, a partir de pesquisas baseadas em notícias de imprensa, relatos de militantes e em depoimentos policiais. Paralelamente, encontramos registros pioneiros nos arquivos do Grupo Gay da Bahia (GGB), que coleta dados sobre os chamados crimes de ódio que contemplam situações de violências relacionadas com a homofobia. (MOTT, 1999)

A respeito dos processos de vitimização vividos por homossexuais brasileiros, RAMOS (in: RINALDI et alii, 2001: 53) aponta que

*“A primeira diferença está em que os casos de violência que ora analisamos são resultantes da percepção das vítimas e, dessa forma, refletem aquilo que as próprias vítimas consideram violência e não aquilo que a sociedade, ou o senso comum, a partir dos meios de comunicação, aprendeu a representar e eleger como sendo violência contra homossexuais”.*

No trabalho com as travestis, essas percepções são relatadas nas experiências de seus cotidianos, nas relações estabelecidas com as pessoas, com as instituições e consigo mesmas, presentes nas discussões de encontros regionais e nacionais de travestis, mas também, presentes nos encontros que realizamos com as travestis de Londrina, através das oficinas que realizamos semanalmente com elas.

Esses relatos quando colocados em análise, se coadunam com a leitura realizada por RAMOS (*in*: RINALDI et al, 2001: 53) ao apontar que

*"A análise do discurso da violência na primeira pessoa sugere, antes de mais nada, que não há propriamente violência homossexual, mas violências homossexuais, evidenciando a pluralidade de noções que as próprias vítimas tem sobre o que é ser discriminado, ofendido, humilhado, impedido ou violentado, ao lados dos casos tipicamente criminais, ou tipicamente policiais, de roubos e assassinatos".*

Através dessas constatações, acrescenta RAMOS (*in*: RINALDI et al, 2001), a violência vem associada a uma malha complexa de preconceitos e discriminações, que são reconhecidas nas manchetes sensacionalistas de muitos jornais e programas de televisão. A autora lembra ainda, que essa vitimização também é encontrada em denúncias de violências contra as mulheres (violência de gênero), os negros (violência racial), e outras minorias, que vem se organizando no combate de toda forma de intolerância e discriminação.

No caso das travestis, o Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), de Fortaleza/CE., tem realizado pesquisas através do *Projeto Travestis: educando e prevenindo*, coordenado pela travesti Janaina DUTRA (2000), que evidenciam que no Ceará, na região nordeste brasileira, na qual o machismo é mais acentuado e cujos indicativos sócio-econômicos são precários, se comparados com as regiões sul e sudeste, ocorrem verdadeiras atrocidades contra a cidadania das travestis, que vão desde agressões físicas e letais até discriminações que impedem o acesso à escola, ao trabalho e ao lazer, comprometendo a própria dignidade das travestis, que como último recurso, se apropriam da prostituição como modo de sobrevivência.

Nesta pesquisa, é denunciado o total descaso por parte dos policiais, que não se empenham na apuração e prevenção das ocorrências de violências vividas pelas travestis, dando na maioria das vezes, tratamento discriminatório e constrangedor, dados que também aparecem nas pesquisas realizadas por Ramos (*in*: RINALDI et al, 2001), ao constatar que as denúncias de casos ocorridos com as travestis são deveras reduzidas, quando comparadas às denúncias de casos ocorridos com gays, considerando que a maioria das travestis no Rio de Janeiro são profissionais do sexo, atuando nas ruas da cidade, o que as expõem mais intensamente às experiências da violência que outros seguimentos homossexuais.

Embora estejamos apresentando dados coletados nas cidades do Rio de Janeiro/RJ. e Fortaleza/CE., essas constatações são encontradas nas mais diversas regiões do país, conforme temos nos certificados nas discussões dos encontros nacionais de travestis, que desde 1993 vem refletindo sobre a realidade das travestis brasileiras, no sentido de encontrar alternativas

para a erradicação das práticas de coerção e de violência, exercida pelos mais variados setores da sociedade.

As várias experiências da violência vivida pelas travestis brasileiras, se intensificam mais ainda, quando associadas à outras formas de estigmatização que se somam ao fato de ser travesti, se a mesma for pobre, negra ou estiver vivendo com HIV/AIDS. PARKER (2000) tem chamado nossa atenção para aquilo que tem denominado "sinergia de vulnerabilidades", ou seja, a concentração de diversas formas de opressão, marginalização e violência pelas quais muitas pessoas estão expostas, e que promovem os mais diversos modos de estigmatização. Esses diversos modos de estigmatização podem ser vistos nas mais diversas esferas de socialização das travestis, que podem ser encontradas nas relações que as mesmas estabelecem com a família, com a comunidade e demais instituições de ensino, saúde, trabalho etc. (PERES, 2004)

Uma perspectiva mais voltada para a epidemia do HIV/AIDS, assim como, da defesa dos direitos humanos e construção da cidadania da comunidade travesti, se restringem apenas à dois trabalhos, encontrados dentro de nossa revisão bibliográfica, tais como, a pesquisa realizada por KLEIN (1996) com as travestis de Porto Alegre/RS. e os trabalhos de FERNANDEZ (2000) com as travestis argentinas de Buenos Aires. A pesquisa realizada por KLEIN (1996) com as travestis de Porto Alegre/RS., abre outra perspectiva para a problematização das questões das travestis.

KLEIN (1996) tem como cenário de seu estudo a epidemia do HIV/AIDS, propondo uma etnografia a respeito da AIDS, ativismo e imaginário social no Brasil, problematizando a militância de pessoas e grupos que se organizaram para enfrentar a epidemia. Apesar de seus estudos enfocarem diversos grupos e agremiações de combate à epidemia, elege um capítulo exclusivo para analisar a mobilização política de travestis na busca de garantias de cidadania que contemplavam benefícios e vantagens que seriam comuns a todos os cidadãos.

O trabalho de Klein reflete sobre a prevenção / educação sobre AIDS, entre as travestis profissionais do sexo de Porto Alegre, constatando que as travestis aparecem associadas ao crime e à violência no imaginário popular, chegando muitas vezes a serem eleitas para o extermínio do cenário cosmopolita, considerando que a impunidade dos crimes cometidos auxiliam nas práticas de exclusão.

Entre as análises realizadas por KLEIN (1996), chama a atenção a reação das travestis gaúchas diante do assassinato de uma colega, por parte dos policiais. Na verdade as travestis já estavam cansadas de serem agredidas pela polícia, e embora se sentissem sem direitos, as reuniões que eram realizadas no Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS (GAPA/RS),

problematizavam as noções de direitos humanos e de cidadania, levando muitas travestis a se empoderarem e perceberem que eram pessoas com direitos a terem direitos.

Diante do assassinato da colega, varias travestis começaram a organizar uma passeata pública, reivindicando direitos e respeito para com suas reais condições de vida. Essa ação mobilizou vários órgãos governamentais e não governamentais, mais especificamente pessoas solidárias às travestis, que orientadas pelas premissas dos direitos humanos, criaram um fórum de debates sobre violência, discriminação e exclusão, que embora não fossem específicas, contemplavam a comunidade de travestis e transexuais.

Dessas reuniões tivemos a fundação do Grupo Igualdade, em defesa dos direitos e cidadania de travestis e transexuais gaúchas, que vem atuando junto a comunidade, desconstruindo estigmatizações e discriminações, assim como, promovendo uma maior participação social e política das travestis, reivindicando direitos e promoção da cidadania.

Como refere a citação abaixo, também encontramos relatos a respeito da experiência da violência na pesquisa realizada por BENEDETTI (2000: 37):

*“A violência também se mostrou assustadora e por vezes imobilizadora de minhas ações no campo. Esta violência resultou em mortes ao longo do período de trabalho de campo, que vem se desenvolvendo desde maio de 1995. Aconteceram muitas situações de violência na quadra (...) Muitas vezes a polícia, ou os transeuntes, ou os clientes, ou ainda outras travestis e seus maridos, desafiaram-se em lutas e brigas, por vezes com arma branca e de fogo”.*

As experiências das violências são vividas pelas travestis das mais variadas formas. Se considerarmos as aplicações de silicone, na forma como vem sendo administrada atualmente, por curiosas, as chamadas “bombadeiras”, sem orientação médica e de enfermagem, as quais culminam na morte de tantas travestis, podemos pensá-las como experiências de violência contra si mesmas. Esta questão tem sido apresentada nas discussões nos encontros nacionais de travestis, tornando-se reivindicação junto aos órgãos públicos, para que as cirurgias de implantes de próteses de silicone possam ser realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas com pouca ressonância.

Em nossas observações e escutas, a questão da violência está sempre presente, revelando a alta frequência de estigmatizações, discriminações e agressões físicas e verbais pelas quais as travestis são expostas cotidianamente. O que BENEDETTI (2000) aponta e que também temos encontrado entre as nossas colaboradoras, diz respeito a uma certa naturalização da violência, ou seja, vai sendo construída a banalização da violência, como se

ela fosse natural dentro do universo de relações das travestis, destruindo suas auto estimas e compondo um território de terror e medo.

Mas, além da violência física e verbal temos nos deparado com outro tipo de violência que é denominada “violência estrutural”. Esse modo de violência, se mostra como uma categoria útil de análise, no sentido de tomá-la como processos que foram sendo naturalizados, em decorrência de uma invisibilidade que se infiltra no cotidiano das pessoas, pois não se manifestam de maneira súbita e nem de maneira excepcional, como as guerras, as alterações climáticas ou grandes catástrofes. Ela atua na intimidade da vida cotidiana e poucas vezes são nomeadas como violentas (SEFFNER, 2004).

Pensamos esses processos de violência nas forma como tem sido estudadas por PARKER (2000), que se caracterizariam pela divisão e desigualdades sociais, pela opressão sexual e discriminação de “homens que fazem com sexo homens” (HSH), profissionais do sexo, marginalização e criminalização de “usuários de drogas injetáveis” (UDIs), nas relações de poder e gênero sobre as mulheres, na injustiça econômica sobre os pobres, nas diferenças geracionais, religiosas, raciais, étnicas e de acessos a bens e serviços, que se interagem entre si, de modo sinérgico e intempestivo.

A problematização desses componentes da formação da violência estrutural, fornecem subsídios para o conhecimento das reais formas de vulnerabilidades individuais e sociais que expõe as travestis à tantas formas de estigmatização e violência, conforme temos percebido em nossas observações etnográficas, e que de certa forma são denunciadas nos trabalhos de KLEIN (1996), KULICK (1998), FERNANDEZ (2000) e BENEDETTI (2000).

Seguindo essa lógica, torna-se importante considerar que a violência em sua forma conceitual precisa ser considerada dentro de uma perspectiva história e social, ou seja, ela é sempre processual e atua muitas vezes como ferramenta do poder normatizador, que faz uso da força para destruir toda ação ou modo de existência que de certa forma se contrapõe à norma e a ordem estabelecida. Essa assertiva produz uma cultura da violência, no qual, SEFFNER (2004: 90) fundamenta:

*“Dizer que se vive em uma cultura da violência é dizer que os modos de vida dos membros da sociedade incorporaram a violência em seu funcionamento cotidiano; significa que os sistemas de inter-relações que ligam os indivíduos em conjunto admitem a prática da violência de forma rotineira. Esta é a situação que estamos nomeando como de violência estrutural. Entretanto, acreditamos que a violência, em que pese ter uma positividade produtiva, não é fundante da vida social, ao contrário do que muitas crenças difundem. Os elementos fundantes das relações sociais são principalmente a classe, a raça/etnia, o gênero, a faixa etária, a religião, a nacionalidade, e região, entre outros. Ou seja, a maior parte das relações sociais de que participamos se dá a partir da negociação entre diferenças de classe, raça/etnia, gênero, religião, geração, etc. Essas diferenças são muitas vezes a*

*matéria da própria relação, o que está em jogo nela mesma, aquilo que no momento estamos 'trocando' com o outro".*

A presença da violência nas relações sociais participa da produção da subjetividade, inserindo-se no cotidiano de uma forma em geral, sendo percebido também, e talvez, com mais intensidade ainda, nas relações que compreendem a conexão entre as travestis e a sociedade, que podem ser evidenciadas através de uma cartografia que dê visibilidade aos pontos de conflito entre a comunidade travesti e a sociedade, mapeando assim, estratégias de aproximação e de repulsa entre as diferenças.

O que podemos perceber é que as experiências da violência vivida pelas travestis às colocam cada vez mais à margem de uma sociedade que se organiza através dos processos de normatização, amparadas por verdades que impõem como uma lógica da normalidade que se ampara por modelos absolutos.

Esta condição de serem colocadas à margem da sociedade, trás a necessidade de considerar um processo histórico e social que culmina na idéia de exclusão, processo pela qual as pessoas são qualificadas com atributos negativos e desqualificadores de suas condições de cidadania. A idéia de exclusão deve ser considerada a partir do contexto social e cultural pela qual as pessoas estão inseridas, considerando que uma pessoa não nasce excluída, ela torna-se excluída a partir do momento em que é colocada fora dos circuitos de trocas sociais. A esse respeito, CASTEL (2000: 23) afirma que *"assim é a situação vulnerável de quem vive de um trabalho precário, ou que ocupa uma moradia de onde pode ser expulso se não cumprir com os seus compromissos"*.

A exclusão social vivida pelas travestis apresenta componentes de ordem social, como desemprego, miséria, fome, condições precárias de moradia, etc., mas também é atravessada por premissas de ordem moral que condenam as suas escolhas dos modos de composição existencial, considerando a ousadia que as mesmas apresentam por alterar os limites de seus próprios corpos, na busca da felicidade. Isto por sua vez constitui o que ORTEGA (1999) chama de uma estilística da existência.

Nesta perspectiva, concordamos com CASTEL (2000), quando afirma que ao invés de um tratamento técnico para as situações de exclusão, o que precisamos mesmo é de um tratamento político que contemple essas formas de existência, no sentido de favorecer às mesmas o acesso e participação nas tomadas de decisões da sociedade como um todo.

Como práticas da exclusão, CASTEL (2000) aponta para três subconjuntos que se destacariam como ações de intervenção sobre a expressão das diferenças: no primeiro

subconjunto encontramos “*a supressão completa da comunidade*”, através da expulsão ou da condenação à morte, em que o genocídio seria a forma última de uma política de irradiação total; no segundo subconjunto, as práticas de exclusão consistiria na “*construção de espaços fechados e isolados da comunidade*”, no seio mesmo da comunidade, caracterizados pela formação de guetos ou ainda, de instituições como asilos, hospitais e prisões; e, no terceiro subconjunto, “*a formação de certas categorias da população que permitisse coexistir na comunidade*”, mas com a privação de certos direitos e da participação de certas atividades sociais.

Ao olhar para a realidade das travestis, podemos perceber a presença desses subconjuntos da exclusão, que ao longo dos tempos foram sendo construídos, e que nos deparamos com as notícias de assassinatos, prisões arbitrárias ou ainda de algumas formas de tolerância, desde que as travestis saibam “como se comportar de acordo com os padrões morais e se colocar nas situações”.

Apesar de algumas conquistas da comunidade travesti, dada a organização social e política empreendida pelos diversos grupos de emancipação das travestis no Brasil, ainda tem muito trabalho a ser feito, no sentido de promover ações de tolerância para com as travestis na sociedade, de modo a favorecer às mesmas terem oportunidades iguais e acesso à programas de inclusão social, econômica, política e cultural. A esse respeito, propomos a apresentação de alguns dados a respeito da organização social e política de gays, lésbicas, travestis e transexuais, que vem se estabelecendo ao longo das últimas décadas no Brasil, conforme apresentamos a seguir.

#### 4 HOMOSSEXUALIDADE E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL

As notícias que dispomos a respeito da organização social e política de gays, lésbicas, travestis e transexuais no Brasil (PARKER, 2002; TREVISAN, 2000; GREEN, 1999; FLY & MACRAE, 1986), tem sua fundação marcada por acontecimentos internacionais, assim como, pelas experiências vividas por exilados políticos gays, que ao retornarem do exílio para o Brasil, trouxeram novas idéias e pensamentos libertários.

Como marco histórico e fundamental para uma reflexão a respeito de uma expressão homossexual politizada, podemos tomar o dia 28 de Junho de 1969, conhecida como a “experiência do Stonewall”, quando em um bar de Nova York, gays enfrentaram policiais que os perseguiram. Esta experiência deu origem às comemorações do dia 28 de junho como “Dia Internacional do Orgulho Gay”. (TREVISAN, 2000)

Essa experiência favoreceu para que diversos grupos gays se empoderassem assim como novos grupos se formassem, como o *Mattachine Society*, nos Estados Unidos, e o *Arcadia*, na França, conforme nos informa TREVISAN (2000). Enquanto se dava o enfrentamento do estigma e da discriminação no Bar Stonewall, em Nova York, aqui no Brasil experimentávamos a opressão da ditadura militar, que não só reprimia, como prendia e matava as dissidências que não acatavam suas determinações, de ordem, respeito e submissão às ordens expedidas. (FRY & MACRAE, 1986; TREVISAN, 2000)

No ano de 1969, com o domínio da ditadura militar, foi decretado o AI-5, que estabelecia o fechamento do congresso, suspendia os direitos constitucionais, nomeando o general Emilio Garrastazu Médici como novo presidente do Brasil. Paralelamente à repressão e opressão da ditadura militar, tínhamos o auge da galeria Metrôpoles, em São Paulo, e a Galeria Alasca, no Rio de Janeiro, famosos redutos gays que atraíam visitantes de diversas partes do país e do mundo. No Rio, mais especificamente, por ocasião do carnaval, festas, bailes e desfiles favoreceram a visibilidade homossexual, que a cada ano foi ampliando as oportunidades de empregos, divertimentos e confraternização dos mais diversos grupos gays, lésbicos, de travestis e de transexuais. (GREEN, 1999; TREVISAN, 2000)

Além dos “points” de cassação, nesta mesma época surgem as boates gays, com forte influência dance, tais como a Sótão, no Rio de Janeiro, e a Medieval, em São Paulo. Mas, tínhamos também o auge da repressão policial, com batidas freqüentes, principalmente no eixo Rio - São Paulo, na qual, a maior expressão de repressão à travestis e gays nas ruas paulistanas, respondia pelo nome do delegado José Wilson Richetti. Denunciados por FRY &

MACRAE (1986) e TREVISAN (2000). Richette foi um delegado que pregava a “limpeza” das ruas e da sociedade, humilhando, espancando e violentando as prostitutas, as travestis e os gays, tanto nas ruas, como nas boates e bares frequentados por essa população.

*O ano de 1975 marca a abertura política no Brasil e a volta dos exilados políticos, ocorrendo uma renovação de idéias e pensamentos, marcados principalmente pelos movimentos das lutas feministas, dos negros e ecologistas, com novas propostas de organização e lutas. Este mesmo ano recebeu a indicação de Ano Internacional da Mulher, marcado pelos questionamentos a respeito das questões de gêneros. Em 1976 surge o primeiro jornal feminista, Nós Mulheres, e em 1977, ocorre uma reunião de artistas, intelectuais e jornalistas gays, no apto do pintor Darci Penteado, para conversar sobre a publicação de uma antologia literária gay, organizada por Winston Leyland, fundador do Gay Sunshine Press, de São Francisco, Califórnia (TREVISAN, 2000: 338)*

Em abril de 1978 se deu a fundação do Jornal *Lampião da Esquina*, primeiro jornal de circulação nacional vendido em bancas de revistas, e na seqüência do mesmo ano, é fundado o Grupo Somos, em São Paulo/SP., primeiro grupo de militância homossexual brasileiro a reivindicar direitos sociais e civis da comunidade gay no Brasil. Orientados pelo modelo do Grupo Somos, diversos grupos começaram a aparecer no cenário nacional tais como em Brasília, João Pessoa, Recife, Niterói, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, de acordo com as informações colhidas em TREVISAN (2000).

Outro marco importante, culminou com o debate público sobre homossexualidade, na Faculdade de Ciências Sociais, da USP, no dia 8 fevereiro de 1979, quando diversas pessoas presentes deram início a visibilidade de suas homossexualidades, falando em nome próprio. Neste mesmo ano, ocorre o primeiro concurso *Miss Gay 79 – Versão Miss Brasil Gay*, em Juiz de Fora/MG. (GREEN, 1999; TREVISAN, 2000)

Na década de 80, logo em seu início, tivemos a ocorrência do I Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais, em São Paulo/SP., contando com a presença de 200 participantes, e sendo marcado pela fundação do Grupo Gay da Bahia (GGB), importante grupo de luta pelos direitos dos homossexuais brasileiros, citado por TREVISAN (2000). Nesta década, mais precisamente no ano de 1981 tivemos a notificação dos primeiros casos de AIDS, notificados na cidade de Los Angeles, EUA, e em 1983 no território brasileiro.

Marcada inicialmente como “peste gay”, a AIDS se associava a idéia de grupos de riscos, sendo posteriormente revista e conjugada a idéia de comportamentos de riscos, espalhando-se por todas as classes sociais, raças/etnias e gêneros, evidenciando preocupações com as vulnerabilidades individuais e sociais, que facilitavam às pessoas estarem mais expostas aos riscos de infecção e re-infecção pelo HIV/AIDS. (TERTO JR, 1997)

Como respostas possíveis à epidemia, a comunidade homossexual de São Francisco / EUA, cria uma modalidade de prevenção que viria a ser conhecida como “*Safe Sex*”: práticas de sexo seguro, privilegiando o uso do preservativo como prioridade na contenção do alastramento da epidemia, e que viria a ser empreendida pelos mais diversos grupos de gays, lésbicas e transgêneros em todo o mundo. Como consequência, nos anos noventa, tivemos uma estabilização nas notificações de casos entre homossexuais e uma maior concentração em notificações de novos casos entre as relações sexuais heterossexuais e UDIs. (PARKER, 2000; TERTO JR, 1997)

Paralelamente a luta contra a epidemia do HIV/AIDS, outro enfrentamento se fazia necessário, e dizia respeito a desconstrução dos processos de estigmatização e preconceitos vividos pela comunidade GLBT. Assim, em 1983, o GGB lança campanha junto ao Ministério da Saúde contra o código nº 302.0 do Código Internacional de Doenças (CID), no qual o homossexualismo estava incluído como “desvio” e “transtorno sexual”. A homossexualidade, passa então, no CID, a contar sob o nº 206.9, especificada em “outras circunstâncias sociais”. (TREVISAN, 2000)

Durante a década de 80, encontramos a emergência de diversos grupos de homossexuais, que a partir do enfrentamento da epidemia do HIV/AIDS, dão início a discussões que contemplassem a cidadania dos homossexuais, ou seja, o direito a ter direitos. Mas, será na década de 90 que encontraremos uma militância mais organizada, agora desmembrando gays, lésbicas, travestis e transexuais em organizações específicas, compondo uma grande rede de comunicação que deram origem em 1995 à criação Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT). (TREVISAN, 2000)

Será na década de 90 que veremos a eclosão da *Gay Pride* no Brasil, reunindo a cada ano uma crescente participação, que culminou em mais de um milhão e meio de pessoas em 2004, na maior parada gay do mundo, que ocorre na cidade de São Paulo, que TREVISAN (2000), denominou como sendo a “parada do amor”.

Paralelamente percebemos uma maior visibilidade por parte das transgêneros brasileiras, assim como da organização do movimento das lésbicas, que eclodem em grupos que se espalham por todo o território nacional. Entre os diversos seguimentos homossexuais, as travestis vem se destacando no cenário nacional através da organização social e política de sua comunidade, criando estratégias de enfrentamento da epidemia do HIV/AIDS, assim como, de enfrentamento aos diversos processos de estigmatização e discriminações que as mesmas são expostas em nossa sociedade. Esta parcela da população homossexual talvez seja a mais

excluída, tendo a primeira experiência da exclusão experimentada na sua própria família. (PERES, 2004)

Essa exclusão vai se intensificando a partir das discriminações que vai vivendo entre a vizinhança, a escola, a igreja, o local de trabalho, destruindo a auto estima e empurrando-as para à margem social. Sem família, sem escola, sem trabalho, as possibilidades de sobrevivência ficam restritas à trabalhos marginais (tráfico, por ex.) e a prostituição propriamente dita.

Entre os gays e lésbicas não seria muito diferente. Apesar de muitos gays e lésbicas serem discretos e conseguirem negociar tolerâncias com os familiares e amigos, a experiência da exclusão pode ser pensada em termos de intensidades, se considerarmos que os gays ou lésbica discretos são menos discriminados que gays e lésbicas “assumidos”; que gays e lésbicas brancas são menos discriminados que gays e lésbicas negras; que gays e lésbicas ricas/classe média são menos discriminados que gays e lésbicas pobres / periferia. (AGGLETON & PARKER, 2001)

Podemos problematizar a exclusão vivida por gays, lésbicas, travestis e transexuais, de modo a considerarmos alguns fatores que contribuem para a produção da exclusão: exclusão por orientação sexual; exclusão por classe social; exclusão por raça e etnia; exclusão por gêneros. Essas diversas formas de exclusão contribuem para a destruição da auto estima e do sentimento de solidariedade de gays, lésbicas, travestis e transexuais entre seus pares, de modo a promover subjetividades empobrecidas que naturalizam a exclusão e levam as pessoas a aceitarem migalhas de cidadania, tornando-as cada vez mais cidadãos de segunda categoria. (PERES, 2004)

Problematizar a exclusão social, econômica, política, cultural e de gêneros pela qual se encontram milhares de homossexuais, solicita a necessidade de se problematizar a respeito da violência estrutural, dos direitos humanos, da cidadania e das políticas públicas que possam contribuir para promoção da inclusão e da tolerância frente as diferenças.

A violência estrutural aponta para a promoção de desigualdades que tem sido produzidas a partir do aumento dos grandes bolsões de pobreza e miséria entre a população brasileira e da ausência de políticas públicas que se empenhem para dar conta das reivindicações e necessidades da população gay, lésbica e transgêneros, assim como, pelas opressões e violências experimentadas em decorrência da orientação sexual e de gêneros.

A relação estabelecida por gays, lésbicas, travestis e transexuais com os profissionais da educação, da saúde e da segurança pública tem sido as mais complicadas, considerando a presença muito forte da homofobia e o despreparo para trabalhar com essa população, dado

que, nos programas didáticos acadêmicos raramente são contempladas as novas identidades sexuais e de gêneros que tiram o sossego dos profissionais onipotentes, por suas formações fragmentadas, quer sejam médicos, professores, psicólogos, enfermeiros, advogados, etc..

Paralelamente temos a questão da participação social e política de gays, lésbicas, travestis e transexuais que constroem reivindicações a respeito de seus direitos, solicitando uma maior participação nas tomadas de decisões da sociedade, exigindo respeito e tolerância, de modo a construir cidadania plena, igualitária e solidária, cujas dificuldades impossibilitam uma maior tomada de consciência sobre essas demandas. Desse movimento intensificado nos anos 90, a militância homossexual dá início à algumas negociações com setores do governo brasileiro, e a partir desses contatos passa a participar e compor algumas cadeiras do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, do Ministério da Justiça, contemplando representantes de gays, lésbicas e transgêneros.

Movido pela pressão do movimento gay organizado, o governo do período de 2003 a 2005, promove alguns ensaios na busca do enfrentamento dos processos de estigmatização sofrido pelos homossexuais no Brasil, lançando uma campanha denominada *Brasil Sem Homofobia*, envolvendo diversos ministérios do planalto, entusiasmando uma parte da militância, e promovendo desconfiança por outros mais cépticos. Na verdade, parece que a campanha ficou na intenção, pois passado o “bum” do lançamento, pouco se ouve falar a respeito.

Do mesmo modo, no ano de 2003, o governo brasileiro lança uma campanha específica para a promoção da tolerância e respeito para com as transgêneros, construindo cartazes e folders com o título *Travesti e Respeito*, além de cartilhas dirigidas para três setores: para profissionais da saúde, da educação e outro voltada especificamente para a comunidade transgênero. Do mesmo modo como aconteceu com a campanha *Brasil Sem Homofobia*, passado o calor do lançamento, pouco se ouve falar sobre esse processo, que segundo algumas travestis participantes do XII ENTRAIDS (2004), dá a impressão de uma farsa com a finalidade de conter as pressões e reivindicações que são feitas pela comunidade transgênero no Brasil.

A partir da organização social e política de gays, lésbicas e travestis no Brasil, que teve seu início nos anos 60/70, concomitantemente com o movimento feminista, vamos perceber a emergência de grupos organizados em prol da defesa dos direitos homossexuais, fomentando o que PARKER (2002) e CASTELLS (1999) tem denominado “*culturas de resistências*”.

Essas culturas de resistências se encontram intimamente atreladas às culturas do desejo, desenhando novas formas de relações que contemplam a diversidade, a diferença e a

singularidade, solicitando novas formas de compreensão e tolerância para com as novas demandas sociais, políticas, culturais e de gêneros. (PARKER, 2002)

A presença da diversidade sexual nos estudos de PARKER (2002), vem sendo analisada principalmente nos grandes centros urbanos brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza, que tem se mostrado cada vez mais complexa e variada, solicitando novas problematizações. A esse respeito, nos aponta PARKER (2002: 72):

*“Nas últimas décadas, esta subcultura urbana tornou-se rapidamente mais visível e multidimensional, decompondo-se em várias subculturas diversas (embora sobrepostas), cada uma com suas próprias particularidades e especificidades – mundos sociais múltiplos que devem ser encarados como subculturas diferentes do desejo, organizadas em torno de formas variadas de práticas do mesmo sexo e, ao mesmo tempo, como culturas de resistência, que proporcionam pelo menos uma proteção parcial contra a violência, o estigma e a opressão encontrada no mundo exterior”.*

Paralelamente à organização de grupos gays e lésbicos surgidos nos anos 60/70 do século XX, podemos perceber toda uma organização econômica, de interesses de mercado, de exploração de uma população que cresce, ganha visibilidade e promete possibilidades de lucro: os homossexuais.

As pesquisas realizadas por GREEN (1999), e os estudos feitos por TREVISAN (2000), apontam que na década de 70, já existiam algumas boates e bares com frequência eminentemente homossexual, que favoreciam a emergência de uma cultura gay que lançava moda, que criava estilos de vida, modos diferentes de comportamentos, enfim, criavam novos modos de existencialização. Neste período já circulavam jornais e revistas com enfoque exclusivo sobre a cena gay, tais como o jornal *Snob* (década de 60) ou *Lampião da Esquina*, na cidade do Rio de Janeiro, marcando o início de muitos outros jornais e revistas que viriam a ser produzidos no anos seguintes. (GREEN, 1999; TREVISAN, 2000)

Surgiram lojas e sapatarias especializadas para atender ao público homossexual, com roupas e adereços para todas as tribos, quer fossem “*clubbers*”, quer fossem “*barbies*”, “*drag queens*” ou travestis. Eram necessários artigos específicos, como sapatos com grandes numerações, acessórios artísticos, de sado-masochismo, maquiagens, perucas, etc., conforme apontamentos de TREVISAN (2000). As boates gays se proliferaram por todo o país, algumas mais simples, outras mais sofisticadas, dependendo da classe social de gays, lésbicas e simpatizantes que o comerciante deseja atingir. Uma denúncia que tem sido feita nos encontros de travestis, diz respeito a tentativas de impossibilitar a entrada de travestis em algumas boates e saunas gays, cobrando preços abusivos de ingressos, ou até mesmo barrando-as na entrada. Em 2004, o *Núcleo de Transgêneros da Associação da Parada do*

*Orgulho Gay de São Paulo*, promoveu manifestações em frente da Termas Fragata, no bairro da Aclimação, devido as travestis serem proibidas de freqüentar a referida sauna. Como consequência, a direção da sauna se retratou e passou a autorizar o acesso às travestis (conforme discussão na lista pela internet da ABGLT).

Ainda sobre as saunas e termas voltadas para o público masculino, encontramos algumas que se categorizam pela freqüência de faixa etária (espaços com maior ou menor predominância de gays mais velhos/jovens), por identificações (maior freqüência de gays masculinos, de travestis, de lésbicas, de garotos de programas ...) entre outros atributos, (TREVISAN, 2000).

Neste cenário contemporâneo podemos evidenciar o surgimento de um mercado “cor de rosa”, ou o surgimento do “*pink money*”, voltado exclusivamente para explorar a população homossexual (PARKER, 2002), e que veio se aprimorando cada vez mais, ampliando as áreas de atuação, contemplando turismo (agências GLS), planos de saúde (contemplando casais/famílias gays), etc. (TREVISAN, 2000)

Algumas discussões realizadas por PARKER (2002) reflete a respeito da ausência de teor político neste tipo de mercado, que ao invés de promover modos de enfrentamento da estigmatização, contribuem mais ainda para a promoção das desigualdades sociais entre gays, lésbicas e transgêneros, dados os altos custos de seus produtos e a elitização dos modos de vida gay.

Um ponto interessante diz respeito às parcerias que algumas empresas comerciais “*friendly*”, vem estabelecendo com o movimento GLBT, como é o caso de instituições que tem financiado as paradas do orgulho gay (*Gay Pride*), eventos do *Mundo Mix*, *Mostra Mix de Cinema*, entre outros eventos por todo o país que são apontados nos estudos de TREVISAN (2000). Essas aproximações entre os ativistas e as empresas necessitam da criação de estratégias que possam favorecer uma maior entrada de mídia, de modo a esclarecer a respeito das diferenças, promover a tolerância e a solidariedade entre os homossexuais e a sociedade, de modo a conscientizar a população de lutas comuns que dizem respeito a todo mundo. Essas culturas de resistências seriam produzidas a partir da organização social e política de grupos marginalizados, tais como, os gays, as lésbicas e travestis, mas também, dos negros, das mulheres, dos deficientes físicos, dos índios, conforme vem sendo problematizadas nas pesquisas realizadas por PARKER (2002), TREVISAN (2000), GREEN (2000), entre outros, assim como, no caso das travestis, os trabalhos realizados por KLEIN (1998), BENEDETTI (2000), e nos estudos realizados com as travestis argentinas por FERNANDEZ (2000).

Estes estudos abriram novas perspectivas de análises a respeito das homossexualidades e dos estilos de vida gays e lésbicos, rompendo com as análises simplistas anteriormente realizadas (sob orientação da biomedicina), conjugando-se a novas considerações em torno da idéia de comunidade, conforme as discussões apresentadas por ALTMAN (1995), que, para além da referência geográfica, como conjunto de vizinhança, de uma escola, de um grupo profissional, ou redes de apoio e de (homo) socialização com familiares e amigos, privilegiam as formas de organização social e política das pessoas. Uma perspectiva nova que se expressa no mundo contemporâneo, a organização comunitária, tem se evidenciado como uma nova força social e política, que não só problematiza as ações governamentais executadas, como interfere e participa das elaborações de novos programas e políticas públicas.

Essas questões viriam de encontro a leitura feita por CASTELLS (1999), de que a maior resposta possível a ser dada para a globalização, seriam os efeitos produzidos pela organização social e política de organizações locais. Como forma ampliada do conceito de comunidade, ALTMAN (1995: 26) propõe a expressão *organização de base comunitária*, de modo a privilegiar questões sociais, econômicas, políticas e culturais específicas que dialogam entre si. Essas organizações se multiplicaram nos últimos vinte anos, através das organizações não governamentais, promovendo ações coletivas relacionadas às mais variadas temáticas, quer no plano da intervenção, da assistência ou de *advocacy*. São organizações sem fins lucrativos e que se processam através da vontade política de algumas pessoas, de atender algo da realidade que pede mais cuidado e atenção. A força do termo comunidade, nos diria ALTMAN (1995: 26) “*está em sua associação tanto atributiva quanto voluntária: existem ecos do senso de família, de irmandade / fraternidade*”.

Entre as organizações que promovem a defesa dos direitos e da cidadania das travestis que conhecemos, a sustentabilidade tem sido feita a partir de alguns projetos que são financiados em parceria com o PN-DST/AIDS, do Ministério da Saúde, ou ainda com o Ministério da Justiça, e alguns convênios locais. A grande contrapartida dada pelas ONGs, diz respeito aos recursos humanos, às pessoas disponíveis para serem voluntárias da organização, movidos por ideais de justiça e de solidariedade humana.

Estas organizações mostram novas formas de organização da sociedade, privilegiando novos valores e significados, novas ações e atribuições, novos desejos e investimentos, novas práticas e novos saberes. Essa ebulição de novas identidades sexuais e de gêneros, solicita uma nova escrita da história, uma nova leitura da realidade que contemple a vida sob uma outra lógica: da ética e da solidariedade.

Apesar de uma tendência do tema travesti muitas vezes ser confundido com a homossexualidade, o que percebemos na atualidade diz respeito a um percurso particular de organização social e política das travestis brasileiras, que apesar da sua autonomia, marcada pelo surgimento e manutenção anual de encontros nacionais das travestis (ENTRAIDS), existe uma preocupação por parte de suas lideranças, para que se mantenha articulações com outros seguimentos do movimento homossexual organizado, no estabelecimento de parcerias com as diversas expressões da homossexualidade.

Os encontros nacionais de travestis tiveram sua origem em 1993, em decorrência da organização de alguns grupos de travestis que se aglutinaram com a finalidade de promover ações e estratégias de enfrentamento da epidemia da AIDS. Nesses encontros, foram sendo desenvolvidas discussões temáticas diversas, que, juntamente com as questões de prevenção, passaram a priorizar conversas em torno das diretrizes dos direitos humanos e construção da cidadania, promovendo debates e elaboração de monções de agradecimentos às pessoas e organizações parceiras, elencando propostas geradas pelo coletivo na busca de soluções para os problemas vividos pelas travestis brasileiras.

Assim, em 1993, tivemos o I ENTLAIDS, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro/RJ., contando com a presença de 65 participantes. Dois anos depois, em 1994, aconteceu o II ENTLAIDS, na cidade de Vitória/ES, contabilizando a participação de 40 travestis. Ficou estabelecido que os próximos encontros aconteceriam alternadamente, sendo um ano no Rio e no outro em outra localidade a serem definidas nos referidos encontros.

Desta feita, em 1995, o III ENTLAIDS aconteceu no Rio de Janeiro/RJ, contando com a presença de 120 participantes. Por problemas de ordem financeira, e de estratégia logística, o IV ENTLAIDS, ocorrido em 1996, novamente foi sediado pela cidade do Rio de Janeiro/RJ, marcado pela presença de 120 travestis. Já em 1997, ocorreu o V ENTLAIDS, sediado na cidade de São Paulo/SP, que contou com a presença de 280 participantes. Em 1998, conforme o combinado no evento anterior, a cidade do Rio de Janeiro volta a ser sede do VI ENTLAIDS, contando com a presença de 240 pessoas.

Em 1999, quando passamos a freqüentar os encontros nacionais das travestis, o VII ENTLAIDS, foi acolhido pela cidade de Fortaleza/CE, contando com a presença de 250 participantes, tendo seu término culminado em uma passeata pela orla marítima, em comemoração ao dia do orgulho gay. No ano de 2000, o VIII ENTLAIDS foi organizado em Cabo Frio/RJ, com 200 participantes. Neste encontro tivemos a nossa primeira participação na Rede Nacional das Travestis (RENATA), até então, reunião fechada para pessoas que não fossem

travestis, que viria dois anos depois a ser transformada na Articulação Nacional das Transgêneros (ANTRA).

No ano de 2001, Salvador seria a sede do encontro nacional, mas por problemas na organização, o mesmo foi cancelado, voltando a ocorrer em 2002, quando Curitiba se responsabilizou pelo IX ENTLAIDS, com 250 participantes. Em 2003, comemorando o aniversário de 10 anos de ENTLAIDS, aconteceu em Porto Alegre/RS, o X ENTLAIDS, com 250 participantes. Neste mesmo ano, no mês de dezembro, ainda em Porto Alegre/RS, se deu a criação da Articulação Nacional das Transgêneros (ANTRA), uma organização nacional que congregaria as diversas organizações de travestis e transexuais que se encontram espalhadas por todo território brasileiro, e que estabeleceria contato e parceria com outras organizações internacionais, desde que contemplassem a defesa dos direitos humanos e sexuais das transgêneros.

Em 2004, foi realizado o XI ENTRAIDS (no encontro anterior ficou decidido que seria retirado a letra "l" de liberados, passando a ser identificado como Encontro Nacional das Transgêneros (ENTRAIDS), na cidade de Campo Grande/MS, contando com a presença de 200 travestis, e que deliberaram a cidade de Florianópolis/SC, como sendo a cidade sede do XII ENTRAIDS. (As informações sobre os ENTLAIDS foram coletadas no site do XI ENTRAIDS – 2004)

Foram através desses encontros que pudemos conhecer as grandes lideranças nacionais do movimento brasileiro de transgêneros, e que de certa forma, permitiu nossas aproximações de amizade, respeito e admiração, por uma comunidade singular que luta por seus direitos e constroem suas cidadanias, permitindo-nos uma maior aproximação com as colaboradoras de nossa pesquisa.

Essas colaboradoras contribuíram com a coleta de dados realizada por nós, através de suas histórias de vida e de cenas que vivemos juntos em diversas situações, quando de minhas visitas às suas casas, no contato com seus familiares e amigos, além de outras atividades relacionadas com festas e ações de prevenção para com outras travestis, que as mesmas realizavam, que poderão ser constatadas através das construções das cartografias existenciais, que apresentamos como material de nossa pesquisa.

Essa dimensão sócio-histórica constitutiva das cartografias existenciais das travestis brasileiras, produtoras de pontos de resistências frente aos processos de estigmatização, se coaduna com apontamentos de PARKER (2002: 27) de que

*“Ao focalizarem as questões internas, do poder do gênero sexual, de raça e de etnia, classe social e assim por diante, essas abordagens estimularam assim compreensões mais*

*dialéticas da relação entre contextos e culturas locais, por um lado, e dos processos sociais e históricos mais amplos, por outro”.*

A partir dessas novas considerações, passamos a encontrar análises que contemplam aspectos sociais, econômicos e culturais que até então não eram considerados nos estudos sobre as travestis, passando a priorizar com mais ênfase o coletivo em detrimento do individual.

Complementando teoricamente as questões voltadas para a sub-cultura travesti, associados às questões de corpo, sexo, gêneros, sexualidades, práticas sexuais e desejos, a experiência da exclusão vivida por essa comunidade solicita, a nosso ver, a emergência de definição e uso do termo cidadania e das práticas que poderiam promover a emancipação psico-social e política dessas pessoas. Assim, no próximo capítulo, apresentamos nossas identificações com idéias sobre cidadania que contribuem para o nosso estudo.

## 5 A IDEIA DE CIDADANIA

O trabalho com populações marginalizadas e excluídas em nossa sociedade, vem sendo marcado pela percepção da ausência de políticas públicas que possam contemplar ações mais comprometidas com a inclusão social e diminuição das desigualdades sociais, econômicas e culturais. Neste sentido, acreditamos na necessidade de estabelecer estratégias que favoreçam a promoção da auto estima das travestis, assim como, de produção do sentimento de solidariedade entre seus pares, favorecendo a inserção no espaço social e coletivo, garantindo a sua participação nas discussões e tomadas de decisão da sociedade como um todo. A esse exercício de participação social e política nas tomadas de decisão da sociedade damos o nome de cidadania.

Essa perspectiva da cidadania participativa, dentro de um viés mais politizado, pode ser encontrado nos estudos realizados por PAIVA (2002: 26):

*"Do ponto de vista subjetivo e individual, as ações que promovem também a cidadania e estimulam as pessoas a serem agentes de sua vida integral, sujeitos que escolhem e decidem, adaptam os guias e propostas à sua realidade e são apoiadas nesse caminho, permitem às pessoas refletirem e modificarem modos de vida, uma atitude ou seu comportamento, conscientes da teia que engendra sua vulnerabilidade. A conscientização do contexto permite a plasticidade de lidar com os obstáculos nos cenários mais vulneráveis, que depende do sujeito atento que constrói para si práticas aceitáveis na sua vida real, ou participa da mobilização de grupos e comunidades buscando diminuir as dificuldades compartilhadas no ambiente social em que vivem. Politizar diante de nós mesmos significa poder reconhecer novas necessidades, dar voz interna a desejos inéditos, empoderar novas faces, atualizar personas, potenciais não vividos, virtualidades do vivido nunca antes considerados, reprimidos, estimulados ou emergentes diante de novas situações de vida ou mobilizados por contextos coletivos. É poder negociar e transformar nosso velho eixo de identidade, maleabilizar e mudar velhos papéis."*

O exercício da cidadania na atualidade tem sido construído a partir da organização de pessoas com necessidades comuns, que se agrupam para conversar, problematizar e criar estratégias de empoderamento e enfrentamento, de modo a participar das discussões e tomadas de decisões da sociedade, contribuindo para que tenhamos uma sociedade mais justa, igual e solidária. Para ÁVILA (1999: 41)

*"a cidadania é o conceito que dá sentido à idéia de exclusão social. Quando falamos de excluídos e excluídas, estamos nos referindo a pessoas que não desfrutam dos direitos básicos para serem consideradas cidadãs, que incluem entre outros, a participação política, a liberdade de expressão e organização, o acesso aos benefícios sociais, ao trabalho remunerado, à proteção legal".*

Nossas observações e escutas nas oficinas semanais que realizamos, assim como, alguns dados apresentados por BENEDETTI (2000), KLEIN (1998) e FERNANDEZ (2000), denunciam diversos contextos que apresentam as travestis em situação de exclusão, revelando as desigualdades pelas quais as mesmas são destituídas de suas condições de cidadania. As exclusões vividas pelas travestis, e de outros grupos marginalizados, são produzidas através das condições sociais de vida, que são denunciadas, como nos aponta ÁVILA (1999: 41) pelos *"movimentos sociais e políticos, através de suas lutas, que vizibilizam as formas de exclusão e denunciam as suas causas"*.

O surgimento de grupos voltados para os direitos das travestis, mais perceptivelmente nos anos 90, dando maior visibilidade à essa comunidade, apresentava como demandas iniciais a prevenção das DST/HIV/AIDS, mas com o tempo, foi-se percebendo a necessidade de outras problematizações, que denunciavam a violação dos direitos humanos dessas pessoas, assim como, a ausência de políticas públicas voltadas para esse setor social, tornando necessário a produção de estratégias de enfrentamento político aos processos de estigmatização, preconceitos e discriminações, marcados pelos processos de naturalização que enfraquecem qualquer possibilidade de crença nas mudanças sociais.

Nossos estudos e observações a respeito do panorama atual, mostram que as organizações de enfrentamento político das exclusões, realizadas pela militância social e política, são muito importantes, pois como nos adverte ÁVILA (1999: 41) *"o processo político altera a representação social sobre essas causas, que estavam absolutamente naturalizadas no senso comum, tornando-se, portanto, formas evidentes da existência social"*.

Será através da organização social e política que as travestis darão início a discussão sobre seus direitos, problematizando sobre suas reais necessidades, de modo a contribuir para que a sociedade possa se tornar mais tolerante e solidária. Através das lutas políticas teremos a introdução de novas questões para o debate, de modo a solicitar revisão permanente de valores e significados, para que se possa forjar a criação de novos direitos, assim como, de promoção do sentimento de pertença a um determinado grupo, para que as mesmas se fortaleçam para o enfrentamento dos processos de estigmatização e exclusão social (CASTELLS, 1999).

Pensar novos direitos, aponta ÁVILA (1999: 41) *"exige uma reestruturação do conceito de cidadania"*, de modo a contemplar as novas identidades sexuais e de gêneros que vem ganhando maior visibilidade nos últimos anos. Para que essa revisão do conceito de cidadania se processe, novas estratégias precisam ser fomentadas, de modo a ampliar as oportunidades de participação social e política da comunidade travesti, revertendo a aceitação naturalizada

do estado das coisas e dos modos de existência, para construir novas identidades cidadãs. Essa reversão, por sua vez, será evidenciado através da recusa daquilo que DANIEL & PARKER (1991) chamaram de *"morte civil"*.

Essas estratégias de enfrentamento dos processos de estigmatização, preconceitos e discriminações, poderão colaborar para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, de modo a construir novas formas de relações sociais, em uma perspectiva inclusiva e democrática.

A expansão da idéia de cidadania solicita a sua problematização, para que vá além do sujeito pensado como consumidor, ou seja, para que os sujeitos possam criar novas realidades, diferentes dos modelos previamente dados, ou de produtos que foram formatados em outros contextos e por outras pessoas, que se voltem para as suas reais necessidades e desejos.

A perspectiva capitalista de organização social, econômica e política determina os bens e serviços que devem ser consumidos, sem levar em consideração as necessidades reais de determinados grupos ou coletivos. Esse movimento se mantém pela produção intensa da desigualdade social, que naturaliza as péssimas condições de vida de determinados grupos, naturalizando e reproduzindo a crença de que as desigualdades sociais sempre existiram e sempre existirão nos moldes como são apresentadas e impostas .

Em uma outra perspectiva, nos identificamos e compartilhamos, com a reflexão apresentada por PAIVA (2002: 24), a respeito do indivíduo – cidadão:

*"O indivíduo – cidadão compartilha direitos e responsabilidades como alguém que se pensa como parte de um contexto maior, sobre o qual exerce influência, se colocando como agente e sujeito de suas ações (...) Nesta perspectiva, lida-se com a desigualdade sempre pensando em ampliar os beneficiários, em como incluir. A desigualdade não é natural, é socialmente construída e pode ser desconstruída e superada, coletivamente".*

Os esforços organizados na conscientização das pessoas excluídas e marginalizadas e na produção de estratégias de enfrentamentos dos processos de estigmatização e discriminações, favorecem para que as pessoas se sintam *no direito a ter direitos e de criar direitos*, de ter acesso a bens e serviços de qualidade, e de escolher as formas mais adequadas para suprir suas necessidades sociais, econômicas, políticas, culturais, sexuais e de gêneros. Porém, essas ações conscientizadoras e emancipatórias nem sempre são muito fáceis de serem efetivadas, pois como bem pontuou PAIVA (2002: 26): *"um processo politizado, emancipatório, é sempre mais difícil, pois a arte da política é a arte da negociação, é menos 'glamouroso' e depende de tempo e paciência"*.

Para a efetivação de ações políticas e emancipatórias de grupos excluídos e marginalizados, como é o caso das travestis brasileiras, temos encontrado algumas propostas

teóricas, que quando aplicadas na prática, podem se mostrar bastante eficientes e funcionais, de modo a promover o enfrentamento de dispositivos e ações do poder.

A idéia de AGGLETON & PARKER (2001) a respeito dos processos de estigmatização e sua relação com a produção das relações de poder, que promovem desigualdades sociais, nos permitem problematizar os modos de estigmatização, tomando como objeto útil de análise as questões do poder. Poder que é experimentado em todas as instancias da vida social, econômica e política, e que na visão de FOUCAULT (1985: 88-99), deve ser entendido

*“como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais”.*

Nesta perspectiva, todas as relações estabelecidas são relações de poder, e como tal, trazem em seu bojo um contra poder, ou seja, uma resistência. É nessa direção que FOUCAULT (1985: 91) afirma *“que lá onde há poder há resistência e, no entanto, (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder.”*

Para este autor, as correlações de poder

*“não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. Portanto, não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder”.* (FOUCAULT, 1985: 91)

Este modo de análise do poder e da resistência pode ser tomado como problematização das cenas de estigmatização vividas pelas travestis brasileiras e de como respondem politicamente e constroem estratégias de luta e resistência para a defesa de seus direitos e a construção da cidadania.

No centro dos modos de subjetivação nos deparamos com movimentos de organização social e política das travestis e transexuais brasileiras, que passam a reivindicar direitos a ter direitos, participando das tomadas de decisões e reivindicando respeito e tolerância para com as diferenças. Esses movimentos contribuem para a mudança de

perspectiva frente à vida, de poder fazer com que as pessoas possam novamente acreditar na vida e se sentirem realmente como cidadãs. Este processo de participação e organização social e política, que chamamos de promoção da cidadania (PAIVA, 2002), pode ser entendido através daquilo que FOUCAULT (2003) denominou como *"encontros com o poder"*.

Foucault se apropria da teoria das forças nietzschiana para conceber uma teoria sobre o poder, que não se centraria em algo ou alguém, mas que se efetuará por todas as relações humanas, amparadas por dispositivos de saberes e práticas que por sua vez se orientariam pelas idéias de norma, disciplina e controle.

Essa trilogia formada pela norma, disciplina e controle, promove toda uma tecnologia de controle dos corpos e de regulação das populações, estabelecendo toda uma subjetivação de normatização, que administrará a manutenção da ordem estabelecida, com seus valores, sentidos e discursos, e excluirá e punirá toda expressão da existência que se contraponha aos modelos dados. Por sorte, como bem aponta Foucault (1986), todo poder traz em seu bojo, um contra poder, ou seja, toda imposição feita pelo poder, terá no sentido contrário, uma resistência.

Seguindo os passos de Foucault de que o poder se dá em todas as relações, e tomando os processos de estigmatização como relações sociais e de poder, acreditamos que a organização social e política das travestis brasileiras, promove novas formas de visibilidade no cenário nacional, mostrando-se madura e pertinente em suas reivindicações, construindo uma nova configuração de luta que gostaria de chamar de culturas de resistência, e que são *"criadas por atores que se encontram em posição/condição desvalorizada e/ou estigmatizada pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo, opostos a estes últimos"*. (CASTELLS, 1999: 24)

A partir da clarificação das estratégias consolidadas das lutas políticas e coletivizadas nos encontros e capacitações que são dirigidas à população transgênero, ações de resistências são formadas nas mais diversas localidades brasileiras, permitindo com que as travestis e transexuais possam se organizar e reivindicar melhores condições de vida, desconstruindo a estigmatização e os preconceitos, e promovendo o exercício de construção da cidadania.

Na promoção da cultura da resistência, podemos perceber estratégias de empoderamento social e político, que levam as travestis e transexuais a estabelecerem aquilo que FOUCAULT (2003: 207-208) chamou "encontro com o poder", apontando que

*“O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dívida, estaria mais ali para lembrar seu fugidivo trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele Ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder”.*

A construção de uma cultura de resistência, e o encontro com o poder, vivenciado pelas travestis brasileiras, se mostram como consequência da organização social e política dessa comunidade, que cada vez mais tem participado de conselhos municipais, estaduais e federais, levando as reivindicações de suas companheiras e propondo saídas para o enfrentamento da estigmatização e discriminações, tão intensamente vividos por milhares de travestis e transexuais em todo território nacional.

Essas preocupações demandaram na pergunta que orienta nosso estudo, como as travestis brasileiras respondem aos processos de estigmatização e discriminações vividas, e como se alinham em um movimento político emancipatório de construção da cidadania, de modo a tornarem sujeitos de seus próprios desejos e da escrita de uma nova história.

Cabe questionar, no entanto, o que significa a idéia de estigma e de processos de estigmatização e de como eles são produzidos, instalados e ativados. Essas são algumas questões que pretendemos esclarecer ao longo deste trabalho.

## 6 OS PROCESSOS DE ESTIGMATIZAÇÃO E SUAS AÇÕES EXCLUDENTES

Querendo contribuir com as discussões a respeito da comunidade travesti, sua cultura e sua relação com os processos de estigmatização e a construção da cidadania, tomamos diversas atividades realizadas, na qual, inicialmente, através de oficinas realizadas sobre prevenção das DST/HIV/AIDS e cidadania com as travestis de Londrina, e também, pelas incursões preventivas pelos “pontos de batalha” da cidade, se constituíram como marco inicial de contato com essa população.

Nossas observações e escutas se atentaram sempre para as reais condições de vida dessa população, suas experiências vividas frente aos processos de estigmatização e às discriminações sofridas, assim como, as respostas possíveis de enfrentamento às opressões e à construção da cidadania, que eram estabelecidas como respostas à realidade de violência e exclusão sempre presentes em seus cotidianos.

Quando em 1995 realizamos a primeira *Oficina de Prevenção do HIV/AIDS*, com travestis de Londrina/PR, não imaginávamos a complexidade do universo existencial que compunha a vida dessas pessoas, apesar de nossa implicação com a homossexualidade e suas especificidades.

Tratava-se de um grupo de oito travestis que se mostravam disponíveis para discutir as formas de infecção e re-infecção do HIV/AIDS no contexto em que estavam inseridas, enquanto profissionais do sexo que batalhavam pela sua sobrevivência nas ruas da cidade

Nessa primeira oficina, além das dúvidas a respeito das formas de infecção e prevenção das DST/HIV/AIDS, as travestis começaram a pontuar outras questões que diziam respeito à experiência de vida que as mesmas tinham, falando de questões mais pessoais a respeito de suas relações com a família, com as pessoas em seu entorno e consigo mesmas, pontuando as dificuldades que encontravam para se inserirem no espaço social e comunitário.

Ficava claro que o trabalho com a prevenção não se limitava apenas às informações sobre como pega ou não pega o HIV e a distribuição de preservativos, mas que tínhamos que problematizar as reais condições de vida dessa população, para conhecermos sua realidade, que se mostrava marcada por todo tipo de exclusão e infortúnios, estigmas e discriminações.

Para nós, ficava claro a urgência da criação de um espaço que propiciasse a reflexão sobre as suas reais condições de vida, que cada vez mais mostrava a respeito de suas dificuldades econômicas e sociais, configurando um grupo de pessoas cada vez mais excluídas e vivendo à margem da sociedade, logo expostas a maior vulnerabilidade de

infecção e re-infecção pelo vírus HIV e de impossibilidades de acesso a bens e serviços básicos de saúde, educação, trabalho e segurança pública.

Essa configuração existencial vivida pela comunidade travesti mobilizou intensas angústias em nós, que se ampliaram frente a inexistência de estudos e pesquisas que pudessem nos fundamentar, levando-nos assim, a escolher a realidade das travestis como objeto de investigação.

Suas falas nos trouxeram relatos que mostraram a experiência concreta da discriminação e do preconceito, que devido a intensidade que era imposta pelas instituições disciplinares (igreja, família, estado, hospitais) levavam as mesmas a se sentirem destituídas de direitos e acesso à bens e serviços, evidenciando a destruição da auto-estima e a crença na cidadania como algo de segunda categoria.

Interessante marcar que, diante desse cenário de exclusão e de discriminação, as novas travestis que adentram a esse contexto, e que nada sabem sobre a história das travestis neste país, concebem a situação como natural, ou seja, por desconhecer outras formas de expressar sua singularidade, assim como, por ouvir histórias de outras travestis a respeito das experiências com a violência e a discriminação, e, que nunca puderam ser cidadãs, acabam tomando este cenário como naturalizado, expressando frases do tipo: *“travesti não tem jeito não: pode juntar umas quarenta e torcer que não dá uma”*.

Estas considerações são evidenciadas por diversos relatos que ouvimos em oficinas semanais realizadas em Londrina, mas também em outras ocasiões presenciadas no Rio de Janeiro/RJ, em Fortaleza/CE, em Florianópolis/SC e Porto Alegre/RS.

Essas situações nos levam a problematizar a respeito do massacre da singularidade, ou seja, da total indiferença para com as diferenças em nossa sociedade, que rouba o direito das pessoas em poderem expressar seus desejos e direitos, tendo muitas vezes de viver de aparências, compondo uma imagem externa visualizada como normal, e um mundo interno de horrores, culpabilizações e sofrimentos.

Frente a esse panorama de composição existencial das travestis, somos levados a priorizar como objeto de estudo, uma cartografia que possa mapear os processos de estigmatização vividos por essa comunidade e como respondem aos mesmos, mas também, de problematizar as estratégias que são forjadas pelas ações sociais, políticas e culturais que possam promover a construção de suas cidadanias, considerando a militância e engajamento de suas lideranças.

As travestis, conforme podemos perceber na literatura consultada e em nossas próprias observações, são alvos de todo tipo de estigmas, discriminações e violências em seus

cotidianos, sejam nas relações familiares, escolares, sociais, laborais, religiosas ou sexuais e amorosas.

Para sustentar teoricamente nosso projeto, fomos buscar algumas definições a respeito dos estudos sobre os estigmas, os processos de estigmatização e as possibilidades de lidar com eles.

Neste sentido, iniciaremos nossa reflexão teórica em conformação com os estudos realizados por GOFFMAN (1988: 13), quando pontua que

*“O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem”.*

Nossa compreensão nos leva a acreditar que as ações dos estigmas e seus processos se dão nas relações sociais, fundamentadas pelos valores e significações culturais que fomentam a emergência de condutas e comportamentos que sustentem um certo padrão de normalidade.

A expressão da diferença, ou seja, a manifestação de uma outra percepção dos valores dados a priori, ou ainda, a manifestação de um desejo que não seja bem visto, ou autorizado pelos padrões normativos, será considerado um atributo negativo, que por sua vez, construirá um estereótipo. Neste sentido nos dirá GOFFMAN (1988: 13): *“Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito”.*

Este mesmo autor, propõe uma certa categorização dos estigmas, propondo uma diferenciação entre três tipos de estigmas:

*“Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família”.* (GOFFMAN, 1988: 14).

Se nos atentarmos para a realidade existencial das travestis, conforme as exposições que temos na literatura específica, assim como nos relatos que temos ouvido em nossas incursões pelo universo transgênero, é possível localizarmos a expressão dos três tipos de estigmas pontuados por Erving Goffman.

No primeiro caso, relacionados com a estética corporal, temos as transformações corporais em consequência da ingestão dos hormônios, aplicação de silicones e uso de roupas e adereços vistos como feminino em nossa sociedade.

Essa transformação corporal, por sua vez, nos remeteria a percepção de outra alteração das normas estabelecidas, que denota a presença estética feminina em um corpo biológico masculino, problematizando as questões de gêneros e das sexualidades e suas práticas. Embora no segundo tipo de classificação dos estigmas o autor não faça menção sobre os gêneros, ele contempla a homossexualidade, pano de fundo das manifestações da travestilidade, que sob nosso ponto de vista seriam enquadradas dentro dessa conformação. E para finalizar, o terceiro tipo de estigmas se relacionaria com os padrões de raça, nação e religião.

Nesta perspectiva, o estigma pode ocultar duas perspectivas que são questionadas e problematizadas por GOFFMAN (1988: 14)

*“Assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a do desacreditável. Esta é uma diferença importante, mesmo que um indivíduo estigmatizado em particular tenha, provavelmente, experimentado ambas as situações”.*

Essas perspectivas estão muito presentes no cotidiano das travestis, que dependendo do grupo social são mais ou menos aceitas, evidenciando que são nas relações sociais que essas pessoas são discriminadas e muitas vezes chegam a vivenciar violências de mutilação e de perda da própria vida, conforme relatos encontrados nos trabalhos de BENEDETTI (2000), KLEIN (1996) e outros.

Uma questão que consideramos importante de ser frisada, e de problematizada, seriam as formas em que as pessoas estigmatizadas assumem o próprio estigma.

Ocorre como bem apontou GOFFMAN (1988: 16) que

*“o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos (...) seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma ‘pessoa normal’, um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima”.*

Seria exatamente essa depreciação de si mesma, em conformação com as imagens, significados e valores dados previamente pela sociedade, que contribuem para a diminuição da auto estima e a descrença em si mesmas.

Neste sentido, aponta-nos GOFFMAN (1988: 17):

*“ os padrões que ele incorporou da sociedade maior tornam-no intimamente susceptível ao que os outros vêem como seu defeito, levando-o inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos, a concordar que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não portador dele”.*

Estas percepções revelariam o mal estar presente nas relações sociais das travestis, que seriam vistas como desacreditadas, marginalizando-as e excluindo-as de direitos e acessos a bens e serviços, assim como de um mal estar interno, compondo suas próprias subjetividades e promovendo o sentimento de vergonha por ser diferente. Ocorre o que poderíamos chamar de naturalização dos estigmas.

Em linhas gerais, fica estabelecido a partir dos estudos de GOFFMAN (1988), que o estigma se afirma como um atributo extremamente depreciativo e que marca nas pessoas uma ‘diferença indesejável’. Esta condição de ‘diferença indesejável’, por sua vez, promove a construção de uma identidade que seria vista como deteriorada, e que por sua vez, leva a pessoa estigmatizada a entrar em sofrimento psíquico, diminuindo sua auto estima e sua capacidade de socialização, promovendo isolamento, angústia e depressão, conforme temos observado nas relações que estabelecemos com essa população. (PERES, 2004)

Em uma outra perspectiva, ao examinar as possibilidades de estigmas e discriminações associadas à pessoas vivendo com HIV/AIDS, AGGLETON & PARKER (2001), tem problematizado a perspectiva dos estudos realizados por Goffman, no sentido de ampliar a leitura centrada no indivíduo, para pensar a formação dos estigmas nos processos sociais.

Para esses autores,

*“o estigma desempenha um papel central nas relações de poder e de controle em todos os sistemas sociais. Faz com que alguns grupos sejam desvalorizados e que outros se sintam de alguma forma superiores. Em última análise, portanto, estamos falando de desigualdade social. Para confrontar e entender corretamente as questões de estigmatização e da discriminação (...) é necessário, portanto, que pensemos de maneira mais ampla sobre como alguns indivíduos e grupos vieram a se tornar socialmente excluídos, e sobre as forças que criam e reforçam a exclusão em diferentes ambientes”.* (AGGLETON & PARKER, 2001: 11-12).

Essa nova perspectiva de abordagem sobre os estigmas, tomados como produzidos nas relações sociais, favorecem uma ampliação conceitual e de análise sobre a realidade sócio-econômica, cultural e política, pelas quais são produzidas as relações sociais e os valores e significados que são estabelecidos como modelos a serem seguidos. Seguindo essa

lógica, estes autores ampliam a leitura realizado por Goffman sobre os estigmas, avançando no sentido de deixar de considerar o estigma como algo acabado e centrado no indivíduo, para pensar os estigmas como processos sociais que se estabelecem ao longo da vida das pessoas, como ações de poder que promovem desigualdades e exclusões, levando-nos a priorizar os mesmos como processos de estigmatização.

No caso das travestis e seu universo existencial podemos perceber a presença de exclusões de toda ordem, de desigualdades que enfraquecem suas potencialidades e marginalizam suas práticas.

Seguindo as proposições lançadas por AGGLETON & PARKER (2001), podemos considerar que a produção dos processos de estigmatização são estabelecidos de acordo com o contexto social e valorativo de cada situação, evidenciando uma perspectiva histórica e cultural. Que os estigmas são empregados de forma estratégicas junto às relações de poder e dominação, dando consistência para a produção das desigualdades sociais numa perspectiva processual.

Entre as diversas formas de desigualdades e exclusão sociais, a pobreza e a miséria tem marcado mais intensamente as estigmatizações e discriminações, conforme podemos ver nas palavras de CRUZ NETO (2000: 6-7):

*"a pobreza é o indicador mais sensível da concentração de renda no Brasil, e, diante disso, a principal forma de violência passa a ser a 'violência estrutural', perpetrada pelo próprio estado constituído, gerando a opressão de pessoas e grupos, negando-lhes bens e oportunidades necessárias, tornando-os mais vulneráveis às mazelas sociais, ao sofrimento e à morte. A relação entre a violência, pobreza e vulnerabilidades não pode ser vista meramente no sentido de causa efeito, ou por mera associação. É preciso estar mais atento, pois o locus da violência estrutural é exatamente uma sociedade de democracia aparente, que apesar de conjugar participação e institucionalização, advogando a liberdade e igualdade dos cidadãos, não garante a todos o pleno acesso a seus direitos. Infelizmente seu aspecto mais cruel é o de ser responsável pela instituição de um processo seletivo que tem o poder de decidir quais os cidadãos que desfrutarão do bem estar social e os que se incorporarão à grande massa de excluídos."*

Essas pontuações nos levam a pensar a respeito da necessidade de cartografar os diversos processos de estigmatização que compõem a realidade das travestis, para através de sua problematização, conhecer as estratégias que são criadas para lidar com esses processos que tendem a impedir que as pessoas possam construir suas próprias cidadanias.

## 7 PERCURSO METODOLÓGICO: OS ENCONTROS

Para a realização de nosso estudo recorreremos ao uso de observações etnográficas, assim como, de entrevistas profundas. Através destas estratégias pudemos fazer observações diretas e contextuais, no qual registramos as ações da militância das travestis selecionadas, com seus acertos e desacertos, suas dificuldades e facilidades para o trabalho em cada situação, com suas formas de abordagens, identificações e lideranças.

Tal metodologia é apresentada e discutida por PARKER, HERDT & CARBALLO (1995) como uma proposta ampliada de pesquisas sobre as culturas sexuais, de modo a privilegiar a pesquisa qualitativa como complemento a abordagem quantitativa, e contribuir para a compreensão transdisciplinar da sexualidade humana.

Nesta perspectiva, esses autores definem a cultura sexual como

*“Os sistemas de significados, de conhecimentos, de crenças e práticas que estruturam a sexualidade em diferentes contextos sexuais (...) Essa noção de cultura sexual, por extensão, levanta a questão da relação entre sexualidade e diversos outros sistemas sócio-culturais, tais como religião, política e economia. A cultura molda a sexualidade individual através de papéis, normas e atitudes em cada uma dessas instituições e, ao mesmo tempo, contribui para a reprodução da coletividade”.* (PARKER, HERDT & CARBALLO, 1995: 20).

Dentro da configuração de nossa pesquisa com a comunidade travesti, as considerações sobre os modos de relações que as mesmas estabelecem com o espaço social e cultural, são imprescindíveis para a compreensão de um universo existencial tão particular.

Na produção de suas relações, as travestis identificam diversos componentes que se mostram presentes e experimentados em seus próprios corpos, promovendo modos de socialização, que poderiam ser reconhecidos como socialização sexual, e entendido como *“processo através do qual uma pessoa conhece sensações, desejos, papéis e práticas sexuais típicos de pessoas de sua coorte em uma sociedade”.* (PARKER, HERDT & CARBALLO, 1995: 21)

Nesta socialização sexual e social, os autores chamam nossa atenção para a importância da língua e dos significados que fazem parte do repertório lingüístico da população estudada, no sentido de clarificar a respeito da língua forma e informal, em particular o uso de gírias e obscenidades sexuais. No caso das travestis e da participação de muitas delas na umbanda e no candomblé, é muito freqüente o uso de termos de origem *nagô* e *iorubá*, que constituem a língua das travestis que elas denominam “bate bate”.

A problematização a respeito da linguagem ganha maior importância ainda, se considerarmos os rótulos lingüísticos que “também são usados com frequência para estigmatizar certas práticas sexuais ou grupos de indivíduos dentro de uma sociedade, e podem oferecer insights importantes sobre o comportamento sexual aprovado e desaprovado”. (PARKER, HERDT & CARBALLO, 1995: 22)

Seguindo esses passos, procuramos ficar atentos quando de nossas observações e escutas junto de nossas colaboradoras, para que nossos valores e compreensões sobre as práticas sexuais não interferissem nos registros, levando em consideração os reais significados que as mesmas possuem a respeito da *“compreensão das nuances dos significados associados a esses comportamentos e dos critérios de seleção dos parceiros sexuais, noções de desejo e prazer etc.”* (PARKER, HERDT & CARBALLO, 1995: 28)

As observações etnográficas nos permitiram um contato direto com o objeto de estudo, de modo a favorecer um mergulho “no fluxo da vida cotidiana da comunidade”, nos “aspectos significantes das interações sociais e extrapolar, a partir delas, as regras ou normas subjacentes que governam o comportamento de uma comunidade”. (PARKER, HERDT & CARBALLO, 1995: 33).

O contexto em que aconteceram as interações sociais e as trocas afetivas e sexuais de nossas colaboradoras, tornaram-se enriquecedoras dos dados da pesquisa. Isto ficou muito claro em decorrência de nossas incursões pelos *“espaços marginais do desejo”* (PERLONGHER, 1987), quando fizemos abordagens preventivas junto aos pontos de batalha das travestis e realizamos conversas sobre as situações presenciadas (aproximações de clientes, circulação da polícia, socialização entre as travestis), nas festas organizadas pelas travestis ou em visita às suas casas e instituições que eram voluntárias.

Essas incursões pelos diversos espaços sociais das e com as travestis, foram muito importantes nas observações etnográficas, considerando que

*“A idéia de espaço pode ser útil no planejamento de uma estratégia para a pesquisa etnográfica, e as atividades do pesquisador podem ser organizadas, pelo menos em parte, em torno de espaços nos quais ocorram diferentes tipos de contatos ou comportamentos sexuais: bares e clubes específicos, ruas ou parques e assim por diante”.* (PARKER, HERDT & CARBALLO, 1995: 33).

Uma outra estratégia de coleta de dados que usamos em nossa pesquisa, se pautou pela realização de entrevistas profundas, no sentido de colher dados mais íntimos e pessoais do cotidiano existencial das travestis.

Neste sentido, orientado pelas dicas de PARKER, HERDT & CARBALLO (1995: 36-37):

*“Ao planejar o cronograma das entrevistas profundas, no entanto, o método mais produtivo é tentar desenvolver um formato semi estruturado que possa ser reproduzido, pelo menos em suas linhas mais gerais, com todos os informantes a ser entrevistados em uma determinada população. Deve-se fazer perguntas abertas sobre tópicos relevantes, seguindo um esboço ou lista de tópicos gerais que permita que um tópico naturalmente conduza a outro”.*

Através dessas entrevistas conseguimos mais detalhes a respeito das relações sociais e sexuais estabelecidas pelas travestis, de modo a conhecermos suas práticas, suas parcerias e as significações que lhes eram mais pertinentes. A compilação dos dados pessoais *“da infância até a atualidade, incluindo suas experiências sexuais aprovadas e desaprovadas e seus efeitos emocionais e sociais, deve ser um elemento chave na agenda de pesquisas para entrevistas profundas”.* (PARKER, HERDT & CARBALLO, 1995: 37).

Como efetividade de nossa coleta de dados, selecionamos quatro travestis militantes, tomando como critério de escolha, os modos como construímos relações de amizade e de afetividade entre nós, pautando-nos por suas histórias de vida e diversas cenas produzidas nos encontros que realizamos.

A partir dos dados coletados, pudemos realizar cartografias de base etnográfica, a respeito dos processos de estigmatização presentes em suas vidas, demarcando os modos como elas lidam com eles e de que forma suas ações de enfrentamento aos mesmos permitiram fomentar ações voltadas para a construção de suas cidadanias.

Frente ao contexto social, econômico e político problemático, no qual se encontram inseridas as travestis brasileiras, e considerando a sua relação com as diversas formas de exclusão que vivenciam nos diferentes contextos de suas vidas, investigamos a respeito das respostas individuais e coletivas que as travestis brasileiras vem dando para o enfrentamento dos estigmas e discriminações, e que ações seriam favorecedoras para a construção de suas cidadanias.

Para a realização de nosso estudo nos referendamos através de algumas sugestões que são fornecidas pelo método cartográfico e pelas orientações de base etnográficas. A escolha por uma metodologia centrada no método cartográfico, veio ao encontro de nossa valorização do campo da ética-estética, que, em nenhum momento, busca por verdades absolutas e universais ou estabelecimentos de modelos prontos.

A realização das cartografias se deram através do cartógrafo, cuja prática, diria ROLNIK (1989: 66) *“diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social.”*

Para o cartógrafo, a referência teórica é sempre cartografia, de modo que a sua construção se dá juntamente com as paisagens que vai construindo. Neste processo de produção, todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas, de modo a constituir sua dimensão rizomática. Em suas andanças, o cartógrafo estabelece critérios em suas escolhas a respeito dos componentes que participam da cartografia, e esses critérios buscam, nos diz ROLNIK (1989: 67),

*“... descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagens favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretendem entender. Aliás, ‘entender’, para o cartógrafo não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar.”*

Aqui, pensamos o cartógrafo como aquele que não visa à revelação de nada que se considere oculto e, muito menos, estabelecer princípios de verdades ou de universais.

Nessa perspectiva, entendemos que o cartógrafo quer a todo custo participar da construção dos territórios existenciais, na constituição da realidade, pois devido não temer os movimentos, permite ao seu corpo vibrar em todas as intensidades, compondo assim, a existencialização.

Como diria ROLNIK (1989: 68) a respeito do cartógrafo:

*“...O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias, posição que lhe permite acolher o finito ilimitado do processo de produção de realidade que é o desejo.(...) Ele se utiliza de um composto híbrido, feito do seu olho, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu corpo vibrátil, pois o que quer é apreender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estancando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido”.*

Nesta direção, pensamos que o movimento realizado pelo cartógrafo visa fundamentalmente a produção de sentidos, ou de constituição de modos de vida, pois ele aceita a vida e se entrega a ela, evidenciando, assim, a sua dimensão sensível, que se expressa como motor de criação de sentidos.

Em sua caixa de ferramentas, o cartógrafo evidencia um critério de avaliação, que, segundo afirma ROLNIK (1989: 69) seria “...o grau de intimidade que cada um permite, a cada momento, com o caráter de finito ilimitado que o desejo imprime na condição humana desejante e seus medos.”

Desta forma, o critério do cartógrafo diz respeito ao grau de abertura que cada pessoa permite para a vida, a cada momento, definindo-se, assim, como seu próprio princípio. Isto nos levaria a pensar sobre os níveis de transversalidades, ou seja, o grau de abertura que cada pessoa expressa nas relações com os outros, com o mundo e consigo própria.

Este princípio, aponta ROLNIK (1989), é sempre “extra-moral”, que toma a vida como parâmetro para a sua própria efetuação, sempre efêmero e mutante, descartando qualquer princípio moral para substituí-lo pelo valor vital. Assim, diria ROLNIK (1989: 70):

*“o cartógrafo sabe que é sempre em nome da vida, e de sua defesa, que se inventam estratégias, por mais estapafúrdias. Ele nunca esquece que há um limite do quanto se suporta, a cada momento, a intimidade com o finito ilimitado, base de seu critério: um limite de tolerância para a desorientação e reorientação dos afetos, um ‘limiar de desterritorialização’.”*

Dada a importância, para o cartógrafo, desta perspectiva, os critérios de suas escolhas se amparam nas escolhas dos modos de viver nos quais o social se inventa, a construção do real social. Assim, a prática do cartógrafo é eminentemente política, pois como nos diria DELEUZE (1997), antes do ser, há a política.

Na realidade, a prática do cartógrafo tem relação direta com a micropolítica, vinculada às técnicas e práticas de subjetivação, no sentido da produção da subjetividade, matéria fundamental da produção e reprodução do sistema social. Esta dimensão política do cartógrafo, assim concebida, é também fundamentalmente ética, pois busca sustentar a vida em seu movimento de expansão, intensificando os processos de atualização de novos modos de existência.

Marcados por um afunilamento de nossas práticas anteriores de oficinas de prevenção com os mais variados setores sociais, fomos direcionando nossos interesses aos trabalhos voltados às travestis, e, particularmente, as travestis militantes, assim como, pela capacidade de organização e de mobilização social de sua gente.

Nossa participação nos encontros anuais de travestis pôde nos fornecer informações a respeito da organização social e política das travestis brasileiras, e, de como tem sido criado formas e modos de intervenção em cada região no qual as mesmas militam. Foram nesses encontros que construímos vínculos de amizade e de afeição com algumas lideranças travestis, que vieram a se tornar colaboradoras de nosso estudo.

Paralelamente e em conjunto com o movimento de emancipação homossexual no Brasil, vimos surgir um movimento mais específico que se preocupa com os direitos políticos e sociais das travestis. Assim, vimos florescer em nosso país inúmeras associações de travestis

que se proliferaram por todo território nacional, tais como o *Grupo Astral*, do Rio de Janeiro/RJ, a *Associação de Travestis de Salvador/BA*, *Grupo Atras*, a *Associação de Travestis do Ceará/CE*, o *Grupo Atrac*, a *Associação de Travestis de São Paulo*, o *Grupo Atrasp*, a *Associação de Travestis de Manaus*, *Grupo Atram*, o *Grupo Igualdade de Porto Alegre/RS*, *Grupo Esperança de Curitiba/PR*, *Ade Nostro Mundo*, de Florianópolis/SC, *Ade Fidan / Casa de Vivência "Saara Santana"*, de Londrina/PR, entre outros, conforme percebemos e mantivemos contatos nas nossas participações em encontros nacionais de travestis.

Como podemos perceber, inúmeras associações e ONGs têm sido criadas e fortalecidas em decorrência da luta contra HIV/AIDS, que para além das questões preventivas, se direcionam para preocupações com qualidade de vida dos portadores do HIV/AIDS, suas esferas familiares, religiosas, laborais e sociais, seus direitos fundamentais enquanto cidadãos construtores de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária, e mais ainda, na luta contra os processos de estigmatização e suas respectivas discriminações.

O enfrentamento dos processos de estigmatização e das discriminações revelam uma das mais difíceis lutas a serem empreendidas no mundo contemporâneo, considerando a formação social carregada de preconceitos e conservadorismos, e as tantas formas de opressões e violências que temos percebidos em nossos cotidianos e nas notícias de mídia, relacionados com classe, raça, gêneros, geração, religião, etc.

Nossas experiências com oficinas de prevenção em DSTS/AIDS e cidadania com travestis, e suas questões organizacionais, assim como com as pessoas que contatamos nos Encontros Nacionais de travestis, intensificaram nossa admiração e respeito a essa camada da população que, sob nosso ponto de vista, sempre foi rejeitada e discriminada pela nossa sociedade. Como podemos notar, a construção do social e do cultural nos fornecem marcas e significações que nos produzem subjetivamente, ora normatizando-nos, ora singularizando-nos em nossas escolhas dos modos de ser no mundo.

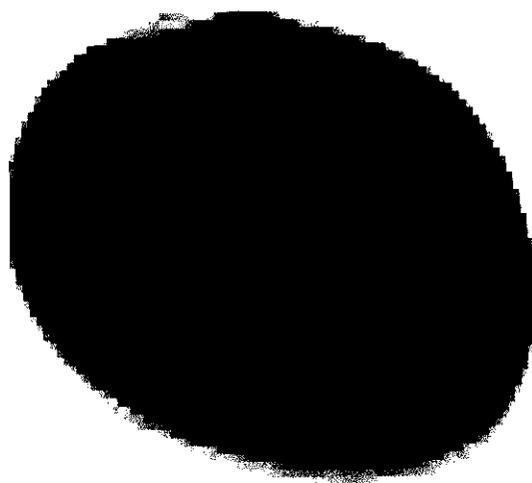
Neste sentido, dada a dimensão do território brasileiro, do muitos "Brasis", com suas características regionais, percebemos que as travestis do Brasil carregam as marcas de seus contextos culturais, diferenciando-se de região para região, impossibilitando assim, qualquer tentativa de homogeneização ou de classificação em modelo único e universal de verdade; em nada nos identificando com essas premissas normatizadoras ou de controle dos modos de ser no mundo. Acreditamos na multiplicidade e no direito fundamental à diferença, tão desvalorizadas em nosso dias.

Nossa pesquisa buscou, então, cartografar a produção da subjetividade das travestis brasileiras, de forma a fornecer subsídios para que profissionais envolvidos com a atenção a

essa população, tenham mais clareza a respeito de suas realidades, de modo a apresentar propostas e projetos que não tolham a liberdade individual e favoreçam, assim, o pleno exercício da cidadania.

Como modo de organização dos dados coletados apresentamos a seguir as cartografias existenciais.

# **CARTOGRAFIA 1**



**ONIX**

## 7.1 Cartografia existencial I - Ônix

Ônix relata que é natural de Itabuna, estado da Bahia e que, apesar dos seus trejeitos femininos desde a infância, sempre se sentiu mais aceita por seu pai do que pela sua mãe.

Em suas palavras: *“Eu sempre tive muitos trejeitos meio diferentes, trejeitos bem afeminados. E meu pai foi vendo isso e em um belo dia, houve uma brincadeira de rua, na saída da escola, e os meninos começaram a me sacanear com aquelas coisas todas, me chamando de mariquinha, porque na época era de mariquinha que eles me chamavam”*.

Relata que nesta época tinha uns oito anos e na escola que estudava as pessoas começaram a perceber seus trejeitos, convocando o pai para uma conversa/denúncia a respeito de seu jeito e da sua delicadeza. Para sua surpresa, seu pai disse que não poderia matá-lo por causa disso, mas que deveria amá-lo por ser seu filho, e aceitá-lo do jeito que era.

Ônix se surpreendeu com a reação devido a seu pai ser muito rígido e severo, dizendo que esperava uma outra reação, achando que ele seria o primeiro a condenar seus trejeitos e maneirismos, mas que ao contrário *“foi muito legal comigo, como ainda é até hoje”*.

Para seu espanto, a reação de sua mãe foi muito mais negativa e, em suas análises, isso teria se dado devido sua mãe desejar ter um filho homem e, em razão de ele ser filho único, dentro da cultura machista dos baianos, assim como, por ser de uma família de nível social bom em que as pessoas se preocupam com o sobrenome, sua mãe reagia de forma bastante rígida, fazendo uso de castigos frequentes, privando-a de poder brincar na rua ou ainda de poder ficar sozinha em seu quarto, que segundo ela (a mãe) alimentava pensamentos demoníacos que enfraqueciam a masculinidade em Ônix.

Aponta a relação com sua mãe como uma das ações responsáveis por sua decisão em fugir de casa, sonhando com um lugar em que as pessoas pudessem aceitá-la do jeito que ela era, sem ter que ficar se policiando para não “desmunhecar” diante da mãe e de suas visitas.

Ônix informa que se sentia muito tímida nessa época, que tinha vergonha de ser como era, apesar de ser uma criança e não ter noção do porquê de as pessoas a rejeitarem e discriminarem por ser como era. Associa sua vergonha com o fato de ser uma criança muito presa dentro de casa.

Para ir à escola, um colégio particular, existia uma Rural (perua usada no transporte escolar) que passava para apanhá-la na porta de casa e depois devolvia ao mesmo local.

Em suas análises relata que não tinha muitos amigos, lembrando-se apenas de um menino de sua idade, que tempos depois veio a saber que também era homossexual, e que havia se transformado em uma travesti. Apesar de suas especificidades, relata que não se lembra de falar sobre a sexualidade ou a própria homossexualidade com esse amigo, mesmo porque ainda não tinham compreensão a respeito de suas condições.

Além desse amigo de infância, havia ainda uma coleguinha, que segundo Ônix, também era bastante tímida e discriminada devido a usar óculos, sempre ficando afastada de todos, o que a leva a entender que a sensação da exclusão teria sido o fator de aproximação entre os mesmos.

Ônix relata que se sentia muito triste na infância por não ter muitos amigos, que contava apenas com esses dois amigos, que às vezes saíam juntos, mas que eram colegas e não amigos, e que por isso mesmo não falavam de suas inquietações uns para os outros.

Acredita que pelo fato de eles não criticarem seus trejeitos, e dela própria não tecer comentários negativos a respeito dos mesmos, instaurava-se uma facilidade de relacionamento.

Com esses amigos brincavam de “casinha”, com as bonecas da amiga, brincadeiras segundo Ônix: *“bem de garota mesmo!”*,

Informa que gostava muito de arrumar a casa, de fazer serviços domésticos e que apesar de ter uma empregada que fazia os serviços de casa, sempre se metia para dar alguns palpites, de ser a patroa e de querer as coisas do seu jeito.

A esse respeito, Ônix fala: *“Eu faço isso até hoje! Eu não consegui mudar essa maneira de mandona, sabe? Eu continuo com esses trejeitos”*.

Acredita que esse seu “jeito de mandona” tinha a ver com seu sentido de perfeccionismo, o que a levou a ser a primeira da classe, com as melhores notas, sempre participando das atividades de sala de aula e da própria escola, sendo muitas vezes sendo criticada pelos colegas que diziam que ela era “puxa saco” da professora. Segundo Ônix, as críticas não a afetavam, pois acreditava que essa seria uma forma de justificar seus trejeitos que eram tão rejeitados e discriminados pelas pessoas.

Apesar de todas as críticas, sempre tentava se aproximar de todos, se mostrando disponível para ajudar outros colegas com dificuldades em alguma disciplina, chegando muitas vezes a organizar festinhas na escola, ou ainda, piqueniques que pudessem favorecer um maior entrosamento entre os companheiros.

A esse respeito, se sente uma pessoa que cativa as outras, pois mesmo com as dificuldades de relacionamentos, os colegas compareciam aos piqueniques organizados por

ela e que apesar de ser chamado de “mariquinhas”, de “florzinha” e outras coisas por esses mesmos colegas, havia uma certa afetividade que os aproximavam, mesmo sendo pelo lado da discriminação. Informa que além das discriminações sofridas pelos colegas não se lembra de outros problemas.

Acredita que pelo fato de gostar de estudar e de sempre fazer as coisas bem feitas, algumas pessoas admiravam sua boa vontade e sua disponibilidade para ajudar os outros.

Mas ao mesmo tempo, acredita que esse seu jeito perfeccionista atrapalha um pouco, apontando: *“... eu sou muito perfeccionista! Eu gosto de sempre fazer as minhas coisas sozinha, eu nunca espero que ninguém faça nada por mim e também não gosto que as pessoas dêem opinião nas coisas que eu faço, mas sei que esse tipo de atitude às vezes me prejudica. Porque a vida em si é um conjunto, e eu sempre estou além desse conjunto, eu estou sempre um passo à frente, entendeu? E isso me traz grandes problemas desde a infância”*.

A passagem da infância para a adolescência, de acordo com Ônix, foi marcado pela fuga de sua casa, quando já tinha por volta de catorze anos.

O motivo maior de sua fuga, a gota que faltava, teria se dado em decorrência de ter escutado uma discussão de seus pais, conforme nos relata: *“Eu fugi de casa com 14 anos. Eu fugi porque, um belo dia, eu escutei uma discussão da minha mãe com meu pai sobre mim, e fiquei em pânico. Minha mãe pedia ao meu pai para que ele desse um jeito em mim, que eu estava depondo contra a família, o nome da família, e que ela tinha vergonha de mim, vergonha diante das pessoas que moravam na vizinhança. Mesmo porque, nessa época eu já estava tomando hormônios e me transformando em uma travesti”*.

Para sua maior surpresa, no dia seguinte à escuta da discussão de seus pais, no final da tarde, quando seu pai retornava do trabalho, ele trazia nas mãos um pacote embrulhado para presente, dizendo que era para Ônix. Ao abri-lo, Ônix ficou completamente sem ação, pois o presente nada mais era do que uma calcinha, sendo alertado pelo próprio pai: *“Eu não posso fazer nada, se tu és assim, assumo o teu jeito de ser”*.

Apesar de já estar tomando hormônios, Ônix fala que ainda não era totalmente declarado ou assumido. Informa que estava tentando se assumir para si mesmo, e que esse presente recebido pelo seu pai, foi importante para que se transformasse, ou melhor, para que se assumisse do jeito que era.

Em seus relatos, Ônix fala: *“no princípio, eu tinha medo do meu pai e da minha mãe. Na época meu pai me dava uma mesada todo Domingo e eu juntava esse dinheiro para comprar roupas de menina naquelas mercearias que eu nem sei se existem mais, aquelas*

*mercearias que vendiam roupas de crianças. Eu sempre fui uma pessoa muito espertinha, sabe? Mas teve um dia que minha mãe mexeu no meu armário, curiosa, porque eu nunca deixava ela entrar no meu quarto e quando eu saía de casa eu trancava com chave, por causa das roupas de mulher que eu tinha dentro do guarda roupa, mas naquele dia ela conseguiu entrar no quarto e encontrou várias roupas de mulher, calcinhas, aquelas coisas todas que eu gostava de colocar quando me trancava no quarto e colocava tudo sozinha. Ela ficou furiosa e disse que eu não tinha jeito mesmo, que eu envergonhava ela e toda a família.”*

Diante dessa situação, Ônix afirma que sempre se sentiu muito feminina, e que o único momento em que se lembra que é um homem é na hora de fazer a barba, mas que *“fora isso, eu não me sinto uma mulher não, me sinto uma travesti e gosto do jeito que sou!”*.

Além das dificuldades de relacionamento com sua mãe, Ônix pontua outro problema vivido na sua infância, que tinha a ver com a religião, pois sua família vinha de uma formação espírita do Candomblé, que para ela era muito difícil de aceitar, dada sua identificação com a igreja católica.

A esse respeito, Ônix diz: *“Eu nunca aceitei esse negócio de espiritismo, não que eu tenha alguma coisa contra, mas por incrível que possa parecer isso não fez a minha cabeça. Mesmo sendo uma travesti, nunca me envolvi com esse negócio de macumba, e olha que no meio das travestis é muito comum a ligação com essa prática, mas mesmo não acreditando eu não zombo. Eu até vou quando as pessoas me convidam que é pra não fazer desfeita, mas não me sinto bem não, não é a minha praia. Eu prefiro ir à igreja todos os domingos, porque é o único dia que tenho tempo”*.

Esse choque de crenças ganhou uma maior intensidade em razão de sua mãe ser uma das primeiras filhas de santo da Mãe Menininha do Gantois, fundadora de um dos mais respeitados terreiros de Candomblé da Bahia, e de seu pai ser bastante envolvido com as festas do terreiro. Essa configuração religiosa estabelecia uma cobrança por parte da própria família para que Ônix fizesse parte desses rituais, contribuindo para que seus pensamentos se voltassem para a fuga de casa, e de como isso poderia ser efetivado.

A identificação com a igreja católica e seus dogmas, não foram de imediatos muito receptivos para com Ônix, que encontrou muitas resistências em ser aceita. Frente a essa situação Ônix relata sobre discriminação vivida dentro da igreja católica, e de como tentou reverter a situação estigmatizante: *“Mesmo na igreja, eu já passei bastante humilhação pelo fato de ser homossexual, pelo fato de eu ser uma travesti, né? As pessoas tinham medo da minha pessoa. Às vezes, eu fico pensando, e acho que falta uma pilha em mim, falta alguma coisa na minha cabeça, porque eu passo por cima das coisas, do preconceito, do racismo,*

*tudo isso eu passo por cima, mesmo quando acontece, eu finjo que não está acontecendo. Eu acho que praticamente eu obrigo as pessoas a me aceitarem. Quando eu comecei a freqüentar a igreja, as pessoas me olhavam com aquele olhar de espanto, de desprezo, e eu empinava a minha cabeça e nem ligava. Fazia a minha oração e tudo bem. E eu acho que eles foram vendo que eu não estava nem aí, não me importava com a maneira deles me tratar, porque o importante era a minha oração. Eu estava ali porque era uma coisa que me fazia bem, eu me sentia bem. Era a minha relação com Deus, e eu passava por cima de tudo. Hoje eu tenho grandes amizades na igreja, as beatas já falam comigo e o pessoal que freqüenta a igreja me convidam para ir aos lugares e até vão a minha casa fazer orações. Esse tipo de relação existe porque eu passei por cima deles”.*

Pontuando sobre as discriminações vividas dentro da própria família, seja por sua orientação sexual, seja pelas controvérsias religiosas, Ônix retoma o tema de sua fuga, quando de sua separação familiar e os motivos relacionados: *“Por eu ter saído de casa muito nova eu tive que ir me virando, né? A gente vai vivendo e aprendendo a se defender. Tudo bem que eu saí de casa já casada, não saí sozinha, mas eu tinha só catorze anos e já estava me transformando em travesti, eu já estava vivendo como mulher. Quando eu estudava, eu conheci um rapaz. Eu tinha catorze e ele dezessets anos. A gente acabou se perdendo porque eu sou uma travesti, mas sou ativa e passiva, não tem aquele negócio de só ganhar prejuízo! Eu sempre fui assim; eu costumo perguntar: onde eu vou botar os meus vinte e quatro centímetros? As pessoas às vezes ficam apavoradas, mas acabam falando que eu sou uma travesti gostosa e que eu meto muito bem. O que que eu posso fazer? É a realidade da vida, são os fatos, se não der para mim, vai dar para outro. Então que dê para mim. E foi assim, que desde o início ficou claro para o meu marido, de como eram as coisas comigo”.*

Acordo feito, Ônix e seu companheiro resolvem fugir de Itabuna, e em suas conversas fica sabendo do sonho de seu marido de ir para o Rio de Janeiro. Mas de imediato foram para Recife, em seguida João Pessoa, para só depois, finalmente, chegarem ao Rio de Janeiro.

Foram morar em uma pensão no centro da cidade e passaram a procurar emprego por todos os lugares. Ônix tinha feito curso de cabeleireiro e não cogitava a possibilidade de se prostituir. Em um dia pela manhã, seu marido saiu para procurar emprego, como era de costume, e não voltou mais. Sem dinheiro, sem emprego, sem apoio, Ônix foi parar na casa de uma cafetina na Lapa, uma casa muito modesta, que segundo Ônix tinha um cheiro horrível, e ficava inconformada diante do destino. Ela que se sentia tão elegante e arrojada, tendo que ir viver em um cortiço insalubre.

Em conversas com a cafetina, informa que seu sonho era se tornar um cabeleireiro famoso, que nunca tinha se prostituído e que não estava preparado para aquela vida.

A esse respeito, Ônix esclarece: *“meu grande sonho era de me transformar em um cabeleireiro famoso; eu sempre costumo dizer que eu como arroz com ovo, mas arrotar caviar. Eu acho que é uma mania, que eu nunca vou perder a pose que tenho. Eu não consigo ser mais simples, sei que a humildade faz parte, mas eu não tenho. Eu sei que eu preciso me educar mais nessa parte, mas eu reconheço os meus erros e sei que eles são muitos, inclusive essa de mania de grandeza”*.

Observando o modo de seu relato, percebíamos muita emoção em suas palavras, demonstrando tocar em lembranças que ainda traziam muito sofrimento. Pediu um copo de água, no que prontamente a atendi, falamos de algumas generalidades e, após algum tempo, perguntei se poderíamos continuar, ou se deveríamos deixar para outro dia. Imediatamente ela reagiu, me olhou nos olhos e disse: *“tá me estranhando meu amor? Vamos em frente, a vida continua e a gente vai fazer dela uma festa!”*.

Inserida nesse novo contexto, Ônix começa a “batalhar” na Lapa, próximo da casa onde estava morando, mas reclamando sempre por sua insatisfação de estar trabalhando na rua.

Alguns meses depois, eis que por acaso, também na Lapa, reencontra seu ex marido. Ônix disse que ficou paralisada, sem saber muito o que fazer e que, percebendo sua perplexidade, o rapaz se aproximou para conversar, se desculpando pelo abandono, e dizendo que havia conhecido um rapaz, dois rapazes italianos, que estava namorando um deles e queria me apresentar o outro. Marcaram um encontro para o dia seguinte, ali mesmo na Lapa, resultando em uma noitada em um hotel ali perto, onde além de sexo, teria havido muita cocaína. Segundo Ônix, foi a primeira vez que teria feito uso da substância, fato que a deixou inicialmente bastante assustada. O susto foi tanto, que resolveu se afastar dos italianos, dizendo ao ex marido que havia se envolvido com outra pessoa, e que não queria mais fazer outro programa daquele tipo.

Enquanto para Ônix teria sido uma experiência ruim e sem continuidade, o mesmo não aconteceu com seu ex-marido.

Passado alguns anos, Ônix reencontra seu ex-marido no carnaval de Copacabana, e não o reconhece, agora uma travesti também. Ele havia ido morar na Itália com um dos italianos, vindo a se transformar em uma travesti, aliás, relata Ônix que o ex-marido se transformou em uma gata, que está belíssima, mas que infelizmente não quer saber mais dela.

O antigo companheiro perguntou sobre sua família, sendo informado que havia perdido a mãe, mas que mantinha contato com seu pai, por telefone, e que estava combinado dele vir passar o natal com Ônix no Rio.

Aproveitou para falar para seu ex-marido que também havia conseguido um italiano, mas que veio morar no Rio de Janeiro, e que viveram muitos anos juntos, mas que só restaram recordações, devido ao mesmo ter se complicado com a polícia.

Neste falar de si mesma, Ônix afirma: *“Atualmente a Ônix está uma coisa.... Quando eu vim para o Rio de Janeiro fui praticamente obrigada a me envolver com situações muito complicadas, de ter que me prostituir e aí me envolver com pessoas e com as coisas que eu não conhecia, mas que tinha que fazer de conta que era natural. Foi nessa época que eu conheci um cara, um gringo, um italiano, com o qual eu morei na Avenida Atlântica. Morei com ele também na Rua Paula de Freitas. Ele era homossexual, uma pessoa que tinha uma condição financeira muito boa, mas que não era aceito por sua família por causa de ser homossexual. A gente se conheceu na Lapa, numa feira embaixo dos Arcos, quando ele me perguntou se eu sabia como conseguir cocaína. Falei para ele que eu arranjaria desde que ele me desse um pouco e ele disse que a gente poderia cheirar juntos. Foi assim que começamos uma relação em que primeiro ele se apaixonou por mim, e depois com a convivência eu fui aprendendo a gostar dele, e com isso a gente viveu muito tempo junto. Ele me deu uma boa vida, na qual eu tive tudo do bom e do melhor, inclusive a droga, porque ele era viciado também. Ele foi até preso por causa disso. Ele mandava droga pelo correio e foi descoberto. Saiu até nos jornais, foi um escândalo internacional, que teve até que ser extraditado para a Itália. Nessa época eu também me viciiei em drogas e logo depois fiquei sabendo que era soropositivo. Só soube disso depois que me contaram que ele tinha morrido, e que a família dele estava vindo buscar as coisas que eram deles. Quer dizer, a família dele me tirou tudo e eu fui às últimas conseqüências na justiça, mas a família dele era mais forte, tinha mais condições que eu, e a dois anos atrás perdi tudo, sendo que eu vivia com o que ele havia me deixado, que me dava uma condição bem estável, mas que tinha perdido tudo. Na época não tinha essas coisas de direito com o companheiro, não tinha a quem recorrer. No tempo em que vivemos juntos não pensava no futuro, só em baladas, festas, em receber os amigos, e agora nem sei onde andam esses amigos. Não pensava que iria precisar e, hoje, ex viciada, fiz tudo por causa do vício, mas dei a volta por cima quando cheirei dois sacos de pó, e me vi reduzida a um trapo. Foi aí que resolvi que seria a última vez e já faz sete meses”.*

Ônix acaba fazendo uma análise dos últimos sete meses em que realmente parou de fazer uso da cocaína, avaliando que para quem precisava cheirar todo dia, esses meses eram

vistos como vitoriosos, pois, pessoas para oferecerem drogas são encontradas muito facilmente, mas para te darem um prato de comida é mais difícil. Relata que passou a gostar mais de si mesma, se amar mais, e que esse seria o ponto chave da sua mudança, o resgate da sua auto-estima. Daí em diante, Ônix passou a se sentir mais considerada, ser mais respeitada pelas pessoas, a ter mais amigos verdadeiros.

Argumentando a esse respeito, Ônix esclarece: *“Eu tenho o costume de dizer que a palavra ‘amigo’ é muito fácil de se falar, mas é difícil ser amigo. Então, hoje sim, hoje eu tenho amigos, estou construindo amizades nesses sete meses. Estou conseguindo ver realmente as pessoas que gostam de mim. Porque até então, eu não ligava para nada. Eu sabia que eu tinha casa, comida, quer dizer, que eu podia ir para o mundo, cheirar e voltar para qualquer parte, entendeu? Agora, hoje, eu vejo pelo outro lado, eu quero saber das coisas, e isso tem me levado a sentir algumas barreiras das minhas amigas travestis. Porque, até então, quando você é drogada, você não está esquentando com nada, tudo está as mil maravilhas e as pessoas não estão nem aí para você, porque você é uma pedra nos sapatos. Mas quando você para com as drogas e começa a se rever, aquelas pessoas que você achava serem seus amigos, são seus inimigos e que não gostavam de você como você imaginava, e isso, porque você passa a incomodar”.*

Em suas análises, Ônix entende que pelo fato dela levar outras demandas para o Chá das Travestis, que não são vistas como importantes, faria com que ela fosse excluída e desvalorizada. Entende que as travestis têm inveja dela devido estar se envolvendo com outros projetos e de estar sendo solicitada para outros eventos, como seminários e reuniões com Projeto de redução de danos de drogas, tanto no Rio de Janeiro, como em Petrópolis.

Resgatando sua história nos últimos dois anos, quando descobriu sua soropositividade, tomou contato com a experiência de abandono, com a sensação de solidão e a falta de apoio de um ombro amigo; mas mesmo assim não esmoreceu, dando continuidade à luta pela sua sobrevivência.

*“Quando me vi sozinha, completamente abandonada, tive crises depressivas fortíssimas que fizeram com que fosse parar em um hospital, e nesse hospital, conheci um médico, que é meu amigo até hoje, que disse que nem tudo estava acabado, que eu era uma pessoa forte e que tinha tudo para vencer. Disse que conhecia uma senhora que cuidava de travestis, que tinha uma casa de apoio. Falei que voltar para a prostituição eu não ia suportar, e ele me falou que não tinha nada a ver com a prostituição, mas com uma nova chance para que eu pudesse me levantar. Era o que restava: ou esta senhora, ou a rua. E lá fui eu para a tal da casa da tal senhora”.*

Nesta casa, que se chamava “Água Viva”, Ônix ficaria apenas por uma semana, pois a dona da casa não morava lá, tinha uma outra casa particular. Ao conhecer Ônix, a senhora olhou-a de cima a baixo, fazendo diversas perguntas e, após um certo tempo, propôs a Ônix para que ela fosse morar em sua residência, pois a casa em que se encontrava era um local de apoio que recebia marginais e que Ônix não poderia ficar ali, sendo levada, pois, para viver em seu apartamento. Ao chegar lá, Ônix encontrou com mais alguns homossexuais que moravam com ela (a senhora) há mais de dez anos.

A relação inicial com os outros moradores, segundo Ônix, foi infernal, com guerrinhas de disputa pelo espaço e pelo poder. Ônix se mostrava toda elegante e com atitudes educadas que incomodavam a todos, fazendo com que os outros moradores se sentissem inseguros diante da nova moradora. Foi um longo período que a senhora ficou analisando Ônix, até que um dia, a senhora convidou Ônix para participar de um seminário sobre AIDS. Antes de ir ao seminário a senhora levou Ônix até um quarto, que geralmente ficava fechado, mas que tinha um guarda roupa cheio de roupas, sapatos e doações que a casa recebia de “socialite” carioca, e que disponibilizou para Ônix.

Segundo Ônix a senhora não parava de observá-la, desde a atenção dispensada para as palestras, até o modo dela se servir no *coffee break* servido nos intervalos.

Na volta, a senhora falou para Ônix que as coisas que estavam no guarda roupas eram suas e que podia fazer o uso que quisesse. Que as roupas eram doações e que estavam a sua disposição.

Se seu modo de se comportar já incomodava os outros habitantes da casa, agora então, ficava mais evidente, pois se tratava de um quarto que ficava fechado, onde ninguém entrava, e Ônix passou a morar neste quarto.

No começo ainda fazia uso de drogas, mas com o tempo, com o envolvimento com a militância, tanto pelo “Água Viva”, como pelo *Chá das Travestis / Grupo Pela Vida*, teve início uma reflexão sobre a vida de forma mais ampla, quando então começa a problematizar sua própria existência.

Começa a participar de cursos e de atividades que se voltavam para a prevenção das DST/HIV/AIDS, mas também em defesa dos direitos humanos e pela promoção da cidadania, o que dispara interesses pela militância. Ônix nos fala que de início ia aos seminários para dar “*close*”, para desfilas e mostrar suas roupas, se exibir e matar de inveja as amigas, mas que agora entende a importância de ficar sabendo das coisas para não ser passada para trás. Informa que se sente mais disposta, com mais garra como militante.

Se sente agradecida à senhora que a acolheu e que lhe deu alguns conselhos para que desse outro rumo a sua vida, e que agora está mais ligada na importância da militância e de se envolver com outros seguimentos sociais e outras causas importantes.

Com relação a essas novas demandas, Ônix nos fala de seu envolvimento com o *Projeto de Redução de Danos por uso de Drogas*, e de como tem feito novas amizades e construído novas relações, o quanto tem se sentido acolhida e importante, devido as pessoas a elogiarem por sua participação e envolvimento no próprio projeto. Essas novas relações têm permitido à Ônix fomentar novas idéias e elaborar novos projetos.

Sobre isso, Ônix relata: *“Com relação à redução de danos eu estou indo à luta. Eu estou me aprofundando cada vez mais. Agora eu estou me tornando uma agente de saúde que tem grandes projetos pela frente. A senhora está comprando uma casa maior para abrigar mais gente e assim atender mais pessoas, e como o vice presidente se demitiu, ela ofereceu esse cargo para mim, e eu estou muito orgulhosa pois é uma chance que eu não contava e que estou agarrando com unhas e dentes. Estou pensando em um projeto de liderança para as travestis do Rio de Janeiro, que não tem, que acho que não tem no país, para ajudar as travestis de classe baixa, dessas que são bem pobres mesmo. O serviço será para mostrar para as travestis que não é só o caminho da prostituição que existe, mas que elas podem enfrentar o dia, porque o sol nasceu para todo mundo. Existe a visão de que as travestis só funcionam à noite para se prostituir, roubar, se drogar, e elas precisam saber que não é bem assim, que as travestis também têm direito ao sol, têm direito ao dia, que ela pode dormir das oito da noite às oito da manhã e sair para trabalhar, basta que elas queiram e que quebrem esse tabu. É aí que eu quero atuar, quero profissionalizá-las. Quero estimular para que elas tirem o eu de dentro de si mesmas, porque ela tem esse poder de ser alguém. Fazer algo para elas deixarem a acomodação, para elas lutarem por seus direitos. É isso que eu gostaria de poder fazer com esse projeto para as travestis. Se a gente se unisse, se parasse de só dar “close”, se a gente se unisse, não só as travestis, mas os gays, as lésbicas todas, a gente ia ser mais forte, porque os homossexuais são muito inteligentes, que tudo o que pega para fazer eles produzem. Enquanto a gente fica vendo defeito no outro a gente perde um tempo enorme. Nós precisamos nos amar mais, nos gostarmos mais, segurar mais na mão do outro. Não importa se eu sou gay, se sou travesti, se sou lésbica, todos somos homossexuais e é preciso que a gente se una, porque a gente pode tudo, aquilo que não podemos é porque a gente põe tabu. Se a gente parar de tanta inveja, tanta competição a gente chegava lá. Tenho grande respeito pelas meninas impedidas, pelos gays e pelas travestis”.*

Ônix acrescenta que esse projeto teria que se unir com outros seguimentos, com outros movimentos sociais como os realizados pelos negros, pelos ecologistas, pelas mulheres. Sinaliza a importância de buscar contatos com políticos e lideranças para que se pense um projeto maior e que possa contemplar as travestis conjuntamente, as travestis negras, as travestis pobres, as travestis desempregadas, enfim, que as mesmas sejam vistas como pessoas comuns e cidadãs, eu tem direito a ter direitos.

Ônix entende ainda que as mulheres precisam se juntar às travestis, que assistiu umas palestras de umas feministas, e que achou que elas estão no caminho certo, de denunciar o machismo e a escravidão das mulheres, e que como as travestis também representam uma forma de mulher, elas também seriam oprimidas. A respeito das mulheres, fala Ônix: *“Particularmente, eu adoro as mulheres! Eu acho que a mulher teria que ser presidente da república e que isso mudaria o país. A mulher pode tudo, tudo o que pega ela produz, mas ela não sabe a força que tem, sabe? Ela não sabe o quanto ela é forte, entendeu? Ela é frágil porque ela quer ser frágil, porque quando ela quer ela pode tudo, ela domina o homem, ela domina o país. Pode ver que elas estão mais conscientes, estão conquistando espaços, tem mulher motorista de ônibus, trabalhando como pedreira, trabalhando em lugares que antes não se via, e é por isso que elas podem. Tenho participado de palestras sobre as mulheres e sobre os homens também, e acho que elas se fortaleceram porque elas se uniram e foram batalhar pelos seus direitos. Eu acho que a gente deveria aprender com elas, o próprio movimento, como que chama mesmo, GGG, GLT, sei lá, o movimento homossexual tem que aprender, tem que se tocar que é preciso todo mundo junto, para sair do lugar, entende? Se as pessoas tivessem mais consciência, e fizessem um serviço mais eficaz, eu acho que a gente teria mais êxito. Nem tudo é carnaval. Tudo bem, carnaval é maravilhoso, mas tem certos tipos de passeatas, de manifestações, que a gente teria que se impor mais. Se não fica essa coisa de só pluma, paetês e de frescura. Se gente levasse mais a sério eu acho que a gente seria mais respeitado, entendeu?”*

Para Ônix, as paradas do orgulho gay deveriam ser mais politizadas, deveriam ser mais organizadas para que as pessoas pudessem ter outra impressão dos homossexuais. Que apesar de gostar de carnaval, de se produzir com adereços e modelos sofisticados, ele se sente uma pessoa comum, que deseja ter uma vida comum porque não se sente uma carnavalesca e que seus dias nada têm de carnaval.

Aponta para algumas dificuldades que sente no cotidiano, na relação com as pessoas, principalmente na rua, em virtude dos maus tratos que são infringidos às travestis, das discriminações a que as mesmas são submetidas quando têm que circular de dia, quando têm

que ir ao supermercado, ao banco ou a qualquer outro lugar. Argumenta novamente a respeito do direito à luz do dia, do direito ao sol, de viver com mais respeito das outras pessoas.

Ônix fala da sua indignação diante das discriminações e exclusões que presencia diariamente, mas que conseguiu criar uma postura de enfrentamento e que a sua arrogância e seu “nariz empinado” talvez sejam o seu jeito de enfrentar e suportar as pressões sociais.

Informa ainda que tem consciência de si mesma, no sentido de saber se comportar nos lugares, de conversar educadamente com as pessoas, e que aprendeu a valorizar a si mesma e a brigar por seus direitos, mostrando assim um momento de vida em que sua autoestima parece estar potencializada. Ônix relata: *“Às vezes, na rua, fica difícil em algumas situações, assim, é um problema para nós travestis, de poder andar sem ser agredida pelas pessoas, mas estou pouco ligando para essas pessoas. Eu tenho um metro e cinquenta e quatro de altura, sou negra, e me orgulho muito por ser negra, adoro ser negra, me adoro ao máximo. Eu tenho costume de dizer que eu sou fela, mas estou na moda, entendeu? E por estar na moda eu me adoro, eu me acho o máximo. Então, eu boto saia, boto cartola, uso bota, echarpe, eu boto tudo e vou saindo, entendeu? Se tenho dinheiro entro em um bom restaurante, sento, como e pá! Entro em uma loja, numa boutique de grife, em qualquer lugar, compro e saio, e estou pouco me lixando para as pessoas, entendeu como é? Aprendi que preciso me respeitar e estou me amando muito, eu quero viver, entendeu? Sou soropositivo há dez anos, não tomo remédio graças a Deus, minha carga viral tá zero, meu CD4 altíssimo, e eu acho que é isso aí! Enquanto a morte não chega eu quero viver bem, eu quero respeitar as pessoas, respeitar ao próximo que é muito importante, mas quero me respeitar, quero viver e eu acho que tenho todos os direitos, entendeu? Às vezes, quando eu passo, as pessoas mexem comigo, me chamam de cuecão de couro, olho para eles, me empino toda e não estou nem aí. Ou então me dizem: Ai que pretinho engraçadinho! Não estou nem aí! Me sinto gostosa, maravilhosa, entendeu? O que vier pra mim é festa, sabe? Me pinto toda e saio requebrando do jeito que eu estiver. A qualquer hora, de noite, de dia, me arrumo toda, com meu bom cabelo e com meu bom salto. Sabe, eu mostro a minha educação, não peço a educação dos outros e acho que isso incomoda as pessoas, porque elas me agridem e eu me coloco como superior, fina, elegante. Isso deixa as pessoas enlouquecidas porque elas não entende, como pode uma travesti, negra, com essa estatura se comportar com elegância e com educação mesmo com as pessoas me agredindo. Na verdade, eu vou confessar uma coisa: eu adoro levar coiô, sabe? Quando eu saio de casa e volto sem ter chamado a atenção de ninguém, sem ninguém ter mexido comigo, aí eu fico frustrada, sabe? Fico me sentindo muito mal porque ninguém me percebeu, achando que eu não me arrumei*

*direito, que não estava elegante, é muito frustrante mesmo! Por isso que eu acho que ser travesti é poder se amar mesmo, se sentir bem do jeito que você é, sabe? Não colocar obstáculos pra si mesma, porque se você não se amar, não aprender a gostar de você mesma, como é que você vai amar o próximo? Entendeu? São os meus direitos e se são meus eu quero todos comigo, eu quero poder usufruir de tudo que eu tenho direito, e é essa consciência de direitos que falta para as travestis, não só para travestis, mas para os homossexuais todos, sabe? É preciso que tenha mais respeito entre os próprios gays, com as travestis, as lésbicas, as pessoas precisam dar as mãos e se unir, porque uma andorinha só não faz verão!”.*

Essas preocupações de Ônix a respeito da desorganização do movimento entre gays, lésbicas e travestis, estiveram presentes em diversas vezes em que conversávamos, e Ônix sempre foi muito crítica no que concerne ao modo como as pessoas do movimento se comportavam. Sempre olhou com bastante desconfiança para as lideranças com que tinha contato, e me confiava achar que essas pessoas eram preocupadas consigo mesmas, e que principalmente na relação com as travestis, percebia uma relação falsa, de aparências, pois quando se tratava de reivindicações específicas das travestis, ninguém podia, todo mundo tinha compromissos ou outra ocupação. Nestas conversas era possível perceber uma Ônix mais cabisbaixa, decepcionada pela classe ser tão desunida e o abandono que percebia quando tentava avançar com propostas de ações ou de projetos. Apesar de sua disposição, alegria e perseverança, houve diversos momentos em que Ônix desabafou se sentir incompreendida, desvalorizada ou até mesmo excluída.

Ônix aponta ainda para preocupações com as travestis que “batalham” para sobreviver, das que vivem em condições miseráveis de vida, sem assistência médica, sem segurança nenhuma, completamente abandonadas no mundo. Retoma sua idéia de um projeto de trabalho exatamente com essas travestis mais abandonadas e sem recurso nenhum. Que cada vez mais acredita que se as travestis tivessem as informações sobre os direitos que ela tem, provavelmente a vida seria mais leve e mais feliz para todas.

Neste relato, Ônix se lembra de uma cena que presenciou quando fazia abordagem de prevenção, ao ver uma travesti sendo agredida por policiais: *“Esses dias atrás, na Quinta feira passada, eu fui levar preservativos para as travestis que batalham em São Cristóvão, e vi uns policiais agredindo umas travestis. Me aproximei e me identifiquei como agente de saúde e disse: você sabe que a gente pode ir para a delegacia agora? Que esse tratamento que você está dando para as travestis é proibido? Imediatamente, o chefe dele se aproximou e pediu para que não fosse para a delegacia, que ia sujar para ele, que tinha filhos e que a*

*gente podia deixar pra lá. Eu olhei bem para ele e falei: Ah, comigo, como eu sou bem informada dos direitos você vem falar com calma, com educação, mas as travestis, porque são prostitutas, trata como se fossem lixo, não é? Porque eu estou sabendo dos meus direitos, tudo muda não é? Vamos fazer um acordo: eu quero que vocês tratem bem das travestis, porque elas não estão roubando e nem fazendo qualquer infração, elas apenas estão se prostituindo e isso não é crime. Você sabia que eu posso ligar agora para o deputado fulano, para a vereadora cicrana e denunciar o que vocês estão fazendo com os cidadãos? Quando comecei a falar dos nomes das pessoas eles se assustaram e pediram desculpas, saindo de fininho. Alguns dias depois voltei lá e as meninas me disseram que os tais policiais sumiram, que passam de vez em quando, dão uma encarada, mas que havia melhorado um pouquinho. É isso, sabe, as pessoas precisam saber de seus direitos, para se defender dos abusos que os outros cometem sobre a gente”.*

É interessante como Ônix construiu seu discurso de defesa dos direitos humanos, de resgate da cidadania de uma população que vem sendo massacrada através dos tempos, devido ter feito outras escolhas relacionadas aos seus corpos, aos seus estilos de vida e às suas práticas sexuais. Não só nas entrevistas, mas também em outras situações que compartilhamos, como festas, manifestações na Cinelândia, nas caminhadas de prevenção na orla de Copacabana ou ainda, nas abordagens realizadas na Lapa ou na Glória, era patente a indignação de Ônix, que observava os mínimos detalhes, atenta sempre a situações de abandono e de total desinformação que percebia nas conversas com as travestis. Após as abordagens e as conversas com as travestis, sempre fazia comentários a respeito da angústia que sentia frente à realidade com que se deparava. Reclamava ainda da dificuldade que o trabalho com as travestis apresentava em razão de nem sempre as travestis estarem dispostas a ouvir as informações, ou ainda a darem importâncias ao trabalho que ela fazia na tentativa de melhorar as condições de vida de suas companheiras. Ônix sempre reclamava da falta de união e de valorização do próximo, sempre argumentando a respeito de seus sonhos e de seus projetos de ajudar as companheiras, e que, mesmo com todas as dificuldades, ela não desistiria de seus ideais, explicitando:

*“Olha só, lá em casa a gente tem feito algumas reuniões para tentar se unir mais, sabe? Porque como eu já te falei, uma andorinha só não faz verão, e nessas conversas eu fico prestando atenção no que as pessoas falam, no que elas pensam da vida e de como elas tentam sobreviver nas condições em que elas podem viver. Isso me dá um monte de idéias e eu fico pensando em um monte de projetos. Eu quero realmente ajudar as travestis da rua, porque eu considero essa população como realmente precisando ser ajudada. Eu quero*

*trabalhar com as travestis, mas não só, sabe? Quero trabalhar com sapato, com gays, com todos que queiram ser tratados. No princípio eu vou fazer uma avaliação delas, da saúde delas, e depois, vou estimulá-las a estudar mais, a ter um estudo elevado, para que elas façam cursos de cabeleireiros, de eletrônica, de qualquer coisa que elas queiram. Quero realizar o sonho delas e nesse sentido ajudá-las, entendeu? Olha, as dificuldades são muitas, sabe? Eu mesma estou encontrando dificuldades devido ao fato de ser uma ex viciada, uma ex drogada, e em toda a equipe só tem eu de travesti, tem outros gays, mas que eu sinto que não me aceitam muito...por ser uma travesti não me aceitam muito bem. Mas como eu faço um trabalho eficaz, algumas pessoas estão vendo isso e graças a Deus, essas pessoas reconhecem meu trabalho. Meu problema tem sido com os gays mesmo, sabe? Que não aceitam o fato de eu ser uma travesti e ter a visibilidade que eu tenho, de ser convidada para participar de seminários e de outras atividades que nem sempre eles vão. Elas acham que eu sou metida mas eu não sou não, eu só faço o meu trabalho, não quero ser mais do que ninguém, mas parece difícil para essas pessoas perceberem isso. Comigo não tem tempo ruim não, se precisar lavar banheiro eu lavo, entendeu? Eu acho que todo trabalho é importante na nossa luta e pelo fato de eu estar percebendo isso, acho que eu estou sendo menos arrogante do que eu era antes, sabe? Eu acho que a humildade vai fazer com que eu cresça, entendeu? Eu quero tirar de mim essa coisa que faz com que eu me sinta mal, sabe? Essa coisa de dondoca. Eu quero botar a mão na massa mesmo e para que eu meta a mão na massa eu tenho que começar de baixo, e o alvo nesse momento são as travestis de rua, e tenho tido a sorte de ser bem aceita nos contatos que tenho feito com o pessoal da rua. Graças a Deus eu tenho uma grande facilidade de fazer amigos e percebo que sou bem aceita. Desde criança eu achava que nunca ia ser aceita, mas as portas estão se abrindo e as pessoas estão me ouvindo, estão me procurando; não sou só eu que estou procurando por elas, elas estão vindo até a mim e isso me deixa muito contente porque eu estou sendo aceita e valorizada pelo trabalho que eu faço. É aquilo que eu sempre falo para você: as pessoas têm que deixar de pensar que a travesti, que o homossexual é sempre carnaval. Não é nada disso! A gente tem que se impor mais e reivindicar respeito e consideração, sabe? Quando é para rir, vamos rir, na hora de brincar, vamos brincar, mas na hora do sério vamos levar as coisas a sério. Eu estou levando a sério e acho que é isso que está sendo interessante, porque eles estão me dando essa credibilidade, entendeu? ”.*

Em seus relatos, Ônix expressa preocupações com as condições gerais de vida da população que vive na rua, mas também se mostra angustiada com as práticas de abordagens em prevenção das DSTS/HIV/AIDS, no sentido de conscientizar as pessoas da importância do uso

da camisinha e do sexo seguro. Reclama da falta de atenção que algumas travestis apresentam diante das conversas sobre prevenção e também de algumas cenas que tem presenciado e que a deixam muito angustiada:

*“Tenho ficado muito preocupada com as coisas que tenho visto sobre a falta de cuidado das pessoas em se prevenirem contra a AIDS, não só em Copacabana, na Glória ou na Lapa, mas principalmente nos bairros de subúrbios, como em Bangú, que tem uma boate que tem me deixado apavorada. Lembra? Eu te falei de lá, daquela boate que te convidei para ir e que não deu certo? Eu queria que você visse para ver que eu não estou louca, o caso é muito sério, eu fiquei apavorada. É uma boate que se chama Casa Grande, que fica em Bangú, e as pessoas que vão lá são pessoas muito simples, um pessoal bastante pobre... tem um corredor no fundo da boate onde as travestis ficam encostadas na parede, com as calcinhas abaixadas, e o rapazes, a maioria adolescente, vão passando e metendo nelas, assim sabe, tira de uma e enfia na outra, uma loucura! Eu acho que o dono dessa boate deveria ser preso, ser processado, porque ele permite que aconteça esse tipo de coisa. Eu até tentei falar com o dono da boate, mas o cara, o dono da boate é um policial mal encarado e arrogante que mal te olha na cara. Fui falar com ele, perguntando se ele não se importava com aquilo tudo e ele foi logo me perguntando se eu era repórter, e eu expliquei que era agente de saúde ele foi logo tentando me intimidar dizendo que o estabelecimento era dele e que ele tinha costa quente e que eu não devia me meter onde não era convidada. Foi um choque sabe, a gente fica meio sem chão, sabe? E ele falava que as pessoas iam lá por queriam, pagavam para entrar, para poder foder.... e o pior é que tem muita gente de menor, pessoas muito pobres que vão lá para tentar tirar dinheiro das travestis... Se você fala em preservativos eles não estão nem aí, sabe? Alguém tem que fazer alguma coisa porque isso tudo é muito sério e muito grave”.*

Ao término das entrevistas, perguntei a Ônix de como ela estava se sentindo no momento enquanto travesti:

*“Sabe, eu aprendi a me valorizar, a gostar de mim e acho que quem não me aceita só tem a perder com isso. Para mim, ser travesti é uma glória, travesti é luxo, é glamour. Tudo o que uma travesti se propõe a fazer ela faz bem, ela produz, basta ela saber se respeitar e se impor que ela chega lá, entendeu? Então, querendo ou não, a sociedade terá que nos engolir. Então, eu acho que é isso aí, eu só tenho a ganhar com tudo isso, sabe? Cada porta que me fecham é mais um ensinamento que me dão, sabe? De eu poder me valorizar mais com essas experiências. Cada indiferença, cada falta de educação dos outros me servem para querer lutar mais, eu acho que eu ganho com o preconceito deles, sabe? E*

*me fazem me sentir mais forte, eu sou uma pessoa forte e não me sinto derrotada, entendeu? Podem me criticar à vontade, porque você só acerta se você erra. E eu estou por aí, fazendo o meu trabalho, batalhando na minha luta, com a minha força de vontade, entendeu? E vou chegar lá! “.*

# **CARTOGRAFIA 2**



**AMETISTA**

## 7.2 Cartografia existencial II - Ametista

Os contatos iniciais com Ametista foram possíveis a partir de nossa participação no VII ENTLAIDS, nos dias 25 a 28 de junho de 1999, em Fortaleza/CE.

Logo no segundo dia do encontro, no café da manhã, dividi a mesa com algumas travestis do Rio Grande do Sul, e dentre elas, a mais solícita e sorridente era Ametista, que toda brincalhona fazia comentários irônicos sobre as outras travestis, colocando apelido em todas que passavam por nós. Como não poderia escapar de seus comentários, foi logo me chamando de ursinho e dizendo que adorava apertar bochechas, e que me achava parecido com o ursinho de um desenho animado que assistia pela televisão.

Antes do início das atividades, Ametista solicitou minha companhia para ir até um shopping próximo do hotel, pois precisava de filmes e pilhas para sua máquina fotográfica. Fomos de braços dados aos olhos dos transeuntes que ficavam surpresos diante de uma travesti de quase dois metros de altura e com cabelos loiros que iam até a cintura, e que se misturava diante do cenário nordestino em que a maioria das pessoas eram morenas bronzeadas pelo sol.

Algumas pessoas sorriam, outras cochichavam, enquanto alguns rapazes assobiavam empolgados diante da travesti loira que rebojava em plena luz do dia, sem no entanto dar a mínima atenção para as manifestações. Discretamente fazia comentários a respeito da sensação agradável que sentia por estar sendo notada e despertando curiosidade e desejo nas pessoas.

Ao entrarmos no shopping, tivemos uma surpresa desagradável quando uma senhora começou a falar alto, inconformada com a presença da travesti naquela hora do dia estar entrando em um estabelecimento comercial, afirmando não concordar com “esse tipo de gente”, que envergonhava a cidade.

Ametista abaixou a cabeça como quem estivesse envergonhada diante da cena, e fui logo alertando-a para que não desse importância para a mulher devido ao seu preconceito, pois o que importava era a sua beleza e seu carisma. Comentou que se sentia triste diante dessas cenas, pois nunca havia feito mal a ninguém e que ficava chateada devido ao desrespeito que muitas vezes tinha que suportar.

Ao voltarmos para o hotel, Ametista já estava sorridente de novo e a ocorrência da discriminação foi deixada de lado, sem nem ao menos comentar com suas colegas.

Ficamos juntos para assistir a primeira mesa redonda do dia, que tratava exatamente a inserção social das travestis; de vez em quando Ametista me olhava com ar de cumplicidade, dando piscadas ou sorrindo delicadamente. Tecia alguns comentários do que estava sendo exposto pelos palestrantes, e, ao mesmo tempo, aproveitava para fazer algumas piadinhas. Ametista tinha um senso de humor incrível que facilitava a aproximação das pessoas e, devido a suas brincadeiras, se tornava sociável e disponível para novos contatos e amizades. Todos que estavam ao seu redor acabavam se divertindo com seus comentários. Em nossas conversas me falava do quanto gostava de sua terra, de sua cidade, mas também de como era difícil para as travestis do sul se afirmarem como cidadãs, dizendo das dificuldades em serem aceitas pela comunidade e pela polícia que abusava das “gurias”, extorquindo dinheiro e favores sexuais.

Ao ser questionada sobre o fato de que esses abusos não são privilégio de sua cidade, mas que acontecem em quase todos os lugares, Ametista lembra do machismo característico do gaúcho, que é sentido desde a infância pela educação recebida dos pais, pela incompreensão dos próprios irmãos e parentes que se sentem no direito de agredir e ofender as pessoas que se manifestam como gays, travestis ou lésbicas.

Durante o encontro fomos tendo conversas sobre a realidade das travestis gaúchas, que de certa forma se assemelhava a outras regiões, embora sempre marcada por suas especificidades. Em um momento mais íntimo, fala a respeito do amor que tem por seu companheiro, mas que sentia que seu relacionamento estava chegando ao fim, pois o rapaz que convive com ela há dois anos estava se envolvendo com outra travesti, e que não imaginava a vida sem ele. Ao falar sobre isso, Ametista começou a chorar, expressando sua dor diante da separação. Tentei acalmá-la um pouco, dizendo que ela deveria se valorizar mais e que se não era para dar certo com esse rapaz; com certeza a vida estaria reservando uma pessoa melhor que a valorizasse e a respeitasse do jeito que ela era. Aos poucos foi se acalmando e voltando a sorrir, dizendo que iria se valorizar mais. Um pouco depois me mostrou a foto de seu companheiro, perguntando se eu o achava bonito, falando de quando o conheceu em uma festa de aniversário de outra travesti de sua cidade, e que no início não havia se interessado por ele, mas que o mesmo insistiu tanto que acabou saindo com ele. Nesse primeiro encontro, Ametista afirma que nunca tinha sido tão bem tratada por um homem e que se sentia amada e desejada como nunca havia sido em toda a vida, ficando completamente apaixonada, e duas semanas depois já estavam morando juntos. Tudo ia às mil maravilhas quando alguns meses depois ele começou a beber e a fazer uso de drogas, chegando algumas vezes a dormir fora de casa, mesmo porque Ametista não gostava beber e

nem fazer uso de drogas. A partir daí, informa que o relacionamento começou a ficar estranho e que há algumas semanas tem chorado muito em razão de estar percebendo que a relação está caminhando para o seu fim. Informa ainda que já teve algumas conversas com ele, mas que acha que foram inúteis, pois, pelo fato da outra travesti também fazer uso de bebidas e drogas, sente que o rapaz está se apegando mais a ela. Após chorar bastante, Ametista se recompôs, e pudemos voltar para junto das outras pessoas no restaurante do hotel.

À noite houve uma apresentação de Maracatu, e um dos rapazes do grupo se interessou por Ametista, vindo no final do show conversar com ela. Discretamente fui me afastando e deixando Ametista a sós com o rapaz. No dia seguinte me fala que acabou dormindo com o dançarino de Maracatu e que tinha sido maravilhoso, pois em nenhum momento havia se lembrado de seu marido do sul, e que estava achando que eu estava com a razão quando lhe disse que ela deveria se valorizar mais. No dia seguinte, o rapaz voltou a procurar por Ametista, que rompeu com ele, dizendo que não queria se apegar a ninguém, pois era casada e não queria dar-lhe esperanças pois estava apenas se divertindo e que queria viver mais a vida. Informou ainda que estava refletindo muito sobre seu casamento e estava pensando seriamente em terminar o relacionamento, pois achava que a tendência eram as coisas piorarem em razão da bebida e das drogas usadas pelo companheiro. Neste sentido, Ametista fala: *"nem as gurias que moram lá em casa, que pagam as diárias, eu deixo beber ou usar drogas, como vou poder controlar as gurias se ele começar a usar dentro de casa? Não, não! Tenho que tomar uma atitude!"*.

Ametista tem uma casa em que aluga quartos para outras travestis, embora more separado das mesmas em outro apartamento, apenas com outra travesti que informa ser sua amiga íntima, uma quase irmã.

Relata ainda que suas propriedades foram adquiridas com o dinheiro que ganhou fora do país, e as economias que consegue fazer devido ao salário que recebe em decorrência de seu emprego como auxiliar de enfermagem em um hospital público. Há quase vinte anos Ametista é funcionária pública em um hospital do estado e, nesse tempo, em razão da troca de chefia que ocorre a cada mudança de governo, já foi transferida várias vezes, em face da intolerância e preconceito com o seu estilo de vida.

Há um ano trabalha no almoxarifado de um Centro de Saúde e acha que está ótimo, pois assim ninguém perturba sua tranquilidade de poder se vestir e se arrumar do jeito que deseja.

Logo no final do encontro, Ametista me passou seu endereço e seus telefones, me convidando para conhecer sua cidade e sua casa. Passamos a nos falar de vez em quando por

telefone, ocasiões em que me contava sobre sua vida pessoal e sua militância junto ao grupo de travestis em que atuava.

Um ano depois nos encontramos novamente, no VIII ENTLAIDS que aconteceu nos dias 25 a 28 de junho de 2000, em Cabo Frio, região dos lagos do Rio de Janeiro. Logo que nos encontramos Ametista me puxou para um canto dizendo que havia terminado seu casamento, que estava feliz, mas não queria nada a sério com mais ninguém.

Durante o encontro apenas conversamos generalidades, quando Ametista fazia comentários a respeito dos “bofes” do hotel, ou ainda, dos rapazes que passavam em frente do hotel, dizendo que apenas queria se divertir, pois a experiência de seu casamento tinha sido muito recente e que ainda tinha algumas mágoas, achando que, pelo menos neste momento, nenhum homem era merecedor de seu amor. Quando falava sobre isso diante de outras travestis, as mesmas faziam chacota dela, dizendo que bastava um carinho bem feito que ela se entregaria toda. Uma das travestis presente alertou para a carência e a solidão vivida pelas travestis, que as tornavam muito vulneráveis, tentando com isso desconstruir o discurso de Ametista. Muitas risadas foram disparadas por essa história.

Nesse encontro, minha relação com Ametista foi menos intensa, de modo que conversamos pouco, sem grandes informações.

No ano seguinte, já ingressado no programa de Pós-Graduação, fui participar de um seminário em Porto Alegre, promovido pela ABIA, e, previamente liguei para Ametista, perguntando se ela me concederia algumas entrevistas, sendo prontamente disponível, me convidando inclusive para que me hospedasse em sua casa. Como já havia combinado que ficaria em casa de um amigo, agradei mas ressalttei que adoraria ir visitá-la.

Assim, ao final do seminário, telefonei para Ametista e marcamos um encontro que se daria na sede da Associação das Travestis, em pleno mercado municipal. Conversamos um pouco e saímos para tomar um sorvete, já que Ametista havia feito propaganda de uma sorveteria que considerava maravilhosa. Nesta sorveteria pudemos falar um pouco da cidade, dos pontos de batalha onde as travestis trabalhavam, enfim, da realidade em que viviam as mesmas e de como alguns projetos da associação estavam sendo desenvolvidos. Entre os projetos apontou o das Oficinas de Corte e Costura como fundamental para as travestis que buscam na profissionalização uma alternativa de ganhos para sobreviver além da prostituição. Marcamos para o dia seguinte uma visita que faria a sua casa, onde daríamos início às entrevistas.

Assim, às 16 horas do dia seguinte, fui até o apartamento de Ametista que me recebeu ao som de Edith Piaf, cantando “*La Vie en Rose*”. Serviu-me um suco e disse estar a

minha disposição. Neste sentido, pedi a Ametista que me contasse sobre suas lembranças a respeito da infância, adolescência e vida atual.

Ametista conta que nasceu em uma cidade do interior gaúcho em uma família do meio rural, tendo que ajudar o pai na plantação desde criança, junto com mais cinco irmãos. Relata que sua família era pequena, se considerar que seus tios tinham em média doze a treze filhos, e que seu pai era bastante rígido na educação dos filhos, exigindo sempre muito respeito dos filhos para que acatassem suas ordens e realizassem as tarefas propostas. Lembra-se ainda que não havia muito diálogo com o pai, tendo maior contato e afetuosidade com a mãe, que muitas vezes fazia vistas grossas frente a algumas desavenças que existiam entre os filhos, não comentando com o marido para que este não brigasse ainda mais.

Lembra que na sua infância brincava muito com os irmãos e com seus primos e que aos sete ou oito anos já sentia atração pelos meninos, mas que não tinha noção do que se tratava, pois era muito ingênua e desinformada.

Ametista nos fala de um certo estranhamento que vivia com os outros guris de sua idade que falavam das gurias, de seus interesses pelas gurias, e que ela não sentia o mesmo, achando tudo muito estranho. Nesta época de sua vida, lembra de comentários que os adultos faziam sobre brincadeiras entre os guris que passavam a mão uns nos outros, e que devido à idade, eram vistas como coisas de crianças. Recorda que sempre teve trejeitos femininos e que, com certeza eram percebidos pelas pessoas, mas que devido à moral e aos bons costumes quase ninguém comentava a respeito, pois essas coisas da sexualidade sempre foram muito veladas dentro de sua família e entre os vizinhos.

Ametista relata que era uma criança muito quieta e obediente aos seus pais, sempre desempenhando bem suas atividades, o que fazia dela uma boa aluna, com ótimas notas, sendo admirada por todos.

Por volta dos dez anos, quando brincava com seus primos, tinha um deles em especial que a tratava com mais atenção, que era mais carinhoso e vivia dando presentinhos como balas, doces e figurinhas para colar em seu caderno. Às vezes, quando brincava de esconde-esconde com as outras crianças, acontecia de se esconder com seu primo especial, ocasião que aproveitavam para se tocarem. Este primo sempre pedia para ela pegar em seu pinto e embora achasse estranho pegava e sentia que era gostoso. Em uma das vezes que carícias de esconde-esconde, as brincadeiras de tocar o primo se estenderam para outras atividades e Ametista informa que pela primeira vez chupou uma pica. Como era muito gostoso, se esqueceram da hora e os outros primos foram embora, deixando os dois para trás. Um de seus irmãos voltou para tentar localizá-los e pegou os dois em plena felação. Isto teria

sido motivo para que seus primos e seus irmãos fizessem chacotas deles, mas a pior das ofensas foram sentidas por ela que foi humilhada devido a estar fazendo o papel passivo na brincadeira, gerando muita polêmica, pois seu irmão mais velho fez a denúncia a seu pai, dizendo estar envergonhado do próprio irmão, o que resultou em uma surra de cinta e uma semana de castigo sem poder sair de seu quarto.

Ametista relata que foi uma situação muito estranha, pois para ela, aquele momento, não passava de uma simples brincadeira e que não via mal nenhum nisso. Sobre isso, nos fala:

*“Eu não entendia o porquê dos meus irmãos e meus primos gozarem da minha cara e muito menos porque meu pai me batia tanto. Eu apenas estava brincando com meu primo e para mim aquilo que tinha acontecido era coisa de criança, coisa de guri, isso é normal. Eu acho que na adolescência, guri transar com guri é normal. Acho que a maioria dos guris fazem isso, quem não teve uma relação com outro guri? Pergunte para os homens casados, para os clientes, e você confirma o que estou falando. Então, é uma coisa normal”.*

Esta experiência resultou em um castigo dado por seu pai, que a enviou para a casa de sua avó materna, que morava em outro sítio, mais longe da cidade (o sítio de seu pai ficava perto da cidade, o que facilitava para que freqüentasse a escola, pois não havia condução e ela tinha de ir a pé). Na casa de sua avó, lembra que não tinha outras crianças com quem brincar e que teria ficado um ano sem ir à escola, apenas ajudando nos serviços do sítio. Na sua estada no sítio da avó, teve que fazer de tudo, desde ajudar na cozinha até ordenhar vacas e entregar leite que era coletado por um caminhão que passava na entrada do sítio. Como desde criança já era bem feminina e tinha alguns trejeitos homossexuais, um dos rapazes que fazia a coleta de leite (eles vinham em dois rapazes no caminhão) começou a seduzir Ametista para que ela lhe fizesse sexo oral. Relata que toda vez que era abordada pelo rapaz se lembrava das gozações de seus primos e da surra que havia levado de seu pai, sem entender direito naquele momento do que se tratava. Mas, como o rapaz era bonito, acabou caindo em seus encantos e feito o sexo oral com o mesmo. Recorda-se ainda que, do sexo oral, o rapaz começou a seduzi-la para que a mesma fizesse sexo com ele, relatando:

*“Quando ele começou a querer me comer eu já tinha doze anos e já entendia um pouco mais das coisas, pois já sentia atração pelos homens e me sentia com vontade de fazer sexo e aquele guri bonito, gostoso, com uma pica linda, como ia aguentar? Até tentei resistir, mas era mais para fazer charme, e um dia quando ele tentou me penetrar eu deixei, mesmo porque ele já vinha brincando com o dedo, acho que até para ir alargando porque ele tinha uma pica muito grande e grossa e eu até tinha um pouco de medo. Aí, ele foi tentando enfiar a pica no meu cú e como eu era virgem ele não conseguia enfiar e ele ia ficando nervoso até*

*que me agarrou e enfiou de vez, me assustando, pois ele nunca tinha feito daquele jeito, e como dóia muito, eu saí correndo. Por sorte, meus pais haviam se mudado para a cidade e me levaram junto, porque eu fiquei com medo de re-encontrar o guri e ele querer me bater por não ter dado para ele”.*

Ao voltar para casa, relata Ametista que ninguém tocou no assunto do passado e pode voltar para a escola e fazer novas amizades com outros guris e gurias. Recorda que algumas vezes os guris a estranhavam devido ela gostar mais de brincar com as bonecas de sua irmã, do que das brincadeiras mais agressivas que os meninos realizavam, como por exemplo jogar bola. Sobre isso, recorda-se Ametista: *“eu gostava de pegar a boneca da minha irmã, cortava o cabelo dela e dizia que ia crescer. Eu adorava pentear os cabelos das bonecas e da minha irmã, tinha paixão por isso”.*

Nessa época, ao regressar para a escola, uma outra escola, com outros colegas, começou a ter problemas com os guris que começavam a chamá-la de bicha, de putinha e outros nomes, devido a perceberem que já era mais afeminada e mais delicada com as pessoas, além de suas preferências de permanecer ao lado das meninas, com as quais, segundo relata, tinha mais afinidades.

Confessa que era um inferno na saída da escola com os guris vaiando-a no colégio. Certa vez, na saída da escola, ao ser molestada por alguns guris que além de fazerem ofensas verbais tentavam a todo custo passar a mão em sua bunda, um de seus irmãos ao presenciar a cena começou a rir da situação. Ametista fala de sua decepção com esse irmão, pois esperava que o mesmo a defendesse e isso não aconteceu. A esse respeito, Ametista comenta:

*“Foi muito difícil para mim naquele dia. Eu já andava muito chateada com as gozações dos guris que me infernizavam todos os dias e me mantinha calada, envergonhada, e por isso não contava para ninguém, nem mesmo para a minha família. Entre os meus irmãos, eu tinha uma relação mais próxima com as minhas irmãs e com meu irmão mais novo que era muito meu amigo, quer dizer, pelo menos eu achava que era, porque naquele dia dos guris passando a mão em mim, ao invés dele me proteger ou falar com os guris, ele começou a rir de mim e me deu as costas, e isso foi muito duro porque eu percebi que não poderia mais contar com ninguém, e essa descoberta foi muito ruim. Eu estudava em um colégio de freiras que era muito rígido. Lá dentro, até que não tinha tanto problema, o problema era mesmo na saída da escola. Mas, tinha uma professora que tinha um filho que estudava na mesma sala que eu, e ele era terrível, porque ficava fazendo caretas e gestos sobre meu jeito delicado e feminino, e a mãe dele percebia e fazia de conta que nada via, rindo muitas vezes com a cara virada para a parede. Isto também me machucou muito”.*

Ametista relata que devido a toda a pressão e a gozação que sofria por parte dos guris na escola, assim como pela cumplicidade da professora, muitas vezes arrumava desculpas para não ir à aula, ficando doente de propósito, ou inventando alguma história de que não haveria aula.

Recorda que havia um outro professor, na mesma escola, por quem se sentia atraída e que, segundo sua percepção, havia uma reciprocidade de desejo:

*“O professor era muito tihoso, ele usava uma calça justa que deixava a neça bem evidente e eu ficava louca. De vez em quando ele passava por mim e perguntava: já fez a lição? Entendeu tudo? E aproveitava para pegar no meu braço, alisar as minhas costas, e eu percebia que ele ficava de pau duro. Um dia, quando precisava fazer um trabalho de escola, precisava de um livro e pedi emprestado ao professor, que me convidou para que no final da aula eu fosse até sua casa para pegar o livro. Fomos até sua casa e logo ao chegar lá, entramos em sua sala e ele fechou a porta dizendo que estava na estante e que poderia apanhá-lo. Conforme procurava pelo livro, ele veio por traz e me abraçou, alisando minhas coxas. Eu tremia muito, pois não sabia o que fazer e ele não dizia nada, apenas me alisava. Como também não disse nada, ele baixou minha calça e pois o pau nas minhas coxas e ficou roçando até gozar. Assustada, mas gostando de tudo, fui embora e nem o livro levei. Desse dia em diante o professor se manteve mais distante e nunca mais nos falamos”.*

Apesar dos abusos vividos com seu primo, do sexo oral com o leiteiro e da experiência com o professor, até esta idade Ametista não havia tido uma relação sexual completa, com penetração, pois as cenas até então haviam sido ligadas à felação e à masturbação.

Na entrada para o segundo grau escolar, relata que ficava extremamente incomodada com os guris, principalmente quando tinha aulas de educação física e ficava enlouquecida com os rapazes só de calção, pois tiravam a camisa para jogar futebol e isso era, segundo ela, uma visão paradisíaca. Mas, sempre se mantinha discreta, pois tinha medo das conseqüências devido às experiências anteriores que lhe renderam gozação e castigo físico. Mesmo assim, como já estava mais crescida, às vezes quando saía para dar uma volta na praça, acontecia de algum rapaz a abordar e convidá-la para fazer sexo. Dependendo do guri, relata Ametista, ela fazia sexo oral ou o masturbava, mas nunca permitia ser penetrada, pois ao pensar em penetração se lembrava do leiteiro que havia sido violento ao tentar possuí-la. A lembrança dessa cena teria se tornado traumática e assustadora, pois achava que toda forma de penetração seria daquele jeito, limitando-se em suas práticas sexuais a apenas sexo oral e masturbatório.

Nesta época de seu segundo grau (15 a 18 anos), Ametista recorda de momentos em que preferia ficar sozinha em seu quarto, tornando-se mais reflexiva a respeito de sua vida e de seus desejos. Começa a sentir vontade de se vestir com as roupas de suas irmãs, de usar suas maquiagens e seus enfeites. Por sorte, ela era o único filho na família que tinha um quarto só seu, e que podia dispor do espaço do jeito que quisesse. Lembra-se que pegava as roupas e maquiagens de suas irmãs escondido e levava para seu quarto, trancando-se nele e se montando na clandestinidade familiar. Lembra-se ainda, que sua irmã mais velha estava se formando e mandou fazer um vestido para a formatura, que segundo Ametista, era o vestido mais lindo que havia visto até aquele momento, tendo ficado enlouquecida de vontade de vesti-lo. Assim, deu um jeito de se apoderar do vestido sem que a irmã percebesse e o levou para seu quarto. Ao experimentar o vestido, como sua irmã era mais magra que ela, ficou apertado, mas mesmo assim fez uma força para que o mesmo entrasse em seu corpo, e ao forçá-lo, estourou seu zíper. Lembra-se que entrou em desespero, pois não sabia o que faria, já que entre seus irmãos essa era a irmã mais briguenta e mais intolerante de todos. Por fim, resolveu criar coragem e contar para sua irmã a respeito do acontecido, implorando para que a mesma não contasse a ninguém, pois isso seria o seu fim. Sua irmã ficou muito brava com ele, dizendo que faria o que ela pedia desde que a mesma ficasse lhe devendo um favor. Assim, sua irmã disse para sua mãe que havia enroscado o vestido na guarda da cama e por isso o zíper havia descosturado. Na semana seguinte, quando da formatura, sua irmã pediu para que Ametista a ajudasse a sair escondido para se encontrar com seu namorado e que ninguém poderia saber em razão de o mesmo ser um homem casado, ficando assim estabelecida a cumplicidade e o segredo entre os irmãos.

Com a chegada dos dezoito anos, veio a cobrança do exército, do alistamento militar, criando nova tensão para Ametista que não queria servir ao exército. Lembrou-se então de um primo que era sargento e foi conversar com ele sobre a possibilidade de ser dispensada, mesmo porque, era ele quem fazia a seleção dos alistados. Coincidentemente era o mesmo primo das brincadeiras de infância – personagem que nunca mais fora referido. O mesmo a orientou para que fosse no dia do exame coletivo para ser dispensada.

No dia ficou ansiosa demais, pois todos os rapazes ficavam nus na frente de todo mundo, mas por se tratar de caso de dispensa, foi encaminhada para uma sala ao lado, junto com mais três pessoas que se encontravam em situação semelhante.

Com a dispensa do exército e a conclusão do segundo grau, Ametista começa a pensar no futuro, do que queria fazer na vida;

*“Mas eu sempre pensava: o que que eu vou ser? Eu não queria trabalhar com coisa pesada porque eu me sentia muito feminina. Eu pensava em trabalhar em hospital, esse era o meu sonho, de ser enfermeira. Eu achava lindo ver aquelas enfermeiras todas de branco. Mas também pensava em ser cabeleireira, cortar cabelos, fazer penteados, eu sempre gostei de mexer com cabelos. Fui no hospital da minha cidade pedir emprego, mas disseram que precisava fazer um curso e sem o curso não tinha como eles me darem o emprego”.*

Nesta mesma época, a família de Ametista recebeu a visita do bispo que era irmão de seu pai, e como fazia parte do grupo de jovens da igreja, ficou responsável em organizar a recepção da comitiva do eclesiástico. Nesta comitiva, Ametista conheceu uma freira que trabalhava em um hospital em Porto Alegre e que foi bastante receptiva e afetuosa. Nestes dias, Ametista ficou grudada na freira, pois queria saber informações de como trabalhar no hospital que a freira trabalhava. Devido sua família ser muito religiosa, e de ter alguns tios que se tornaram religiosos, existia uma expectativa muito grande para que ela também seguisse a carreira religiosa, mas desde o início deixava claro que sua vocação não passava pelos seminários e que não tinha pretensão em ser padre.

Como não conseguia emprego em sua cidade, disse para sua mãe que iria embora para Porto Alegre à procura de trabalho. Assim, aos dezoito anos, pegou um ônibus e só com o dinheiro da passagem foi ver como era viver em uma cidade maior. Nesta época, ainda era um rapaz gay, afeminado e de cabelos compridos, e que ainda viria a se transformar em Ametista. Ao chegar em Porto Alegre foi direto até o hospital onde trabalhava a freira que havia conhecido e pediu para que a mesma arrumasse um trabalho, dizendo: *“irmã, eu faço qualquer coisa, qualquer serviço, até fazer a limpeza, limpar o chão. Para ter um emprego eu faço qualquer coisa!”.*

Assim, na segunda feira seguinte, Ametista se apresentou no hospital com todos os documentos para que fosse contratada, e conforme sua solicitação, passou a trabalhar na limpeza, indo morar em uma pensão masculina, que segundo Ametista, tinha uns cem bofes. Relata que ficou em um quarto com mais três homens e que foi muito ruim pois tinha de disfarçar sua homossexualidade por não saber da reação dos mesmos. Evitava falar muito e se assustava com os olhares dos mesmos. Assim, para não ter que conversar com as pessoas do quarto, saía bem cedo e voltava tarde, quando os mesmos já estavam dormindo.

Mas, como diria Ametista, nem tudo era horror. Logo que começou a trabalhar no hospital, no primeiro dia, percebeu que havia muitos homossexuais que trabalhavam no hospital, e de imediato, foi fazendo amizade com uma das pessoas que, segundo Ametista,

teria sido a primeira pessoa a lhe dar informações que a levariam à transformação do seu corpo e à construção de uma nova travesti. A esse respeito, Ametista fala:

*“Logo no primeiro dia que cheguei no hospital, fiz amizade com uma bichinha que já trabalhava lá, a mais tihosa, a mais antiga. E eu percebi que ela tinha peito e perguntei como faria para ter também. Ela falou que era por causa dos hormônios que tomava e se ofereceu para ir comprar comigo. Já no primeiro dia, a bicha já me levou para comprar hormônios. Ficava meio assustada com a situação, mas a vontade era tão grande, tão grande que arrumei coragem e fui”.*

Na semana seguinte, Ametista conheceu outra pessoa que também trabalhava no hospital e durante a noite se virava na Avenida Independência. Como o que ganhava era pouco e tinha que pagar a pensão, começou a se preocupar com a situação e nas conversas com essa nova amiga foi descobrindo a respeito das atividades da prostituição, que inicialmente lhe despertavam interesse, curiosidade e apreensão. Relata que ficou dias pensando no assunto, mas sempre receosa em tomar a decisão se ia ou não para a rua. Foi assim que Ametista refletiu:

*“Eu me perguntava sobre o que fazer? Meu cabelo já estava chanel e por causa dos hormônios, meus peitos começaram a aparecer na hora. Minha amiga me passava todos os truques e nunca mais vou me esquecer dela. Como comecei a ficar mais feminina, criei coragem e a noite saía para batalhar na rua. Lá eu me prostituía até altas horas da madrugada, e como naquela época se ganhava muito dinheiro, a gente continuava na função. Como se ganhava dinheiro, mas como a gente também corria da polícia! A sorte é que minha amiga morava no hospital e como a gente batalhava perto a gente corria para a casa dela. Ela deixava um portão dos fundos abertos para facilitar e quando a polícia vinha, a gente corria e evitava problemas”.*

Assim foram alguns meses e com o passar do tempo Ametista começou a refletir sobre sua situação começando a perceber a necessidade de estudar, de fazer um curso, pois não se imaginava passar a vida inteira esfregando chão. Assim, procurou pela freira do hospital e perguntou se tinha algum curso que poderia fazer para melhorar seu salário. A freira lembrou-se que em conversas passadas Ametista havia falado do desejo em ser enfermeira e disse a ela que existia um curso de auxiliar de enfermagem e que seria possível devido ela ser funcionária do hospital, e que poderia continuar trabalhando na limpeza enquanto faria o curso, de modo que, no momento que percebessem que tivesse condições, ela seria transferida para a enfermagem. E assim, Ametista deu início ao seu curso de auxiliar de enfermagem. Dois meses depois, a freira que ministrava o curso fez indicação para que

Ametista começasse a trabalhar na enfermagem. Relata que apesar da melhora de salário, continuava batalhando na rua, apesar de achar a situação estranha: *"quando eu saia na rua eu ficava muito encucada por fazer programas e a pessoa me dar dinheiro. Lógico que eu adorava receber o dinheiro mas achava estranho o cara me pagar. Sempre questioneei essa coisa de dinheiro, mas dava uma ajuda boa para pagar as despesas e a gente ia levando. Eu saia com os caras e tudo era muito vazio, muito esquisito, o cara sai com você e depois nunca mais, e eu ainda tinha sonhos de encontrar um grande amor, uma pessoa que quisesse casar comigo e viver como marido e mulher"*.

Ametista sempre me falou de seu sonho de encontrar alguém que a aceitasse do jeito que ela era e poder ter uma vida comum, mas que achava quase impossível devido a sua condição de travesti que batalhava na rua. Teve algumas tentativas de relacionamento com alguns homens, mas acabava em traição, abandono e exploração econômica.

Quando começou a trabalhar na enfermagem, Ametista recorda que em frente ao hospital havia uma funerária e que nela havia um rapaz muito bonito, mais velho que ela, na faixa de uns quarenta anos, que sempre a cumprimentava e que morava nos fundos. Começaram a conversar sobre generalidades em algumas vezes, mas sempre com muito respeito e sem tocar em assuntos de sexo ou de relacionamento. Um dia, entretanto, ao parar para conversar com ele, foi convidada para conhecer sua casa, e essa cena marcaria toda a sua vida, conforme nos conta:

*"foi no final de ano, na passagem do dia 31 para o dia primeiro. Passei o ano com ele porque ele me convidou, e a gente acabou ficando junto, fizemos amor várias vezes e desse dia em diante começamos a namorar, um relacionamento longo, uma coisa bem duradoura, e ele começou a reclamar dizendo que não queria mais que eu batalhasse na rua porque achava horrível, que era muito marginal. Naquela época a maioria das travestis eram todas cortadas de gilete, tinha muitas brigas e ele achava que elas iam me cortar também. Então ele ficou muito preocupado e me propôs de me ajudar, que não ganhava muito, mas que queria me ajudar. Aí, eu saí da rua e também da pensão, indo morar em uma peça que ele alugou para mim. Eu arrumei bem bonitinho e ficou tudo arrumadinho e de vez em quando ele ia lá. Com o tempo, descobri que ele era noivo, mas me ajudava assim mesmo"*.

Nesta época, Ametista já estava com 23 anos, havia terminado o curso de enfermagem, e recebeu um convite feito pelo médico diretor do hospital, para que ela fosse coordenar um grupo de enfermagem em um hospital do interior, mas que para isso ela teria que cortar o cabelo e se mudar para lá. Pensava que se mudar para lá não seria problema, mas cortar o cabelo ela não cortaria. Como o salário era tentador, seis vezes mais o que ganhava,

foi até o cabeleireiro e fez um corte “chanelzinho”, e se apresentou ao médico, que ao vê-la de corte novo de cabelo lhe falou que ela estava mais mulher do que antes, e que ela deveria cortar ainda mais. Irritada disse ao médico que prenderia o cabelo, mas que não cortaria o cabelo. O médico acabou aceitando e a contratou para trabalhar em seu hospital, em uma pequena cidade do interior. Nos primeiros meses foi tudo tranquilo, mas a partir do terceiro mês as mulheres que trabalhavam no hospital começaram a dar em cima de Ametista, e segundo suas análises, apesar delas saberem que era homossexual, as mulheres do interior não percebiam essas coisas e faziam de tudo para se casarem. Foi assim que Ametista convidou seu companheiro para que fosse visitá-la e quando se encontrava com as pessoas o apresentava como sendo seu amante. Essa sua posição causou um mal estar entre as pessoas que não entendiam a situação e acabaram levando a notícia para o médico chefe/dono do hospital, que segundo Ametista, quase caiu duro.

O médico dono do hospital chamou Ametista em sua sala e disse que jamais ela poderia ter dito a respeito de sua sexualidade para as pessoas, porque as pessoas não aceitam esse tipo de coisa. Ametista teria lhe dito que ela era assim mesmo e que não queria mudar, e que estava feliz. Ao sair da sala, teve uma crise de choro, pois não se conformava com o fato de as pessoas não aceitarem seu modo de viver, e foi para casa. Após se acalmar ligou para seu companheiro e contou sobre os acontecimentos; ele lhe aconselhou a deixar o hospital e a voltar para Porto Alegre. Assim, Ametista pede demissão do hospital e voltou a Porto Alegre, alugando outro espaço, agora um pouco maior, e passou a reorganizar a vida, lembrando-se que

*“Logo no segundo dia que estava em Porto Alegre, arrumei emprego em um outro hospital. Fui trabalhar e decidi que não queria mais saber da putaria de rua. Havia decidido apenas trabalhar naquele hospital, mas meu horário de trabalho era das 14 as 18 hs, e nos outros períodos eu ficava sem fazer nada, e aí, você sabe né?, a putaria puxa a gente. Então, o que eu ia fazer de manhã e de noite? Comecei a sair para a rua porque quando você vive com as travestis, uma puxa a outra, não adianta”.*

Assim, de volta ao grande centro, volta a construir uma rotina de vida que mesclava trabalho assalariado e prostituição, buscando fontes de renda que pudessem lhe proporcionar melhorias de qualidade de vida, mesmo tendo que ter um vida dupla devido à necessidade da clandestinidade como profissional do sexo. Quando alguma pessoa comentava que havia visto Ametista na rua ela negava dizendo que devia ser alguma pessoa parecida, e que afinal de contas existem tantas loiras altas parecidas, que fica fácil de serem confundidas. Preferia

negar sua condição porque se naquela época ser homossexual era muito difícil, ser travesti era pior ainda.

Lembra-se ainda que nesta época terminou o relacionamento com seu companheiro, em razão de suas suspeitas sobre o noivado do mesmo terem se confirmado, com o casamento em breve do mesmo. Ametista relata que no início foi muito difícil porque estava acostumada com o companheiro, mas que com o tempo foi se conformando e voltando a paquerar novamente com finalidades matrimoniais.

Após dois anos e meio, ainda trabalhando no mesmo hospital, resolve arrumar outro amante que, movido por ciúmes, levava e buscava Ametista diariamente ao trabalho, além de algumas vezes ir almoçar com ela em um restaurante do próprio hospital que permitia a utilização por pessoas de fora do corpo funcional. Assim diz ela:

*"Eu fiquei dois anos e meio sem namorado, até que um dia arrumei um amante. Para você ver como as pessoas tem preconceito: todo dia ele me levava e depois me buscava de carro no serviço. Ele trabalha em um setor de queimados que ficava do outro lado da rua, que era do próprio hospital, mas que ficava separado do hospital e a gente as vezes almoçava juntos no restaurante do hospital e quando encontrava as pessoas ele falava para elas que ele era meu marido. Como ele tinha dois metro e dois de altura, jogava basquete, era lindíssimo, as mulheres ficavam despeitadas e tinham inveja mesmo por ele estar comigo. Um dia, chegou uma enfermeira horrrosa me dizendo que haviam feito uma reunião para me mandar embora porque eu estava trazendo homem pra dentro do hospital e eu falei que ele era meu marido, e que ele apenas almoçava comigo, que eu não estava trepando com ele. Mesmo assim, a despeitada fez uma abaixo assinado e acho que todo mundo enlouqueceu, porque acabaram me mandando embora. Levei o caso na justiça e acabei ganhando um bom dinheiro, apesar de um monte de audiências e de um monte de humilhação, porque as pessoas ficavam olhando, dando risadinhas e cochichando, mas eu ficava na minha e agüentava. Depois disso tudo, fiquei desempregada, e fiquei um bom tempo trabalhando só na rua".*

Nesta época, Ametista comenta que teve problemas na rua, porque a polícia naquela época era bastante agressiva, chegando até a bater nas travestis, e muitas vezes teve que ficar escondida na casa de uma amiga. Essa amiga, segundo conta, foi a mesma que a iniciou na ingestão de hormônios, e que deu pistas dos lugares da prostituição onde seria mais seguro e tranqüilo poder trabalhar. Mesmo assim, relata que a rua nesta época era uma boa fonte de renda (década de 70), pois não havia preocupações com a AIDS, e os homens procuravam as travestis como mulheres, tratando-as como tal, e com o tempo é que eles se transformaram em "mariconas" (homens casados que procuram as travestis para serem passivos). Segundo

informa, era uma época de muito glamour, as travestis se vestiam muito bem, usavam roupas de grife e sapatos importados, sendo muito apreciada inclusive pelas mulheres, recordando:

*“As vezes eu encontrava uma colega que trabalhava no hospital que dizia ter me visto na avenida, que eu estava muito bonita, e naquela época eu já estava com peitões, por causa dos hormônios, e meus cabelos eram muito bonitos, eles ficam brilhantes por causa dos hormônios, e a gente acabava se sentido mulher mesmo, mesmo porque, a gente recebia elogios dos homens, que atiçava a vaidade, e a gente queria ficar mais bonita ainda, sempre procurando mudar alguma coisa para que sempre fosse notada. Um dia, quando eu batalhava, parou um carro que eu nem conhecia a marca, e o guri perguntou se eu não queria trabalhar na boate dele. Fiquei meio sem saber, porque nunca tinha ido a uma boate e ele me deu um telefone para que entrasse em contato. No dia seguinte, liguei e ele me convidou para conhecer a boate, e lá fiquei trabalhando por dois anos. Foi bom porque na rua a gente fica muito exposta e na boate você tem um pouco mais de segurança, os homens já vão com a idéia do que vão fazer lá, e não ficam pedindo desconto, até que um dia, li no jornal sobre um concurso público para auxiliar de enfermagem, acho que em 1977 ou 1978, que precisava só do primeiro grau, e resolvi que ia fazer, e não é que eu passei? Acho que foi terceiro ou quarto lugar, e logo fui chamada para fazer a entrevista com uma enfermeira, que queria me conhecer. Quando ela me viu, caiu dura! Perguntou se eu tinha passado no... como chama? Psicotécnico, dizendo que seria bom que eu fosse trabalhar com doentes mentais, aí eu cai dura! Eu não queria a vaga do Hospital São Pedro, que é o hospital dos loucos. Como eu sabia que o concurso valia por dois anos, disse que ia pensar e que voltaria, mas não voltei não, eu só queria saber de putaria, só queria saber de rua. Eu ganhava quanto queria na rua, porque que eu iria trabalhar no Hospital São Pedro? Uns tempos depois, chegou um fonograma pedindo para que eu me apresentasse no hospital São Pedro, e que se não me apresentasse a vaga seria passada para outra pessoa. Aí, minha amiga, aquela que também trabalhava no hospital, me falou que eu trabalharia de dia e de noite eu poderia fazer a putaria. Fui lá e falei com a enfermeira chefe que me colocou para trabalhar com os loucos”.*

Nas lembranças de Ametista, essa experiência foi muito negativa, pois tinha que atuar em enfermarias que tinham mais de cento e cinquenta internos, na ala dos alcoolistas, e que durante sete meses viveu um verdadeiro inferno. Mas, apesar de um bom salário que lhe permitia viver bem e morar em um bom apartamento, mesmo assim continuava a batalhar em algumas noites, quando conheceu uma pessoa (cliente) que era assessor do secretário da saúde, que pediu o número de sua matrícula profissional dizendo que iria ver o que poderia

fazer por ela. Ametista comenta que não acreditou muito nele, pois *“essa maricona nem sabia o que eu queria, ela só queria fazer coisinhas comigo de graça”*.

Para sua surpresa, três dias depois, a maricona disse para ela procurar por uma pessoa na secretária da saúde, e ao fazê-lo conseguiu a transferência para um centro de saúde em uma unidade da Febem, segundo ela *“lá no cú do caralho”*.

Assim, Ametista foi se apresentar no novo posto, receosa diante da recepção por parte da nova chefia e colegas de trabalho, relatando:

*“eu senti então aquela coisa porque eu era muito feminina, já tinha peito grande, já tinha botado silicone. Quando eu cheguei lá, eu nunca me esqueço, mesmo porque já fazem 22 anos que estou lá, e naquele dia o pessoal ligou para lá dizendo que estava indo um rapaz para trabalhar no setor, que iria trabalhar do meio dia as seis. Cheguei lá, entrei com uma calça justíssima, branca, com uma camiseta justíssima, não estava nem aí, com os peitões, cabelos soltos, tinha feito uma escova, fazia um calor insuportável, uma guria me recebeu e falei que era o novo funcionário. A guria me olhou de cima em baixo e perguntou: é a senhora? Mas o secretário disse que seria um homem, um rapaz, e agora me mandam uma mulher? Já está cheio de mulher aqui. E eu respondi baixinho: não, meu amor, eu sou o fulano! Ela ficou meio sem saber o que fazer, mas foi muito dada comigo, e hoje em dia, ela é a minha melhor amiga dentro do setor. Sabe, eu penso que a sexualidade da gente é a gente que faz, o nome da gente é a gente que faz, o ambiente é a gente que faz. A gente conquista as pessoas, pois eu sempre fui humilde com elas. Você sabe que as bichas aprendem os truques todinhos de como conquistar uma pessoa, e eu aprendi a conquistar o meu espaço. Mas, a gente que trabalha em serviço público, quando muda o governo muda a chefia também, e outro dia entrou uma chefe recalcada que disse que eu não poderia trabalhar com a parte da enfermagem. Até pensei em processá-la, mas como eu já estava enjoada do trabalho, não revidei e ela me colocou para trabalhar em uma das salas dos fundos para trabalhar na administração, e já estou lá há mais de dez anos. Eu adorei porque eu fico em uma sala sozinha, administro todo o centro de saúde, a parte técnica com os médicos, as folgas, as férias, quantas fichas foram atendidas, sou eu que faço tudo, eu é que determino e depois vem a minha chefe. Bicha é assim, depois que aprende uma vez, não esquece nunca”*.

Ametista relata essas experiências de forma muito orgulhosa, devido ter conquistado espaço entre seus colegas e com a própria chefe, podendo andar do jeito que gosta, usar sapatos de salto alto, trabalhar maquiada, com as unhas pintadas. Neste processo de conquistas foi chamada à atenção algumas vezes, mas como era uma excelente funcionária e

muito competente, as pessoas foram se acostumando e aprendendo a conviver com Ametista que se mostra bastante feliz e satisfeita com seu ambiente de trabalho.

Relata que sua chefe se tornou uma grande amiga, embora nem sempre acreditasse nas histórias que contava sobre a rua e a batalha:

*“Às vezes quando contava para ela aquelas coisas de quando eu batalhava na rua, porque todo dia acontecia uma tragédia, era morte, era assalto, era violência, bicha bêbada, bicha sentando faca, que eu vivia levando as travestis no posto para fazer curativo, injeção de hormônio, de remédio, ela dava uma risadinha como quem não acreditava. Eu sempre fui de ajudar as monas que estavam doentes ou com problema com o silicone; como eu trabalhava no posto, as travestis me procuravam e eu sempre dava um jeitinho. Hoje em dia, as do meu tempo, não tem mais nenhuma viva para contar essas histórias, e eu continuei batalhando nas ruas, de tarde no hospital e de noite na rua, dormindo de manhã, não tem problema nenhum. O problema é ficar só na rua. Se todo mundo pensasse em conquistar, em estudar, em ter uma segunda renda, em conquistar um espaço, porque travesti não é um bicho de sete cabeças, mas é preciso conquistar o seu espaço e não esperar que alguém venha bater na sua porta dizendo que tem um emprego. Acho que você tem que ir à luta e conquistar, você não acha? Eu acho que nunca estive tão bem comigo, sou soropositiva há quinze anos, já tomei remédio, já parei de tomar porque minha carga viral é indetectável e meu CD 4 tá com uns oitocentos e poucos. Há quinze anos atrás quando eu fui pegar o resultado do exame eu entrei em depressão, porque naquela época se você falasse disso, era pedir para morrer... hoje já tem mais informações e mais assistência, hoje está mais fácil. Quando eu soube do meu resultado, pedi dois anos de afastamento do trabalho e fui para a Europa, para a Itália, Milano, Roma... coisa que nunca me arrependi de ter feito”.*

Ao referir-se sobre a transformação de seu corpo, sobre sua decisão definitiva pela estética travesti, e sobre sua escolha de gênero, Ametista foi sentindo um certo distanciamento familiar que foi sendo percebido através da diminuição de telefonemas, de visitas à sua cidade por parte dela, ou ainda, de seus próprios familiares que foram deixando de vir visitá-la. Reclama da separação familiar gradativa, pois tinha uma relação boa com sua mãe e com uma das irmãs que sempre apoiou suas decisões no tocante ao seu estilo de vida. Com o pai e com os irmãos sempre teve dificuldades de relacionamentos, fato que foi sendo amenizado com o tempo, pois *“quando a gente corre atrás de nossos sonhos, a gente se acostuma com tudo na vida”.*

Sua experiência na Europa lhe trouxe alguns ganhos, que segundo Ametista, foram bem mais que financeiros, pois seu retorno permitiu uma maior aproximação da família que se

encontrava em dificuldades financeiras em razão da perda da colheita do sítio, em um ano bastante complicado devido ao forte frio e intensas geadas. Ela recorda:

*“Não me arrependo de ter ido para a Europa. Lá as coisas não são tão fáceis como dizem, você tem que se submeter a muitas humilhações, por ser estrangeira, por ser travesti e por não ter visto de permanência. Mas valeu a pena, ganhei bastante dinheiro, fiz o meu pé de meia por causa de ter a cabeça feita. Tu tem que ficar esperta porque senão gasta tudo o que ganha e não traz nada, não pode ficar gastando em putaria e com as drogas que tu tem fácil. Com o dinheiro que ganhei pude comprar uma chácara belíssima, com duas casas, com tudo do bom e do melhor. Quando cheguei de volta ao Brasil, minha família estava passando por muitas dificuldades financeiras, e tiveram que vender uma parte do sítio para pagar dívidas. Comprei a chácara e como tinha duas casas, dei uma para os meus pais morarem e a outra para o meu irmão, porque ele não tinha casa, né? Então, dei para ele morar com a minha cunhada e meus dois sobrinhos, para que eles construísem tudo de bom e de melhor. Eles moram lá até hoje e poucas vezes eu vou até lá, mas eles me tratam bem e me respeitam bastante, às vezes vou lá em festinha de aniversário ou quando tenho que buscar alguma coisa. Eles plantam de tudo um pouco e quando colhem me chamam para buscar alguma coisa. Tudo o que eu tenho eu conquistei na Europa, mas mesmo assim, continuo trabalhando no hospital e um pouco menos na rua, porque comecei a batalhar por anúncio que coloco no jornal, a pessoa me liga e a gente marca o encontro. Na Europa eu aprendi a economizar porque aqui eu era muito de gastar, sem pensar no futuro. Gastava dinheiro com os bofes, com as boates, mas depois fiquei pensando um pouco mais em mim, porque eu pensava que não importava se eu ia viver muito ou pouco, o importante era poder viver bem. Eu tranço de camisinha, não uso drogas, eu não bebo, eu não fumo e me alimento bem”.*

Mesmo com o salário, com os programas por anúncio, de vez em quando Ametista vai para as ruas para rever as amigas e também para lembrar dos velhos tempos. Relata que hoje existe mais malandragem entre as travestis, e muitas acabaram caindo na marginalidade se transformando em ladras, traficantes e drogadas. Ametista se mostra entristecida diante deste cenário, pois as travestis honestas muitas vezes pagam um preço alto em razão das outras travestis que atuam de forma criminosa.

A esse respeito, Ametista informa: *“Eu acho que os clientes que a gente sai não são apenas clientes, muitos deles se tornam nossos amigos, quando não temos que dar uma de Psicóloga e ouvir seus problemas. Se você trabalha honestamente você ganha o cliente para que ele volte sempre. Tenho clientes que frequentam a minha casa há mais de dez anos e alguns que são mais íntimos do que a nossa própria família. Eu nunca roubei e se todas*

*fossem profissionais do sexo como eu, acho que o mundo viveria em paz, porque não ia existir assalto, nem roubo, nem violência. Eu sempre procuro trabalhar sozinha na rua, e quando alguma travesti desconhecida se aproxima, peço para ficar longe de mim, porque eu trabalho ali há bastante tempo. Com o tempo, a gente acaba ficando amigas, porque do mesmo jeito que eu conquistei aquele espaço, ela vai conquistar também. Sempre procurei ser amiga de todas e hoje sou muito respeitada pelas travestis, até pelas novinhas que quando me vê me cumprimentam. Isso também é uma conquista, porque no mundo da batalha, é cada uma por si e Deus por todas. Agora, se eu fosse uma travesti marginal, quem que ia me respeitar? Eu sempre falo para as gurias se você é uma travesti, uma profissional do sexo, batalha na moral, para ganhar e conquistar o cliente. Mesmo nos meus cinquenta anos, quando perguntam: mas essa velha ainda faz programa? Elas podem até me chamar de velha, e dizer para as outras que sou isso ou aquilo que eu não me importo. Eu conquistei espaços e respeito que ninguém vai me tirar, porque eu não deixo”.*

Para Ametista, a conquista de espaços e de respeito se deram devido ela ser uma pessoa boa, que sempre se preocupou com os outros e sempre ajudou a quem a procurava. Para ela, independente de ser travesti, de ser homossexual, as pessoas precisam ser respeitadas e ninguém tem direito de ficar fazendo julgamentos. Ametista associa sua disponibilidade para os outros com a militância em defesa dos direitos humanos, afirmando sempre que é preciso que as pessoas sejam mais tolerantes e solidárias, pois nunca sabemos o que poderá acontecer conosco. Sempre foi disponível para ajudar as pessoas e acredita que essa sua generosidade se intensificou com a militância em no que se refere à epidemia do HIV/AIDS. Neste sentido, esclarece:

*“Minha entrada na militância foi como eu te falei, eu acho que sempre fui militante e não sabia, ou não sabia o nome que era dado ao meu jeito de ajudar as pessoas. Mas isso não quer dizer que eu seja santa, ninguém é. Mas, se uma pessoa te pede ajuda, te pede um remédio, uma ajuda para fazer uma cirurgia, como você não vai ajudar? Eu sempre sou procurada pelos homossexuais, pelas travestis, que precisam de ajuda, principalmente por eu estar na área da saúde, por ter contatos, sempre me procuram, então, até hoje, eu faço essas coisas. Quando surgiu o GAPA aqui em Porto Alegre, acho que em 88 ou 89, eu comecei junto. Mas, tem uma coisa: naquela época a gente fazia uma militância que era muito dura, porque naquela época, a polícia batia muito. Se alguém saía vestida de mulher, a polícia batia muito, levava presa, não escutava ninguém. É lógico que naquela época ninguém saía de mulher de dia, porque ia preso. Então, desde aquela época eu já ajudava o G. naquela militância com as travestis que tinham dificuldades com a violência, e tinham as manifestações, a gente fazia*

*manifestações. Eram manifestações pacíficas que a gente fazia buscando apoio da imprensa, dos políticos, de forma mais discreta, porque sendo a gente ia quebrar tudo mesmo. Quando começou a acontecer isso, há uns três, quatro anos atrás (1997/1998), foi que a gente percebeu que havia a necessidade de falar de travesti para travesti, porque sempre quem fala pelas travestis é um pastor, um psicólogo, um padre ou um advogado, então, eu e a C., a gente fundou o Igualdade, para poder ter mais autonomia, independente do GAPA”.*

Ametista aponta a necessidade de as travestis terem voz na sociedade, de poderem fazer reivindicações por elas mesmas, considerando que são elas que vivem a realidade de um mundo que nem sempre respeita ou se preocupa com as suas reais necessidades. Apresenta em seu discurso questões que frequentemente são tematizadas nos encontros nacionais de travestis, de construção de espaços e de narrativas em nome próprio, mesmo porque elas possuem teorias a respeito de si mesmas que precisam ser ouvidas e problematizadas. A esse respeito, complementa:

*“eu acho que quem tem que falar pelas travestis é uma travesti de salto alto, que sabe como foi a luta, que sabe como foi nas esquinas, que apanhava da polícia, que sofria toda aquela repressão, que sentiu as mesmas coisas. Porque, de repente, quem já está militando há muito tempo sabe como é, porque já aprendeu com o convívio com as travestis. Mas, se a pessoa nunca conviveu nesse meio, se ela nunca foi a uma esquina, se ela nunca foi travesti, como, por exemplo, um padre que nunca se aproximou da realidade, eu só leu nos livros, pode ir a um programa de televisão e falar que a homossexualidade é doença, que é errado, porque naquela época eles faziam isso. Hoje a gente percebe que alguma coisa mudou, e isso é uma conquista. Mas mudou um pouco com relação aos homossexuais, porque quando se fala de travesti ainda tem muito babado, a coisa ainda está complicada. Se tem travesti desonesta e bafonsera é porque elas não tiveram oportunidades e nunca foram respeitadas, não moram em lugares decentes, e por isso elas são fracas e não tem forças para lutar, mas no meio das travestis também tem gente honesta, apesar de serem poucas e de se contar nos dedinhos.”*

Nas diversas vezes que conversamos com Ametista ficava evidente em suas falas a preocupação com a discriminação e exclusão vivida pelas travestis a partir das experiências vividas por ela, mas também pelas vivências de outras travestis que dividiam o mesmo espaço social, que passavam por dificuldades muitas vezes mais intensas que as vividas pela própria Ametista. Pode-se perceber na entonação de seus discursos, assim como pelo seu engajamento na militância, a afirmação de um compromisso voltado para o resgate da qualidade de vida de sua comunidade, evidenciando um rompimento com preocupações pessoais para a valorização

das implicações com o coletivo. Sua dedicação pela causa de suas iguais lhe proporcionava uma consciência a respeito das dificuldades de obtenção de resultados a curto prazo em decorrência dos diversos preconceitos que caíam sobre o estilo de vida escolhido pelas travestis na composição de suas existências, sendo ilustrado por Ametista:

*“Logo que fundamos a Igualdade, na primeira manifestação oficial que participamos como associação das travestis, uma jornalista me entrevistou, e sua primeira pergunta foi sobre se eu achava que a discriminação sobre as travestis iria diminuir com a associação das travestis, e eu disse a ela que não ia diminuir, porque a violência e a discriminação vão existir sempre. Ela vai acontecer comigo, com minhas amigas, com a fulana, e daqui a dez, vinte anos, quando eu não estiver mais aqui, ainda vão estar falando de discriminação. Eu acho que isso não vai terminar porque vai sempre ter uma pessoa que vai discriminar e não é uma associação de travestis que vai inibir as pessoas. Mas, sempre vai haver direitos e se uma travesti for discriminada, ela terá o direito de saber onde poderá ir reclamar e exigir esses direitos. Ela vai poder contar com a associação para se informar e ser encaminhada, vai saber como procurar por um advogado para brigar pelos direitos humanos, seja qual for o caso, com a polícia, etc..., porque os direitos humanos te permite conquistar coisas boas, de ter os mesmos direitos de qualquer outra pessoa. Às vezes me perguntam: mas, qual o direito que pode ter um puto? Se você é viado, que direito você tem? Então, existe uma lei que pode te proteger e essa lei é a dos direitos humanos, mas eu acho que muita gente não respeita esses direitos e aí a luta para que eles sejam respeitados, porque se a gente não der em cima para fazer valer, a gente não vai ser respeitada nunca, tem que ter pressão, tem que ter participação. Não adianta só fazer denúncia da ausência dos direitos humanos, tem que cobrar por esses direitos, porque eu sou uma cidadã. Independente de ser travesti, do sexo que você pertence, você é um cidadão. Às vezes, as pessoas me perguntam: como é que uma travesti vive? E eu respondo: como qualquer outra pessoa! E elas insistem: mas como assim? Como qualquer outra pessoa? Essas pessoas acham que a travesti já acorda belíssima de manhã e fica assim até a noite, pensando que elas só trabalham de noite, esquecendo que as travestis sofrem, choram, que elas têm que lavar roupa, que têm que fazer comida, como se ser travesti fosse ser uma boneca e que elas não precisam de mais nada. Essa é a nossa luta para mostrar que somos pessoas comuns como qualquer outra, essa é a nossa luta para conquistar os nossos espaços, para conquistar a nossa cidadania. Isso tem que ser conquistado, mas é uma coisa complicadíssima, porque é muito difícil de se conquistar, porque as coisas ainda são muito lentas em nosso país”.*

Nos últimos anos, a militância de Ametista tem sido mais intensa devido sua relação com a associação das travestis, que a colocou em evidência na mídia, na relação com os órgãos públicos e com as comissões de direitos humanos. O combate à discriminação contra as travestis, assim como a denúncia e enfrentamento dos processos de estigmatização têm se tornado uma bandeira de luta constante em sua vida, cada vez mais implicada em ações de defesa dos direitos humanos e sua relação com a comunidade transgênero.

Entre os diversos problemas vivido pelas travestis gaúchas, Ametista chama a atenção para a atuação violenta da Polícia Militar (chamada no Rio Grande do Sul de Brigada Militar), que vinha se efetivando nos últimos anos e que estava cada vez mais intensa, quando da abordagem realizada pelos policiais em pontos de batalha das travestis, que não só intimidavam como agrediam violentamente, espancando as travestis e obrigando-as a se retirarem imediatamente das ruas. Em parceria com a *Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado*, entre fins de 2001 e início de 2002, abriu-se um canal de diálogo com o Comando da Brigada Militar, no sentido de buscar formas de contenção das ações policiais violentas, para que as travestis profissionais do sexo tivessem um pouco de tranqüilidade para trabalhar. Nesta mesma ocasião, Ametista viveu uma situação de constrangimento que relata:

*“Eu e C. estávamos passando em frente da academia da Brigada Militar, e tinha dois soldados que faziam a guarda da porta de entrada. Nós estávamos bem vestidas, até discretas, e os guris começaram a falar que a gente tinha que ter mais vergonha na cara e parar de depor contra os homens, que a gente era uma aberração da natureza, e C. falou que eles estavam errados e que deveriam nos respeitar porque nós éramos cidadãs, e mesmo assim eles riam e debochavam da nossa cara. Olhei para C. e disse que a gente deveria entrar e ir conversar com o comandante, pois eu já tinha participado de uma reunião com ele. Entramos no pátio e falamos com outro guarda dizendo que a gente queria conversar com o comandante e o guarda deu uma risada dizendo que o comandante não nos receberia, mas mesmo assim insistimos e para surpresa dele, o comandante mandou que nós entrássemos. Explicamos a situação para o comandante que mandou chamar os guardas que estavam no portão da academia, e disse a eles que nós éramos cidadãos e que eles deveriam dar exemplo respeitando a população. O comandante mandou servir cafezinho e tudo, e quando saímos, olhamos para os guardas com aquele ar de superioridade, e aí, quem saiu dando risada fomos nós”.*

Ametista relata que comentou na reunião com a *Comissão de Direitos Humanos*, a respeito do incidente que havia vivenciado com sua amiga C., quando surgiu a idéia de

introduzir na formação dos cadetes da academia da Brigada Militar, uma disciplina a respeito de cidadania e direitos humanos e que muito se discutiu a respeito de quem seria a pessoa mais indicada para ministrar essas aulas, quando o próprio representante da Brigada Militar sugeriu que a instrutora deveria ser alguém indicado pela Associação das travestis. Em reunião da associação, Ametista foi designada para desempenhar esse papel, assessorada pelas colegas e pela própria comissão de direitos humanos da Assembléia Legislativa. Sobre isso, nos conta:

*"acho que eu nunca tremi tanto em toda a minha vida, estava preocupadíssima porque não sabia como as pessoas iam reagir. Logo que entrei na sala, com o diretor da academia, as pessoas me olhavam assustadas, sem saber o que estava acontecendo e o diretor foi me apresentando como a nova professora. Tinham gurus e gurias na sala, e alguns davam uma risadinha disfarçada, mas o diretor foi logo avisando que em aula de cidadania o respeito era importante e que eles iam aprender muito comigo. Foi estranho no primeiro dia, mas depois fui me sentindo a professora, né?"*

Ametista nos contou que essa experiência foi muito importante para si e para as outras travestis que tinham, através dela, um reconhecimento muito grande devido ela estar representando um seguimento da sociedade que é muito marginalizado e muito desvalorizado, considerando as inúmeras histórias que ouvimos pela mídia em diversos locais do país, onde a polícia atua de forma violenta com essa população.

Pudemos observar durante o *II Fórum Social Mundial*, ocorrido em Porto Alegre, no mês de janeiro de 2003, uma situação bastante pitoresca. Estávamos em um setor do Fórum chamado Planeta Arco Íris, que concentrava atividades voltadas para a comunidade GLBT, e haveria um pronunciamento de Luís Inácio Lula da Silva, presidente recém eleito do Brasil, que aconteceria em um outro espaço, maior, a uns dois quilômetros de distância, e Ametista me convidou para irmos caminhando até o local. No caminho, passamos por dentro do acampamento da juventude, que tinha um policiamento muito grande por parte da Brigada Militar, alguns a cavalo e outros a pé, e neste percurso era possível ouvir alguns policiais cumprimentando Ametista, chamando-a de professora. Era possível perceber Ametista toda orgulhosa e com sua auto-estima bastante elevada, dispensando sorrisos para todos e todas, pois eram policiais masculinos e femininos. De vez em quando, no meio de comentários genéricos, Ametista comentava detalhes sobre os policiais que tinham sido seus alunos, ora elogiando seus corpos bem torneados, ora elogiando-os pela educação e respeito que dispensavam a ela.

Mas, essa situação não era muito tranqüila dentro da corporação, que estava dividida entre setores que aceitavam a proposta de uma travesti atuar como instrutora dentro da academia, de polícia, e outro setor que estava inconformado diante da situação. A própria Ametista confienciava uma certa preocupação devido aos olhares de alguns que expressavam discordância pela sua atuação.

Sua apreensão não era gratuita, pois logo seria surpreendida com um indiciamento criminal que lhe roubaria a tranqüilidade. Exatamente no dia 09 de junho de 2003, às 18 horas, Ametista foi presa em sua residência por policiais do Departamento de Polícia Metropolitana, escudados por ordem judicial de prisão temporária expedida pelo juiz plantonista do Fórum Central da cidade, acatando denúncias sobre envolvimento em suposta prática de extorsão de outras travestis (artigo 158, caput CP), manutenção de casa de prostituição (artigo 229 CP) e rufianismo (artigo 230 CP).

Além dessas acusações, tentava-se mostrar uma suposta ligação dos fatos com exploração sexual infantil, já que houvera a prisão de alguns taxistas envolvidos com esse tipo de exploração infantil na mesma região de sua residência.

Neste período tão intenso e angustiante vivido por Ametista, dada a distância geográfica que nos separava, acompanhei o desenvolvimento dessa situação através das informações possíveis junto ao grupo de discussão coordenado pelo moderador da ABGLT, assim como através de contatos telefônicos com a presidente da Igualdade, e com a advogada da Associação, que me mantinha informado sobre o processo todo.

Nas conversas telefônicas com a advogada da Igualdade, soube acerca das dificuldades que ela teve para ter acesso ao processo, dado que as autoridades policiais indicavam que o mesmo não se encontrava na Delegacia, e sim no Fórum da comarca de Porto Alegre. Ao se dirigir ao Fórum, a advogada era informada que o processo não havia chegado até eles. Foram três dias apara que a advogada tivesse acesso aos autos da denúncia para poder organizar sua defesa, e isso só foi possível devido a um despacho feito por um desembargador que interferiu para fazer valer a justiça.

Ao obter contato com os autos, a advogada percebeu que as acusações eram desprovidas de provas concretas e que as pessoas arroladas estavam em situação de reclusão (duas travestis que roubavam clientes e foram denunciadas pela associação das travestis). Mesmo assim, Ametista permaneceu dez dias reclusa como forma de prisão preventiva, o que segundo a advogada se caracterizou como arbitrariedade, dada a ausência de provas para a alegação da necessidade da prisão temporária.

Um outro dado importante de arbitrariedade, também informado pela advogada, é que o delegado que prendeu Ametista, já tinha tido problemas com ela, devido ter prendido em outras ocasiões, outras travestis que batalhavam nas ruas, sendo obrigado a libertá-las em decorrência de Ametista ter tomado a frente na busca de justiça e defesa de direitos das mesmas.

O acontecimento da prisão de Ametista mobilizou várias organizações não governamentais que atuam na defesa da cidadania, assim como a própria comissão de direitos humanos da Assembléia Legislativa gaúcha, que questionavam as ações realizadas e exigiam a libertação de Ametista. O medo eminente se associava à possibilidade de Ametista ser transferida para as galerias da cadeia pública, e ficar vulnerável frente a possíveis agressões ou até mesmo de ser assassinada, dada sua relação com a militância em defesa dos direitos humanos e sua condição enquanto denunciante de práticas criminosas realizadas por outras travestis que estavam presas.

Dada a atuação de Ametista nas aulas ministradas na academia de polícia, várias vezes ficou evidente o descontentamento por parte de alguns setores da própria polícia, que se expressaram em matérias veiculadas nos jornais da categoria policial. Sobre essas matérias, o Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul solicitou direito de resposta no mesmos jornais da categoria policial, o que não foi concedido em nenhuma instância.

Diante de tantas dificuldades para articular a defesa e a libertação de Ametista, foi organizada uma audiência pública promovida pela Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa gaúcha, ocorrida no dia 21 de junho de 2003, tendo grande repercussão na imprensa escrita e televisiva da cidade de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul.

Frente à situação exposta, a advogada envolvida na defesa de Ametista analisa o conjunto de provas, dizendo que o decreto de prisão temporária, reconhecidamente um expediente excepcional e com rigorosos pré-requisitos legais a lhe autorizar, encontrava-se fundamentado única e exclusivamente em acusações de suposta prática de extorsão de outras travestis (art. 158 do Código Penal), manutenção de casa de prostituição (art. 229 CP) e rufianismo (art. 230 CP).

Para a advogada, essas acusações, de modo algum, autorizam o uso de um expediente de tão excessiva força legal, como o é a prisão temporária.

A análise do autos mostrava que eram quatro testemunhas que sustentavam as acusações oferecidas pelo Delegado de Polícia da 4ª DP da capital gaúcha. Uma primeira testemunha era conhecida como B. B. e se encontrava cumprindo pena na Casa de Albergado

Pio Buck; a Segunda era conhecida como D., também cumprindo pena na Casa de Albergado Pio Buck; a terceira, conhecida como K. contra quem Ametista foi obrigada a registrar queixa e abrir boletim de ocorrência policial em razão desta “testemunha”, tê-la roubado; e, finalmente, a Quarta testemunha, conhecida como M. G., que se encontrava recolhida ao Presídio Central e que, estranhamente, prestou seu depoimento justamente na noite em que Ametista foi presa.

Afora isso, somente sustentavam as acusações da autoridade policial algumas gravações de conversas telefônicas, mas que não estavam arroladas nos autos (apesar de uma destas ter sido entregue aos órgãos de imprensa a fim de “comprovar” a cobrança de pedágio pela Ametista); reportagens de jornal que dão conta do grave problema da exploração sexual infantil que, por sinal, Ametista ajudava a combater em seu trabalho de intervenção junto aos profissionais do sexo; e uma carta dirigida ao Senhor Secretário de Segurança do Estado falando da falta de segurança de moradores das redondezas da Avenida Farrapos na qual, frise-se, não era mencionado o nome de quem quer que seja e, muito menos, o nome de Ametista.

Para a advogada, era interessante citar, ainda, que uma das tais fitas de escuta telefônica sigilosa (ao que parecia somente sigilosas para as advogadas de Ametista) foi entregue à imprensa local, e nesta havia um diálogo no qual a travesti K. pedia para que Ametista “retirasse uma queixa” que havia feito contra ela (K. havia roubado objetos da casa de Ametista no período em que com esta residiu) e dizia também que iria pagar a Ametista R\$ 500,00 (quinhentos reais). Este diálogo entre K. e Ametista teria sido o suficiente para que o órgão policial concluísse ter a prova da cobrança de “multa” por não pagamento de “pedágio”. Entretanto, o que as investigações não mostravam é que a conversa referia-se, sim, a uma dívida que K. teria com Ametista, pois esta havia lhe emprestado cheques e dinheiro para que fizesse pagamentos em uma conhecida clínica de cirurgia plástica em Porto Alegre e, também, fizesse apliques de cabelo em um conhecido cabeleireiro também da Capital.

Segundo a advogada, bastava requerer a confirmação do médico e do cabeleireiro para por abaixo a estória de cobrança de “pedágio”. Em sua defesa, apontava que a clínica médica era muito conhecida na cidade, assim como, o cabeleireiro, que fazia apliques na maioria das travestis gaúchas.

Foram anexadas ainda, na defesa feita pela advogada cópias da contra-ordem que Ametista teve de dar aos cheques não pagos, do protesto em cartório que sofreu, e de um dos cheques que K., misteriosamente, decidiu pagar nos dias em que a conversa foi gravada.

A propósito das gravações , com as quais se pretendia provar que Ametista atuava como uma verdadeira cafetina, estas não apareciam na íntegra, caracterizando-se, pois, como uma coletânea de frases soltas e cercadas por reticências.

Para a advogada, surpreendentemente, no curso dos primeiros cinco dias de investigação, já com Ametista em prisão temporária, a autoridade policial havia conseguido colher apenas dois depoimentos, sempre desabonando a conduta de Ametista.

O primeiro depoimento era do síndico do prédio onde Ametista residia e o segundo de outra travesti de nome T.

Em seu depoimento, o síndico do prédio declarava ter visto várias vezes menores no apartamento de Ametista, sem contudo detalhar a data e o horário exato de suas afirmações. Em contraposição, a empresa que administrava o prédio onde morava Ametista, foi colocada como fonte de informações a ser confrontada com o depoimento do síndico, esclarecendo que Ametista morava no mesmo imóvel há 23 anos, sendo que nunca teve qualquer problema ou “reclamação” quanto a sua conduta.

Além do depoimento do síndico foram ouvidos também antigos vizinhos de Ametista que foram taxativos ao afirmar que: 1) jamais viram menores em companhia desta; 2) jamais tiveram qualquer reclamação contra esta; 3) e que esta saía cedo da manhã para trabalhar, retornando somente ao final da tarde, e que não costumava sair à noite.

Mas, diz a advogada, se o síndico afirmava já ter visto menores no apartamento, ou conjuntamente com Ametista no prédio, talvez seria interessante a autoridade policial saber quem seriam estes menores, mesmo porque até aquele momento nenhum deles havia sido encontrado nas ruas, e não seria por medo de represálias de Ametista, até porque esta permanecia presa temporariamente por dez dias a fim de “não atrapalhar” as investigações. Segundo a advogada, seria muito bom que este reconhecimento fosse feito, pois possibilitaria reconhecer os filhos de amigos e amigas de Ametista, assim como seus sobrinhos que freqüentavam seu apartamento, em especial, em dias de festa como foi o seu último aniversário em 19 de março.

Outro fato interessante observado pela advogada, é que no curso da prisão temporária de 10 dias Ametista não foi uma única vez sequer conduzida à presença da autoridade policial. Não bastassem, pois, as afirmações já feitas, não bastasse esta colcha de retalhos montada para incriminá-la, é de ver-se que uma prisão temporária somente se justificaria para que Ametista estivesse ao dispor da autoridade policial a fim de prestar depoimentos, fazer reconhecimentos, participar de acareações etc.

Entretanto, durante todo o período da temporária Ametista foi conduzida uma única vez à presença da autoridade policial. Sendo que no dia 13 de junho, último dia dos cinco dias em que Ametista já se encontrava reclusa no Presídio Central, diversos militantes de organizações não-governamentais e suas advogadas foram violentamente agredidos ao comando do Delegado, presidente do inquérito policial. O fato é tão grave que motivou representação junto ao Ministério Público Estadual e ao Ministério Público Federal, como mostram as cópias das representações, anexadas nos autos do processo.

Segundo a advogada de Ametista, tudo levava a crer, que a única razão de ser desta investigação seria permitir que Ametista fosse jogada em uma das galerias do Presídio para ser morta por qualquer um daqueles que não desejam uma cidadã de bem, uma militante pelos direitos humanos que nas ruas tentava coibir “pedágios” ou exploração infantil, pois, os depoimentos tomados, quase em sua totalidade, eram de travestis que encontravam-se cumprindo pena em presídios do Estado, em razão do trabalho de conscientização e mobilização contra a violência nas ruas, promovido pela ONG da qual Ametista era uma das integrantes.

Veja-se que Ametista, pelo simples fato de ser pessoa amplamente conhecida, com endereço certo, trabalho fixo e sem qualquer antecedente, já teria a favor de si motivos suficientes para merecer a decretação de qualquer preventiva.

Entretanto, o que mais assombrava a todos, e daí a necessidade de uma intervenção pronta e célere de órgãos de defesa da cidadania, era a forma truculenta e repressiva com que os fatos se deram até então e o temor de que fatos como este se tornem rotina nas práticas policiais. Toda a movimentação pró Ametista, de ONGs, amigos e comissão de direitos humanos, resultou na libertação de Ametista no dia 19 de junho, sendo comemorado por todos com um ato público no centro da cidade, seguido por uma festa na associação das travestis de Porto Alegre.

No dia 24 de junho, me desloquei até Porto Alegre, onde iria participar do X ENTLAIDS – Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Trabalham com AIDS, e logo no aeroporto, fui recebido pela advogada da associação que foi me apanhar. Seguimos até o estacionamento e para minha surpresa, Ametista me esperava no carro, com um sorriso digno de quem nada tem a temer. Abraçou-me fortemente, agradecendo pela minha preocupação, e fomos direto para o hotel em que ficaria hospedado, mesmo hotel, aliás, em que aconteceria o evento nacional. Em certo momento, quando ficamos a sós, Ametista chorou e lamentou por tudo o que tinha vivido:

*“parece que para a gente, tudo é muito mais difícil, tudo é marginal e as pessoas preferem acreditar em boatos, do que em sua própria palavra. Sabe, guri, essas coisas servem para a gente aprender que é preciso ficar sempre alerta, ligada, para não levar tombo. Ajudei a guria e ela mentiu para me prejudicar. Bah! Não vou me enfraquecer não, vou continuar lutando por justiça e por melhoria das coisas, da vida, dos direitos que todas merecemos”.*

No evento propriamente dito, no X ENTLAIDS, foram feitas homenagens para Ametista, com apresentação de show de algumas amigas e de flores vermelhas que ela tanto gostava, sendo emocionante, quando em seu depoimento, chorando, agradeceu a todos por terem acreditado nela, sem deixá-la ao relento, como acontece com tantas e tantas travestis que são abandonadas no mundo.

Como resultado do Encontro Nacional das Travestis, foi elaborada uma carta de reivindicações a ser encaminhada para as autoridades municipais, estaduais, nacionais e internacionais, marcando assim, presença, força e determinação de uma comunidade que luta pela sua cidadania.

Esta carta, pode ser encontrada em publicação intitulada “A Batalha pela Igualdade: a prostituição de travestis em Porto Alegre”, organizada por Alexandre Bôer (167/168: 2003) e que apresentamos na seqüência:

*“As ONGs reunidas no Encontro Nacional de Travestis e Liberados que atuam na prevenção de AIDS (X ENTLAIDS), na cidade de Porto Alegre, nos dias 26, 27, 28 e 29 de junho de 2003, deliberam e editam a presente Carta nos termos que seguem para ser enviada à Presidência da República, OMS, todos os órgãos ministeriais, ONGs, Comissões de Direitos Humanos, Comunidade Européia, OPAS:*

- 1. Recomendam a elaboração de seminários regionais com apoio de secretarias locais para discussões de temas específicos para a população transgênero, como: transgêneros e prostituição; transgêneros e redução de danos; transgêneros e mercado de trabalho; direitos humanos e cidadania;*
- 2. Recomendam que através de decreto lei federal seja incluído nos currículos escolares a homossexualidade e suas especificidades;*
- 3. Recomendam a participação de outros órgãos (ministeriais) como: Ministério do Trabalho, Ministério da Educação e Cultura, Ministério da Ação Social, Ministérios das Cidades, e outros, na elaboração de projetos e políticas específicas e ações afirmativas trabalhando na transversalidade das ações para a população transgênero;*
- 4. Recomendamos que seja feito lobby entre as ONGs que trabalham com transgêneros para a regulamentação da prostituição;*
- 5. Recomendam que sejam criadas campanhas específicas pelo Ministério da Saúde para a população transgênero, sendo as mesmas acompanhadas de perto pelos grupos específicos;*
- 6. Recomendamos aos gestores de saúde, educação, trabalho e segurança pública, oficinas de sensibilização e treinamentos para todos os seus profissionais, relativo à questão de gênero, tendo em vista que isso vai de encontro às diretrizes do SUS;*

7. *Tendo em vista os avanços científicos na área de vacinas anti HIV, recomendamos que as ONGs que desenvolvem atividades com transgêneros, incluam na sua agenda esse tema, para discussão, para maior participação com outras ONGs e Ministério da Saúde;*
8. *Solicitamos que a expressão "liberados" seja retirado da nomenclatura do evento a fim de dar maior visibilidade para o movimento das transgêneros;*
9. *Recomendam ao Ministério da Saúde que o ENTLAIDS tenha mantido seu formato de evento anual para um maior fortalecimento do movimento transgênero, posteriormente colocado em votação e transformado em biênio segundo deliberação de assembléia;*
10. *Exigimos das Embaixadas, Ministério das Relações Exteriores, Consulados e representantes do país no exterior, maior apoio à população transgênero em outros países, no que tange a questão de gênero;*
11. *Recomendam que os casos de denúncias de violência, discriminação, crimes, ou mesmo violação dos direitos como cidadão, sejam levadas a todas as instâncias de governo e a órgãos de segurança, para que sejam tomadas as providências cabíveis;*
12. *Recomendamos que seja fomentada uma rede de informação para o fortalecimento do movimento;*
13. *Encaminham para que seja emitida pelos órgãos competentes carta de Recomendação para as clínicas e hospitais que fazem atendimentos pelo SUS, criarem projetos ou cotas para atendimento as transgêneros, no que diz respeito à colocação de próteses de silicone, promovendo a redução de danos pelo uso indevido, bem como, reparação facial pela distrofia causada pelos anti retrovirais;*
14. *Recomendam às associações de travestis para se filiarem aos Fóruns de ONGs/AIDS e de Direitos Humanos, às Comissões de Direitos Humanos, aos Conselhos Municipais e Estaduais de Saúde, para participar ativamente nas discussões e maior controle social no que tange as aplicações dos fundos de saúde;*
15. *Recomendam à Secretaria Nacional de Direitos Humanos que crie mecanismos de denúncia para combater a violação dos direitos humanos das travestis, como o DDH;*
16. *Propomos ao legislativo a abertura da discussão para criação de cotas para Transgêneros nas universidades e concursos públicos;*
17. *As transexuais vem requerer ao Ministério da Saúde, inclusão junto ao programa do SUS, de atendimento para as travestis e transexuais nos estados, possibilitando os hospitais universitários ou de base, a realizar acompanhamento terapêutico na questão da cirurgia de transgenitalização, por uma equipe composta por médicas urologista, cirurgião e psiquiatra, psicólogo, assistente social, que acompanharam antes e após a cirurgia, incluindo também, um endocrinologista, para a medição de acetato de ciproterona e estrogênio conjugados e gratuito."*

De modo complementar, solicitamos a Ametista que comentasse a respeito de como ela se percebia enquanto travesti e o que ela ganhava ou perdia com isso, e ela pontuou:

*"O que se ganha? Ah, que perguntinha! O que se ganha em ser travesti? Eu acho maravilhoso, o glamour. Eu sempre quando via uma travesti, vamos supor, a Rogéria que é um mito, eu a via pela TV, naquela época que ela era novinha, eu achava o máximo! Eu achava um luxo, a coisa mais linda, só que eu não podia gritar para ninguém para as pessoas que estavam ao meu redor, que eu achava aquilo maravilhoso. Mas eu acho o glamour, eu acho maravilhoso ser travesti, Mas, é lógico, que não aconselho isso a ninguém. Porque sendo travesti, passa-se por poucas e boas. Eu passei por isso porque, hoje, já está tudo pronto, eu já fui ao médico colocar uma prótese de silicone já está tudo pronto. Mas, naquela época, era tudo mais difícil. Na minha época, era muito difícil ser travesti e eu acho isso uma*

*conquista muito grande. Eu me admiro por ser uma travesti de 50 anos e poder passar por isso, porque ser travesti é uma coisa boa, é um glamour. Eu acho que você tem que assumir a sua sexualidade se você gosta de se vestir de mulher, gosta de andar de vestido, bem maquiada, bem arrumada, de cabelo cumprido. Faça isso porque é teu direito. Você tem seu direito, você pode andar da maneira que você quiser, você é livre neste país. É seu direito de ir e vir, porque você é livre, você pode fazer aquilo que você quiser e a sua opção sexual é você quem escolhe. Isso não importa. Se você tem vontade de ser um gay, uma coisa mais camuflada, mais discreta e se quiser cortar seu cabelo, tudo bem. Mas eu acho que isso não combina comigo, então, eu quero ser assim e eu gosto de ser assim. Meu desejo é esse. Uma coisa assim que eu sempre quis, desde criança, era ser uma travesti, me vestir de mulher, glamour e aquela coisa toda. Eu tenho uma amiga minha francesa que disse assim: "- Travesti não pode morar em beco, não pode morar em vila, ela tem que morar no centro, ela tem que ir às boates, às festas, porque travesti é glamour, vestidos bonitos, jóias, alegria." E eu concordo com ela porque nós somos a alegria e não o desrespeito. Porque, muitas, na minha época, entenderam que eu trabalhava na rua por causa da maneira com que eu me vestia. Hoje, elas são mais humildes. Elas não se vestem como a gente se vestia, com vestidos compridos, com saltos, bem arrumadas, bem maquiada, com muito perfume. E as pessoas que passavam na rua, com a família, com a vó e com as crianças conversavam contigo e te davam dinheiro só para te olharem, para admirarem a sua beleza e essas pessoas sempre perguntavam assim: "- Como é que você conseguiu ser assim?" Era muito gratificante você, homem, conseguir ser isso que você é, que o povo achava lindíssimo. Mas, hoje em dia, não sei se é porque tem tanto viado, tanta travesti e que as pessoas vêem tanto. Naquela época, era só de noite que se via travesti. As pessoas iam na Farrapos, na Independência só para ver os viados. Então era o glamour. E o que se perde? Eu acho que é aquele desrespeito, aquela coisa do povo não ter respeito por ti. Eu acho que não se perde muita coisa e que se deve passar por cima desse tipo de coisa. Eu pelo menos penso assim, acho que tem que se passar por cima das coisas, porque as pessoas te dão baile, te chamam de putão, de isso e aquilo, mas tem que se passar por cima. Cada um tem seus problemas. Eu tenho, fulano tem. Então, eu acho que esse tipo de pessoas, as que te deixam para baixo não merecem consideração. Então, eu acho que não se perde nada, eu, pelo menos, eu nunca perdi nada."*

# **CARTOGRAFIA 3**



**SAFIRA**

### 7.3 Cartografia existencial III - Safira

No ano de 2000, participei do VIII ENTLAIDS, que aconteceu em Cabo Frio/RJ, no período de 25 a 28 de junho. Logo no segundo dia, quando estava na fila para me servir do almoço, me chamou a atenção uma das travestis que estava na minha frente pela sua delicadeza e por sua altura, uma travesti de dois metros de altura, que falava de sua experiência como atleta e fazia de forma entusiasmada a defesa da prática do esporte como requisito para a saúde, e chamava a atenção de todas para a importância da boa alimentação. A impressão que dava é que estava acontecendo uma oficina ali no restaurante, pois a travesti que falava dava uma entonação tão forte, que não tinha como deixar de lhe prestar atenção. Tratava-se de Safira, uma travesti mineira que morava há muito tempo na cidade do Rio de Janeiro, e que participava pela primeira vez de um ENTLAIDS.

Safira sentou-se na mesma mesa em que eu estava sentado, e logo foi dando um sorriso e perguntando de onde eu era. Falei que morava em Londrina, Paraná, e que fazia um trabalho de prevenção e cidadania com as travestis. Mostrando-se interessada pelo meu trabalho, exprimi seu contentamento em estar participando de um congresso como o ENTLAIDS, e que achava muito importante para as travestis discutirem sobre seus problemas e criarem estratégias coletivas para reivindicarem seus direitos na sociedade.

Quase no final do encontro, Safira me falou de algumas idéias que estava tendo relacionadas ao seu desejo de organizar um trabalho voltado para as travestis, na ONG que frequentava na cidade do Rio de Janeiro, mas que não sabia como poderia encaminhar a sua proposta. Sugeri que procurasse algum diretor, ou até mesmo o presidente da instituição, e colocasse a idéia para apreciação. Safira se mostrou muito intimidada, achando que não teria autoridade para fazer propostas, alegando que por fazer apenas alguns meses que frequentava a ONG, e mesmo por ser uma travesti, não se sentia autorizada a fazer proposições. Tentei questionar sua análise, argumentando que a primeira batalha seria ela criar coragem e ir conversar com os dirigentes da ONG e, somente depois, ela iria saber o passo seguinte.

Ainda neste encontro, Safira me contou a respeito de seu filho, uma criança que adotou junto com seu companheiro (vivendo juntos há mais de doze anos), quando ainda era bebê, estando atualmente com dois anos. Falou-me de sua luta para regularizar a adoção, em trâmite na justiça há dois anos. A esse respeito, relatou:

*"Meu menino está comigo e com meu marido há quatro anos, e há dois anos tento regularizar a adoção. Cuido dele melhor que muita mãe que conheço por aí, levo na escola,*

*levo na natação, corro com ele quando fica doente, não deixo faltar nada para ele. Mas, a justiça sempre pede mais documentos e comprovações, sempre inventam alguma coisa para não concluir a adoção. Fico pensando que por causa de ser travesti eles ficam enrolando, mas meu marido trabalha, tem casa própria, eu trabalho com as costuras, a gente tem condições de criar e de educar esse menino”.*

Desde que conheci Safira, ela sempre falou do sonho de oficializar a adoção do filho que adotou com seu companheiro, relatando que quando conheceu a criança, uma vizinha tinha encontrado na porta de sua casa e que não poderia cuidar. Imediatamente, Safira se prontificou a ficar com a criança. Apesar de certos olhares da vizinhança, a criança acabou indo para sua casa. Logo que chegou em casa, foi dar um banho na criança e arrumar mamadeira para poder alimentá-la, deparando-se com seu primeiro susto:

*“conforme ia tirando a roupa da criança, seu corpinho todo estava cheio de manchas e de sarna, chorava muito, e fiquei apavorada, saindo às pressas para o Hospital Souza Aguiar, para que fosse visto por um médico. Fiquei naquela porta do hospital por umas duas horas, era muita gente e o atendimento demorava”.*

Safira relata que foram meses de tratamento para curar a sarna, assim como para recuperar peso, pois o menino estava desnutrido e desidratado. Ao relatar sobre esses momentos, Safira falava com muito ternura e orgulho pelos cuidados maternos prestados à criança, complementando que quando recebeu a criança, sua emoção era tanta, que, coincidência da ingestão de hormônios, ou não, seus peitos começaram a produzir leite, o que levava-a a acreditar que tinha uma certa predisposição à maternidade e a cuidar da criança, analisando os fatos como uma missão que Deus havia dado a ela.

Em seus discursos, Safira sempre se remetia às suas crenças cristãs, mostrando-se religiosa e temente a Deus, respeitando os preceitos da religião católica, mesmo porque, vinha de uma família muito religiosa e conservadora e que, segundo sua informação, teve uma infância de muito controle e disciplina por parte de sua família, tendo um pai muito enérgico e severo.

Nos dias do encontro realizamos algumas atividades em comum, de modo que sempre estávamos próximos um do outro, quando tecíamos comentários genéricos sobre os acontecimentos, sobre algumas das travestis presentes, ou ainda sobre os temas que estavam sendo abordados pelos conferencistas.

No final do encontro, comentei que iria ficar alguns dias no Rio de Janeiro, pois teria uma entrevista com o futuro orientador de meu doutorado e Safira foi logo me convidando

para ficar em sua casa, mas eu já havia combinado de ficar na casa de outra amiga, apenas combinando de nos comunicarmos pelo menos por telefone.

Assim, nos dias seguintes, de minha estada no Rio, dadas as atividades, apenas liguei para Safira, dizendo que não seria possível nos encontrarmos, mas que na medida do possível, manteríamos contato por telefone ou mesmo por carta.

No mês de novembro seguinte, prestei exame de seleção para o Doutorado, no Instituto de Medicina Social da UERJ e, ao ser aprovado, me mudei para o Rio de Janeiro, onde fiquei o ano de 2001, concluindo os créditos e participando de algumas atividades que eram desenvolvidas na ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, e em outra ONG, onde Safira coordenava um Projeto de Prevenção e Cidadania para travestis, intitulado “Travestis em Ação” (Travestea).

Logo que soube do resultado da seleção para o doutorado (fins de novembro de 2000), liguei para Safira, contando que iria morar no Rio no ano seguinte, e ela me contou que estava montando um projeto de atenção às travestis, que estava muito feliz e confiante, pois estava negociando apoio da ONG que freqüentava, solicitando espaço e horário para que as travestis pudessem se reunir. Mesmo por telefone, era possível perceber o entusiasmo e a alegria de Safira, por ter conseguido falar com os dirigentes da ONG sobre seu desejo de criar um projeto voltado para as travestis.

Em janeiro de 2001, fui ao Rio acertar alguns detalhes de minha mudança, e aproveitei para fazer uma visita para Safira, saber das novidades e do projeto que estava coordenando.

Ao chegar em sua casa, Safira me recebeu com muita alegria, falando de sua felicidade por tudo estar dando certo, que a ONG havia cedido espaço e horário para as reuniões das travestis, e que aconteceria sempre as quartas feiras, das 15 às 18 horas.

Relatou-me também as reuniões iniciais, dizendo que a procura ainda era pequena, que sentia a necessidade de uma maior divulgação junto às travestis, pois estava se reunindo apenas com mais duas travestis, e que naquele momento, achava melhor eu não participar de uma reunião que ia acontecer no dia seguinte, porque aquele espaço deveria ser respeitado como um espaço de conquista das travestis, ficando restrita às travestis; que mesmo sendo poucas, elas queriam restringir o espaço.

Essa determinação já havia sido discutida pelo grupo das três travestis freqüentadoras das reuniões, e segundo Safira entendia, as determinações tiradas nas reuniões seriam sagradas.

Dois meses depois, quando retorno ao Rio para cursar a pós graduação, telefono para Safira avisando de minha chegada, assim como falando sobre a região em que iria morar. Ao ser certificada de meu endereço, Safira me informa que duas vezes por semana ela fazia um curso de língua italiana em um colégio público na Rua do Catete, e que ficava próximo de onde eu ia morar, oferecendo-se para ir me visitar e tomar um cafezinho. Assim, marcamos na Quinta feira no final da tarde (ela estudava à noite), quando ela veio me visitar antes de ir para o curso de italiano.

Safira estava muito bonita, toda arrumada, com uma saia longa preta e uma blusa bem discreta com motivos florais, os cabelos presos em um coque, e uma sandália de salto alto.

Ao recebê-la, ela foi logo me perguntando se estava discreta e bem vestida, pois não queria me trazer transtornos com os vizinhos do prédio em que morava. Questionei sobre as suas preocupações, e ela foi logo me dizendo:

*“Eu me preocupo muito com a aparência sabe, porque uma travesti tem que saber diferenciar uma roupa que é para a noite, para a “batalha”, e uma roupa que é para o usar durante o dia. Semana passada a D. foi me visitar às duas horas da tarde com um shortinho ‘me coma’. Sabe aqueles shortinhos enfiado no rego da bunda? Colados no corpo? A passada da D. me chega em casa às duas horas da tarde, eu moro em uma vilinha com outras famílias, e tem o meu filho, o meu marido, sabe? A lesada da D. me chega de shortinho e top, às duas horas da tarde, e ainda ficou brava porque eu chamei a atenção dela. Chamei mesmo! Quer ser respeitada, se dê ao respeito! A gente reclama tanto da discriminação, mas tem que ficar esperta para não dar motivos”.*

Em vários momentos de conversas com Safira, ela sempre demonstrou preocupações com as condutas das travestis, com as suas vestimentas e discursos, com o modo com que as mesmas se relacionam com as pessoas e consigo mesmas.

Passada a preocupação com a estética pessoal, Safira me contou a respeito do projeto que estava coordenando, dizendo que tinha sido batizado com o nome de ‘Travestea – Travestis em Ação’, mas que algumas travestis estavam apelidando de “Chá das Travestis”.

Safira estava muito feliz, porque havia aumentado o número de travestis participantes, e que a ONG sede do projeto havia decidido fornecer lanche para as participantes, o que, segundo Safira, era um importante atrativo para convidar novas travestis.

Informou ainda que haviam feito um pequeno folder, construído nas reuniões - na verdade um convite -, que seria distribuído entre as travestis, para que viessem às reuniões do Projeto Travestea.

Ao ser questionada a respeito de minha participação nas reuniões, Safira disse que teria que consultar o grupo para ver se concordaria com minha participação.

Assim, na Quarta feira seguinte, às 15 horas, me dirigi para o endereço onde aconteceria a reunião das travestis. Ao chegar lá, Safira me recebeu muito gentilmente, dizendo que eu deveria esperar do lado de fora, para que as travestis pudessem conversar a respeito de minha participação no grupo.

Alguns minutos depois, fui chamado para entrar na sala de reunião do Projeto Travestea. Havia umas doze travestis, e entre elas, quatro travestis que já me conheciam devido terem participado de oficinas que coordenei no VIII ENFLAIDS, no ano anterior, ocorrido em Cabo Frio, Rio de Janeiro. Essas mesmas travestis, ao me verem, se levantaram e vieram me cumprimentar, me recebendo de forma calorosa e acolhedora. Entre as outras travestis, a sensação era de estranhamento e de pouca afetividade, pois as mesmas me cumprimentaram friamente, e algumas mal de dirigiram o olhar.

Safira toma a palavra, me apresentando como um estudante de pós-graduação que estava pesquisando as travestis, e que tinha solicitado autorização para frequentar semanalmente as reuniões. Algumas travestis presentes (as que me conheciam) se manifestaram favoravelmente, enquanto as outras se mantiveram silenciosas. Safira colocou a solicitação em votação e todas levantaram seus braços aceitando a minha participação, porém, deixando claro que devido eu não ser travesti não teria direito a voto, mas que poderia fazer uso do direito de voz.

Assim, durante o ano de 2001, frequentei semanalmente as reuniões das travestis do Projeto Travestea, observando os temas que eram trazidos para discussão, que versava sobre o cotidiano das travestis no Rio de Janeiro, assim como as estratégias que eram formuladas para a resolução de problemas. Entre as travestis participantes, a maioria era de profissionais do sexo, e em algumas vezes, tínhamos a participação de travestis donas de boate, travestis funcionárias públicas, professoras e artistas.

Dentro de uma cidade como o Rio de Janeiro, a temática da violência era muito frequente, associada às agressões verbais e físicas, ou ainda, relacionada ao tráfico de drogas, reações agressivas de clientes e pessoas em situações públicas. A temática da exclusão e da discriminação também era muito frequente, e em algumas vezes, muito triste, devido a notícias de assassinatos de alguma travesti conhecida, ou ainda, de espancamentos e de extorsões policiais.

No processo de empoderamento do grupo e das próprias travestis que frequentavam o projeto, foram sendo conquistados alguns espaços de participação social e política, como a

participação nos Conselhos municipais e estaduais de saúde, ação social e segurança pública. Como estratégias de arrecadação financeira, o grupo começou a realizar festas de confraternização com cobranças de ingressos, bingos beneficentes, bazar da pechincha e rifas que ajudavam na compra de materiais a serem usados nas próprias reuniões, que em algumas vezes, se transformavam em oficinas de sensibilização e de resgate da auto estima e da dignidade das travestis.

Durante um período do segundo semestre deste ano, algumas travestis foram convidadas para serem multiplicadoras de um Projeto de Assistência para pessoas doente de AIDS, chamado *Projeto Buddy Rio*, realizado no Grupo Arco Íris (GAI) e, conforme as travestis participantes, ao término do curso haveria uma festa de formatura.

Quando da formatura das travestis, as mesmas convidaram a todos do Projeto Travesteia para que participassem da cerimônia de formatura e de suas festividades. No dia do evento, como não sabia como chegar ao local da formatura, liguei para Safira, perguntando como chegar ao endereço, e a mesma me informou que ela iria também, mas apenas depois do término da aula de italiano. Como ela estudava em um colégio próximo de minha residência, combinamos que a esperaria na saída da escola, para que pudéssemos ir juntos até o local da formatura.

Assim, no horário combinado, fui para a frente do colégio para me encontrar com Safira, e ao chegar lá, Safira estava sentada nas escadas em frente da escola, chorando convulsivamente.

Safira chorava muito e não conseguia falar. Deslocamo-nos até um bar próximo, tomamos água, e com o tempo ela foi relaxando, adquirindo condições para poder verbalizar.

Safira tinha um bom relacionamento com uma moça que fazia o mesmo curso que ela e as duas mantinham uma relação de amizade e respeito que muito a gratificava. Porém, naquele dia, ao chegar na escola, sua amiga estava conversando com um rapaz, segundo ela muito bonito e bem vestido, e ao se aproximar da mesma foi rejeitada como se não a conhecesse. Safira ainda chorava, pois não esperava que a amiga fosse se expressar daquela maneira.

Ao ser indagada sobre o motivo que chorava disse:

*“Sabe, eu sei que as travestis não são aceitas pela sociedade, fui rejeitada pela minha própria família, já vivi muita humilhação, mas achava que ela era minha amiga, sempre ajudava ela nas tarefas da escola, íamos à cantina juntas, ou me acompanhava até a estação do metrô, e agora, só porque ela estava com um rapaz bonito e bem vestido ela fez de conta que não me conhecia. É duro a gente sentir na pele a discriminação, parece que a*

*gente não vale nada, é como se a gente fosse uma coisa ruim que deve ser evitada por todo mundo. É duro a gente querer ser amiga das pessoas e elas nos rejeitarem. Mas não tem nada não, eu tenho que valorizar as pessoas que gostam de mim”.*

Safira estava muito inconformada, reclamando muito da sensação de traição que sentia, de ter sido passada para trás, de ter sido usada:

*“Olha só, para mim a amizade é uma coisa sagrada, quando a gente é amiga tem que ser inteira, tem que ser intensa, a amizade é nosso maior tesouro. Eu sempre lembro nas minhas orações dos meus amigos, porque eles são importantes para mim. Eu sempre torço pelos meus amigos, para que seja vitoriosos, porque eu penso que eles devem fazer o mesmo comigo. Quando a H. chegou aqui no curso, ela não conhecia ninguém, e por ela ser muito tímida, e eu que achava ela tímida, eu me aproximei e a gente começou a conversar, a ficar íntimas até, a gente foi ficando amigas e ficando cada vez mais juntas. Sempre passava a matéria das aulas que ela perdia, sem cobranças, sabe? Se eu posso ajudar eu não deixo de ajudar, sabe? Cheguei a emprestar meu caderno de exercícios, que não emprestava para ninguém, várias vezes para ela. Enquanto ela estava sozinha eu servia, foi só arrumar um macho e a vagabunda foi se revelando. É isso que dói, sabe? Levar coló na rua, ouvir as bobagens que a gente ouve de estranhos, a gente até agilenta, mas uma pessoa que convive com você, que te dá beijinho e boa sorte, na primeira oportunidade te esmaga como inseto? Isso dói, porque não é de um estranho, é de uma pessoa que se dizia sua amiga, que te elogiava, te incentivava a batalhar pelos seus sonhos, e dá esse tombo? É isso que dói.”*

Essa conversa se deu no trajeto da escola de Safira, que ficava no Catete, e o local da formatura que se daria no bairro de Botafogo. No percurso, fizemos algumas paradas para que Safira respirasse melhor e tentasse se acalmar. Quando chegamos à sede do Grupo Arco Íris, local em que aconteceria a formatura das travestis, haviam umas quatro ou cinco pessoas do grupo, que nos informaram que não se tratava de uma festa de formatura, mas, apenas da entrega do certificados que havia sido feito no período da tarde.

Safira me olhava completamente constrangida, sem saber o que dizer, pois ambos tínhamos sido convidados para a tal festa de formatura, e discretamente, Safira começou a falar que nós estávamos passando por perto, e resolvemos fazer uma visita de cortesia, mas que era uma rápida visita e que já estávamos indo embora.

Logo na saída do GAI, tínhamos que descer uma ladeira, com pedras irregulares, e Safira, bufando de ódio, enroscou uma de suas sandálias, quebrando literalmente o salto. Safira começa a chorar e a esbravejar contra as duas travestis que haviam feito o convite, amaldiçoando-as e jurando que ao encontrá-las, elas iriam apanhar. Ao mesmo tempo

analisava os acontecimentos do dia, pontuando sobre a cena da escola, depois a cena da formatura, mais a cena em que quebrou o salto, e descamba a rir, a gargalhar, gozando de si mesma, já com as sandálias nas mãos, descendo as escadas do metrô em Botafogo, de volta para sua casa que fica no Estácio. Ainda no metrô, duas estações seguintes, me despeço de Safira, agora mais sorridente e menos tensa, combinando de nos falarmos por telefone, ou ainda, na próxima reunião do Projeto Travestea. Safira se despede com um beijo e um sorriso, analisando que da próxima vez que as duas travestis nos fizerem um convite, a gente confirma antes, para não passarmos constrangimento, concluindo que às vezes as travestis se entusiasmam com as coisas e criam situações fantasiosas e fantásticas.

Na semana seguinte, a reunião foi conturbada devido as travestis se sentirem discriminadas dentro da ONG em que acontecia o projeto. Houve um evento em um shopping famoso da cidade, onde empresários poderiam adotar projetos sociais dentro da cidade do Rio de Janeiro, todos os projetos da instituição levaram seus banners, menos o Projeto Travestea que não foi comunicado sobre o evento. Safira ficou muito irritada e entristecida pela situação, indo embora bem decepcionada. Dois dias depois, Safira me liga dizendo que estava marcando um almoço no domingo em casa dela, convidando algumas travestis, e que gostaria que eu estivesse presente. Infelizmente, já tinha compromisso agendado e não pude comparecer.

Alguns dias depois, me encontro com Safira em uma manifestação na Cinelândia, a respeito da quebra das patentes de medicamentos retrovirais. Safira estava acompanhada por mais três travestis, e no final da manifestação nos sentamos em um dos bares da Cinelândia para tomarmos um refrigerante, quando Safira foi logo dizendo que o almoço em sua casa tinha sido um pretexto para que as travestis pudessem conversar em um espaço fora da instituição. Durante o almoço foi possível conversar sobre os descontentamentos do grupo dentro da instituição, quando resolveram que estava na hora do grupo de travestis terem autonomia e independência, criando uma nova ONG. Safira sempre tomava a frente e era respeitada como líder pelas travestis que coordenava, não só por sua militância política, mas também por sua bondade e disponibilidade para ajudar as travestis. Das vezes que fui a sua casa, sempre encontrava uma travesti diferente, que havia sido acolhida por Safira, quer porque estava doente, quer porque não tinha onde morar ou se alimentar.

A cada dia percebíamos o crescimento de Safira enquanto liderança, participando de eventos e de capacitações onde podia defender e reivindicar os direitos das travestis.

Essa sua garra, diz respeito à luta que sempre enfrentou para sobreviver, para ser aceita pelas pessoas, educar seu filho e ser feliz com seu companheiro.

Safira sempre fazia questão de elogiar as pessoas, de valorizá-las e de empoderá-las para que pudessem ter melhor qualidade de vida. Em seus discursos sempre fazia depoimentos em que trazia a sua história de lutadora, em que incentivava as pessoas para lutarem por seus sonhos e seus ideais. Sempre falava de seus sonhos de ver as travestis serem respeitadas como seres humanos e como cidadãs, não medindo esforços e nem se intimidando diante dos obstáculos.

Em algumas entrevistas realizadas em profundidade, Safira nos contemplou com dados de sua história pessoal e particular, trazendo dados de sua infância, sua adolescência e vida atual. Pautado por essas informações, descobrimos que Safira nasceu em uma cidade do interior mineiro, às margens do rio São Francisco, quase divisa com o estado da Bahia, em uma família simples, formada pelos pais, mais três irmãs e um irmão mais novo.

Safira relata que desde pequena sempre foi muito judiada pelos seus pais, que eram muito enérgicos e exigentes, de formação moral cristã. Em suas lembranças relembra que desde muito criança ela era muito afeminada, chegando muitas vezes a ser confundida com outras pessoas que achavam que ela era uma menina, e que se envergonhava muito por isso. A esse respeito, Safira nos conta:

*“Quando criança, de certa forma, passava muita vergonha por causa do equívoco das pessoas que me confundiam com menina. Eu, geralmente, não gostava de ser confundida com menina, porque eu sabia que eu era menino, que eu tinha de ser menino, e, por isso, eu tinha muita vergonha quando alguém me confundia. Eu sofria muito com isso, inclusive, na igreja. Eu gostava muito de usar as roupas de minhas irmãs e eu tinha muita curiosidade pelo sexo oposto, porque eu não era aceita por elas por eu ser menino. Então, as minhas irmãs não me aceitavam no meio delas. Eu ficava querendo saber porque elas não me aceitavam e qual era a diferença, porque eu me achava igual a elas. Quando eu me aproximava para brincar, às vezes elas se levantavam e me deixavam sozinha, escondendo as bonecas e as roupinhas que eu adorava ficar trocando, e diziam que eu era mulherzinha. Quando a gente ia na igreja elas me deixavam de lado, fazendo de conta que não me conheciam, e eu ficava injuriada porque tinha a coroação de Nossa Senhora, e eu não podia coroar a santa por causa de ser menino, que não poderia por as roupinhas de anjo. Eu não entendia porque não podia coroar a Nossa Senhora, não podia vestir a roupinha de anjo, porque eu ouvia as pessoas dizer que as crianças eram anjos”.*

Safira relata que desde criança quis se vestir de anjo e que isso seria uma das grandes frustrações de sua vida, que trás de recordação da infância, quando ainda tinha cinco anos de idade e que se sentia pura, sem maldade, acrescentando: *“eu não via maldade nenhuma nisso,*

*eu achava tudo natural e queria participar como qualquer outra criança, porque eu me via como criança e não como homem ou mulher, eu não via sexualidade, eu nem tinha sexualidade".*

Safira recorda que seus pais viviam batendo nela, ou colocando-a de castigo e ela não entendia nada, porque não sabia dos motivos pelos quais estava sendo castigada. Faz tentativa de análise sobre essa época, avaliando que se tratava de uma criança muito levada, desobediente e que por causa disso devia merecer repreensões. Mas, segundo Safira, quanto mais era castigada mais ela se rebelava, afirmando que :

*"Bem, então, por causa da repressão que eu sofria do meu pai e da minha mãe, eu ficava mexendo nas coisas deles, nos armários, e descobria as roupas da minha mãe e das minhas irmãs, e naquela descoberta comecei a sentir curiosidade de me ver vestida com as roupas, de me maquiar e de usar sapatos de salto. Minhas irmãs quando me pegavam com as roupas debochavam me chamando de mulherzinha, dizendo que eu era mariquinha. Eu odiava esse rótulo e conforme fui crescendo e entendendo um pouco das coisas, fui percebendo que as minhas próprias irmãs me rotulavam e me discriminavam na frente de outras crianças de outras pessoas. Eu sofria muito por isso, passava muita vergonha e me sentia muito humilhada. Para mim, era uma agressão muito grande e eu me envergonhava por elas me tratarem daquela forma".*

Safira sentia na carne as discriminações dentro de sua própria casa, tendo uma socialização familiar muito complicada, mesmo porque a confusão feita em sua cabeça a respeito de ser homem e mulher, deixava-a confusa e perturbada. Na relação com as irmãs se sentia excluída, e na relação com os pais, se sentia um pouco abandonada e ao mesmo tempo um pouco agredida devido às surras que levava sem saber o porquê. Em seus relatos sobre esse período de sua vida, Safira reclama pela falta de carinho e de acolhimento por parte de sua família, que era marcada por muita violência, dizendo que

*"dos meus pais eu apanhava muito. Eu era uma criança muito impulsiva e levada, que tinha umas brincadeiras muito perigosas e arriscadas, porque eu nunca tive medo de nada. Eu subia em muros, nas árvores, nadava no Rio São Francisco, e nessa época eu era bem criança ainda, acho que tinha uns seis ou sete anos, e eu já me virava, aprendi a nadar sozinho".*

Apesar da percepção das discriminações e dos castigos físicos na infância, Safira tem saudades dos momentos em que brincava muito, que corria nos campos e nadava no rio. Recorda que em algumas férias, ia para a casa de sua avó, que morava em outro sítio, e lá se divertia muito, andando a cavalo, tomando leite de manhã na mangueira, comendo muita

fruta, enfim, tendo uma vida bastante saudável. Safira nos informa que se sentia amada por seus avós e pelos tios, mas sempre existia um mal estar, que se expressava através de olhares e de expressões faciais que provocavam um certo estranhamento na própria Safira. Sobre isso nos fala:

*“eu tinha a minha avó que cuidava de mim nas férias e que eu gostava muito dela. Meus tios também eram carinhosos, mas, por incrível que pareça, eu sentia uma certa diferença desde criança. Eu via que não me olhavam como olhavam para outros meninos. Então, eu fui inventando outras brincadeiras, porque eu gostava mais de ficar só, de brincar sozinho. Até gostava de brincar com meus irmãos, mas chegava um hora que eu ficava perdida, sem saber o que fazer. Outras vezes meu pai me levava para caçar com ele. Eu gostava do meu pai, só não gostava é das atividades que ele fazia, eu as achava muito pesadas e não me encaixava muito nelas, eram atividades do sexo masculino e ele tentava me adaptar, mas eu só dava problemas”.*

Quando falava das cenas de socialização ocorridas dentro da família, Safira sempre diminuía o tom de voz, sua respiração ficava mais ofegante, sinalizando certa dificuldade em falar sobre esses assuntos.

Ainda a respeito de sua socialização, Safira recorda que mesmo na escola tinha poucos amigos, e que se dedicava com muito afincio aos estudos, de modo a manifestar pouca preocupação com a sexualidade. Relata que às vezes passava o dia todo brincando com outras crianças, mas que eram brincadeiras inocentes, sem nenhuma conotação sexual. Às vezes, tentava espiar outros meninos e meninas nos banheiros da escola, pois tinha curiosidade em saber se haviam diferenças. Algumas vezes era surpreendida por algum inspetor da escola que a levava até a diretoria, que por sua vez acionava seus pais, recebendo dupla penalização por sua curiosidade: suspensão das atividades escolares e castigo físico por parte dos pais.

Safira nos conta que foi perceber sua sexualidade, assim como seus órgãos genitais, tardiamente – por volta dos 11 anos, dada a total falta de malícia e de excesso de pureza e ingenuidade, assim como, a vergonha que tinha de seu corpo e do seu jeito afeminado de ser.

A esse respeito, nos fala Safira: *“eu só fui perceber minha sexualidade quando me toquei pela primeira vez, que descobri que eu tinha um pênis, e eu já tinha uns onze anos. O meu irmão, que era mais novo do que eu, já se tocava, já se masturbava, e eu nem me lembrava que eu tinha um pênis porque eu não tinha um contato maior, era só para fazer xixi e eu fazia xixi como as meninas, sempre sentada! A minha mãe tentava me ensinar que eu devia colocar o peru em uma certa posição para fazer xixi em pé e depois balançar o peru, mas eu fazia xixi sentada. A coisa mais difícil era fazer xixi do lado de outros homens,*

*naqueles mictórios, porque os homens fazem xixi em pé, e eu não conseguia mesmo. Quando ia a um desses banheiros eu entrava em uma das cabinas e só assim conseguia fazer xixi”.*

Safira analisa essas dificuldades como sendo consequência de sua educação familiar, que sempre reprimia as manifestações de sua sexualidade, concluindo que, pelo fato que desde criança ser afeminada, ter trejeitos femininos, seus pais por não saberem lidar com a homossexualidade, não conseguiam estabelecer diálogo, usando apenas da repressão e dos castigos para tentar reverter seus comportamentos afeminados em condutas masculinizadas.

Safira relata essas questões com certa dificuldade, se emocionando e se questionando o tempo todo, tentando achar justificativas pelas ações repressivas de seus pais, como se quisesse achar um jeito para perdoá-los, mesmo porque, a sua formação cristã solicita o tempo todo a prática do perdão e da remissão dos pecados, para que possa atingir a salvação.

Nas reuniões das travestis, que Safira coordenava, sempre apresentava algum texto de incentivo e de esperança para as travestis, elogiando a realização de atividades feitas pelas pessoas do grupo, e sempre propunha no final da reunião a realização de uma oração, segundo Safira, *“para que as meninas possam sair mais reconfortadas espiritualmente”.*

Sua educação religiosa sempre foi muito intensa. Safira recorda que a missa aos domingos era sagrada. Logo pela manhã, a família se arrumava, e em jejum, ia assistir à primeira missa do dia. Depois, voltava para casa, tomava o café da manhã, e todos se mostravam felizes e contentes. Na análise de Safira *“tudo falso!”*. Os pais dormiam em camas separadas há muito tempo. Seu pai era alcoólatra, e quando bebia ficava violento. Brigava no bar, brigava na rua, brigava em casa. E batia na mãe, batia nos filhos. Lembra que certa vez, devia ter uns seis anos de idade, saiu para caçar com seu pai, e no meio do mato, seu pai havia levado uma garrafa de pinga, dizendo que homem para ser homem tinha que beber, oferecendo para que Safira bebesse. Aos seis anos de idade teve seu primeiro contato com bebida alcoólica.

Nesta mesma época, recorda Safira, viveu uma situação com um colega de escola que foi muito assustadora, quando foi estudar na casa dele: *“eu lembro que uma vez, eu fui estudar na casa de um colega e ele disse que ia me comer, e como eu era uma criança pura, eu não entendia o que ele estava falando. Isso eu devia ter sete anos de idade, e eu estava na primeira série. Então, ele disse para mim que ia me comer, mas ele disse assim: ai, ‘vou comer o seu cú!’ . Ele disse isso de uma forma bem pejorativa, bem agressiva, e eu fiquei assustada. Eu tomei pânico e eu fiquei com pavor daquela referência. Eu fiquei tão assustada, que nunca mais eu fui na casa do meu colega, porque quando ele falou que ia*

*comer meu cú, ele falou com um ar tão demoníaco que eu já achava que aquilo era coisa do demônio”.*

Safira analisa que a vivência inicial de sua sexualidade, além de ser intensamente reprimida por seus pais e por suas irmãs, ao se deparar com as brincadeiras sexuais na infância, foi extremamente negativa, pois, durante alguns anos passou a ter medo da aproximação de outros garotos, isolando-se e deprimindo-se, preferindo sempre permanecer isolada de todos.

Por volta de seus dez/onze anos, Safira se recorda de ter ido passar as férias, junto com seu irmão mais novo, na fazenda de um de seus tios, quando experimentou uma nova cena sexual: *“quando chegamos na fazenda, meus tios estavam nos esperando com uma mesa maravilhosa, cheia de comidas deliciosas, eles não tinha filhos e a gente levava a melhor. Nos dias que ficamos lá, as vezes, eu e meu irmão íamos brincar perto de um bosque que tinha perto da casa da fazenda. Uma vez, eu e meu irmão fomos mais longe, e um dos rapazes que trabalham com meu tio, estava deitado embaixo de um é de jatobá, e chamou meu irmão e eu. Nós éramos pequenos, e meu irmão menor ainda porque era bem mais novo do que eu. Então o rapaz colocou o pênis para fora e mostrou para nós dois. Ele já devia ter uns catorze/quinze anos, eu olhei e achei aquilo tão estranho, mas ao mesmo tempo que estranho, era tão bonito, aquele pênis duro latejante. Daí, eu olhei para aquilo que achei tão bonito, mas também era estranho, esquisito, e eu peguei no pênis dele. Ele queria que meu irmão também pegasse e o mais engraçado foi que eu senti ciúmes. O pior é que meu irmão quis pegar também, e eu falei que a gente tinha que ir embora, porque eu queria pegar mais e ele não deixou. Puxei meu irmão e daí ele ficou me chamando, mas eu não fui”.*

No final dessas férias, Safira relata que teria que ir estudar em um colégio interno, localizado em Belo Horizonte, um colégio só de meninos e estava muito apreensiva devido a nunca ter saído de casa, e por se sentir insegura diante de outros meninos, se reclusando muitas vezes em seu mundo particular e solitário. Sentia-se insegura em relação a sua sexualidade, ao seu corpo e às suas emoções, lembrando-se que até seu irmão já se masturbava, e ele não. Em suas palavras:

*“Eu não tinha nada relacionado à sexualidade. Quando cismei em ir para o colégio interno, com onze anos de idade, eu não tinha sexualidade alguma, porque eu ainda não tinha me despertado. Os outros meninos nessa idade já se masturbam e eu não tinha sexo, para mim não existia ainda sexo. No colégio interno tinham muitos rapazes e eu comecei a tomar banho no banheiro dos homens. Então, eu comecei a ver rapazes maiores do que eu e eu comecei a achar interessante, a achar bonito o corpo masculino. Eu comecei a observar o*

*pênis, o saco, o escroto, e eu olhava e achava aquilo tudo muito bonito, mas tinha vergonha que alguém percebesse que eu estava achando bonito, por isso eu não ficava muito próxima deles, com medo que percebessem que eu achava interessante, então eu reprimia isso. Porque desde criancinha já me confundiam com menina, mesmo que eu colocasse uma roupinha de menino, as pessoas me confundiam com menina e aquilo me incomodava bastante.”*

Safira freqüentemente voltava às cenas de sua infância em que era confundida com uma menina, lembrando sempre de um mal estar que era gerado por essa confusão, marcado por sua desinformação a respeito do que seria da ordem do masculino e do feminino, entrando em uma confusão mental que, segundo ela mesma, era devida a não ter informações sobre sua própria sexualidade, o que a colocava em uma situação de muito desconforto diante das pessoas.

Mesmo aos onze anos, quando foi estudar em colégio interno, Safira tinha grandes resistências para falar sobre sexo com os garotos, conversas essas freqüentes no meio dos meninos de sua idade, que falavam sobre as meninas, sobre masturbação e jogos sexuais os quais em algumas situações aconteciam entre os próprios garotos. Nas situações em que o assunto se dirigia às questões da sexualidade e do corpo, Safira sempre dava uma desculpa que tinha alguma tarefa por ser feita, e dava um jeito de sair de perto para não ser questionada ou até mesmo cobrada pelos meninos para que falasse sobre suas intimidades.

Assim, recorda que alguns meses depois de ter ingressado no colégio, surgiu um boato a respeito de seu envolvimento com outro garoto da escola, relatando: *“E aí, começou a surgir um boato que eu tinha transado com um garoto no colégio, porque eu tinha muita amizade com um garoto mais velho, um negro muito bonito, mas que era só meu amigo e que a gente não tinha nada. Eu achava aquilo muito interessante, mas eu sabia que não podia fazer aquilo, que eu não devia gostar, que eu não podia gostar de alguém do mesmo sexo que eu, nem admirar, porque eu era um homem e homem com homem não podia. Então, depois que surgiu o boato, um outro garoto me convidou para tomar banho em uma cachoeira, porque eu nadava muito bem, e eu não via malícia e aceitei ir até a cachoeira com ele. Quando eu vim para o colégio, minha mãe fez todo o enxoval e no meio dele tinha uma sunga vermelha que eu gostava muito, que era justa e modelava meu corpo. Naquele dia, o menino que era muito esperto, me falou: ‘vamos tomar banho com aquela sunga?’, e ele me deu a sua sunga, que era mais larga, dizendo que minha sunga era muito justa e todo mundo ia falar que eu era vladinho. Aí, ele vestiu a minha sunga e eu vesti a sunga dele e nadamos na cachoeira, sem nenhuma sacanagem, mesmo porque eu me guardava muito mesmo, e não tinha interesse em transar com ninguém. Mas, ele começou a falar que tinha transado comigo*

*na cachoeira e aquilo acabou comigo, porque era mentira e não tinha acontecido nada entre a gente. Foi um reboição danado no colégio, as pessoas me olhavam e tiravam sarro da minha cara, me apontando e me chamando de viadinho. Foi muito difícil para mim suportar tudo aquilo, e como se não bastasse tudo isso, um dia no banheiro, quando tomávamos banho, alguns garotos começaram a zombar de mim porque meu pênis era pequeno, dizendo que era um pênis de criança, de bebê e que tinha um escroto grande, tipo aquelas estatuas gregas. Para mim, acabou o colégio interno e eu passei a não acreditar mais nas pessoas e fiquei arrasada. Aí, teve uma festa em que a gente ia apresentar esquetes de teatro e shows de música, e os meninos todos disseram que eu tinha que fazer um show do Nei Matogrosso, dos Secos e Molhados, e eu muito pura, concordei em fazer o show, só percebendo depois da conotação pejorativa, de deboche mesmo, por causa do homossexualismo. Uma zombaria que era feita não só pelos colegas, mas que tinha a participação dos professores que ao invés de me proteger me ridicularizavam mais ainda. Para mim, era uma apresentação como artista, mas para eles, era uma forma de me colocarem como gay, de me expor ao ridículo. Tanto que na apresentação, enquanto eu dublava e rebojava, as pessoas ficavam rindo de mim, cochichando sobre mim, e eu ficava nervosa e envergonhada. Logo que acabou meu número, lembro que saí correndo e fui para o meu quarto, e lá eu chorei muito. A vontade que eu tinha era de sumir de lá, porque depois disso, os meninos começaram a me evitar, pois passaram a me ver de outra forma, me viam diferente, como o menino que rebojava e que tinha a aparência mais feminina”.*

Ao relatar sobre essas experiências, Safira se mostrava bastante ofegante e tensa, expressando muita indignação com a situação, às vezes se emocionando a ponto de ter que parar para respirar um pouco, para que pudesse continuar seu relato.

Apesar de ter sido apenas seis meses de permanência no colégio, Safira aponta uma vivência muito intensa nesse período, que segundo ela mesma analisa, serviu para que ela começasse a refletir sobre sua sexualidade e seu corpo, pois ao observar outros garotos de sua idade, ou um pouco mais velhos, permitia-se fazer algumas comparações entre si e os outros, percebendo que em alguns dos meninos já havia pentelhos, um tórax mais definido, a presença do pré-sêmem, que sob seu ponto de vista, a colocava em uma posição de inferioridade diante dos outros meninos.

Ao realizar essas constatações, Safira começou a sentir um enorme desejo de sair do colégio e voltar para a casa de seus pais, e assim, ao receber a visita de um de seus familiares, falou a respeito de seu desejo de voltar para casa, vindo a saber posteriormente, que a própria direção da escola havia avisado a família sobre os acontecimentos, e que solicitaram à mesma,

que a retirasse do colégio, pois não queriam na escola uma pessoa com as características de Safira. Mais assustador ainda, foi o fato de que Safira teria conhecimento mais tarde, que o seu amigo negro também estava sendo expulso do colégio, em função dos rumores de envolvimento sexual com Safira. A esse respeito, nos relata: *"Foi estranho para mim sair do colégio, apesar que eu queria mesmo sair, mas quando fui reclamar para minha família, ela já estava me tirando da escola e isso para mim era estranho porque era muito rápido. A surpresa foi que a minha família ao me buscar, deu carona para o outro menino que estava sendo expulso, e foi aí que pude observar melhor o meu amigo negro, que haviam comentado sobre a gente na escola, por causa da nossa amizade. Ele era um negro muito bonito e até poderia ter rolado alguma coisa entre a gente, mas a minha formação não permitia, eu jamais me permitiria devido a minha formação religiosa. Eu me continha ao máximo."*

De volta para casa, Safira se sentia mais protegida mas ao mesmo tempo uma sensação de estranhamento se configurava em seu corpo, pois percebia mudanças nas relações com seus pais e com seus irmãos, que nada comentaram sobre os acontecimentos do colégio, apenas diminuindo o diálogo e estabelecendo olhares de censura e de desprezo. Nesta época, recorda Safira, logo na semana seguinte de seu retorno ao lar, sua mãe a levou ao médico, sem nenhuma informação ou esclarecimento do motivo da consulta :

*"Então, aconteceu que eu voltei para casa depois do colégio interno, e minha mãe tinha marcado uma operação de fimose para mim. Eu nem imaginava do que se tratava, eu tinha onze anos de idade e fui fazer uma operação e praticamente a anestesia não pegou. Meu pênis era uma coisinha de nada e eu fiz operação de fimose a sangue frio, foi horrível! Foi uma das experiências mais dolorosas da minha vida. Se eu for te falar de dor, eu sofri todas as dores que você pode imaginar. Primeiro, foi a operação da fimose, que a anestesia não pegou e eu gritava desesperadamente dentro da sala e tentaram me anestésiar, mas me fizeram sentir mais dor e me venceram pelo cansaço. Depois da cicatrização, eu sentia aquela dor em tudo, envolto naquele esparadrapo. Foi quando eu percebi que eu tinha um pênis. Eu só fui perceber isso quando eu fiz a operação de fimose. Percebi que eu tinha um pênis de adulto e me assustei, foi uma coisa assim... Eu falei : 'de onde é que saiu isso?' Perguntei para a minha mãe e até mostrei para ela como meu pênis tinha crescido e a minha mãe ficou toda satisfeita. Eu sentia aquele cheiro de curativo, que até era gostoso, e que ficaria até tirar os pontos, e que o médico tinha falado que ia sair lentamente. Voltei para casa como um menino, como um rapaz, porque eu já me achava um rapaz, que aquilo era a minha adolescência. Era a minha adolescência e eu ainda era muito pura, eu não queria a sexualidade, eu não transava com ninguém e eu me guardei até praticamente os meus catorze*

*anos de idade, porque eu não transava de maneira alguma. Aí começou aquela cobrança porque eu não transava. Eu tinha um cabelo grande e a minha aparência era aquela aparência andrógina, mas uma coisa andrógina em que o pênis aparecia. Com uns doze anos de idade, a minha mãe já falava: 'porque você não namora as meninas? Eu não namorava porque não tinha interesse nenhum em namorar e as pessoas cobravam isso de mim na escola.'*

Ao regressar do colégio interno, Safira é matriculada na escola pública do município em que mora, reencontrando colegas e estabelecendo novas formas de relações com os mesmos, em decorrência das experiências e sensações percebidas em seu corpo e que produziram novas problematizações ligadas à sua sexualidade, seu corpo e seus prazeres.

Apesar das novas percepções a respeito de sua sexualidade e do seu corpo, Safira ainda vivia nessa época intensos conflitos a respeito do sexo e seu prazeres. Sempre que era aviltada por sua performance andrógina, com zombarias e discriminação, Safira se calava e se recolhia, sofrendo muito e se assumindo na condição da discriminação, até o dia em que não se conteve:

*"Eu lembro que um dia, na escola, uma garota veio falando que tinha um personagem da novela "Pecado Capital" – só para você ver como essa influência nos agride – que era cabeleireiro, que era gay. Então, começaram a me chamar com aquele nome e aquilo me irritava. Até que um dia, eu agarrei aquela garota que começou a me chamar daquilo e mostrei para ela. Eu fui de uma agressividade tão grande que a juntei fui rasgando toda a roupa dela, deixei ela nua na escola, com os seios à mostra. Eu fiquei furtosa porque ela estava descobrindo o meu segredo, mas todo mundo interpretou que eu era homem e que aquilo era uma revolta. Eu não queria que ela ficasse desvendando o meu mistério, a minha sexualidade, porque ninguém tinha o direito de ficar se metendo na minha sexualidade, já que eu era virgem e me guardava assim. Aí, eu passei a achar que eu deveria me comportar como os meninos, mesmo que todo mundo me olhasse assim ou assado. Eu gostava muito de dançar mas eu queria impor uma certa masculinidade, porque eu queria ser igual aos meninos de minha idade. Então, eu resolvi jogar futebol e como eu não tinha aquela masculinidade toda, eu fui jogar no gol. Eu levei uma bolada no primeiro dia e quando foi no dia seguinte, eu senti aquela dor. Foi de uma agressividade tão grande do jogador que chutou, quase um ódio, foi como se ele falasse para mim: 'isso aqui não é o seu lugar! O que você está fazendo aqui? Isso não é para você! Lembro que era uma bola pesada, de capota, que me bateu nos testículos, que me torceu, que doeu muito. Mas, eu me segurei, e não dei o gostinho para ele, e fiquei me retorcendo mas não sai do jogo. Na noite daquele dia eu fui à*

igreja me confessar e na volta para minha casa, sabe o que aconteceu? Aquele jogador que tinha me dado a bolada me bateu. Bateu bastante mesmo e eu tive que ficar firme para não chorar e nem sentir dor, porque eu tinha que ser homem naquele momento, não podia demonstrar fraqueza. Quando foi de madrugada, eu acordei com umas dores insuportáveis nos testículos e comecei a gritar desesperadamente. Então, veio a minha tia avó, a minha mãe e veio todo mundo. A gente tinha o costume de usar homeopatia e de se tratar com ervas. Minha tia achava que era alguma coisa que tinha comido e me dava chá para beber o tempo todo e eu me retorcendo de dor. Doía tudo. Doía o estômago, o abdômen, doía a genitália, era realmente uma dor insuportável e eu achava que eu não ia resistir. Eu achava que não ia acordar no dia seguinte. Mas foi interessante, porque antes de fazer a operação da fimose, eu achava que eu ia morrer porque eu não merecia estar aqui na terra, porque eu achava que Deus não queria que eu vivesse, ou então, que eu tinha que desempenhar a minha função, que eu tinha uma missão e se não cumprisse eu ia morrer. Isso ficou na minha mente até o dia que eu pedi perdão a Deus, e resolvi sair, porque eu sempre fui muito religiosa. Então eu resolvi sair e me esqueci desse fato, e depois aconteceu a agressão física, que foi super doloroso para mim porque eu fiquei com o escroto do tamanho de um abacate maduro, enorme, entre as pernas, e o médico não dava jeito, ninguém sabia o que eu tinha e nem eu imaginava o que estava acontecendo, porque eu não associava à surra que eu tinha levado. Mesmo porque, eu já estava iniciando a minha vida sexual e eu já me masturbava. Quando eu cheguei em casa depois da surra, eu me masturbei. Naquele dia, em que levei a bolada, eu fiquei excitada pelo próprio jogador, aquele que me agrediu, eu já senti tesão por ele mesmo antes de jogar futebol, porque ele é daquele tipo de homem que qualquer mulher se sentiria atraída. Ele me deu aquele chute para dizer que ali não era o meu lugar. As pessoas já me rotulavam de homossexual e eu nem sabia o que era ser um homossexual. Mas, devido a minha aparência, ao meu jeito, eles me agrediam mesmo. Era uma discriminação mesmo ferrada. Imagina, eu era praticamente a única bicha da cidade e por isso fui sendo excluída das coisas, fui deixando de fazer esporte e então, eu me acabei. Minha mãe foi percebendo que tinha outras coisas envolvidas naquela história e insistiu para que eu falasse o que tinha acontecido. Comecei a chorar e fui contando o que tinha sido e ela foi chorando comigo, tentando me consolar, me acalmando com água com açúcar. Ah, ela falou que eu deveria contar para ninguém porque as pessoas iam debochar de mim, e eu guardei esse segredo durante anos de minha vida.”

Nessa época, Safira se recorda de tentar intensamente ser menino, tentando se aproximar mais das meninas, mas que não dava muito certo. Safira relata que tentava ser

homem mas era rejeitado pelas meninas, que viam nela uma outra mulher, e isso a impedia de arranjar uma namorada. Recorda ainda, que entre as amigas, havia uma delas que se interessava por ela:

*“Eu era um rapaz muito bonito no meio das meninas e entre as meninas, já tinha uma ou outra que queria me namorar, mas eu não sentia atração por elas. Eu não conseguia sentir tesão de jeito nenhum, nem num abraço, e aquilo era incômodo. Beijo na boca então, eu achava nojento. Não que eu tivesse nojo delas, mas não me dava nenhum tesão, nenhuma libido, não me despertava nada, e eu continuava a fazer meus shows, continuava dançando, mas depois teve uma menina, que virou minha namorada. Eu precisei arrumar uma namorada porque todo mundo já estava falando que eu era bicha. Ah, eu recebi a visita de duas amigas minhas do Rio e a gente ficou muito amigas mesmo, e eu me apaixonei por uma delas. A gente começou a namorar até tudo virar um grande deboche. Eu até tive tesão por ela e tive ereção e tudo, ela era meio masculinizada, mas ela não quis nada comigo. Depois, as duas ficaram debochando de mim e tudo acabou em piada. Quando elas foram embora eu chorei muito. Ainda fiquei mais dois anos em minha cidade e depois resolvi ir para Belo Horizonte”.*

Safira não se lembra de outro homossexual contemporâneo que existisse em sua cidade natal, uma cidade do interior de Minas Gerais, em que todas as pessoas se conhecem e sabem das histórias pessoais de cada habitante. Safira viveu todo tipo de discriminação em sua cidade, o que levava a sonhar um dia sair de sua cidade e ir para um grande centro urbano, tentar a sorte e poder ser ela mesma. Assim, aos dezoito anos, deixa sua cidade natal e se dirige para Belo Horizonte. Lá, um parente havia conseguido um emprego de *office boy* no Banco do Brasil, e, segundo se recorda, em pouco tempo já estava estigmatizado por ser homossexual. Alguns chefes a defendiam dos ataques homofóbicos por parte de alguns funcionários, e relata sentir bastante incomodada diante de comentários depreciativos, ou de cochichos pelos cantos.

Apesar de Safira ser discreta, relembra que percebia olhares de alguns homens que a desejavam. Alguns chegavam a deixar bilhetes marcando encontro, mas tinha medo e evitava alimentar esperanças aos pretendentes. Relembra que quando saía à noite alguns homens se interessavam por ela, mas apenas se limitava a olhares e alguns sorrisos. Até que em uma outra noite, Safira percebeu estar sendo seguida:

*“Os homens se interessavam por mim e tinha alguns que até me seguiam. Teve um que começou a me seguir algumas vezes, até o dia em que criou coragem e tirou o pênis para fora e pediu para que eu tirasse o meu porque ele queria ver. Então, ele começou a esfregar*

*seu pênis no meu até me fazer gozar e ficou se esfregando até gemer feito um bezerro desmamado. Foi a primeira vez, eu achava que eu era a feminina e ele, o masculino."*

Para Safira, a experiência inicial de introdução à vida sexual foi muito positiva, pois estava conseguindo expressar sua sexualidade que até então sempre fôra tão reprimida e impossibilitada por seus valores e crenças religiosas. Começa a fazer algumas amizades novas, com outros homossexuais, estabelecendo novas formas de socialização que a colocava em contato com novas pessoas, agora mais acolhedoras do que os amigos de infância e de seus próprios familiares. Foi um período que, segundo Safira, lhe permitiu aflorar a sexualidade e lutar por seus desejos. A esse respeito, relata Safira:

*"A chegada na capital grande me permitiu conhecer uma outra vida, um outro mundo que eu nem imaginava. Foi quando eu fumei maconha pela primeira vez, eu tinha uns dezoito ou dezenove anos. A ia na casa de um amigo, lá a gente fumava e às vezes chegava a transar, mas sem compromisso, sem ficar pegando no pé depois, até que a gente percebeu que não tinha nada a ver, que a gente era amigos mesmo, a gente era meio irmão. Foi nessa época que comecei a tomar hormônios e meu corpo começou a se transformar, a se arredondar. Como eu já era muito andrógino, com os hormônios todo mundo achava que eu era mulher. Com a minha transformação, fui mandada embora do escritório que eu trabalhava e aí não conseguia mais emprego em lugar nenhum. Por sorte, um amigo estava produzindo um novo show em uma boate de BH, e me convidou para atuar no espetáculo. Era um papel pequeno, mas era o que tinha para poder sobreviver. Algumas semanas depois, a estrela do espetáculo ficou doente e fui convidada para substituí-la. Passei a fazer o papel principal e como meu corpo era escultural e estava muito feminina, as pessoas ficavam em dúvida se eu era homem ou mulher. Recebia convites de muitos homens, mas sempre os dispensava mesmo porque, estava começando o relacionamento com meu marido e tinha que me guardar para ele. Só uma vez, quando trabalhava em um Cabaré em Belo Horizonte, um rapaz muito bonito se aproximou e disse que queria ficar comigo, pois eu era a única mulher que tinha deixado ele excitado. Levei ele para o camarim, mas nós não transamos, apenas fiz uma boquete e ele gozou. Logo que ele gozou, entrou outra dançarina no camarim e saiu cantando para todo mundo. Os seguranças entraram no camarim e escorraçaram o rapaz, porque ele deveria ter transado com uma mulher e não comigo, pois era um cabaré de mulheres. Comigo não fizeram nada, ou seja, ninguém me agrediu. Apesar de ser amiga da dona do cabaré, resolvi sair de lá e ir para outro lugar. Nessa mesma época, meu marido me abandonou e foi embora para o Rio de Janeiro com uma outra mulher, e como se não bastasse, minha mãe faleceu, e eu tive que voltar para minha cidade natal".*

Com a morte de sua mãe, Safira recorda que houve uma grande desestabilização familiar, mesmo porque, seu pai havia abandonado a família há mais de dois anos, duas irmãs tinham se casado e mudado de cidade, restando uma irmã e um irmão menores que moravam com a mãe. Recorda ter sido uma fase muito difícil porque a mãe era a provedora da casa e seus irmãos não trabalhavam. Assim, rearticulou alguns contatos e conseguiu arrumar um emprego para o seu irmão em uma loja da cidade, assim como, uma colocação na secretaria de cultura da prefeitura para si mesmo. Neste período, Safira tentava ser o mais discreta possível, para evitar transtornos com os vizinhos e com a comunidade local.

Tudo estava sob controle, até que um dia, houve uma festa na praça principal da cidade, organizada pela prefeitura, e Safira, enquanto organizadora só pode descansar quando a festa chegou ao fim. Após ter desmontado toda a estrutura da festa, Safira, que estava acompanhada por outro funcionário da prefeitura, convidou-o para tomar uma cerveja. Foram para um bar que havia na praça e começaram a tomar cervejas. Relembra que o bar estava cheio de gente, e que lá pela madrugada, numa das idas ao banheiro, seu colega foi atrás e disse que queria transar com ela. Safira diz que relutou muito, mas acabou fazendo uma boquete, e várias pessoas presenciaram a cena. Em suas lembranças, a esse respeito, Safira relata:

*"quando eu saí, noutro dia, na cidade, ninguém me olhava, mas eu estava feliz, pois eu não sabia, de fato, o que tinha acontecido. Eu tinha bebido tanto que não lembrava o que tinha acontecido, mas eu sabia que tinha acontecido alguma coisa, e ninguém na cidade falava comigo, e quando eu passava, as pessoas viravam os rostos. Eu ficava me perguntando o que tinha acontecido, porque eu cumprimentava as pessoas e elas não me respondiam, e eu ia ficando desesperado sem saber de nada, voltei para casa triste e fiquei sozinho por um tempo pensando, mas não consegui me lembrar de nada. Até que uma amiga, que é lésbica, veio à minha casa e me falou: 'você sabe o que foi que aconteceu? Ontem, você transou, você fez um boquete, você chupou o pau do cara lá no bar da Balaio, e todo mundo viu, a cidade inteira viu, inclusive o seu irmão'. Então, eu me arrumei, passei batom, botei uma calça colada, e me assumi. Como eu trabalhava na prefeitura e cuidava da organização do carnaval, eu era a carnavalesca da cidade. As pessoas começaram a me olhar de modo estranho, e meu irmão, que até então não tinha falado nada, me falou: 'olha, se eu fosse você, eu não saia mais de casa porque todo mundo anda dizendo na rua que você é gay'. Era a primeira vez que eu escutava isso do meu próprio irmão. Então, eu disse: 'Ai que bom! Ainda bem que já estão dizendo porque agora eu vou assumir mesmo, que maravilha! E saí de*

*cabeça erguida. Larguei o meu emprego na minha cidade, que era ótimo, e botei o pé na estrada. Novamente fui para Belo Horizonte”.*

Ao chegar em Belo Horizonte, Safira começou a procurar emprego, tentando trabalho em lojas e em fábricas, mas nada conseguia. Foi morar com um amigo que não tinha emprego fixo, fazendo bicos como segurança de festas. Esse amigo fazia uso de drogas injetáveis e Safira experimentou pela primeira vez se injetar, seguindo após isso para o uso de bebidas alcólicas. Relata que foi um período curto que ficou na casa desse amigo devido à alta frequência de outras pessoas que iam para lá se drogar. Incomodada com a situação, foi morar em uma república com outras pessoas, e lá, era constantemente roubada em razão de seu quarto não ter segurança nenhuma. Assim, suas economias se acabaram rapidamente, e Safira, começou a passar por necessidade econômicas, chegando até mesmo a passar fome. De vez em quando surgia um show para fazer em uma boate, mas pagavam muito pouco e o que se ganhava não chegava a cobrir suas despesas. Numa das boates em que se apresentava de vez em quando, reencontrou um amigo que havia trabalhado junto em outro espetáculo, e que estava precisando de uma dançarina para viajar com um musical. Sobre isso, relembra Safira:

*“Viajamos por muitos lugares apresentando um musical em que eu era a vedete. Novamente estava trabalhando com um amigo muito antigo, que eu gostava bastante, e um dia, a gente tinha bebido bastante, acabei fazendo um boquete para ele, e no dia seguinte ele tinha falado para todo mundo, e eu passei o maior cartão por isso, pois ele tinha falado que eu tinha aproveitado dele bêbado.”*

Safira passou muitos anos trabalhando com essa companhia de teatro, se apresentando em praticamente todas as capitais da região norte e nordeste, assim como em grandes cidades das regiões centro-oeste e sudeste, até que veio fazer uma apresentação no Rio de Janeiro. Ficaram alguns dias na cidade do Rio, e em um de seus passeios, por acaso, reencontrou seu ex marido que tinha vindo para o Rio de Janeiro com outra mulher. Recorda que levou um susto, porque não esperava encontrá-lo, mas que ficou contente com o encontro, quando veio a saber que ele estava sozinho e que tinha sido abandonado pela mulher, que fugiu com outro homem. Seu ex-companheiro lhe disse estar bem, trabalhando em uma construtora e que gostaria de tentar novamente construir uma vida a dois com Safira. Diante disso, Safira relata: *“quando o J. me abandonou eu sofri muito, chorei muito, e ao encontrar com ele de novo deu uma colsa no meu peito e eu comecei a tremer toda. Percebi que eu ainda amava o J., que sentia muito a sua falta e fiquei completamente perdida, desnordeada. Fui conhecer a sua casinha e a gente acabou transando e eu acabei perdendo a*

*hora do espetáculo. No dia seguinte, fui demitida por irresponsabilidade e tive que deixar a companhia. Por sorte, J. ofereceu para que eu ficasse alguns dias em sua casa até achar algum lugar. Acabei ficando na casa dele uns quatro meses, mas não deu para voltarmos a ficar juntos. Nesta época eu fui fazer alguns testes para shows, indo me apresentar no programa do Bolinha, onde permaneci durante sete semanas, ganhando um dinheiro que me ajudava a pagar as minhas contas. Lá no programa do Bolinha, surgiu um convite para trabalhar na TV Alterosa, em Belo Horizonte, e como eu também cantava, comecei a fazer muito sucesso, mas no momento ideal do meu estrelato, veio a censura e tive que sair de lá. Nesta época eu estava muito bonita, hormonizada, com os seios e o corpo escultural, e por isso chamava muito a atenção dos homens”.*

Ao ser demitida pela TV que trabalhava, após algumas semanas, Safira foi convidada por um produtor da própria televisão, para fazer as alegorias de carnaval em algumas cidades do interior mineiro, o que lhe proporcionou ganhar uma quantia de dinheiro que lhe permitiria sobreviver por mais alguns meses. Assim, continuou a procurar por outro emprego, mas eram épocas difíceis, o país passava por uma recessão, e, embora, ainda não se sentisse uma travesti, tinha uma aparência muito andrógina, seus cabelos eram longos, e isso lhe fornecia uma aparência muito feminina, que dificultava ainda mais as possibilidades de um novo emprego. Sobre essa época, nos fala Safira: *“eu tinha uma androginia muito acentuada e as pessoas às vezes ficavam em dúvida se eu era homem ou mulher. Por um lado era interessante porque os homens me olhavam e me desejavam e isso me dava um prazer muito grande, mas por outro lado, ficava difícil ter uma vida comum, porque as pessoas eram muito preconceituosas e não me aceitavam em alguns lugares. Até mesmo alguns amigos tentavam evitar a minha companhia em algumas situações, deixando de me convidar para ir a suas casas ou em algumas festas mais familiares. Mas, mesmo assim, era possível alguns amigos que me aceitavam como eu era, e que eu achava que poderia contar em um momento mais difícil da vida, mesmo que fosse apenas para dar um ombro amigo. Entre esses amigos eu tinha o F. que me tratava muito bem e que eu tinha como um verdadeiro irmão, porque a gente se conhecia desde criança. O F. tinha assumido uma loja da Lee, que era uma franquía da família dele, e eu pensei em ir falar com ele para ver se arrumava um emprego, mas ele não me deu o emprego. Ele disse que não ia ficar bem ele contratar uma pessoa com o meu jeito porque ia chamar muito a atenção e as pessoas poderiam ficar assustadas comigo. Foi uma grande decepção porque eu achava que ele era meu amigo mesmo, e aí, na hora H, ele me discriminou e me deu as costas. Foi aí que eu percebi que Belo Horizonte tinha ficado pequena para mim, e como eu tinha um dinheiro guardado do carnaval - eu tinha feito quatro*

*carnavais e tinha ganhado um dinheiro bom, que hoje seria em torno de uns quatro mil reais, então, eu resolvi voltar para o Rio de Janeiro. Eu me perguntava sobre o que seria da minha vida, meio com medo, mas mesmo assim, fui para o Rio de Janeiro”.*

Logo que chegou ao Rio de Janeiro, Safira foi morar em uma pensão no centro da cidade, e começou a procurar emprego em lojas e em algumas boates, mas sempre recebia um não de volta, pois a recessão também estava presente e cada vez mais sentia na pele a rejeição pelo seu modo de ser, concluindo que *“as pessoas não me aceitavam”*. Para dificultar sua vida, a dona da pensão percebeu que Safira era uma travesti, e a expulsou, alegando que se tratava de uma pensão familiar. Sobre isso, relata Safira:

*“Nessa época eu me vestia bem discretamente, com calça cumprida e blusinha, mas como eu já vinha tomando hormônios a um certo tempo, ficava quase impossível não perceber que eu era uma travesti, e como era uma pensão de rapazes, alguns deles começaram a me paquerar e a dona da pensão percebeu. Aí, em uma manhã eu acordei com a dona da pensão batendo na porta do meu quarto, que foi falando que eu tinha que desocupar o quarto, que ela teria que fazer uma limpeza porque ela não podia aceitar gente da minha espécie, que envergonhava a pensão dela e que ela tinha outra pessoa esperando pelo quarto. Eu levei um susto porque a gente conversava e ela sempre me tratava bem, e, de repente, me colocou no olho da rua”.*

Safira teve que deixar a pensão que morava às pressas e não sabia para onde ir, mesmo porque não conhecia direito a cidade e não tinha amigos que pudesse procurar. Safira lembra que ficou perambulando pela cidade durante horas, e, em todas as pensões que batia sempre estavam lotadas. Em suas lembranças, nos fala Safira:

*“Eu bati em muitas portas e ninguém me aceitava, e isso ia me dando uma agonia muito grande, porque eu não conhecia as pessoas e elas não me conheciam, então ficava muito difícil. Depois de andar pelo centro da cidade o dia inteiro, eu vi na varanda de uma casa uma travesti, em uma casa velha, na rua do Resende, na Lapa, e fui conversar com ela, pedir informação sobre a vaga que estava anunciada na porta da casa. Logo que ela me olhou, ela me mediu de cima embaixo e disse que a vaga já tinha sido preenchida e que não tinha como ela me alugar a vaga. Saí completamente angustiada porque já estava escurecendo e não sabia mais o que fazer. Continuei andando ali pela região, e de repente, encontrei uma travesti que eu conhecia desde a adolescência, quando a gente estava começando a tomar hormônios, e contei a minha história para ela, que disse que ia me levar para sua casa. Quando eu cheguei lá, a casa era a mesma da travesti que não quis me dar a vaga, e eu falei: nossa, eu bati nesta casa e a dona me disse que não tinha mais vaga, e ela*

*disse: eu sei, eu vi você pela janela, mas eu estava acordando e estava meio enjoada e sem condições de conversar, por isso fui atrás de você. Aqui só entra quem for apresentado para a dona, e agora você pode ficar aqui no meu quarto. Ai, ela falou: vamos fumar um baseado para comemorar. Logo que ela acendeu o baseado, uma outra travesti veio fumar com a gente, era uma travesti japonesa, e ficamos amicíssimas”.*

Safira lembra que se tratava de uma pensão de travestis que se prostituíam e que tinha uma rotina bem diferente da sua, com outros horários e outras práticas. Foi morar em um quarto sozinha e continuou a procurar emprego, mas sem nenhuma perspectiva, e as colegas ficavam instigando para que ela fosse “batalhar” junto com elas. Safira não se imaginava na prostituição, pois se sentia uma artista e queria vencer com seu talento e sua determinação. Relata ainda, que sua amiga sempre chegava muito abatida depois de uma noite de trabalho, às vezes mal vestida e suja. A esse respeito, relata Safira:

*“Quando I. chegava da viração, por volta das dez da manhã, sempre estava muito acabada porque bebia e se drogava muito, com uma aparência deprimente, e eu me assustava muito com aquilo tudo. Comecei a cuidar de I. emprestando minhas roupas e meus sapatos que tinha trazido comigo, tudo de primeira, com meu enxoval impecável. Eu fiquei em um quarto sozinha e em poucos dias o meu dinheiro acabou, desapareceu, eu tinha sido roubada e nem imaginava por quem, e tinha que pagar a diária que era muito cara. Então me convidaram para ir para a noite, e eu falava que aquilo não era para mim, porque eu era uma artista e tinha vindo para o Rio para fazer a minha carreira artística. As meninas riam da minha cara e falavam que eu era muito iludida com a vida”.*

Com o fim de suas economias e passando por necessidades financeiras, aceitou o convite de uma das travestis para ir “batalhar” também. A respeito de sua primeira vez na rua, recorda Safira:

*“Quando cheguei na Augusta Severo e vi aquele monte de travestis, fiquei muito assustada. Não me imaginava prostituindo meu corpo e minha amiga percebeu meu desespero, dizendo que era assim mesmo. Que na primeira vez a gente estranha, mas que depois a gente acostuma. Presta atenção no jeito que eu faço e aí você faz também. Logo ela conversou com um homem que parou um carro, entrou dentro dele e foi-se embora. Os carros paravam e me chamavam e eu não tinha coragem. Ai, um homem parou com o carro na minha cara e me convidou para entrar, dizendo que só queria um boquete. Eu entrei e a gente foi para uma rua mais escura, fiz a boquete, ele gozou e me deu uma nota que equivaleria a uns cinquenta reais. Eu não acreditava que por eu ter chupado o cara, ele tinha me dado aquela grana”.*

A esse respeito, acrescenta que logo nas primeiras noites de batalha, conheceu o homem que viria a ser seu companheiro, dando início a sua vida de travesti casada, e que viria a perdurar por toda a vida. Afirma que foi muito difícil o início da relação, com muitas dificuldades para ficar juntos, lembrando a cena do encontro:

*“Era uma madrugada sem movimento e eu fui abordada por um homem que chamou muito a minha atenção, por sua beleza e delicadeza, e fiquei encantada com a sua conversa, chegando a sair com ele de graça, sem cobrar por nada. Esse homem passou a se encontrar com frequência comigo, vindo a tornar-se meu namorado. Fiquei surpresa comigo mesma, porque nesse reboliço todo eu arrumei um namorado, que era praticamente um mendigo, mas eu não percebi que ele era um mendigo. Como ele era saquinho e estava desempregado, levei ele para minha casa e comecei a cuidar dele. Ele era um rapaz bonito e começou a trabalhar comigo com as costuras. Nós passamos a ter um romance e vivemos muitas coisas juntas.”*

Safira relata que ficou apenas alguns meses “batalhando” na Glória, até conhecer um cinema, conhecido como Cine Íris, o qual, segundo Safira, era um antro de perdição, onde várias travestis se prostituíam. Relata ter levado um susto:

*“Fiquei muito impressionada com o que vi no Cine Íris, eu ainda vou pintar uma tela, porque aquilo não existia para mim. As pessoas transavam muito. Eram umas vinte pessoas transando no corredor, mais umas vinte transando no banheiro. Eu achei aquilo horrível, horripilante, que aquilo ali era o inferno. Como é que as pessoas podem ser desse jeito? Se sujeitarem a fazer isso? Tinha esperma, merda e papel higiênico pelo chão e por todos os cantos, com um cheiro forte que misturava esperma, merda e mijó, que me dava vontade de vomitar. Então, eu falei assim: isso aqui é uma pocilga! Eu não nasci para isso! Ai, começou o show, que acontecia lá embaixo, e eu decidi que queria fazer show também. Então eu fui fazer o teste, e passei. Eu fiquei trabalhando lá por uns quatro anos, mas, aí veio a AIDS, e mais ou menos em 1988/1989, todas foram expulsas do cinema, nenhuma travesti poderia frequentar o cinema, mas, como eu era artista, eu continuei trabalhando. No ano seguinte também fui expulsa”.*

Safira recorda que não entendia como as travestis que se prostituíam gostavam tanto do que faziam, devido a não se identificar com o tipo de vida que elas levavam, e mais ainda, pelas histórias que ouvia de outras travestis a respeito de agressões e violências vividas. Safira relata que tentava entender a situação, mas ficava apreensiva diante da possibilidade de vir um dia a ocupar esse lugar, que não conseguia aceitar como realidade.

Logo que foi expulsa do Cine Íris, Safira foi trabalhar em uma outra boate chamada Escandinávia, e que ficava na praça Mauá, fazendo show como mulher, fazendo *strip tease*.

Ao lembrar dessa época, Safira nos informa: *“Porque é muito interessante que nesta fase, eu não queria fazer prostituição. Eu chorava e falava a Deus que eu não tinha nascido para aquilo! Eu achava que aquilo não era vida digna para mim e nem para ninguém, e achava estranho porque elas gostavam tanto. Eu sempre tinha trabalhado e com os shows eu tinha outra forma de entender a vida, diferente daquelas travestis que se prostitulam. Depois do Cine Íris, eu fui trabalhar em uma boate na praça Mauá, a Escandinávia. Eu fazia show como mulher, fazia strip tease, e mesmo não tendo muito seio e nem muita bunda, eu não tinha silicone ainda, eu tinha uma plástica perfeita. Quando eu tirava a roupa, as pessoas ficavam na dúvida, pois eu colocava emplasto Sabiá e pintava por cima, dando a impressão de uma vagina. Só quem me conhecia sabia a verdade. Eu tinha um corpo de modelo que encantava os homens, que sempre queriam sair comigo, mas eu não saía com eles porque nessa época eu já estava casada. Eu fazia o show e depois ia embora para casa”*.

Na Boate Escandinávia, Safira ficou trabalhando por mais de dois anos, até que a boate faliu e novamente Safira se viu desempregada. Nesta época, por volta de 1992, J. companheiro de Safira, havia comprado uma casinha no bairro do Estácio, e passaram a morar lá. Após um ano juntos, dadas as dificuldades financeiras, Safira resolve voltar a fazer shows no Cine Íris, onde as travestis voltaram a “batalhar”. Como de costume, fazia o seu show e ia para casa, mas recorda que tinha um rapaz que a assediava muito, que a desejava muito e com freqüência a convidava para um programa, oferecendo um “cachê” irrecusável, e um dia, resolveu transar com o rapaz:

*“Esse rapaz me assediou tanto, tanto, que um dia resolvi transar com ele. Como não tinha preservativo, a gente transou assim mesmo, e eu acabei pegando uma sífilis. Ai, eu tive que contar para o J., para que a gente pudesse fazer o tratamento e ele perdeu a confiança em mim, porque ele achava que eu transava com todo mundo. Tivemos algumas discussões e resolvi deixar o Cine Íris, e J. ficou me bancando em casa, onde me tornei uma dona de casa, apenas mexendo com as costuras. Achei que aquilo tinha se tornado coisa do passado, mas depois de um certo tempo, ele começou a me cobrar, dizendo que ele que me bancava, que me sustentava, dizendo que eu explorava ele. Nós começamos a entrar num conflito e ele começou a adoecer, dizendo que tinha adoecido por minha causa, e isso era mais ou menos em julho de 1995. Então, o empregador dele, a família dele e toda a vizinhança começou a comentar que eu havia adoecido ele de AIDS. Mas eu não transava com ninguém, a minha vida era ir de casa para o trabalho e do trabalho para casa”*.

Nesta época, Safira começa a trabalhar como costureira de uma escola de samba, próxima de sua casa, fazendo novas amizades, e entre elas, fica muito amiga de uma moça

que se torna sua confidente. Divide com ela seus problemas, principalmente relacionados a seu relacionamento amoroso, que se encontra fragilizado. Neste sentido, Safira recorda:

*"A oportunidade de trabalho na escola de samba do Estácio me deu um novo ânimo para viver. Eu estava muito angustiada com o adoecimento de J., que me acusava de responsável pelo seu adoecimento, mas não me sentia assim. Graças a Deus, eu conheci a D. que me ajudou muito, me dando conselhos e me incentivando a encarar os problemas de frente. Nessa época, J. ainda estava muito ressentido comigo, mas aos poucos a gente foi se acertando, e como ele teve uma melhora da saúde, a gente voltou às boas e passamos a ter um pouco mais de paz. Fiquei trabalhando um ano e meio na escola, e depois passei a ter uma maior clientela de costuras em casa, ficando trabalhando só em casa. J. adorou a idéia e me dava muita força. Nossa relação estava legal de novo e as pessoas pararam de se meter na nossa vida, tanto a família dele quanto alguns vizinhos, que por causa do adoecimento do J. ficavam falando que ele devia se livrar de mim, mas o nosso amor foi mais forte".*

Safira informa que durante os dois anos seguintes foi um período de calma, e que devido J. ter se infectado pelo HIV, e se tornado doente de AIDS, conseguiu se aposentar, ficando o tempo todo em casa, ajudando Safira com as entregas das encomendas das costuras.

É desta época um acontecimento muito importante, e que viria transformar a sua vida. Conforme já referido, Safira morava em uma pequena vila de casas, que tinha um quintal de uso coletivo por todos os moradores. Recorda que apesar de algumas fofocas e de alguns incidentes nas relações das pessoas, tinha conseguido respeito por parte de todos, sendo respeitada como esposa de J.

Em uma manhã de setembro de 1998, acorda com um burburinho na vizinhança, devido a uma das moradoras ter encontrado um bebê recém nascido, que tinha sido abandonado em sua porta. Logo que Safira viu a criança, sentiu um desejo enorme de adotar a mesma, apesar da resistência inicial de J., mas que seria convencido posteriormente, conforme nos relata :

*"Quando eu vi a criança toda magrinha, ranhenta e suja, me bateu uma pena muito grande e uma revolta, porque eu ficava me perguntando como é que podia uma mãe abandonar um filho daquele jeito, eu não me conformava. Me deu uma vontade muito grande de cuidar dele, de ficar com ele, mas o J. ficou assustado e inseguro. Ninguém na vizinhança queria ficar com ele, e aí eu falei com o J. que a gente podia cuidar da criança, que ele poderia ser nosso filho, e com muita conversa ele acabou aceitando. As pessoas ficaram intrigadas por causa de uma travesti se dispor para cuidar de uma criança, mas como ninguém queria ficar com ela, tiveram que aceitar. Quando tirei o bebê da manta que estava*

*enrolado nele, foi um susto. A criança estava toda bichada, toda sarnenta, e tivemos que levá-la até o Souza Aguiar, que era o hospital mais perto de casa. Quando o médico examinou a criança ele perguntou como uma criança tinha chegado naquelas condições, toda sarnenta e com desnutrição de terceiro grau? Apesar do trabalho que deu, a criança trouxe muita alegria para nós, e hoje ele é uma criança saudável e feliz”.*

Segundo Safira, a vinda da criança na vida dela e J. foi uma benção divina, pois reaproximou ainda mais o casal, fortalecendo seus sentimentos e promovendo esperanças de vida e de afeto.

Passam a viver intensamente para a saúde e a educação do filho, e nessa experiência Safira se encontra com a maternidade, conforme nos relata: *“logo nos primeiros dias que o bebê estava em casa, eu senti uma força muito forte dentro de mim, como se eu mesma tivesse parido aquela criança. Essa força foi tão forte, que meus peitos começaram a produzir leite, de tanto que eu queria ser mãe dela. Tudo bem que eu tomava muito hormônio feminino, mas eu acredito que a minha vontade de cuidar dela era tanta, que ajudou a formar o leite no meu peito. Claro que não dava para amamentar, mas o simples fato de sair aquele leite dos meus mamilos me dava um prazer imenso, e confirmava na minha cabeça, que eu tinha recebido um presente de Deus”.*

No início do ano seguinte, próximo do carnaval, Safira tem uma queda abrupta de suas resistências e vai parar no hospital, sendo confirmado após alguns exames, que a mesma também havia se infectado pelo HIV, e começava a se manifestar através de sintomas provocados por doenças oportunistas, mais precisamente, em uma pneumonia. No hospital em que foi atendida, conheceu uma outra travesti, que lhe falou sobre um grupo de travestis, para que ela pudesse ser melhor informada sobre a sua situação, incentivando-a para que participasse de algumas reuniões. Safira recorda que teve muita resistência em procurar o grupo, mas que foi convencida após conversar com outra travesti que conhecia e que frequentava as reuniões e se propôs a acompanhá-la e a participar de uma reunião. Sobre essa experiência, nos fala Safira:

*“A reunião com as travestis acontecia em um lugar que chamava Paraíso das ONGs, perto do aeroporto Santos Dumont, e logo que cheguei me apresentaram para a J. que era a coordenadora. Ela me falou como funcionava o grupo e que ali a gente ia receber mais informações, que ia poder saber dos nossos direitos. Eu não entendia muito bem o que ela falava, mas como a minha amiga lá há algum tempo, eu achei que mal não poderia me fazer. E eu passei a ir algumas vezes lá, e quando falei que tinha um filho e que queria*

*oficializar a adoção, me falaram para ir no Grupo Pela Vidda, que lá tinha um advogada que poderia me orientar”.*

Safira recorda que nesta época começou a freqüentar algumas reuniões no Grupo Pela Vidda, concomitante com as reuniões do outro grupo, e foi percebendo que a travesti que coordenava o grupo nem sempre era atenciosa para com as travestis, se negando inclusive a recebê-las em algumas ocasiões, causando-lhe um estranhamento, porque percebia um distanciamento entre o que a coordenadora falava e o que ela praticava. Mas, neste grupo, ficou sabendo da existência de um encontro nacional das travestis, que iria acontecer no mês de julho de 2000, na cidade de Cabo Frio, próxima do Rio de Janeiro. Como ela estava participando ativamente do grupo, manifestou seu interesse e teve a oportunidade de participar do evento.

No VIII ENTLAIDS pude conhecer lideranças das travestis de diversos estados, saber das lutas e conquistas realizadas, ficando entusiasmada diante da possibilidade de realizar algum projeto que pudesse ajudar as travestis cariocas.

De volta ao Rio, conversando com outras travestis que freqüentavam o grupo, Safira percebeu que havia um certo descontentamento com a forma como elas eram ali tratadas, e resolveu fazer uma proposta ao Grupo Pela Vidda, para que pudesse organizar um grupo de travestis, e realizar algumas reuniões.

De imediato, Safira recebeu aprovação da idéia para que pudesse dar início à proposta do grupo de travestis. Foi aí que surgiu a idéia de realizar um chá com as travestis, de modo a possibilitar diálogos sobre a sua realidade. Passou a convidar algumas travestis para participarem do grupo, marcando um primeiro encontro. A esse respeito, recorda Safira:

*“Quando eu convidei algumas travestis para o nosso chá, notei que elas ficaram empolgadas, e eu mais ainda, porque poderia fazer alguma coisa para ajudar as minhas irmãzinhas. Mas, no dia da reunião, apareceram apenas duas travestis e eu fiquei meio decepcionada porque as pessoas tinham dito que iriam. Nessa reunião, apenas C. e R. apareceram e ao perceberem a minha decepção, me disseram que era assim mesmo, mas que não devia desistir porque era importante a realização daquele trabalho”.*

Safira recorda que as reuniões do grupo nos primeiros dois meses, entre outubro e novembro de 2000, que aconteciam às quartas feiras à tarde, foram freqüentadas apenas por três travestis: ela e C. e R., que dava um desânimo, mas, insistia assim mesmo.

Nos meses seguintes, teve apoio logístico do grupo Pela Vidda, para confeccionar um folder para distribuir para as travestis, convidando-as a participarem da reunião, e aos poucos, as travestis foram chegando e se inserindo nas propostas que eram sugeridas e

discutidas por todas. Assim, começaram a realizar uma atividade, chamada “caminhada da prevenção”, em que as pessoas do grupo circulavam inicialmente pelos bairros da Lapa e da Glória, distribuindo preservativos e convidando-as para participarem da reunião.

A esse respeito, Safira nos fala: *“essa oportunidade que o grupo Pela Vida nos deu, foi muito importante para nós travestis, porque tivemos a oportunidade de termos contato com advogados, médicos, psicólogos e outros profissionais que nos ajudaram a aprender sobre muitas coisas, a participarmos de oficinas e de cursos muito importantes, dando oportunidades para a gente ganhar mais visibilidade e respeito pela sociedade. Nas nossas reuniões a gente ficava sabendo da realidade das travestis e das lutas que a gente ia ter que organizar para construir a cidadania das travestis. As histórias que as travestis contavam eram muito tristes, da solidão que muitas vivem devido a ficar o dia todo entocadas em suas casas e só de noite poderem sair, além das discriminações e das violências das pessoas que agredem as travestis”*.

Nas conversas que tinha com Safira, ela sempre trazia uma novidade a respeito das reuniões que coordenava, mostrando sua disponibilidade e garra para lutar pelos direitos das travestis. Apesar das dificuldades vividas pelas travestis, Safira sempre se mostrava esperançosa de modo a estimulá-las a acreditarem na força que tinham quando se uniam. Procurava sempre pontuar sobre as mudanças ocorridas na relação das travestis com a sociedade, tentando mantê-las no grupo. A esse respeito, nos fala Safira:

*“Eu pretendo continuar com essa luta porque hoje a discriminação tem diminuído, e graças a Deus, gente está conseguindo ser mais respeitadas. Antigamente, as travestis eram apedrejadas nas ruas, recebiam sacos de merda e de urina que as pessoas jogavam na gente, éramos proibidas de entrarmos em alguns bares, em algumas lojas, e hoje a gente tem sido mais aceita. Aqui no Rio mesmo, quando a gente entrava em um ônibus, quando conseguia entrar, né?, a gente era tratada pior que cachorro. Quantas de nós foram espancadas e assassinadas pela maldade humana, pela rejeição do nosso jeito de ser. Mas, hoje, a sociedade está conseguindo nos aceitar mais, a reconhecer que temos valor e que podemos contribuir para um mundo melhor. Sempre lembro as meninas da Brenda Lee, da garra e da luta que ela desenvolveu para ajudar as travestis que estavam morrendo de AIDS e não tinham para onde ir, e de como seu trabalho foi sendo reconhecido, até internacionalmente. E olha, que ela começou o trabalho quando não tinha o coquetel, não tinha nada. Eu sempre lembro as meninas nas reuniões que a gente pode vencer essa luta, mas que tem que ter muito trabalho e muita determinação”*.

Safira era dotada de uma força e vontade e de esperança que contagiava a todos e a todas, promovendo um desejo de mudança que ia empolgando as outras travestis. Mostrava-se como uma liderança nata, com poder de argumentação e de sedução fortes, o que muito favorecia o sucesso do trabalho. Nunca mostrava suas fraquezas, mostrando-se sempre disponível para ouvir outras travestis e tentar dar encaminhamento às suas necessidades. Em algumas de nossas conversas, às vezes desabafava comigo, falando do medo do fracasso dos projetos, mas que não poderia demonstrar fraqueza no grupo, para que as travestis não desanimassem. Defendia que as travestis deveriam ter pensamento positivo e acreditar em Deus (era muito devota), sempre realizando uma oração no final das reuniões, pedindo proteção e força para continuar os trabalhos.

Em outras situações, falava de suas preocupações com as travestis na rua, da vulnerabilidade em que as mesmas estavam expostas diante de maus tratos por parte dos clientes, da polícia e entre elas mesmas, pois a concorrência nas ruas as colocavam uma contra as outras, na luta pela sobrevivência. A esse respeito, comenta:

*“Não vejo como culpar as travestis pela situação em que vivem, porque elas são fruto de um sistema capitalista que não dá oportunidades para elas poderem trabalhar, ou se profissionalizar. Para você ter uma idéia, a travesti quando vai para a rua “batalhar”, ela já sai preocupada com a diária do quarto que aluga das cafetinas, são trinta reais só para dormir. E ainda tem a taxa do ponto e elas precisam comer, se vestir e se cuidar, porque custa caro para você ficar ‘montada na batalha’. Você tem que ficar bonita, bem maquiada para atrair os clientes, e olha lá. A crise econômica, a recessão financeira, não permite mais as travestis ganharem dinheiro do jeito que elas ganhavam antes. E tem o problema das travestis mais velhas, que são discriminadas pelas mais jovens e pelos próprios clientes, que às vezes falam que a gente já passou do tempo e que deve ficar em casa. A auto-estima dessas travestis quase que nem existe.*

*Quando vai chegando as cinco, seis da manhã, e as travestis percebem que ainda não perderam o cabaço, que nem ganharam para a diária, vi dando um desespero e elas acabam fazendo chupetinha por três, quatro, cinco reais, ou acabam fazendo programa a troco de cocaína. Por isso, que a gente não pode julgar, porque essa vida é muito triste, muito sofrida, são poucas que conseguiram comprar uma casinha ou fazer um pé de mela para as horas de emergência. Então, as travestis não têm muita escolha”.*

Quando Safira relata essas realidades vividas pelas travestis, ela se emociona demais, chegando muitas vezes a chorar e a expressar toda a sua indignação diante das desigualdades e exclusões sociais às quais as travestis são submetidas.

No final do ano de 2001, conforme já foi referido, houve um mal estar entre as travestis que freqüentavam o grupo, em função de elas terem sido excluídas de um evento que poderia render parcerias com empresas da cidade. A justificativa dada pelos organizadores (de o evento ter sido realizado às pressas e que não houve tempo hábil para contatá-las) não foi aceita por elas e então deram início a reuniões paralelas, na casa de Safira, para pensar na formação de uma nova ONG que pudesse contemplá-las efetivamente.

Como tinha acabado meu prazo de estada no Rio de Janeiro, mesmo depois de ter deixado a cidade maravilhosa, ainda continuei recebendo notícias de Safira, que às vezes me escrevia, ou ainda, me telefonava, falando dos progressos das reuniões paralelas, que viria a forma um novo grupo, denominado Comunidade Homossexual, Amor, Respeito, Liberdade, Ajuda, Trabalho, Esperança, Solidariedade (CHARLATES).

Em suas notícias, ora por carta, ora por telefone, me falava de sua alegria no encaminhamento do novo grupo, que paulatinamente ia resolvendo os entraves burocráticos e institucionais, tais como, registros em cartório, ata de fundação, inscrição no CNPJ, assim como os sucessos no que se referia a parcerias que vinham sendo estabelecidas com setores da sociedade civil do próprio governo, nas instâncias municipais, estaduais e federais.

Por volta de abril de 2002, Safira me telefona chorando, reclamando da falta de medicação para doenças oportunistas, o que estaria colaborando com a baixa de sua resistência, perda de peso (ela já era magra), levando-a a um estado de depressão violenta e instalando um desânimo que nunca havia percebido em Safira. Situações que me causavam muitas preocupações e que a distância só fazia aumentar, já que havia a impossibilitava de estar presente e de poder contribuir com a escuta e a solidariedade de nossa amizade.

Assim, em junho de 2002, nos encontramos no IX ENTLAIDS, em Curitiba/PR. Logo que me encontrei com Safira, ainda no hall do hotel, levei um susto ao vê-la muito magra e debilitada. Abraçamo-nos, nos beijamos, e ela começou a chorar, falando: *“está vendo como estou? Emagreci demais! Você não quer me passar alguns quilos, não? Mesmo fraquinha eu vim! Agora a gente vai poder matar a saudade e você vai ficar feliz, porque a gente conseguiu montar a ONG, e eu sei que você torce pela gente, então, isso tudo também tem a ver com você!”*.

Sempre que era possível, incentivava e elogiava o trabalho de Safira, pois sua força, sua garra e sua determinação eram imprescindíveis para que o trabalho da nova ONG vingasse.

Durante o encontro pudemos conversar sobre generalidades e rir a respeito de algumas situações do próprio congresso, quando alguma travesti contava alguma piada, ou contava algum fato engraçado que havia acontecido.

Infelizmente, Safira teve que voltar às pressas para o Rio de Janeiro, devido eu estado de saúde ter se complicado em decorrência de uma virose que pegou em Curitiba, decorrente da baixa temperatura.

De volta para casa, após o término do encontro, telefonei para Safira e soube que havia melhorado e tudo estava bem. Fiquei sem notícias por um longo período, apenas recebendo um telefonema no final do ano, quando Safira me telefonou para saber se havia recebido seu cartão de boas festas. Neste mesmo telefonema, me fala a respeito de seu estado de saúde, que não estava nada bem.

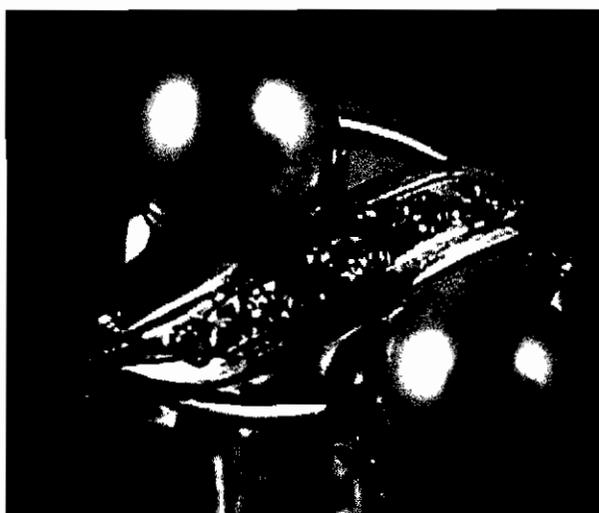
Novamente, nos encontramos no ano seguinte (2003), por ocasião do X ENTLAIDS. Safira estava muito abatida, mais magra ainda, usando uma máscara protetora, para que não tivesse contato com outras bactérias ou vírus que pudesse adoecê-la ainda mais.

Apesar de sua situação crítica de saúde, Safira estava feliz e empolgada diante da possibilidade, finalmente, de efetivar adoção de seu filho, que se encontrava nos trâmites finais, sendo esclarecida pela Assistente Social que cuidava do caso, que nada mais iria impedi-la de regularizar a situação da adoção. Desta vez, havia levado seu filho com ela, orgulhosa por ele ser uma criança saudável e bem educada.

Infelizmente, Safira não chegou a realizar seu sonho da efetivação da adoção, dada a morosidade da justiça, e ao seu falecimento, no mês de dezembro de 2003, em consequência de uma infecção generalizada.

Felizmente, o sonho de Safira não acabou, e a CHARLATES, continuou existindo graças à determinação e empenho das outras travestis, que assumiram a coordenação do grupo, em respeito à sua memória e à luta de construção das travestis da cidade do Rio de Janeiro.

# CARTOGRAFIA 4



**PÉROLA**

## 7.4 Cartografia existencial IV - Pérola

Minha amizade com Pérola foi uma construção gradativa, iniciada no Hall de um hotel que sediava o VII ENTLAIDS, quando de minha primeira participação nesses encontros, no ano de 1999.

Devido ao trabalho que desenvolvia com as travestis de Londrina, me inscrevi para participar do encontro, oferecendo como contribuição uma oficina sobre solidariedade, que coordenaria em um dos dias do evento.

Na noite do primeiro dia do evento a Abertura oficial contou com shows de performances de artistas locais, seguidos por um coquetel de recepção e de promoção da socialização de todos os presentes, considerando a presença de 22 estados de todo o país, registrando inscrições de mais de duzentos participantes.

No final da noite, quando algumas pessoas já se recolhiam para seus aposentos enquanto outras saíam as ruas para “batalhar”, estava sentado em uma poltrona no hall do hotel, quando Pérola sentou-se em uma poltrona ao lado, relaxadamente, falando que estava muito cansada e que no final do encontro iria dormir por uma semana, tal era seu estado de exaustão decorrente da organização do encontro que era coordenado por ela.

Começamos a conversar a respeito de nós mesmos, ou seja, Pérola perguntava sobre minha cidade de origem, trabalhos realizados, características pessoais, e eu perguntava sobre ela, sua cidade, sua realidade, enfim, nos apresentávamos e nos afetávamos de modo a dar início a uma grande amizade.

Disse-me que estava muito feliz por estar organizando o encontro e que apesar do trabalho da organização, esperava que com o evento outras travestis da sua própria cidade participassem, pois o trabalho com elas era muito difícil, devido elas não saírem muito de casa durante o dia, mas que tinha esperança de que novas travestis viessem se juntar ao trabalho que organizava em prol da cidadania das mesmas, ainda mais em uma região onde o machismo era muito forte.

Pouco tempo depois chegou uma amiga de Pérola, que convidou-nos para tomar uma cerveja, e nos deslocamos para o bar que funcionava depois da piscina do hotel. Lá ficamos algumas horas a conversar sobre generalidades, de uma forma tão intimista, que a impressão que se tinha é que já nos conhecíamos há muito tempo. Conversas muito gostosas, alegres e descontraídas, mesmo porque, Pérola tinha um bom humor e um romantismo com a vida que fascinava e envolvia a todos. Falava de suas histórias amorosas entremeadas por histórias da

cultura nordestina e dos modos como as pessoas lidavam com a sexualidade, com os sentimentos, mas também do machismo e da violência que conviviam rotineiramente. Aos poucos foram se juntando outras pessoas e a conversa foi se estendendo tanto, que quando demos conta das horas, já estava quase amanhecendo, e o encontro estava previsto para começar às nove horas da manhã, e Pérola estaria logo na primeira mesa temática.

Logo pela manhã, ao reencontrar Pérola, ela me “deu um cheiro” e abriu um sorriso contagiante que espantava o sono de noite mal dormida, devido termos ficado conversando até de madrugada, propondo almoçarmos juntos a fim de continuar nossa conversa. Na hora combinada, em razão da grande solicitação de Pérola, nosso encontro ficou impossibilitado, e a gente se encontrou apenas no final da tarde, quando ela coordenou uma Oficina sobre Violência e Direitos Humanos.

Essa oficina foi muito interessante, pois contou com relatos das experiências vividas por algumas travestis sobre violências e admoestações exercidas pela ação policial. Como Pérola tinha formação em Direito, pode orientar as pessoas a respeito de como procederem no caso dessas ações, de como procurarem seus direitos e processar os agressores. Nesta oficina tivemos o depoimento de uma travesti de São Paulo que havia sido presa, e como não havia motivos para a prisão, os policiais teriam colocado droga em sua bolsa para poder incriminá-la. Tratava-se de um caso que foi muito comentado dentro do movimento homossexual brasileiro e que através da Comissão de Direitos Humanos foi possível descaracterizar o indiciamento por tráfico, após seis meses de prisão.

Pérola fez questão de frisar sua solidariedade para com a travesti, afirmando a necessidade de as travestis se informarem mais a respeito de seus direitos e de seus deveres para com a sociedade.

Durante os dias do encontro nos encontrávamos sempre, quer nas plenárias, no restaurante ou ainda no apartamento de Pérola, no bar da piscina, no qual percebíamos uma afetuosidade muito intensa de Pérola, com seu famoso “um cheiro pra ti”.

Nas conversas que tínhamos, ela me oferecia dados de sua cidade, de sua gente, falando com certo orgulho de ser nordestina, mas também por ser uma travesti envolvida em projetos de emancipação social das travestis com as quais trabalhava.

Quando tínhamos oportunidade de conversar mais intimamente, me falava de seus amores, de alguns sonhos que tinha a respeito da organização das travestis, de construir uma associação específica das travestis em seu estado, mas também de alguns projetos pessoais, que iam desde a manutenção de seu Mega Hair, até a reforma que pretendia fazer em sua casa, pontuando que sua casa estava a minha disposição para quando quisesse vir visitá-la.

Como meu vô de volta seria à noite, e a diária do hotel vencia ao meio dia, me convidou para que fosse conhecer sua casa e aguardar o horário de minha viagem em sua residência. Lá conheci sua irmã, seu cunhado e dois sobrinhos que moravam com ela, que me receberam com muito carinho, dando a impressão de uma convivência bastante pacífica e harmoniosa.

Nesta casa, em um bairro classe média, Pérola vivia desde a sua adolescência, quando veio de uma cidade interiorana para a capital do estado para concluir seus estudos secundários e tentar a entrada para a universidade onde pretendia concorrer a uma vaga do vestibular para o curso de Direito. Nesta época, Pérola ainda não expressava externamente a sua travestilidade, ou seja, ainda não “se montava” e nem se produzia como uma travesti, apenas expressando a sua homossexualidade enquanto gay. Relata que sempre teve vontade de ser caracterizada com roupas e adereços femininos, mas que alguma coisa a impedia devido ao próprio machismo que vivia dentre de sua família.

Levou-me para conhecer um rapaz que era seu namorado, um escritor de poemas que estava tentando publicar seus escritos, e do qual Pérola se mostrava orgulhosa. Seu namorado foi muito simpático, dizendo que se eu era amigo de Pérola, era dele também.

Caminhamos até uma praça próxima e tomamos sorvete de Cupuaçu, uma fruta nordestina ácida e muito saborosa, sendo na seqüência separados de seu namorado que tinha um compromisso. Dalí, avistávamos um cinema, que Pérola disse ser um dos espaços em que as meninas batalhavam na cidade, que as vezes ia visitá-las, mas apenas visitá-las, pois não tinha necessidade de se prostituir, apenas aproveitando para brincar com alguns rapazes que se disponibilizavam para troca de carinhos.

Algum tempo depois retornamos a sua residência para que pudesse pegar minhas malas e ir para o aeroporto. Para minha surpresa, e alegria, Pérola se prontificou a ir até o aeroporto comigo e ficou até que meu vô partisse. Quando estava ainda na fila do *chec-in*, na fila ao lado, dois rapazes faziam comentários depreciativos a respeito de Pérola. Logo atrás da gente, havia uma mulher muito bonita, atriz de novelas da rede Globo, e Pérola ao perceber as chacotas dos rapazes, virou-se para eles, e disse: *“Vocês estão falando de mim? Mas que perda de tempo! Olha para está mulher linda, maravilhosa, atriz da rede Globo. Ela sim merece a atenção de vocês, e vocês estão perdendo o tempo de fazer comentários a meu respeito? Se manca, Ô meu!?”*.

Os rapazes ficaram chateados e deram um jeito de sair discretamente, receosos de maiores complicações. A atriz global que estava atrás da gente, sorriu e cumprimentou-nos,

agradecida pelos elogios de Pérola, elogiando Pérola e dizendo que ela também era muito bonita.

No portão de embarque a gente se despediu, Pérola me deu o seu famoso “cheiro”, ficando combinado que a gente se corresponderia por carta e nos falaríamos por telefone.

Na semana seguinte, recebi um cartão postal de Pérola, dizendo que tinha adorado me conhecer e que esperava poder me encontrar em outras situações, fato que me levou a retribuir o cartão e colocar minha casa também a sua disposição.

De vez em quando recebia cartas de Pérola, que eram pequenos bilhetes de afetos e saudades, ou ainda, alguma poesia e poema que achava bonito e que queria compartilhar comigo.

Encontramo-nos novamente no ano seguinte, quando da realização do VIII ENTLAIDS, que ocorreu em Cabo Frio, estado do Rio de Janeiro, em meados do mês de junho de 2000.

Logo que cheguei ao Hotel que estava sediando o evento, havia um bilhete de Pérola na recepção, indicando seu apartamento para que entrasse em contato. Deixei minha bagagem no quarto e imediatamente fui ao eu encontro, pois estava com saudades e ávido pelas novidades. Pérola sempre sorridente, me abraçou, me deu um “cheiro” e foi logo me falando que estava chateada devido a uma discussão que teve com seu namorado, que ela amava, devido a um mal-estar causado por uma ex namorada do mesmo, que havia ido até sua casa tomar satisfação. Ficou chateada porque seu namorado ao presenciar tudo ficou quieto, não tomando posição nenhuma, deixando-a ser humilhada por aquela mulher. Falou que preferiu não reagir porque não queria que os vizinhos percebessem a situação. Após chorar um pouco, sorriu, e me convidou para dar uma volta pelas instalações do hotel, dizendo que não ia ficar “tombada”, mas que queria reagir e dar a volta por cima. Incentivei-a para que melhorasse seu humor e assim fomos ao encontro de outras pessoas que estavam presentes no encontro.

Pérola era muito querida pelas outras travestis que faziam festa ao encontrá-la, solicitando-a para conversas e opiniões. E Pérola, sempre solícita, atendia a todas com muita afetividade e disposição. Em nossas conversas me confidenciava sua divergência para com um das lideranças nacionais, idealizadora dos eventos de travestis, por não concordar com a postura política e os encaminhamentos que a mesma fazia. Reclamava do autoritarismo e das tomadas de decisões que eram feitas sem consulta às bases. Considerava uma ofensa às travestis o fato de as questões serem resolvidas particularmente, ao invés de serem discutidas coletivamente, marcando firmemente posições que contemplavam a democracia e o respeito aos seres humanos.

Pérola tinha uma mania interessante, que era de ler poemas ou poesias que gostava para os amigos. Todos que conviviam com ela eram contemplados com essas poesias e ficavam fascinados com sua entonação de voz que dava às poesias uma afetividade que tocava e emocionava a todos profundamente. Entre as poesias, uma era a mais querida, de autoria de Fernando Pessoa, e não se importava em recitá-la repetidas vezes:

*Fiz de mim o que não soube,  
e o que podia fazer de mim e não fiz.  
O dominó que vesti era errado.  
Conheceram-me pelo que não era e não desmenti.  
E perdi-me.  
Quando quis tirar a máscara,  
Estava pregada à cara.*

Dizia que essa poesia era a sua cara, que falava dela e fazia questão de mostrar para todo mundo, pois era uma forma de expressar seus sentimentos e seu estilo de vida

Alguns meses depois, nos encontramos no Fórum AIDS 2000, que aconteceu no Rio de Janeiro, e apesar de estarmos em hotéis diferentes (distantes apenas uma quadra) na Avenida Atlântica, sempre combinávamos de irmos juntos para o local do evento, percurso sempre marcado por conversas descontraídas e no qual fomos comentando sobre a paisagem e as pessoas que estavam em nosso entorno. Como era comum, pegava no meu braço e desfilávamos pelos corredores do Fórum, falando com as pessoas que encontrávamos e definindo as mesas redondas que gostaríamos de assistir. Nossa sintonia era tanta que as escolhas sempre coincidiam, o que contribuía para que sempre permanecêssemos juntos.

Nas noites do evento, ou ia até seu hotel ou ela vinha ao meu, e caminhávamos pelas famosas calçadas de Copacabana, sob os olhares estranhos de outras pessoas, mas pouco nos importávamos, pois estávamos alegres e felizes com nosso reencontro, sempre brindado com uma refrescante água de coco.

Na volta do evento em um dos dias, Pérola me conta que havia sido cantada por um argentino, que havia dito ter achado ela muito “hermosa!”, e ela, muito atrevidamente respondeu para o mesmo: “*e isso porque você ainda não viu o tamanho do meu pau*”. Rimos muito sobre isso, de modo que essa frase foi sendo usada diante de qualquer possibilidade de flerte que surgia pela frente. Coincidentemente, o tal argentino estava hospedado no mesmo hotel em que estava Pérola, sendo-me confidenciado no dia seguinte que o argentino havia lhe telefonado e acabaram tendo uma noite de amor.

Terminado o evento, retornamos para nossas casas, e nosso contato continuou através de seus amáveis bilhetes que me enviava pelo correio, ou ainda, através de alguns telefonemas em que trocávamos idéias, principalmente sobre seus projetos de fundar a Associação de Travestis de seu estado e sobre sua relação com o namorado que ela tanto amava.

Em outra ocasião, Pérola participou de uma Pré-Conferência Contra a Intolerância e o Racismo, no Rio de Janeiro, e se hospedou em casa, quando de minha estada no Rio de Janeiro para cumprir os créditos do doutorado. Dessa forma, pudemos ficar juntos durante quatro dias, fazendo alguns passeios e participando da referida pré conferência. Interessante que nesses dias não tivemos nenhum mal estar nas ruas e nem nos locais em que freqüentamos, tendo a estada sido finalizada com nossa participação em uma Festa que aconteceu em uma Boate na Barreira do Vasco (periferia carioca), de propriedade de outra travesti. Logo na chegada Pérola foi recebida por algumas travestis que já a conheciam, sendo anunciada sua presença pelo DJ da festa.

Nestes dias de sua estada em minha casa, perguntei a ela sobre a possibilidade de me conceder entrevistas para meu doutorado, a respeito de sua vida, de seus projetos e sonhos, ocasião em que afirmou estar a minha disposição.

No dia seguinte, Pérola voltou para sua cidade, e me telefonou dizendo que a viagem tinha sido ótima e que estava bem. Neste mesmo telefonema, me contou que mal chegou em casa e já teve que ir até um hospital onde uma travesti havia sido esfaqueada, e que teria vindo a falecer. Neste momento era possível perceber uma voz embargada, triste e emocionada, acentuando que não suportava mais tanta violência; que não suportava mais tanto desrespeito à cidadania e tanta violação dos direitos humanos.

Em uma de suas correspondências, me fala de um episódio em sua cidade em que o Bispo da Igreja católica local havia dado um depoimento na imprensa, afirmando que a homossexualidade era uma aberração. Imediatamente, Pérola abriu um processo contra a Cúria Metropolitana, pedindo retratação pública, em depoimento a imprensa afirmou que *“quem chama Deus de pai, tem a obrigação de chamar os homossexuais de irmão”*.

Uma outra correspondência enviada, me fala de uma pesquisa que realizou em sua cidade, constatando que quarenta por cento das travestis seriam arrimo de família, mantendo outras pessoas com o rendimento de seu trabalho, e que a maioria delas apresentavam pouca escolaridade e baixa qualificação profissional, grande vulnerabilidade ao uso de drogas, com auto estima muito rebaixada e que, segundo suas análises, esses fatores expunham as travestis como alvo da violência social no Brasil.

Para Pérola, essa situação se agravava mais ainda devido à ausência de empenho policial na apuração e prevenção da violência que atingia as travestis, e que na maioria das vezes se transformava em discriminação e constrangimento das mesmas, colaborando para que as travestis deixassem de registrar queixas nas delegacias, mesmo porque, nem sempre as queixas e denúncias eram recebidas nas mesmas.

Nos levantamentos feitos por Pérola, durante os anos noventa, constatou que 39% dos assassinatos contra homossexuais não passavam dos inquéritos policiais, e que nos casos restantes, os agressores recebiam penas brandas, mesmo quando os mesmos eram realizados com requintes de crueldade.

Ainda sobre essa pesquisa, acrescenta que as travestis ao serem detidas, seriam humilhadas e forçadas a usar roupas masculinas para as fotos de identificação, além de extorsões prévias ocorridas nos “pontos de batalhas”, por parte de policiais que abusam sexualmente das mesmas, seguindo-se agressões, humilhações e violações de seus direitos.

Através desses dados, Pérola dá início a uma série de denúncias em suas participações em congressos e oficinas que realizava sobre violação dos direitos humanos, dando maior ênfase à realidade das travestis, que segundo ela mesma, não seria privilégio de sua cidade e região, mas poderia ser percebido nas mais diversas cidades brasileiras.

Alguns meses depois, quando de minha participação em um Seminário na sua cidade, organizado pela ABIA-RJ, aproveitei para ficar alguns dias em sua casa, quando foi possível a realização das entrevistas previamente combinadas, que me forneceriam dados para a pesquisa do doutorado.

Minha estadia em sua casa foi muito interessante para observar o bairro que morava, sua relação com a vizinhança e com outras travestis.

Pérola vivia há 19 anos neste mesmo bairro e construiu relações afetivas e respeitadas com todos, sendo muito admirada pelas pessoas que expressavam nos cumprimentos e conversas uma tranquilidade que mostrava um convívio bastante afável.

Neste período, acompanhei-a em algumas atividades e dentre elas, a experimentação de roupas em uma modista também travesti, conceituada e respeitada por seu trabalho de estilista e que, coincidentemente, se tratava da travesti mais antiga da cidade. A relação de Pérola com essa travesti, assim como com outras, era de muito carinho e respeito, podendo-se perceber o quanto era admirada por suas amigas. Pérola estava experimentando um novo vestido vermelho que usaria na semana seguinte, quando de sua participação em um seminário sobre homossexualidade, em Juiz de Fora/MG, que antecederia o famoso Mis Brasil

Gay, evento que pude ter o prazer de conhecer, e no qual compus mesa de discussão sobre as conquistas do movimento das transgêneros, com outras travestis e transexuais.

Neste período, Pérola estava bastante entusiasmada diante da possibilidade real da fundação da Associação das Travestis de seu estado, da qual seria a presidente, além das parcerias que estaria firmando com a universidade e outros órgãos importantes de sua cidade.

Através dessa associação em parceria com o Ministério da Justiça, daria início a um projeto de profissionalização das travestis, através de um curso de informática, a partir da aquisição de alguns computadores. Em outra ocasião, tive a oportunidade de ver as travestis sendo capacitadas, e a própria Pérola também era aluna desse curso de computação.

Alguns meses depois, Pérola me escreveria falando que apesar das travestis estarem capacitadas, estava muito chateada devido apenas uma delas ter sido absorvida pelo mercado de trabalho, e mesmo assim, como secretária da associação que presidia, questionando se valeria a pena capacitar as travestis, pois o preconceito ainda impossibilitava as mesmas de terem oportunidades de trabalho, constatando que a luta pela desconstrução dos processos de estigmatização e de busca de inserção social das mesmas, deveria ser pensada conjuntamente com a própria proposta de capacitação.

Em sua casa, pudemos realizar algumas entrevistas que foram gravadas e, em comum acordo, estabelecemos que seu nome seria preservado, em respeito a sua intimidade, sendo aceito por ela, afirmando não se importar com sua exposição, mas que mesmo assim, preferimos usar outro nome para designá-la.

Foram essas conversas que me permitiram organizar dados de sua vida, agora mais sistematizados.

Nascida em uma cidade do interior nordestino, com população aproximada de cinquenta mil habitantes, Pérola relata que suas lembranças da infância são muito remotas, mas que até os sete, oito anos, tinha muita dificuldade para passar para as pessoas que não se sentia como um menino.

Logo que entrou para a escola, nas relações sociais com as outras pessoas, existia uma cobrança muito forte para que fosse menino, para que se expressasse como menino, e acredita que essa cobrança possa ter favorecido um equilíbrio do masculino e do feminino que viria a compor a forma de ela ter se tornado uma travesti.

Afirma que desde criança se sentia como menina e que o convívio social teria incluído o elemento masculino, fator bastante forte para o estabelecimento da confusão sobre gêneros, que só provocava dúvidas, incertezas e inseguranças.

Relata que em razão de ter sido criada em uma fazenda, teve uma infância muito sadia, vendo bezerro nascer, podendo andar a cavalo, nadar no açude e tomar “leite mugido”. Por ser o filho caçula de uma família de dez irmãos, sempre era muito paparicada e protegida por todos, e que apesar de desde criança expressar sua feminilidade, não se sentia desprezada por seus familiares.

Recorda que em uma festa de São Francisco seu pai queria lhe dar um presente (um brinquedo) e foi levada a uma barraca que tinha muitos brinquedos, sendo colocada próxima dos brinquedos mais masculinos, como carrinho, revólver e bolas, mas que se dirigiu ao outro lado da barraca onde tinham várias bonecas, escolhendo uma delas. Pérola fala que percebia desaprovação no olhar de seu pai, mas que mesmo assim, comprou a boneca.

Apesar do machismo nordestino, Pérola avalia que seu pai soube ser muito digno, sem fazer qualquer comentário, mas que percebia seu descontentamento pelo silêncio que se manteve no trajeto da festa até sua casa.

Nas brincadeiras infantis com seus irmãos e coleguinhas, eram frequentes as brincadeiras de super heróis, e que nelas nunca assumia um super herói masculino, como Homem Aranha, Batman ou Robin, escolhendo ser a Mulher Maravilha, a Bat Girl ou Mulher Aranha e, como ninguém queria ser esses super heróis, as outras crianças aceitavam, pois não teriam a rivalidade de dois super homens.

Nesta época, Pérola relata que já tinha dois irmãos em idade de se casarem e, apesar de estarem morando fora de casa, percebia em seus olhares certas reprovações, pois os mesmos evitavam conversar com ela, ou ficarem em um mesmo espaço. Atualmente, relata que esses irmãos até conversam com ela, mas ainda fazem de vez em quando piadinhas de mau gosto sobre homossexuais e mulheres. Para ilustrar, Pérola informa que esses irmãos seriam maçons, filiados ao PFL, com toda aquela postura machista e autoritária de pessoas que se identificam com esse perfil, embora acredite que os mesmos não tenham consciência do lugar que ocupam com essas posturas.

Em um momento de reflexão, Pérola avalia sua situação atual, e fala que às vezes se surpreende consigo mesma, de ter chegado onde chegou, com seu atrevimento, de “chutar o pau da barraca”, de encarar a OAB, e de enfrentar quem quer que seja na defesa do respeito às pessoas, mas que acredita que isso foi possível devido sua família sempre ter sido carinhosa com ela.

Relata que na escola em que estudava, um colégio de freiras, sua mãe era professora, e por causa disso, acredita que as pessoas seguravam a língua para não fazer piadinhas, pois já dava sinais de sua sexualidade e que era muito “mariquinha”. Acredita que para não magoar

sua mãe, que era muito querida e respeitada por todos, as pessoas evitavam os constrangimentos. Acrescenta que seu pai por ser funcionário federal, também era muito bem quisto na cidade, na qual, por ser pequena (na época por volta de dez mil habitantes) todo mundo se conhecia e isso fazia com que as pessoas fossem mais solidárias e respeitosas com todos.

Embora tivesse bastante amiguinhos, Pérola fala que tinha preferência pela companhia das meninas, de ficar com elas, de brincar com elas. Nessa época questionava porque as pessoas cobravam tanto para que fosse menino, sendo que não se sentia e nem se identificava como menino, ficando muitas vezes angustiada e confusa, mas que espera que essas cobranças tenham diminuído para que outras crianças não tenham as sensações que ela tinha. Pouco tempo depois, Pérola relata que começou a assimilar a homossexualidade nela mesma, que se sentia mais fortalecida e que devido a isso já não achava que era louca ou lunática por isso. Em suas reflexões da época, chegou a pensar que estava enlouquecendo, em decorrência das cobranças da masculinidade e a sua falta de informação, pois não tinha ninguém que pudesse lhe dar esclarecimentos sobre sua situação.

Por volta dos doze anos, Pérola informa que já realizava algumas brincadeiras sexuais com outros meninos, mas que eram todos muito brutos e que não havia nenhuma cumplicidade entre eles, deixando-a muito insatisfeita, pois na sua cabeça achava que através dessas brincadeiras arranjaría um namorado, coisa que não acontecia.

Relata que entre os meninos havia um em especial, que teria sido seu primeiro contato sexual, mas que ficava nas carícias e na sedução, sem ocorrência de penetração. Pelo que recorda, ele teria uns 14 anos e pelo fato de já ter pelos no púbis fazia uma grande diferença, fazendo com que o desejo aflorasse e disparasse sensações que até então não havia sentido. O garoto teria tomado a iniciativa, convidando-a para brincar de “fazer família”, expressão que corresponderia ao brincar de papai mamãe, e que aceitou a brincadeira, mas com muito receio. Ele a vinha perseguindo há um certo tempo e ela sempre se “fazia de difícil”, dando a impressão que não queria, mas que no fundo queria mesmo se entregar a ele. Pérola fala que foi quase um estupro, no bom sentido, pois não houve penetração, apenas carícias. Na sua avaliação teria sido muito gostoso, apesar da sensação de medo que lhe dominava, afinal de contas, sempre tinha escutado as pessoas mais velhas falarem que era pecado, sujo e proibido, que isso significava fazer coisas feias. Relata ainda, que por ter uma família muito religiosa – com seus pais iam à missa todo Domingo, tendo que acompanhá-los e seguir os ensinamentos da igreja, fazendo a primeira comunhão, confessando seus pecados, indo à procissão e a todas as atividades que eram realizadas pela igreja - sua cabeça titubeava

entre os valores apreendidos e as sensações de seu corpo que pediam outras coisas, outras experiências. Porém, acrescenta que não foi crismada, pois a crisma era uma decisão pessoal que se dava na adolescência, analisando que o fato de não ter querido a crisma, já demarcava o início de seu rompimento com os valores religiosos, valores que tiveram muita influência em sua vida e que seriam revistos alguns anos depois, tomando consciência da hipocrisia dos posicionamentos mantidos pela igreja católica

Nessa época, relata Pérola, já por volta dos 14 anos, tinha fantasias em ser mis Brasil, mis universo, e ficava na frente do espelho com uma toalha enorme na cabeça que representava os cabelos, projetando o que gostaria de ser no futuro.

Nesta mesma época, Pérola relata ter assistido a um espetáculo de Maracatu, em uma cidade vizinha, e ficou surpresa ao ver as “bichas”, que inicialmente acreditou serem mulheres, vestidas de baianas. Ao se aproximar um pouco mais, percebeu que se tratava de homens vestidos de mulher e aquela visão teria lhe trazido um fascínio muito grande que lhe fez ficar colada à apresentação, esclarecendo que aquela visão teria sido a primeira vez que se lembra de ter de deparado com a figura de uma travesti, da androginia ao vivo que teria lhe proporcionado imensa excitação.

Apesar de toda essa excitação, Pérola lembra que se tratava de um período da década de setenta, quando existia muito preconceito e repressão, e as pessoas ao redor pronunciavam palavras de ofensas que lhe provocava muita indignação, pois em sua cabeça não havia nada demais naquela performance que lhe provocada tanta fascinação

Ao ser perguntada sobre o momento da decisão em se tornar uma travesti, Pérola fala que teve que reprimir por muito tempo, pois ainda tinha receio a respeito da reação de sua família e das outras pessoas de seu convívio. Lembra que se angustiava muito quando via pela televisão os shows de transformismos que apareciam nos programas do Chacrinha e do Bolinha, maravilhada com o que via e confusa diante do que fazer. Realiza as brincadeiras em seu quarto de “se montar” com algumas toalhas e lençóis, mas era pouco diante de seus desejos e expectativas a respeito do que queria ser na vida. Assim, se recolhia ao mundo de suas fantasias enquanto não podia transformá-las em realidade, imaginando uma vida mais livre em que poderia se expressar sua sexualidade, seus sonhos e desejos.

Pérola pontua que considera seu primeiro relacionamento, maduro e de clareza sobre o que queria, apenas após já ter se formado na universidade, que teria ocorrido quando já tinha 26 anos e que perduraria até seus 30 anos, finais dos anos de oitenta e início dos anos noventa (em 2002 Pérola tem 40 anos). Um relacionamento que teria produzido profundas transformações em sua vida.

Neste relacionamento, Pérola fala de um deslumbramento na sua vida, como se uma nova energia tomasse conta de seu ser, como uma coisa que era maior que ela e que era difícil de ser controlada, mesmo porque, estava apaixonada, amando alguém.

Na sua concepção de amor e de relacionamento com outro homem, Pérola analisa que sentia que algo faltava, pois a relação estabelecida naquele momento era orientada pelos moldes heterossexistas, da relação criada entre um homem e uma mulher e neste sentido, o rapaz a tratava como se fosse uma mulher, mexendo com seus sentimentos, mas que serviam de inspiração para um amadurecimento posterior, ajudando-a a buscar um ponto de equilíbrio para que pudesse estar bem consigo mesma, com seu corpo e com sua mente. Para Pérola, esse rapaz teria sido seu primeiro marido, sua primeira relação inteira, de verdade, com outro homem, e que ao término da relação, apesar de ter sofrido muito, ficou uma amizade, pontuando que *“meus ex namorados se tornaram meus grandes amigos”*.

Pontua que teria sido nessa época o nascimento de Pérola. Até então, era um advogado gay, que militava na comunidade homossexual, fazendo palestras sobre AIDS e sobre direitos humanos.

Pérola relata que sempre foi muito retraída, que apesar de atualmente ter se tornado uma guerreira, sua adolescência teria sido marcada por dificuldades de expressão da sua sexualidade, tanto que sua primeira experiência sexual de fato, com consciência de sua escolha, aconteceu quando já tinha 26 anos, e acrescenta que acredita que isso se deu devido ao preconceito velado que ocorria tanto dentro de sua casa, quanto na escola e na vizinhança. Mas, ao mesmo tempo, informa que essa fase de sua vida foi importante para que aprendesse a se comportar de forma discreta, aprendendo a selecionar lugares, situações e pessoas de confiança para manifestar seus desejos e sua sexualidade.

Relembra que na infância, quando alguém a chamava de mariquinhas ou de outros nomes pejorativos, lhe faltava compreensão, mas mesmo assim se sentia ofendida e se chateava porque não achava que estava fazendo algo errado, e isso foi lhe conferindo traquejo para que não se expusesse ao preconceito. Procurava fazer aliança com as mulheres, que sob seu ponto de vista eram mais receptivas e menos discriminatórias.

Para Pérola, essas situações da infância e da adolescência foram fundamentais para que criasse estratégias de auto proteção, de cuidados para que não se expusesse tanto aos olhos do preconceito e da discriminação, dando-lhe força e clareza para sua tomada de decisão, mesmo tardia (se comparado a iniciação de tantas adolescentes que se tornam travestis), para que ela mesma se decidisse por sua transformação.

Assim, quando saiu do espaço doméstico e familiar, em outra cidade, pode dar o seu grito de liberdade e se assumir como uma travesti, transformando seu corpo e sua estética de homem gay em uma nova imagem, uma nova pessoa.

Nesta transformação toda, demonstra um lado mais romântico, apaixonada pela vida, um pouco sonhadora, pois revela intimamente que a idéia de um príncipe encantado que viria resgatá-la ainda persiste em seus pensamentos e esperanças de poder se casar, de ter um relacionamento maduro e de poder ser feliz.

Pérola fala ainda de uma identificação muito forte com a figura materna, que persiste desde a infância e que sua relação com a mãe sempre foi marcado por muito carinho e compreensão, tendo muita dificuldade para se separar, quando de sua vinda a capital do estado para concluir seus estudos. Com o tempo foi percebendo que havia alguns “favorecimentos homoeróticos”, no fato de estar morando fora de casa e de ter acesso a espaços que favoreciam a expressão de sua sexualidade e desejos, descobrindo as boates gays, os cinemas de “pegação”, e que apesar de ser um pouco velado, era possível a ocorrência de encontros homoafetivos, que se davam depois de muitos olhares e de tentativas de aproximação dos corpos, das passadas de mão, até irem para algum lugar mais reservado, onde o sexo poderia acontecer.

Quando entrou para a faculdade de direito, Pérola sentia no ar a discriminação, mas teve que ser forte e aos poucos ir se atrevendo a fazer defesas das minorias, entre elas os homossexuais, sempre se orientando por teorias que estudava, e isso, lhe conferia certo respeito por parte dos colegas. Lembra que nas aulas de direito do menor, quando se falava de homossexualidade, ela se sentia agredida, pois a relação que estabeleciam era de um desvio de comportamento, e neste momento “*eu me levantava, pedia a palavra, e fazia a defesa para que não me lançassem aos leões*”.

Como já estava tendo maior clareza a respeito de si, de sua homossexualidade e de seus desejos, Pérola informa que ao entrar na universidade já era assumido, e que não tinha nenhum remorso por isso, mesmo porque, conforme relata: “*porque eu sempre fui dotada de uma feminilidade muito grande e por mais que eu fizesse um discurso heterossexista, eu não convenceria a ninguém, nem ao papa depois de um glaucoma*”.

Nesta conformidade, Pérola veio a ser construída após a saída da universidade, quando namorava, e deu início à ingestão de hormônios e de procurar com as amigas travestis, informações de como dar o *start* da transformação.

Pérola relata que ao ingerir os hormônios, despertou a identificação com a transexualidade, valorizando mais os sentimentos, o envolvimento afetivo, do que ato sexual propriamente dito, pontuando:

*“Naquele momento tinha um desejo e eu não me sentia uma travesti, eu nem queria virar uma travesti. Eu estava tomando hormônios porque eu ia virar uma mulher, mas não pensava em cortar a genitália, nunca pensei nisso, mas sim em construir uma personagem que ia virar uma mulher. Nunca pensei mesmo em mudar de sexo, mesmo porque eu me daria mal, porque eu não sou uma transexual, eu sou uma travesti, e se eu cortasse meu pau, metade das mariconas da cidade lamentariam muito, e apesar de tudo, a minha alma, a minha conduta é de uma travesti”.*

Pérola acrescenta ainda que a ingestão de hormônios parece uma mágica, dado o efeito rápido que eles produzem, afirmando:

*“então a transformação física começou, quase que de imediato, e eu deixei meu cabelo crescer, e os peitos começaram a surgir, e eu comecei a me montar. Dependendo do lugar que eu fosse, para trabalhar por exemplo, eu usava uns blusões frouxos e calça comprida. No escritório e na prática forense, eu ocultava os peitos e prendia o cabelo para trás, mas já trabalhando a androginia. Em 1996 foi que eu me rebelei totalmente, quando o ato de usar paletó e gravata passou a ser uma violência para mim, e a Pérola falou mais forte. Foi nessa época também que eu descobri a minha soropositividade, me provocando grandes questionamentos, porque eu tinha lutado muito para que a Pérola nascesse, pensando que ela deveria se recolher. Mas, pelo contrário, acho que foi como um incentivo para ir em frente, pois eu pensava que não teria mais nada a perder. Passei a ter a noção de quão útil eu poderia ser para as minhas amigas travestis, porque eu podia levar a voz delas, e isso me fazia muito bem, de fazer valer a minha representação, porque no fundo no fundo, eu levo as minhas satisfações interiores, mesmo levando em conta de que eu sou uma pessoa discriminada, porém muito privilegiada socialmente”*

Neste período de sua vida, Pérola analisa que as mudanças não foram apenas físicas, mas também emocionais e sociais. A transformação física decorrente da ingestão de hormônios teria produzido um grande fascínio, de vido a nunca ter pensado que poderia amar alguém e vislumbrar o desejo em se casar e estabelecer uma relação mais sólida, potencializando muito mais os sentimentos do que os pensamentos.

Relata que devido à transformação física, da produção de uma nova estética corporal, as relações sociais também foram se alterando, e isto podia ser percebido na forma como

mulheres e homens mudavam seus modos de olhar e de se relacionar consigo mesma, apontando:

*“Antigamente, as mulheres me olhavam, quando eu era gay, macho, dentro dos padrões sociais de comportamento, vestimentas, etc. , elas me tinham como um amiguinho, um aliado. Quando eu deixei o cabelo arriar, o peito aparecer, entrei como competidora, como ameaçadora, apesar de que isso variava de mulher para mulher. Mas, já passou a ser um outro enfoque de olhar e, ao mesmo tempo, acontecia o mesmo com os homens. Eles me olhavam como viadinho e depois, quando começou a parecer a mulher viçosa, já tinha um olhar, uma leitura do desejo, que enchia a minha bola, e alimentava a minha auto estima. E mesmo com as piadas no meio da rua, aquele olhar de desejo dos homens por minha forma feminina era o compensatório da coisa”.*

Ainda sobre as relações sociais, Pérola informa que ao se assumir como travesti, teve uma grande transformação nas relações de amizade: muitos amigos foram se afastando de seu convívio, evitando-a e deixando de convidá-la para eventos que eram frequentes da sua turma. Neste sentido, esclarece: *“eu derrubei todo um círculo social aqui na minha cidade, na medida em que eu ia me hormonizando, me feminilizando. Passei a transitar pela minha própria cidade como uma estranha. E as pessoas, diziam: é o fulano? Menino como você está diferente? Eu me esbarrava no abismo das pessoas que ficavam abismadas com a minha mudança de comportamento, e eu vivenciei isso agora no começo da década”.*

Relembra com muita tristeza que nesta época, devido a sua escolha pessoal, houve a perda de um amigo de quem gostava muito, que era gay assumido, mas que tinha preconceito com travesti, e que se afastou dela. Essa experiência, da perda do amigo querido, foi segundo Pérola, uma experiência terrível que foi experimentada como uma ação de violência, lembrando de suas palavras: *“Fulano, pelo amor de Deus, para com essa história de virar travesti, porque senão eu deixo de ser seu amigo, eu deixo de sair com você. Você não percebe que você está ficando louco”.*

Para Pérola, essa teria sido uma das maiores decepções relacionada às amizades que tinha, pois se tratava de um amigo que trocava confidências, que tinha falado de suas intimidades, daqueles amigos que acreditava ser para sempre.

Com relação a sua família, e sua relação como Pérola, seus pais e irmãos acreditavam que era uma fase que iria passar, devido estar tendo um relacionamento amoroso, aparentemente sólido, e que ao terminar voltaria a ser a pessoa que era antes. Com o final do relacionamento, foram percebendo que ao invés de uma fase que iria passar, tratava-se de uma escolha definitiva, de um projeto de vida que tinha se efetivado com muita força e clareza.

Mesmo ficando estabelecido que não era uma fase, que apesar do cabelo comprido, da maquiagem, dos brincos e toda a estética feminina, nunca conseguiram se dirigir a ela como Pérola, continuando a tratá-la pelo nome masculino. Interessante que não só os familiares, mas a vizinhança em seu entorno, do bairro em que vivia há dezenove anos, não conseguiram assimilar a nova identidade, mantendo o tratamento no masculino, embora com muita afetuosidade e respeito, conforme pude constatar quando de minha estada em sua casa, quando das idas à padaria, ao supermercado e a banca de revistas próxima de sua casa. Na avaliação de Pérola, pelo fato da vizinhança ter acompanhado a sua transformação, acredita que eles perceberam que o que mudou foi só a aparência e não a pessoa, que seu caráter continuava a ser o mesmo, e que por causa disso, não tem piadinhas nenhuma, e caso aconteça, com certeza diz respeito a alguém que é de fora do bairro.

Sentia nos olhares de seus familiares a reprovação por sua escolha de gênero, mas que mantinham o preconceito velado, da mesma forma como sempre o fizeram desde a sua infância. Pérola recorda que nesta época, sua irmã mais velha solicitou a uma amiga em comum, que pedisse a ela para cortar o cabelo que estava muito feio. Pérola percebia o desejo de sua irmã, que era porta voz de seus familiares, para que voltasse a ser como era antes. Recorda ainda, de uma conversa tida com seu pai, que lhe perguntou porque não cortava o cabelo, e Pérola lhe disse que se sentia bem e que preferia propor uma troca, para que ele pedisse para que ela cortasse outra parte do corpo, como um braço ou uma perna, quando ele se voltou a ela dizendo que não sabia que o cabelo era tão importante para ela, dizendo que não iria mais fazer aquele tipo de pedido, pois apesar de tudo, ela não tinha se transformado em uma puta ou uma ladra.

Guarda a lembrança de uma frase que seu pai teria lhe dito, que recebeu como uma declaração de amor: *“quando você passou a se vestir dessa forma, o meu medo era que fizessem alguma maldade com você, porque as pessoas são muito violentas e preconceituosas”*.

A esse respeito, Pérola acrescenta: *“isso é uma coisa que vou levar para mim, mas eu evito de dizer perto das outras travestis, para não causar inveja, para evitar a dor que isso pode causar a elas. Eu não vou tripudiar em cima do emocional delas, porque essa é uma situação de exceção”*.

Em diversas vezes pude conversar com Pérola a respeito da exclusão social, econômica e política de uma grande parcela das travestis brasileiras, que são muito pobres e com muitas dificuldades para sobreviver, tais como péssimas condições de moradia e alimentação. Tais fatores ela via como indicadores de uma naturalização da situação, que

enfraquecia a crença nelas mesmas, e dificultava para que as travestis vissem importância na organização social e política da comunidade. Pérola relata que tem consciência do lugar privilegiado que ocupa entre as travestis pois estudou e que, por isso mesmo, se disponibiliza para a defesa dos direitos dos gays e das lésbicas, mas principalmente, para as travestis e das transexuais.

Pérola adquiriu respeito das pessoas de seu convívio, tanto na instituição que milita quanto pelas travestis, vizinhos e amigos.

Uma de suas marcas diz respeito à humildade, pois sempre presta muita atenção no que as pessoas dizem, pede ajuda diante das tomadas de decisões, ouvindo reivindicações e respeitando as opiniões.

A respeito do modo como atua, do seu jeito de ser, Pérola relata

*“... eu acho que o complexo de pavão não faz a minha cabeça, eu penso mais na formiguinha, de fazer valer esse papel social. Não tenho que ficar bancando a Pérola, já houveram as Madames Satãs da vida, que foram para a ponta das lanças e resolveram a questão. Eu gosto de falar legal, eu não erro na concordância verbal. Mas quando eu vou falar, vou te contar um segredinho: eu sempre rezo a oração do divino espírito santo, para que eu possa ser um instrumento para levar e relatar tudo o que as minhas irmãs passam; eu peço uma incorporação divina, pois para mim, meu papel espiritual perpassa pelo social, existencial, individual, concentrado numa coisa só”.*

Pérola acredita que nem todo mundo dará importância às suas falas, mas que espera que pelo menos algumas pessoas comecem a pensar a realidade de outra forma e que passem a respeitar as travestis, mudando a forma de tratamento e oferecendo novas oportunidades na vida.

Relata que uma das coisas que mais gosta, e que a faz feliz, diz respeito à própria comunidade das travestis: *“Eu me relaciono bem aqui com elas todas, com todas as categorias: as boazinhas, as mázinhas, com as que fazem varejão, com as que são finas, com as que cobram dez reais, com as que roubam os clientes e com as que lembram a data de aniversário das outras”.*

Com isso, Pérola circula por todas as “tribos”, por todas as classes sociais das travestis, desde as boates mais luxuosas até a esquina onde as travestis batalham sua sobrevivência, sendo sempre bem recebida, amada e respeitada por todas.

Tive a oportunidade de circular por esses espaços com Pérola e perceber o carinho que as travestis tinham por ela, e em algumas situações pude ouvir algumas travestis se referirem carinhosamente à Pérola como “mainha”. Sobre isso, Pérola diz *“eu até gosto delas*

*me tratem assim, delas me verem como mãe, desperta o meu lado materno. Eu vejo algumas travestis como filha: olha a fulana por exemplo, é minha filha! Olha a outra, também é!*

A preocupação de Pérola com as travestis era muito grande, e nos congressos em que nos encontrávamos, sempre fazia questão de levar os brindes - canetas, pastas, camisetas – que ganhava, para distribuir entre as travestis. Dizia que as travestis já estavam acostumadas e esperavam ansiosas pela volta de “mainha” e os presentes que sempre trazia.

Paralelamente, Pérola expressa preocupações com os preconceitos e discriminações que as travestis vivem na relação com os gays, assim como das divisões que existem das lesbianas e gays ficarem de um lado e as travestis e transexuais de outro, mas que acredita que isso ainda seja necessário devido às especificidades de cada orientação sexual.

A esse respeito Pérola pontua:

*“vai haver sempre uma pessoa que é de outra vertente, que tem outras necessidades por causa da identificação com as bandeiras de luta. Tem certos gays que não entendem porque as travestis se vestem como mulher, se elas podiam vivenciar a homossexualidade vestidas igual a eles, mas as travestis não gostam das leituras das bichas. Então, as bichas acham que as travestis são despeitadas só porque elas estão sendo femininas, e, as vezes, as bichas também despeitam os gays que não assumem e nem tem como objeto homens aparentemente homossexuais, mas só gostam de transar com travestis. Eu acho que nós temos que ser autônomas em nossas lutas, nos nossos projetos, na gestão de nossos projetos, mas sendo solidários e trabalhando da forma mais diplomática possível com as outras orientações. Não só com as lésbicas e com os gays, mas com os negros, os deficientes físicos e com todas as pessoas que sejam excluídas e marginalizadas no contexto social. Eu acho que ainda falta amadurecimento para as travestis, os gays, as lésbicas, porque eu acho que essa política direitista quer que enquanto nós estamos sem nos entendermos, eles podem botar goela abaixo as políticas que eles bem entendem”.*

E complementa, dizendo que a desinformação e o preconceito, não se restringem apenas à comunidade GLBT, mas que pode constatar quando de suas participações no Encontro nacional dos procuradores da república, com os procuradores federais do trabalho, com os defensores públicos e promotores de justiça, pontuando que:

*“Eles são ignorantes da forma social do reconhecimento e a gente sabe que essas questões existem não só por preconceito, mas pela própria produção acadêmica. Na década de noventa houve uma expansão grande das discussões sobre as questões de gênero e eles não sabiam. Eu ouvi isso de vários procuradores, de vários desses promotores. Eles não em*

*informações e muitos nem querem saber, são pessoas de 50, 60 anos, pertencentes aos Rotary ou ao Lions, alguns agregados do PDS ou do PFL. Se algum deles despertasse uma curiosidade sobre o assunto, seria criticado e questionado se também não seria viado, entendeu? Então, como estão no poder, preferem ver isso como anomalia ou como distúrbio.”*

Apesar de algumas conquistas concretas que tem se efetivado pelas lutas do movimento homossexual no Brasil, Pérola analisa que as mesmas ainda são insignificantes porque ainda se situam no plano do discurso e não das práticas. Apesar de um discurso amplo de defesa da cidadania, cobrado como politicamente correto, acredita que os operadores do direito, assim como de outras modalidades profissionais, ainda vêem na orientação sexual um grande incômodo, que se torna mais intenso ainda no caso específico das travestis, *“porque no fundo, eles vêem as travestis como seres impensantes, só chupantes”*.

Pérola faz um alerta para a necessidade em promover parcerias com o poder público e a sociedade civil, para a realização de campanhas educativas que possam acabar com o preconceito, mesmo porque, diz Pérola:

*“eles falam que não são contra, mas permanecem de braços cruzados. Na hora de julgar o assassino pela morte de uma travesti, ou de um gay, eles se apegam ao juramento, mas quando a coisa se inverte, quando uma travesti apronta, eles são muito mais severos, manipulando os poderes, gerando tanta impunidade que a gente vê por aí. Eu acho que o estado é um grande elemento castrador da cidadania. Para você ver, quando uma travesti vai tirar seu documento de RG, de identificação, a sua carteira, na qual você vivencia suas vinte e quatro horas lutando para ser Maria, e na hora de tirar a documentação você vai virar João? Você vai se caracterizar de um outro que você não é no dia a dia? Usar uma foto sem cabelo, sem maquiagem, sem batom e parecer com um homem? Isso, no meu ponto de vista é falsidade ideológica, e o próprio órgão expedidor, a Secretaria de Justiça, faz isso. Isso é democracia?”*

A luta por justiça social e por defesa da cidadania sempre esteve presente no discurso e nas práticas de Pérola, que sempre fez a defesa de um trabalho de prevenção que se conjugasse com a melhoria da qualidade de vida das pessoas, ampliando o raio de ação de suas intervenções. A esse respeito, Pérola relata:

*“Eu acho que nós trabalhamos com a população para que ela saiba fazer a prevenção, mas isso vai muito além do que dar um punhado de camisinhas e de distribuir folders de como se fazer sexo seguro. Isso vai muito além, porque vai mudar uma realidade. Então, essa coisa não pode ser passada só pelo discurso, tem que ser na prática também,*

*porque senão, como isso vai mudar a realidade de uma travesti? Foi pensando nisso que montamos um curso de informática pela qual elas possam se interessar em fazer. Mesmo se elas quiserem atuar no mercado da prostituição, elas vão poder oferecer seus dotes pela internet, sem precisarem ir para as esquinas as duas da manhã, correndo o risco de contrair uma pneumonia, de levar um tiro, uma facada ou uma giletada na cara. A cidadania começa quando as travestis começam a pensar, a perceber que elas precisam estar juntas para poder vencer o preconceito social. Se elas são violentas é por causa da competitividade, da rivalidade que existe e que exclui as que não são mais expertas, as que são mais fracas, ficando só as privilegiadas, as mais capazes. Então, a gente tem uma seleção pela violência, onde a própria formação estética da travesti passa por uma forma de violência, a violência das cirurgias marginais, feitas por elas mesmas, pelas bombadeiras. Eu não sou contra fazer cirurgias, mas desde que sejam de forma mais elaborada, mais bem encanada e tampada. O estado sabe que esse tipo de coisa acontece, mas ele se omite porque teria que colocar ambulatórios em cada cidade, um cirurgião para que possa ser feito dentro da legalidade. Essa mesma problemática, essa violência, também perpassa as mulheres na questão do aborto. A sociedade sabe que ela existe, mas ela se omite contra isso, não o direito das mulheres decidirem sobre o seu futuro, assim como, não dão o direito para as travestis decidirem sobre suas próprias vidas”.*

Em nossas conversas, Pérola sempre comentava a respeito de sua indignação diante das condições com que as travestis injetavam silicone em seus corpos, que nem sempre essas práticas eram realizadas de forma adequada e com a assepsia necessária, levando muitas travestis à morte, quando não súbita, em decorrência de infecções e desinformação sobre cuidados a serem tomados. Diante dessa realidade, Pérola dizia que freqüentemente tinha notícias de travestis que faleceram em decorrência das “bombadas”, e que isso era revoltante, pois o estado não se mostrava preocupado com essa comunidade, mas que se quisesse um estado democrático de direito, contemplaria todas as diferentes comunidades da nação, dizendo que

*“é isso que faz uma país democrático, o direito, a garantia da individualidade, quer dizer, é um direito meu eu querer vender a minha imagem, a minha postura, a minha forma física, da maneira que eu quiser, desde que isso não tenha nenhuma confusão de desacato e não fira a moral e os bons costumes. É questão de não confundir o livre arbítrio com a devassidão e a liberdade com libertinagem, com atentado ao pudor público. Isso nada tem a ver. Mas eu posso me dispor a Ter um peito maior ou menor e ser pago pelo estado, pois*

*advindo dos impostos que me cobram, eu tenho direito a ser assistido, onde eu dependo de você e você de mim. Então, me ajude a construir o meu corpo de forma mais sadia”.*

Mas, isso não é tudo, ressalta Pérola, alertando sobre os problemas de rejeição do silicone pelo corpo, e que em consequência de infecções, são experimentadas dores intensas e muito sofrimento, que a seu ver, se intensifica mais ainda devido o descaso e má vontade dos serviços de saúde, que discriminam as travestis. Pérola dá testemunho de sua própria experiência:

*“Eu tive problemas de rejeição. Eles queriam, na época, fazer uma incisão grande por que o silicone todo veio para um lado só e virou uma bolsa que parecia uma banda de melancia. Eu fui toda lipoaspirada, mas ainda ficou um pouco e vou ter que refazer. Mas não é toda clínica que faz lipoaspiração, na maioria fazem drenagem, eles drenam, ou seja, eles fazem incisão na coxa e no cu do viado, de no mínimo trinta a quarenta centímetros para tirar a placa de silicone, que dói pra caralho, o viado sofre demais, quando poderia usar outra técnica, que talvez os médicos saibam fazer, porque se até as “bombadeiras” sabem fazer, porque que os médicos não vão saber fazer? É a aplicação de um corticóide chamado Diprosan, na região infeccionada, nos nódulos, nos enrijecimentos do silicone. Então, ao invés disso, eles vão furando e sugando e isso é muito ardoroso. Eu fiz seis lipoaspirações”.*

Pérola nos fala de dores insuportáveis que sentiu para injetar e retirar o silicone, que saía misturado ao sangue e à gordura, e que por um bom tempo ainda tinha vazamentos que pareciam um óleo, agora mais cristalino, sem sangue, só óleo. Essa experiência é analisada por Pérola de forma positiva, pois, entende que lhe deu um melhor preparo para quando faz um discurso sobre o uso e abuso do silicone, apontando que

*“Essas coisas me fizeram bem, pois hoje em dia me ajudam a elaborar um discurso na questão do silicone. Porque isso não me contaram, eu passei por tudo isso. Mas eu tenho que ter outra compreensão disso também, de que é uma conquista, porque quando você deseja muito uma coisa, você luta por ela, e nessa batalha você pode ter a chance de dar certo, de ser vitoriosa, como acontece com muitas travestis que se “bombam” e dão certo, são os riscos de acidente, mas você quer tanto, tanto, que acaba apostando todas as fichas, pois se o corpo é meu, eu vou fazer isso de qualquer forma, porque eu quero ser mulher. É o lado da necessidade pessoal de tudo isso; você há de convir que fazer esse tipo de coisa é desafiar todos os padrões estabelecidos de beleza e de lucidez, de comportamento, e você vai pelo lado irracional. Você vai se furar com uma agulha 12 por 14, que é de uso de vacinação veterinária, só se você quiser. Mas apesar das agulhadas e da dor, que mesmo com o gel*

*anestésico ainda tem muita dor, embora muita gente ache que é loucura ou masoquismo, não é nada disso, o que se busca mesmo é o glamour.”*

Essa questão do silicone abordado por Pérola, é um tema presente no cotidiano das travestis, sendo inclusive, problematizado em todos os encontros nacionais das travestis, que assustadas com o número de travestis que chegam a óbito, devido a práticas clandestinas que nem sempre são realizadas de forma adequada, tentam sensibilizar o Sistema Único de Saúde (SUS) para que contemplem em seus programas de assistência, ações que possam diminuir a vulnerabilidade dessas pessoas e fornecer condições mínimas para que tenham outras formas de transformar seus corpos com menores riscos de infecção e morte. A esse respeito, Pérola vem tentando algumas parcerias em seu estado, na tentativa de reverter essa dramática situação, e se envolver em um campo que segundo ela mesma, não tem tanta clareza:

*“Eu me vejo muito confusa em analisar os prós e os contra sobre o uso do silicone. Não posso tomar a minha experiência como modelo e avaliar tudo por mim mesma, mesmo porque, para muitas travestis a experiência da bombada é positiva e muitas estão satisfeitas e felizes. Quando penso no que passei, hoje em dia, eu até diria assim: meu Deus, eu pensei que fosse morrer! Mas, hoje, eu vejo que eu tinha que passar por isso, porque aquela experiência me fez saber como lutar, sobre essa coisa do óleo, do emocional, do existencial e de como fazer. Eu acho que se você vai fazer, se é uma necessidade, faça! Se tem dinheiro para comprar uma prótese, então faça prótese. Eu estou pensando em desenvolver uma luta em outro âmbito, para sensibilizar os departamentos de cirurgias plásticas das universidades, através dos laboratórios dos hospitais que fazem recomposição mamária e essas coisas. Já ouvi dizer que algumas pessoas estão pensando em um projeto em que as pessoas comprariam as suas próteses, que criariam algum tipo de programa e daí as travestis poderiam pagar as próteses delas. Eu acho que o estado deveria dar, mas ele não vai dar peito para os viados. Eu sei que ele não vai dar, mas os médicos não estão lá o dia todo, sem fazer nada? Se eles tiram o óleo quando a travesti tem um processo de infiltração no pulmão, que tem que drenar, eles fazem isso, eles sabem fazer isso. Eu já falei disso nos jornais. Por ironia da vida, tem uma travesti que é bombadeira daqui, ela tinha dois litros de silicone de cada peito, que quando ela se sentava os peitos ficavam em cima dos joelhos. Ela dificilmente comia ou dava para uma maricona, mas o fetiche das mariconas era fazer uma espanhola nela, porque dava para colocar trilhões de picas ali. As mamas dela eram imensas, eram como se fossem duas garrafas de refrigerante, dois litros pendurados, ela só tinha peitos. Ela bombou muita gente, fez muita gente feliz, mas matou muita gente também, muitas travestis morreram na mão dela, e acabou morrendo em uma sala de hospital drenando seus próprios*

*peitos. É a roda da vida. Essas histórias me fazem pensar que eu também corro risco de vida, porque eu já passei por esse tipo de coisa. É preciso que as travestis saibam que essas histórias não são inventadas, que são histórias verdadeiras, que as coisas não podem ser veladas, que é preciso falar sobre isso, que são coisas que precisam ser discutidas. Porque eu não sou a dona da verdade, mas eu posso ser uma voz da verdade, mostrando o bom e o mau da história”.*

Pérola se mostra mais preocupada ainda, quando pensa nas novas travestis, as que estão se transformando em travestis e que ainda são adolescentes. Relata que vem fazendo um levantamento a respeito das travestis em sua cidade, catalogando-as, e que nos cinco primeiros meses, já registraram quase trezentas travestis, acreditando serem ao todo uma trezentos e cinquenta. Em suas pesquisas tem descoberto que a maioria delas moram em grupos, ou seja, se juntam em grupos de oito a doze travestis e montam postos de moradia, geralmente organizados por alguma travesti que tem salão de beleza ou casa de massagem, criando pontos para elas “batalharem”. É nesse levantamento que tem percebido a presença de muitas travestis novas, adolescentes, que mantêm relações precárias com sua famílias, com dificuldades em frequentar escolas e mais ainda em conseguir trabalho, restando às mesmas as pistas de prostituição. Nessas incursões, relata que realiza abordagem semanal com distribuição de preservativos, de material educativo e do passaporte da cidadania (carteira com informações úteis, como postos médicos, policiais e de denúncias junto aos órgãos de direitos humanos). Nesses passeios pelos pontos “de batalha”, convida as travestis para participarem de oficinas de sexo seguro, onde se aborda a respeito do be-a-bá da AIDS e das formas de discriminação, falando também sobre direitos humanos, cidadania e direitos e deveres. Nestes encontros são esclarecidos às travestis, por exemplo, que ser prostituta não é crime, mas mostrar os genitais na rua pode ser enquadrado como atentado violento ao pudor. Apesar de as travestis novinhas estarem fazendo uso de preservativos, Pérola alerta para a necessidade da prevenção ser feita insistentemente, tocando em pontos mais amplos, como cuidados com o corpo, com a saúde em geral, com o bem estar e com a auto estima. Acredita que a auto-estima da travesti é fundamental para que ela se proteja e proteja aos outros, para que ela tenha forças e que acredite mais em si mesma, para que ela seja agente de transformação social e promotora da cidadania e defesa de seus direitos, e que essa seria a sua missão enquanto educadora, de estar levando essas informações para sua comunidade.

Pérola apresenta preocupações com as discriminações que impossibilitam às travestis serem cidadãs, e acredita que a prevenção da AIDS tem que tocar nestes pontos, pois mexe diretamente com os valores e significados culturais, pontuando que

*“Tem a coisa do cultural também. Porque a questão da formação educacional, a formação da travesti é muito complicada. Geralmente, os processos de hormonização e de siliconização começam muito mais cedo hoje em dia. As famílias continuam intolerantes a eles e então põem as travestis para fora de casa. Por outro lado fica difícil agüentar a chacota da igreja, a chacota da escola, e as travestis são banidas de orarem dentro das igrejas pelos próprios padres. Elas precisam trabalhar a sua espiritualidade devido à estrutura emocional dentro de casa, da violência vivida dentro de casa, e como não tem qualificação educacional e profissional, elas vão para a rua. Na rua elas ganham o “close”, tem suas caras cortadas e sofrem muito, porque são jogadas na marginalidade, que nem sempre é por opção, mas por falta de apoio. Ou falta de opção mesmo porque são obrigadas a fazer isso. Poucas tem subterfúgio de como escapar disso e as que escapam disso, ainda podem contar com apoio da família por trás, tendo um melhor esclarecimento sobre seus direitos e deveres. Elas têm uma clarividência maior, uma compreensão maior do que as outras.”*

Pérola acredita que as oficinas possam ser o melhor espaço para informar e discutir sobre a realidade das travestis, mas também, para desenvolver ações e capacitações de modo a oferecer outras alternativas de renda e de subsistência para as travestis. Nesta perspectiva, Pérola relata:

*“Tem as oficinas também. A gente está com uma atitude concreta, com curso de computação, em parceria com um centro de informática. Aqui tem quatro turmas funcionando e dentro de uma das turmas, a turma quatro, é composta por dez travestis e eu faço parte dessa turma. Eu e minhas meninas que trabalham comigo no projeto, que são as minhas multiplicadoras. Eu pretendo, um dia, que elas formem seus próprios projetos, sejam educadoras de seus projetos, ou que elas levem para os pontos em que elas atendem esse repasse de informações. A gente fez um festival de filmes Almodóvar, em parceria com um antropólogo da universidade, no qual a gente mostrava as películas de Almodóvar e depois discutia a questão de gênero. Assim, ao mesmo tempo, estávamos dando um banho de cultura. Quando elas viam uma travesti na tela, isso despertava nelas uma coisa muito positiva, porque também tem travestis, tem transexuais, que são atrizes, que são estrelas. Era uma injeção de auto estima, de melhora da auto estima, que elas ficavam discutindo coisas assim ‘você viu a bicha? Olha, um Versace! Ela está de plataforma! Elas vão falando das coisas de seu conhecimento, de coisas que fazem parte do mundo delas. Se a película tivesse cheiro, elas diriam qual o perfume que as atrizes estavam usando. A questão não é só do virtual, mas a discussão social de tudo, estética, psicológica, política, pessoal, de tudo.*

*Encima disso você vai trabalhando comportamentos, conversando sobre as coisas, marcando as atitudes, as opiniões. Mas, antes de terminar o projeto, eu quero fazer uma promoção da equipe do projeto, um concurso Miss Plenitude, no qual irão participar como candidatas, as travestis acima de 50 anos. Para trabalhar o resgate da auto estima, do caráter, mostrando que elas são plenas. Porque elas perpassam por tanta violência, por uma política contra travesti, física e moral e de saúde pessoal. Elas perpassam por facadas, por tiros, por HIV e continuam plenas, majestosas, acima dos 50 anos. Esse é um motivo para que elas sejam reconhecidas: por sua beleza. Isso também desmistifica que a beleza não está só na prótese de silicone, nem na idade de 19 anos; porque quando você vai ficando mais velha, você vai ficando mais bonita, mesmo enrugada, você continua bonita. Eu acredito que essas coisas ajudam e é por aí... é um desconstrutor educacional, porque a questão do preconceito começa a perpassar pela educação, pelos valores estabelecidos”.*

Na visão de Pérola, o trabalho com as travestis requer parcerias com os movimentos sociais, de inserção na luta em defesa da cidadania e dos direitos humanos e que a luta das travestis precisa caminhar junto de outras lutas, argumentando que

*“Eu acho que o que precisava, era de uma maior humanização de aceitação das outras minorias, porque os homossexuais são tidos como uma minoria também. E dentro das minorias, existem os homossexuais negros, homossexuais judeus, homossexuais cegos, homossexuais aleijados. Tem bicha de todo jeito! Eu até penso em escrever um artigo sobre o aumento do preconceito, sobre o acúmulo do preconceito, e falar do viado que tem que pegar o trem porque mora no subúrbio, que tem que comprar Hena para alisar o cabelo, sabe? Discutir sobre a travesti preta e favelada, suburbana, sem falar se ainda for soropositiva, mostrar o acúmulo dessas características e das outras que ainda possam ser acumuladas. Mostrar para as pessoas que elas precisam trabalhar esse lado e não nos ver como coitadinhas que são banidas da sociedade, que precisam nos ver como irmãos comuns, que pode somar a eles, e fazer um mundo mais colorido, mais forte, mais coeso e que desmistifique esses valores falsos e hipócritas da sociedade heterossexista, não só relacionado as travestis, mas aos gays também. Eu não vejo mal nenhum se o Zumbi dos Palmares for gay ou deixar de ser gay, porque para mim, isso vai ser indiferente. Eu vou ver sempre o Zumbi dos Palmares como um defensor, como um ícone da comunidade negra na questão da libertação e é o que me basta. Mas eu sei que a comunidade negra vê a comunidade homossexual com todas as reservas. Ainda mais depois que um antropólogo disse que o Zumbi dos Palmares era gay. A gente sabe que isso causa um impacto. Eu acho que esse tipo de citação não faz de Zumbi dos Palmares mais ou menos herói, mas, a mim*

*isso incomoda, porque eu gostaria que Zumbi dos Palmares fosse gay, mas eu gostaria que isso fosse dito por ele mesmo, porque gostava de dar o cú e de chupar pomba, entendeu? Não por dedução vinda depois de um tempo, depois de ter virado história. É como se alguém viesse me dizer que São Francisco dava o cú para São Miguel, ou São João. Eu não sei como é que eu ia receber essa informação”.*

Pérola sempre apresentava ponderação diante dos fatos e das coisas, sempre se mostrava reflexiva diante de alguma informação nova, analisando criticamente e pedindo opinião de outras pessoas.

Algumas vezes chegou a me ligar, ou ainda a me escrever, pedindo opinião sobre algum fato ocorrido dentro do movimento das travestis, sempre mostrando preocupação em ser justa, democrática e solidária. Pérola tinha uma relação muito boa com a maioria das travestis do movimento nacional e por ter formação em Direito, era muito solicitada para opinar sobre situações vividas pelas travestis em suas cidades, e sempre problematizava com as pessoas para que refletissem a respeito de posições radicais, ou de rigidez nas tomadas das decisões, tentando sempre o caminho da negociação, do diálogo, ou ainda, como diria Pérola, o caminho da “harmonização”. Para Pérola, as radicalizações eram frágeis e sua duração temporária, porque os tempos de ditadura não servem mais como referências de governo e nem de modelos de relação. Como ilustração, lembra sempre de uma fábula, que devo ter ouvido Pérola contar pelo menos umas cinco vezes:

*“As pessoas não conseguiam entender como aquele pastor de ovelhas continuava mantendo domínio sobre as ovelhas, já que todo dia ele sangrava uma e bebia o sangue fresco dela. Depois ele comia a carne da ovelha, e mesmo assim as ovelhas não iam embora, já que com ele, era o único lugar da região no qual as ovelhas poderiam ficar soltas. Lá, não tinha cercado, mas ninguém entendia esse domínio dele. Quando estava velho e perto de morrer, ele chamou uma pessoa e contou o seu segredo, ele disse: ‘eu conheço cada uma delas, eu converso com cada uma delas e eu digo a cada uma delas que eu adoro beber sangue de ovelha e de comer carne de ovelha. Mas também digo a elas que elas tem a pele, a estrutura de uma ovelha, mas que elas são como leões e eu não como leão. Então, eu digo que ela não precisa correr e nem ter medo, porque eu vou comer as ovelhas todas, mas ela eu vou preservar’. E noutro dia dizia a uma outra ovelha a mesma história, sacrificando-a no dia seguinte, e assim ia. Às vezes só sentimos a dor quando acontece com a gente, a gente acha que a desgraça só vai acontecer longe da gente. Então essa é a grande coisa da solidariedade, que a gente possa refletir na dor do outro, se sensibilizar nas ações do outro e se rebelar com todos aqueles que são safados. Não é bonita essa fábula? Ela serve para nos*

*sensibilizarmos com a dor do outro, para compreender a dor do outro e fazer a harmonização”.*

Pérola dizia que essa harmonização era uma situação muito difícil de ser atingida, pois implicava em um amadurecimento de ambas as partes para que se chegassem a um consenso, a um equilíbrio de poder, a uma forma de relação em que as pessoas exercitassem a democracia, de modo a respeitar as necessidades e os limites da cada ator envolvido na situação. Mas, que apesar de difícil, não achava impossível, e por isso insistia sempre em sua militância, apesar de não poder contar com nenhuma garantia de sucesso e nem colocar muita expectativa no futuro, mesmo porque, os valores das pessoas ainda são muito conservadores. A esse respeito, Pérola fala:

*“Eu não sei o que pensar do futuro. Eu acho que esse é o meu papel de formiguinha, porque as conquistas virão a médio e a longo prazo, talvez mais provavelmente a longo prazo. Porque eu acho que nós que estamos na ponta da lança, tentamos inverter a realidade social e jurídica e acabamos perpassando pela educação. Eu não vejo muita mudança nesse lado porque as pessoas ainda continuam tendo aula de educação sexual do mesmo jeito que era antigamente. Quer dizer, as aulas de orientação sexual, ainda passam por aqueles ensinamentos sobre o que é a vagina, o que é o pênis, a menstruação, e não aprofundam muito a discussão sobre sexualidade, não são dadas as várias orientações. Vou dar um exemplo pessoal: quando a minha sobrinha tinha seis anos de idade e fazia o jardim da infância, ela tinha uma tarefinha, que era desenhar a família dela. Ela desenhou sua mãe, maravilhosa, desenhou o irmão e desenhou o tio (Pérola), de cabelo comprido de peitos. A professora disse que os desenhos da mãe e do irmão estavam certos, mas o do tio não. Eu vi os desenhos e não falei nada. No dia seguinte, ele me pediu: tio, me leva na escola? E eu a acompanhei até lá. Insistiu para que a acompanhasse até a porta da sala e esperasse a ‘tia’ dela – a professora. Quando a professora veio, ela puxou a tarefa da bolsa e disse: Tia, esse aqui é o meu tio. Agora, olha para ele e diga se ele não tem cabelo comprido e tem peito? Ela dizia isso pegando no meu cabelo e no meu peito. A professora ficou toda constrangida. Quando voltou para casa estava alegre e saltitante porque a professora tinha revisto o desenho e dado nota dez. Quer dizer que a criança em fase pré escolar, aos 6 ou 7 anos, a criança não tem preconceitos e nem idéias pré concebidas. Isso é fomentado a partir da escola, onde devia ser um lugar de desarmamento, mas não é. É um lugar de formação e de fomentação do preconceito. Por isso que eu acho que nosso trabalho terá resultado a longo prazo, mas estamos queimando o nosso filme para isso, para mudar essa mentalidade e informar melhor as pessoas, para que elas sejam menos preconceituosas”.*

A esse respeito, Pérola afirma que enquanto a escola não tiver disciplinas que contemplem a diversidade sexual, continuaremos em um jogo do faz de conta, pois, a homofobia acaba sendo ratificada por comportamentos dos próprios professores e funcionários dos estabelecimentos de ensino, contribuindo para a manutenção do preconceito e da discriminação. Alerta ainda, para que os planos de ensino possam contemplar ações de combate a todas as formas de discriminações, pois como bem afirmou anteriormente, existem homossexuais em todas as classes sociais, em todas as raças e etnias, assim como, homossexuais que apresentam deficiências físicas, sensoriais e mentais. Neste sentido, Pérola chama a atenção para a necessidade de um maior diálogo entre as pessoas que são estigmatizadas, para juntos, compor uma frente de luta contra a opressão e o preconceito.

Acredita que está fazendo a sua parte, que sabe o quanto é difícil promover mudanças sociais devido à necessidade de mudança nos valores, nos comportamentos, e isso demanda muito tempo, mas que não esmorecerá diante das dificuldades, pois acredita estar no caminho certo, dizendo que

*“Sabe, sonhos materiais eu não tenho, eu sonho em continuar fazendo o que estou fazendo e eu acho que estou fazendo bem isso. Não que eu seja a dona da verdade, não é por aí. Eu acho que Deus é muito bom comigo, que ele já me deu tanta coisa legal, uma pai bom e uma mãe boa, e eu preciso manter isso, pois eu sei que não vou tê-los por muito tempo. Meus pais já têm sessenta e um anos de casados. Ele tem setenta e seis e ela setenta e dois anos. Eles fazem parte do meu conforto pessoal, de um bem estar. Tenho meu canto e posso fazer tudo que é permitido lá dentro. Nada tem censura. Eu não troco nada por essa liberdade, porque as minhas amigas não tem isso em suas casas, na hora que elas querem receber os seus amigos, elas não podem; muitas delas são aceitas dentro de casa, porque são bancadoras da compra, da feira, da luz, do colégio do sobrinho e do plano de saúde, elas bancam tudo materialmente. Mas, elas são tratadas como sendo os viados legais, que bancam tudo, que compraram a carne. Então, elas são aceitas pelo valor monetário e não pelo valor de pessoa. Em casa eles me amam, me respeitam, mas eu acho que é porque perceberam que não tem jeito mesmo, não tem mais jeito, que eu enlouqueci. Mas, colocando a loucura de lado, tem o pensar, tem um posicionamento diferente de tudo isso, que é a construção da tolerância que leva eles a ter que aprender a conviver com a diferença. No trabalho não diferente. Eu precisei passar por experiências muito desagradáveis, como quando passei uma noite na delegacia e responder por um processo e três inquéritos por desacato à autoridade. Se eu como advogada fui tratada assim, imagine as minhas amigas que não sabem nem assinar o nome, que não sabem que existe uma constituição. Hoje muitas delas sabem porque*

*eu fiz questão de dizer a elas, criamos o passaporte da cidadania que tem as informações, que precisam saber. Sempre recomendo para que as minhas amigas leiam de vez em quando o passaporte para que estejam sempre alertas e orientadas, e que elas precisam mostrar esse material para as outras amigas, sabe, fazendo uma leitura coletiva. Ele só tem uma página e é fácil de entender. Isso para mim é educar, é dar qualidade de vida!”*

Pude observar algumas vezes, as formas que se davam os encontros de Pérola com as travestis em sua cidade, o respeito e a admiração que Pérola tinha por cada uma delas, assim como, das travestis para com ela. Quando Pérola falava sobre as suas “filhas”, falava com orgulho e admiração, sempre elogiando-as e incentivando-as a lutarem por seus direitos. Sua preocupação com a educação é imensa, pois, para Pérola, o acesso à informação é fundamental e necessário para a construção da cidadania. Alerta para que as pessoas respeitem a inteligência que existe nas travestis, porque há inteligência: se não estão podendo mostrá-las, é porque a sociedade não lhes dá oportunidades para tanto.

Para Pérola, seria necessário maior organização das travestis no sentido de estabelecer parcerias que lhes permitissem maior acessos às informações, de modo a favorecer maior participação social e política, argumentando:

*“Eu acho que devem ser feitas parcerias com a anistia internacional, com a comissão de direitos humanos da OAB e com a comissão de direitos humanos das assembleias estaduais e municipais. Eu acho que tem que se fazer essas alianças políticas com as entidades de defesa dos direitos humanos para que as travestis tenham os seus direitos respeitados. Só que muitas dessas entidades posam muito de pavão e não fazem muita coisa. Porque uma coisa é o apoio no discurso, outra coisa é na prática. Eu acho que deveria Ter ações políticas para os direitos humanos, mas eu acho que elas ainda estão muito longe de acontecer, porque o que existe é uma completa hipocrisia. Eles fazem de conta que são seres humanos, que são democráticos, mas continuam as torturas, as arbitrariedades e fazem as travestis valerem como se fossem cidadãos de Segunda categoria. Os direitos humanos são direitos que toda criatura humana deve ter, ou seja, de um mínimo que lhe garanta a dignidade. Ter direitos humanos é ter alimentação, vestimenta, trabalho, transporte e todos os direitos como todo e qualquer cidadão. Já que não existe contribuição diferenciada entre impostos de homossexual, de heterossexual e de bissexuais e todos contribuem da mesma forma, independente da orientação sexual, então, porque não usufruir todos os direitos humanos que toda a sociedade tem? Como, por exemplo, ter a situação de seu companheiro legalizada, ter o companheiro incluído na previdência, ter direito à adoção e ter direitos a todas as outras garantias que o cidadão comum tem. Eu acho que as parcerias*

*deveriam funcionar como uma rede de informações, para agilizar uma maior participação. Eu acho também, que tem que haver um movimento organizado das travestis. Os homossexuais devem participar mais dessas reuniões de direitos humanos que existem nos estados hoje em dia, porque é moda criar fóruns de direitos humanos. Então deveríamos participar desses fóruns, levar essas denúncias e, ao mesmo tempo, sensibilizar o poder público, assim como as outras minorias marginalizadas, para formar pontos de solidariedade. Isso deve acontecer ao mesmo tempo em que as travestis trabalham para uma melhor qualificação de cidadania, relacionada a seus direitos e deveres. Deve-se cobrar do estado e denunciar as arbitrariedades. Eu sei, que muitas vezes, não dá em nada, porque não tem muitos policiais interessados em desvendar os crimes nos quais uma travesti seja a vítima. Tem toda uma arbitrariedade e um abuso de punições quando ela é autora desse crimes. Quer dizer, existe uma política contra a travesti que é a vítima de uma violência, porque quando ela chega na delegacia, ela tem que provar que ela foi vítima. Ela passa por muita chateação, por muita passada de mão na bunda, por muita chacota, por muita pegada de prótese e por muito deboche. Os valores são revertidos e ela, em vez de vítima passa a ser a agressora e passa a estar sujeita a tiros, devido ela estar ferindo a moral e os bons costumes, por ela estar vestida daquele jeito, por um homem estar usando batom e salto alto. Quando alguém assassina uma travesti é como se essa pessoa fosse um herói social que só tirou de circulação um elemento que fere a moral e os bons costumes. Se uma travesti for assassina, se ela cometer um crime, ela vai ser punida pela vida que ela tirou e também por sua orientação sexual. É lógico que essa aplicação da pena será feita pelo juiz, mas os votos são do conselho da sentença, que são os membros da carceragem. Este é o reflexo do espelho de uma homofobia social que vai muito além de punir pelo crime feito, mas que também pune o sujeito devido a sua orientação sexual, como se ser homossexual fosse um agravante a mais para a marginalidade”.*

O trabalho desenvolvido por Pérola, ou a relação que ela estabelecia com as travestis, é um movimento apaixonado, onde a afetividade é um imperativo fundamental. Pude observá-la em algumas ocasiões, tanto na coordenação de oficinas, como nas relações interpessoais, o modo como ela se dava por inteira, que se envolvia com as pessoas, sempre atenta e disponível.

Nos Encontros Nacionais das Travestis sempre contribuía com as discussões, embora tecesse muitas críticas às formas como os mesmos eram organizados, argumentando em nossas conversas pessoais que o movimento ainda teria muito a ser amadurecido. Suas críticas se voltavam para a superficialidade de alguns temas que a seu ver deveriam ser discutidos

mais profundamente, entre eles, a necessidade de realização de parcerias do movimento das travestis com outros segmentos da sociedade, principalmente com as organizações de direitos humanos, embora visse nessas organizações muito hipocrisia na medida em que os seus discursos se distanciavam das práticas efetivas de resolução dos problemas. Mas, mesmo assim, era uma pessoa que acreditava na vida e nas mudanças sociais, incentivando sempre uma reflexão positiva e esperançosa por novos tempos, mais democráticos e libertários, afirmando que

*“Eu tenho esperança de que o terceiro milênio venha desvendar a hipocrisia social. Eu acho que vai chegar um tempo em que essas pessoas vão tomar uma atitude concreta ou elas vão ver que tudo isso é balela. Eu acho que a sociedade brasileira passou tanto tempo não admitindo a criminalidade no país, até chegar ao ponto em que chegou, com o inchaço nas penitenciárias. Houve uma explosão dessa carência da dignidade humana. Dentro disso também entra a questão das travestis, porque vai chegar um tempo em que não vai dar para segurar. Ou se fazem realmente políticas de combate, ou a coisa fica no campo da hipocrisia. O estado também é um grande provedor de torturas. Veja o caso do Instituto de Identificação que não deixa que as travestis possam Ter o direito de serem no documento de identidade o que elas são normalmente. Como pode acontecer isso? Alguém pegar também um aparelho judicial que não existe no Brasil inteiro, por carência de defensores públicos, de promotores da justiça. Mesmo quando esses promotores existem, esses promotores tem as lentes homofóbicas e desenvolvem conceitos que envolvem a falsa moralidade. Então, eles não vêem uma travesti, um gay, como um cidadão comum que merece ser defendido. Eles acham que se uma travesti foi espancada, foi porque ela merecia, porque é um viado. Então, tem sempre um judiciário conivente, de modo que é preciso que sempre haja denúncias, e que quanto mais as populações se politizarem, maiores mudanças poderão acontecer. Eu acho que se a gente visse como eram as coisas a trinta anos atrás, o que se tinha como conquistas para a homossexualidade, nós iríamos ver que não tinha nada. Hoje em dia ainda tem muito pouco, mas talvez, daqui a algum tempo, exista um pouco mais. Eu acho que isso está acontecendo tardiamente, mas já está sendo plantada a semente. A partir do momento em que você tem uma fala voltada às autoridades governamentais e você joga as carências, que você faz essas denúncias, ou eles vão mudar a política de atuação ou vão perder seus cargos. Então eu acho que é isso. Mas é necessário que se crie além dessa cobrança do poder instituído, do poder do estado, uma consciência maior da população das travestis, dos homossexuais, para que eles continuem reivindicando dentro do seu próprio espaço, para que haja essa mudança de mentalidade e sair da hipocrisia em rumo às ações concretas, rumo à cidadania. A cidadania*

*é o exercício da sua plenitude enquanto cidadão, é você ser conhecedor e vivenciador dos seus direitos e deveres na construção de uma sociedade e de um mundo melhor. Eu acho que seria a sua consciência enquanto ser interventor dentro da sociedade, no cumprimento de seu papel pessoal; é você se perguntar: 'o que é que eu estou fazendo aqui? Em que eu posso contribuir? O que eu sou? O que me devem? O que posso dar? É essa a sintonia com o exercício da cidadania'. Mas ainda faltam ações concretas, políticas concretas que ainda não temos. No Brasil, existem planos e metas, mas políticas de exercício não. Eu acho que se existisse a implementação de políticas, teriam resultados positivos nas mudanças, porque ainda tem muita balela”.*

Pérola sempre comentava de sua insatisfação por não sentir firmeza na recepção de seus discursos e reivindicações por parte dos interlocutores que sempre a convidavam para participar de eventos, quando fazia palestras ou participava de mesas de discussões sobre a realidade das travestis, tanto por parte do Ministério da Saúde, quando pelo Ministério da Justiça, questionando:

*“Eu penso, até que ponto eles estão interessados em ouvir minha voz e estes focos de denúncias, ou se é só para mostrar para a comunidade mundial que no Brasil não tem preconceito? Mostrar que no Brasil tem movimento organizado, que as bichas são organizadas. Eu fico muito arredia com isso e acho que é preciso tomar cuidado para não ser enrolada por um discurso que é só discurso”.*

Nas suas participações nos encontros nacionais das travestis, Pérola sempre se mantinha mais ouvinte, refletindo sobre as posições que eram apresentadas nos relatos de outras lideranças, mantendo-se mais atenta à realidade de seu estado e de sua cidade, pensando em novas estratégias para a promoção de “suas meninas”. Em nossas conversas, sempre falava que não tinha interesse em ocupar cargos dentro da militância nacional, mas com o passar dos tempos, diante da pressão de algumas travestis, revê suas posições, se disponibilizando para representações mais amplas. Será exatamente essa nova disponibilidade que permitiu à Pérola, ser eleita presidente da Articulação Nacional das Transgêneros (ANTRA), quando foi realizado um encontro de lideranças nacionais, em novembro de 2002, na cidade de Porto Alegre/RS.

Logo após a eleição, Pérola me telefonou contando o resultado e dizendo que ia precisar de todo mundo, pois, para ela, o sucesso do movimento nacional das transgêneros dependia da ajuda de todos e todas, pois, cada região desse país apresenta especificidades que só as pessoas que vivem as suas realidades é que poderiam apresentar reivindicações concretas que pudessem contemplar a todos e todas.

Nesta mesma época, Pérola é indicada pelo coletivo das travestis para compor a Comissão Nacional de Combate à Discriminação, juntamente com representantes de outras populações discriminadas, aumentando seu alcance de atuação no combate ao preconceito e à discriminação.

Pérola passa a ser muito solicitada em eventos realizados pelo Ministério da Justiça, convites que vêm se somar às solicitações que já eram freqüentes pelo Ministério da Saúde.

Começamos a esboçar alguns textos juntos, mas que ficaram apenas nos esboços, pois eles se davam em espaços pequenos de tempo quando nos encontrávamos nos eventos, ou ainda nos encontros nacionais de travestis.

Quando da realização do X ENTLAIDS, em junho de 2003, fiquei muito preocupado com Pérola, que se apresentava mais magra, mais enfraquecida e um tanto angustiada diante da reação dos anti retrovirais que tomava e que estavam provocando sintomas da lipodistrofia. Como reação dizia que ia procurar uma bombadeira para colocar silicone na face, mais precisamente nas laterais da frente que evidenciava a secura da gordura facial, mas ao mesmo tempo ficava receosa devido a experiências negativas com o silicone em seu corpo.

Mesmo assim, ainda achava força para sorrir para todos e todas, dar “um cheiro” como costumava fazer, incentivando as amigas para continuar a organização da comunidade transgênero no Brasil.

Alguns meses depois houve o Encontro Nacional de Gays, Lésbicas e transgêneros, e fico sabendo que Pérola não havia participado devido a problemas de saúde. Imediatamente liguei para ela, e fiquei sabendo que a mesma estava passando por exames em razão de problemas respiratórios, mas que segundo ela, estava bem, que seriam exames de rotina e que não havia motivos para preocupação. Apesar de ser por telefone, sentia na voz de Pérola um certo cansaço e um esforço para que pensasse positivamente no que me dizia. Combinamos que assim que saísse os resultados ela me ligaria, e assim, fiquei esperando por notícias.

Após alguns dias, como Pérola não havia dado notícias, liguei para sua casa e fui informado que ela estava na casa dos pais, no interior de seu estado. Durante um certo tempo tive dificuldades em falar com ela, e a impressão que tinha era de que ela estava evitando falar comigo, até que, um dia ao ligar, ela atendeu e não teve jeito de me evitar, me contando então que seus exames tinham apontado um câncer de pulmão. Apesar do diagnóstico, Pérola me apresentou um discurso bastante otimista, dizendo que ia enfrentar o problema e que tinha esperança que tudo daria certo e que sairia dessa situação ilesa. Sentia em seu discurso que ela precisava se mostrar forte, como que querendo esconder qualquer sinal de fraqueza, de impotência e desconforto. Passei a ligar com mais freqüência para saber de sua saúde,

acompanhando os novos exames, até a notícia de que teria que fazer uma cirurgia para remoção de um dos pulmões. Passei a conversar mais com seus familiares, pois a cada vez que falava com Pérola, ela apresentava mais dificuldade em falar, devido à falta de ar que sentia. Continuei acompanhando seu estado de saúde à distância, e no dia oito de fevereiro de 2004, um Domingo de temperatura quente nordestina, às quatro e meia da tarde, Pérola veio a falecer vítima de um câncer de pulmão. Seu corpo foi velado na ONG em que militava e depois levado para a sua cidade natal, onde seria enterrada junto de outros familiares.

Em junho de 2004, quando da realização do XI ENTRAIDS (a sigla deixou de ser ENTLAIDS – Encontro Nacional de travestis e Liberados que atuam com AIDS, para Encontro Nacional de Transgêneros que atuam com AIDS), Pérola foi a grande homenageada do evento, sendo lembrada por muitas companheiras que se reportaram a ela em suas falas nas mesas redondas do evento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pela construção das cartografias existenciais, mostra que em nenhum momento temos a pretensão de formular verdades absolutas ou de construir universais que se coloquem como modelos para orientar possíveis análises. O movimento das cartografias serve para afirmar a dimensão do múltiplo, a existência de multiplicidades que dialogam o tempo todo entre si, expressando que os modos de vida são atravessados pela diversidade cultural que participam da formação do desejo e da subjetividade.

As cartografias existenciais em momento algum se propõem a estabelecer generalizações, mas marcam campos de possíveis em que se efetuam os modos de existencialização. Assim, podemos perceber que as cartografias falam por elas mesmas, mostrando que a cultura participa da constituição da subjetividade e a subjetividade está presente como componente da cultura, estando sempre em construção permanente, seguindo a orientação do movimento da vida, que se transforma, se modifica e compõe novas formas de ser no mundo, construindo estilísticas da existência (ORTEGA, 1999).

Logo que iniciamos os primeiros contatos com o universo existencial das travestis, as primeiras impressões mostravam uma realidade aparente de alegria, beleza e glamour. Na medida em que fomos nos aproximando de suas vidas, através da construção de vínculos de confiança, amizade e respeito, entramos no universo de suas intimidades e percebemos que a vida dessas pessoas não se pautava apenas pelo glamour; por trás das primeiras impressões, foi sendo mostrado um universo complexo que trazia modos de estigmatização carregados de preconceitos e intolerâncias, vividos nas mais diversas relações que as travestis estabeleciam com as pessoas, com o mundo e consigo mesmas.

A partir da convivência com essa comunidade fomos entrando em contato com componentes de violências, desigualdades e exclusões sociais de toda ordem, demarcadas através de uma organização temporal, organizada por si mesma, através da seqüência da própria vida, orientada pelas fases do desenvolvimento humano: a infância, a adolescência e a vida adulta.

As cartografias existenciais foram mostrando nuances pouco percebidas a olho nu, trazendo dados a respeito da organização dos desejos das travestis, que fizeram escolhas diferentes daquelas propostas pelas normas e instituições disciplinares, construindo outros corpos, outras posições de gêneros e outros modos de buscar a felicidade. Por esse motivo, foi preciso construir estratégias de enfrentamento do poder, através do que FOUCAULT (2003)

chamou “encontro com o poder”, estabelecendo práticas que forjaram a construção de dispositivos que dispararam a formação coletiva de culturas de resistências (CASTELLS, 1999; PARKER, 2002)

Ao nos aproximarmos de suas histórias de vida foi possível perceber que as informações que nos davam, não diziam simplesmente de suas histórias particulares, mas que estavam inseridas em um contexto maior, falando das experiências vividas por um coletivo, que tende a se fortalecer através de toda uma luta de enfrentamento ao poder instituído, questionando-o e reivindicando outros modos de convivência social e cultural.

Seguindo as informações das cartografias, podemos perceber uma tendência na formação de resistências, muito precoces na vida das travestis, que desde crianças afirmam os seus desejos de construir suas vidas de forma singular, não medindo consequências para a realização de seus sonhos e desejos. Logo na infância manifestam os desejo de se transformarem, questionando a norma estabelecida do que deveria ser da ordem do masculino e do feminino, ou do certo e do errado. As primeiras resistências são expressas pelas escolhas de suas roupas, dos adereços e dos modos de expressar sua singularidade, ainda que de forma ingênua e inocente. Nossas cartografias mostram a confusão em quererem ser elas mesmas e as negativas de aceitação por parte de seus familiares e amigos, que reprimem a expressão genuína de seus desejos, impondo modelos de como se comportarem socialmente.

As cartografias existenciais de nosso trabalho sugerem que os processos de estigmatização têm início logo nas primeiras relações da infância, e que em decorrência disso, temos, logo nessas relações, as primeiras manifestações de resistências, evidenciando o caráter político que pulsa nas expressões de seus projetos de vida e de seus desejos. A estigmatização estabelecida pelas relações familiares parece ser disparadora das ações de discriminação e violência, que as pessoas, mesmo antes de se tornarem travestis, quando da manifestação de suas homossexualidades, vivenciam como intensidades de controle das suas singularidades, através das discriminações e exclusões.

Seguindo as exclusões familiares, as opressões seguem presentes nas relações que as mesmas estabelecem com a comunidade, com a escola, com os serviços de saúde e outros seguimentos sociais. Mesmo com as dificuldades de serem aceitas pela sociedade, insistem na efetuação de seus sonhos, buscando cumplicidades consigo mesmas, dada a percepção de que, no início de tudo, só podem contar com elas mesmas. Na medida que vão encontrando interlocutores, tais como outras pessoas que se sentem estigmatizadas e que interagem entre si, vão construindo novas formas de socialização e de composição de suas vidas, criando estilos de vida que promovem novas formas de relações e de efetuação no mundo.

A constatação de outras pessoas que se assemelham ao seu modo de vida, e suas interações, permite o estabelecimento do sentimento de pertença, tendendo à percepção de que já não estão mais sozinhas no mundo, criando cumplicidades e organizando estratégias de afirmação política e coletiva de suas singularidades. É essa lógica da organização social e política que irá favorecer a essas pessoas se empoderarem para reivindicar direitos e se emanciparem enquanto cidadãs.

Muitas experiências confidenciais pelas cartografias existenciais mostram a necessidade das pessoas, que querem se tornar travestis, de criarem estratégias que possam contribuir para a afirmação de suas escolhas de vida, tendo muitas vezes que fugirem do ambiente familiar, quando não são separadas de suas próprias famílias (passar um tempo na casa de parentes) ou expulsas de suas casas.

Na relação que estabelecem com a escola, as cartografias sugerem a presença de discriminações que são experimentadas nas relações com os colegas, funcionários e professores, os quais, ao invés de problematizar a estigmatização, reificam, na prática, os indivíduos com ações de exclusão. Nos relatos realizados por nossas colaboradoras, muitas cenas aparecem como norteadoras dessas ações, culminando em expulsões, ou, em abandono da escola, por não suportarem as intensidades das discriminações e preconceitos que as impedem de exercitar o direito fundamental de suas singularidades.

Na adolescência, aparecem tendências de outras discriminações, estabelecidas pelas cobranças de gêneros para que tenham namoradas, ou ainda, para que participem dos clubes dos garotos que realizam atividades masculinizadas. A estigmatização vai sendo vivida como um processo que vai se intensificando, através da propagação da discriminação, que vai aumentando, de acordo com as relações que vão sendo construídas nas diversas esferas sociais.

Através das cartografias existenciais construídas em nosso trabalho, a saída de casa mostra uma tendência para que as pessoas possam buscar um lugar mais tranquilo para serem elas mesmas, e poderem expressar os seus desejos. Na relação com o grupo social entre pessoas em comum, vão tendo acesso às informações de que precisam para tornarem-se travestis, tais como, modos de transformação do corpo com a ingestão de hormônios ou aplicação de silicone, bem como a aquisição de acessórios de feminilização (perucas, roupas, sapatos) que contribuam para a afirmação do desejo de se transformarem em travestis, no sentido de descobriremos caminhos para a realização de seus sonhos.

No processo de construção da imagem travesti vão vivendo novos modos de estigmatização, que em complementação à estigmatização por classe social, raça e de gêneros

(AGGLETON & PARKER, 2001), se confrontam com a ausência de tolerância social para que possam estudar, trabalhar e frequentar espaços sociais, que seriam comuns a todos os cidadãos. Vivenciam dificuldades em serem aceitas como pessoas que solicitam serem chamadas pelo feminino, dadas as suas caracterizações estéticas, em situações de atendimento à saúde, na educação e na segurança pública. Sob esse particular, conforme foi apontado nas cartografias, ocorrem negligências e descaso por parte dos órgãos públicos, que têm como ponto nevrálgico a negativa de poderem constar em seus documentos fotos em que elas apareçam como travestis: nos relatos de nossas colaboradoras, é constante a referência à humilhação de ter que apresentar seus documentos com fotos masculinas. Estas reclamações se juntam a muitas outras queixas que são realizadas nos encontros nacionais das travestis brasileiras, que a partir de 1993, começaram a ser organizados pelas travestis militantes.

As reivindicações gerais da comunidade travesti brasileira estão agrupadas na chamada *Carta de Porto Alegre*, que foi organizada por ocasião do X ENTRAIDS – Encontro Nacional de Transgêneros que atuam com AIDS, conforme apresentação na cartografia existencial de Ametista. As cartografias existenciais apresentadas em nosso estudo, falam do surgimento dos Encontros Nacionais de Transgêneros que atuam com AIDS, como necessidade de organização de respostas à epidemia da AIDS por parte das travestis brasileiras, mas, também, da necessidade da organização social e política dessa comunidade, como modo de denúncia e enfrentamento dos processos de estigmatização.

A partir do I ENTRAIDS, no ano de 1993, e que se perpetuaram pelos anos seguintes, estando na sua décima terceira edição (2005), foi sendo percebido que para além da luta contra a AIDS, seria necessária a organização de grupos de travestis em todas as cidades brasileiras, realizando parcerias com outros grupos excluídos e marginalizados, mesmo porque, existem travestis pobres, negras, deficientes, portadoras de HIV e vivendo com AIDS, que são atravessadas pelas malhas das desigualdades sociais, presentes em todo o território brasileiro.

Por se tratar de cartografias existenciais de travestis militantes, as histórias revelam a existência de práticas de mobilização social e política, que cada vez mais vem se inserindo nas lutas coletivas de transformação da sociedade, evidenciando a necessidade da construção social da identidade que seria sempre marcada por relações de poder. Dialogando com CASTELLS (1999: 24) é possível percebermos a passagem de uma identidade legitimadora “introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennett, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo”, e que são norteadas pelas práticas de militância política realizada pelos atores sociais que se

encontram estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência que lhes garantam sobrevivência e condições de formatar novos diálogos com a sociedade civil, para uma identidade de projeto, *“quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constróem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social”* (CASTELLS, 1999:24), abandonando as trincheiras de resistência da identidade e de toda estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual a sociedade atual se mostra organizada, dando início a escrita de uma nova história, em que as travestis brasileiras possam ter maior acesso a bens e serviços de qualidade, sendo respeitadas como cidadãs.

Após uma década de organização social e política das travestis brasileiras, podemos perceber sinais de mudanças nas relações que as travestis vem estabelecendo com a sociedade, na medida em que podemos notar a presença de representações políticas das travestis em diversos órgãos públicos, tais como as comissões municipais e estaduais de saúde, da promoção social, da cultura e da segurança pública. As análises realizadas pelas lideranças do movimento transgênero organizado, entretanto, são ainda muito pessimistas. Tanto as cartografias, como os encontros nacionais das travestis brasileiras têm revelado um certo ceticismo diante das iniciativas realizadas, que denunciam a ausência de políticas públicas que possam garantir o mínimo de acesso a essas pessoas para que possam frequentar escolas, receberem atenção respeitosa por parte dos estabelecimentos de saúde, segurança e lazer. Muitas reivindicações vêm sendo feitas e direcionadas para os mais diversos setores governamentais e da sociedade civil, porém, com pouca ressonância no sentido de uma efetividade de resposta às reais necessidades dessa comunidade, confirmando críticas apresentadas nas cartografias, sugerindo que para além de planos e metas, é preciso vontade política e determinação de ações que garantam direitos mínimos de qualidade de vida e de dignidade a essas pessoas.

As cartografias existenciais construídas para esse estudo sugerem que a maioria das mudanças sociais produzidas pela militância das travestis ativistas vêm sendo estabelecidas através das relações interpessoais que elas estabelecem com as pessoas em seus entornos, as quais, ao se aproximarem de suas realidades, conseguem mudar seus conceitos com relação às travestis, construindo sentimentos de solidariedade, nos moldes como do que é definido por COSTA (1994), ao apontar que *“a solidariedade é empregada (...) como sinônimo de fraternidade. Como equivalente ao princípio moral que recomenda respeito ao próximo. É o sentido tradicionalmente associado à liberdade e à igualdade, e que forma o tripé de nossa*

*moderna ética política*". Através da construção desse sentimento de solidariedade podemos perceber relações mais afetivas e respeitadas para com a comunidade travesti, estabelecendo novos diálogos e novas impressões a respeito do modo de vida travesti, na medida em que alguns familiares, amigos e pessoas ligadas às esferas da educação, da saúde e outros setores sociais, passam a respeitar esses modos de existência.

Neste sentido, as cartografias mostram ainda, que a desinformação, ou a falta de informação das pessoas, tenderia a contribuir para a formação dos preconceitos e discriminações contra as travestis, e que, na medida que se permitem aproximações com o universo transgênero, passam a estabelecer maior tolerância e amizade com essa comunidade. Assim, podemos perceber mudanças nas relações familiares e sociais com as travestis, mesmo que se dêem de forma interesseira devido a ganhos econômicos que contribuem com as contas domésticas ou de acesso a outros bens e serviços. Podemos, através das cartografias existenciais apresentadas, perceber que as mudanças nessas relações ainda são ínfimas, mas de forma bastante entusiasta e positiva, nos atrevermos a acreditar que elas estão em processo, e isto tem a ver com a ousadia dessa comunidade em insistir em suas lutas de reivindicações por mais direitos e participação nas decisões da sociedade, rumo à construção da cidadania.

Os estudos sobre as travestis brasileiras abrem um novo campo de problematizações para a saúde coletiva, solicitando urgentemente a criação de novas agendas de pesquisas, de modo a promover a saúde global dessa comunidade, e contribuir efetivamente para a criação de novas políticas públicas que contemplem as travestis como cidadãs, logo, como pessoas dignas do exercício democrático de direitos. Neste sentido, acreditamos que a academia neste momento tem pouco para oferecer às travestis brasileiras, e que seriam elas que teriam muito a oferecer para a academia.

Parafraseando Simone de Beauvoir, "*não se nasce travesti, torna-se travesti*".

## REFERÊNCIAS

- AGGLETON, P. & PARKER, R. (2001) *Estigma, Discriminação e AIDS*. Rio de Janeiro, Coleção ABIA: Cidadania e Direitos 1. ABIA.
- ALTMAN, D. (1995) *Poder e Comunidade: respostas organizacionais e culturais à AIDS*. Rio de Janeiro, ABIA - IMS/UERJ - Relume-Dumará.
- AVILA, M. B. (1999) “Direitos reprodutivos, exclusão social e AIDS.” In: PARKER, R. & BARBOSA, R. M. (Orgs.) *Sexualidades pelo Averso: direitos, identidade e poder*. Rio de Janeiro, IMS/UERJ - São Paulo, Ed. 34.
- BENEDETTI, M. (2000) *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Porto Alegre, UFRGS - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Dissertação de Mestrado).
- BOER, A., GOMES, J.J., TERTO JR, V. & ZAMBRANO, E. (Org.) (2003) *A Batalha pela Igualdade: a prostituição de travestis em Porto Alegre*. Porto Alegre, Igualdade.
- BUTLER, J. (2003) *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- BUTLER, J. (2002) *Cuerpos que Importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires, Libreria Paidós.
- CASTEL, R. (2000) *Desigualdade e a Questão Social*. São Paulo, Educ.
- CASTELLS, M. (1999) *O Poder da Identidade*. São Paulo, Paz e Terra.
- CORREA, S. & PETCHESKY, R. (1996) *Direitos Sexuais: um novo conceito na prática política internacional*. In: BARBOSA, M.R. & PARKER, R. (Org.) (1996) *Sexualidades pelo Averso*. Rio de Janeiro, ABIA - São Paulo, Ed. 34.
- COSTA, J. F. (1994) “Prefácio” In: PARKER, R. (1994) *A Construção da Solidariedade: AIDS, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro, ABIA - IMS/UERJ - Relume-Dumará.
- CRUZ NETO, O. (2000) *Um país de desigualdades*. Rio de Janeiro, Boletim da ABIA, janeiro/março, n. 44.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1997) “Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível” In: ——. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 4, Rio de Janeiro, Ed. 34.
- DENIZART, H. (1997) *Engenharia Erótica: travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- DUTRA, J. (2000) *Violação dos Direitos Humanos de Travestis no Brasil*. Fortaleza, Grab – Grupo de Resistência Asa Branca (*Projeto Travestis: educando e prevenindo*) (mimeo.).

- FARMER, P. (1999) *Infections and Inequalities: The Modern Plagues*. Berkeley: University of California Press.
- FERNANDEZ, J. (2000) *El travestismo: ruptura de las identidades sexuales, reforzamiento de los procesos de generización o identidad paradójica?* (Primeira Versión Del Informe Final). Buenos Aires, s.e. (Tese de Doutorado)
- FOUCAULT, M. (1985) - *História da Sexualidade: a vontade de saber*. V.1. Rio de Janeiro. Graal.
- FOUCAULT, M. (1986) - *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal.
- FOUCAULT, M. (1993) - *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal.
- FOUCAULT, M. (1997) - *Resumo dos Curso do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FOUCAULT, M. (2003) “A vida dos homens infames”. In: —. *Ditos & Escritos IV: Estratégia, Poder – Saber*. Rio de Janeiro. Forense Universitária.
- FRY, P. e MACRAE, E. (1986) - *O que é Homossexualidade*. São Paulo, Brasiliense.
- GOFFMAN, E. (1988) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ed, Rio de Janeiro, LTC.
- GREEN, J. (2000) *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Ed.Unesp.
- HERDT, G. (1996) *Third Sex, Third Gender: Beyond sexual dimorphism in culture and history*. New York, Zone Books.
- KLEIN, C. (1996) *AIDS, Activism and Social Imagination in Brazil*. Ann Arbor: Universidade de Michigan (Tese de Doutorado)
- KLEIN, C. (1998) “From on ‘Battle’ to Another: The Making of a Travesti Political Movement in a Brazilian City”. *Sexualities* 1 (3): 327-42.
- KULICK, D. (1997) “The Gender Of Brazilian Transgendered Prostitutes”. In: *American Anthropologist*.99(3): 574-585.
- LAQUEUR, T. (2001) *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos à Freud*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- LEVI, G. (1992) *Sobre a micro-história*. In: BURKE, P. (Org.) (1992) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Ed.Unesp.
- LOURO, G. L. (1999) “Pedagogias da Sexualidade”. In: —. (Org.) (1999) *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica.

- LOURO, G. L. (2001) *Teoria Queer: uma política pós identitária para a educação*. Florianópolis, UFSC, Revista Estudos Feministas, V. 9, n. 2.
- LOURO, G. L. (2003) *Conferência de Abertura do II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais*. Florianópolis SC. Anais em CD-Rom do II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, de 08 a 11 de abril de 2003, UFSC.
- MARTIN, K & VORHIES, B. (1978) “*Sexos Supernumerarios*”. In:—. *La Mujer: um enfoque antropológico*. Madrid, Anagrama.
- MORELLO, C. y FERRER, C. (1988) “*El si y los otros em la obra de Richard Sennett*”. In: ABRAHAM, T. (Org.) *Foucault y la Ética*. Buenos Aires, Biblos.
- MOTT, L. (1999) *Violação de Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil*. Salvador, GGB.
- OLIVEIRA, N. M. (1984) *Damas de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA.
- ORTEGA, F. (1999) *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro, Graal.
- OSIMANI, M.L. (org.) (2001) *Sida Y Drogas: investigación y dilemas em la construcción de la agenda pública*. Montevideo, Instituto IDES.
- PAIVA, V. (2000) *Fazendo Arte Com a Camisinha: sexualidades jovens em tempos de AIDS*. São Paulo, Summus.
- PAIVA, V. (2002) “*Sem Mágicas Soluções: a prevenção ao HIV e à AIDS como um Processo de ‘Emancipação Psicossocial’*”. In: Anais do Seminário “Prevenção á AIDS: Limites e Possibilidades na Terceira Década. Rio de Janeiro, ABIA.
- PARKER, R. (2000) *Na Contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*. Rio de Janeiro, ABIA - São Paulo, Ed. 34.
- PARKER, R. & CAMARGO Jr., K. (2000) “*Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos*”. In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.16 (Supl.1) 89-102.
- PARKER, R. & TERTO JR, V. (Org.) (1998) *Entre Homens: homossexualidade e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro, ABIA.
- PARKER, R. (1994) *A construção da solidariedade: aids, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará –ABIA – IMS/UERJ.
- PARKER, R. et BARBOSA, M.R. (1996) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará –ABIA –IMS/UERJ.
- PARKER, R. (1991) - “*Corpos, prazeres e paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*”. Rio de Janeiro, Best Seller.

- PARKER, R. & DANIEL, H. (ORG.) (1991) *AIDS: a terceira epidemia*. São Paulo, Iglu.
- PARKER, R. (2002) *Abaixo do Equador: Culturas do Desejo, Homossexualidade Masculina e Comunidade Gay no Brasil*. Rio de Janeiro, Record.
- PARKER, R.; HERDT, G. et CARBALLO, M. (1995) - "*Cultura Sexual, Transmissão do HIV e Pesquisas sobre a AIDS*". In: CZERESNIA, D. *AIDS: Pesquisa e Educação*. Rio de Janeiro, Abasco
- PERES, W.S. (2004) "*Travestis: subjetividades em construção permanente*". In: PARKER, R., UZIEL, A P. & RIOS, L.F. (2004) *Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids*. Rio de Janeiro, Pallas.
- PERES, W.S. (2004) "*Violência, Exclusão e Sofrimento psíquico*". In: RIOS, L.F. et all (2004) *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro, ABIA.
- PERLONGHER, N. (1987) "*O Negócio do Michê: a prostituição viril*". São Paulo, Brasiliense,
- PETCHESKY, R. & CORREA, S. (1996) "*Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista*". Rio de Janeiro, Physis Revista de Saúde Coletiva, vol. 6, nº1: IMS/UERJ.
- PETCHESKY, R. (1999) "*Direitos sexuais: um novo conceito na prática política internacional*". In: PARKER, R. & BARBOSA, R. M. (Org.) *Sexualidades pelo Averso: direitos, identidade e poder*. Rio de Janeiro, IMS/UERJ - São Paulo, Ed. 34.
- RAMOS, S. (2001) "*Disque Defesa Homossexual: narrativas da violência na primeira pessoa*". In: RINALDI, A A. et all (Org.) (2001) *Violência e Minorias Sexuais*. Comunicações do ISER, n. 20, ano 20.
- RINALDI, A A. et all (Org.) (2001) *Violência e Minorias Sexuais*. Comunicações do ISER, n. 20, ano 20.
- ROLNIK, S. (1989) *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo, Estação Liberdade.
- ROLNIK, S. (1997) *Subjetividade, ética e cultura nas práticas clínicas*. São Paulo, Cadernos de Subjetividade PUC-SP, v.3: 305-313.
- ROSCOE, W. (1996) "*How to become a berdache: toward a unified analysis of gender diversity*". In: HERDT, G. (ed.) *Third Sex, Third Gender Beyond Sexual Dimorphism in Culture and History*. New York: Zone Book.
- RUBIN, G. (1993) *O Tráfico de Mulheres*. Recife, SOS Corpo. (*The Traffic in Women*. In: REITTER, R. (Org) (1975). *Toward Anthropology of Women*. Nova York, Monthly Review Press.) (mimeo.)
- RUBIN, G. (1999) "*Thinking sex: notes for a radical theory of politics of sexuality*". In: AGGLETON, P. & PARKER, R. (Org) *Culture, Society and Sexuality: a Reader*. Londres, UCL Press.

SEFFNER, F. (2004) "*Masculinidade Bissexual e Violência Estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção*". In: PARKER, R., UZIEL, A P. & RIOS, L.F. (Org.) (2004) *Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids*. Rio de Janeiro, Pallas.

SILVA, H.R.S. e FLORENTINO, C.O. (1996) "*A Sociedade dos Travestis: espelhos, papéis e interpretações*". In: PARKER, R. et BARBOSA, M.R. (Org.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará – ABIA - IMS-UERJ.

SILVA, H.R.S. (1993) *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro, ISER - Relume-Dumará.

SILVA, H. (1996) *Certas cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

TERTO JR, V. (1997) *Reinventando a Vida: histórias sobre homossexualidade e Aids no Brasil*. Rio de Janeiro, IMS/UERJ. (Tese de Doutorado)

TREVISAN, J.S. (2000) *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo, Record.

VANCE, C. (1995) "*A Antropologia Redescobre a Sexualidade: um comentário teórico*". Rio de Janeiro, PHYSYS - Revista de Saúde Coletiva, Vol. 05, nº 01 , IMS/UERJ.

VENCATO, A P. (2002) *Fervendo com as Drags: corporalidades e performances de Drag Queens em territórios da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, UFSC - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. (Dissertação de Mestrado)

WEEKS, J. (1999) "*O corpo e a sexualidade*". In: LOURO, G. L. (Org.) *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica.

WEEKS, J. (2000) *Sexualidad*. México, Editorial Paidós Mexicana.